



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
**INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS**  
Programa de Pós-Graduação em Geografia

ANDRÉA PEREIRA DOS SANTOS

**JUVENTUDE DA UFG: TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS E  
PRÁTICAS DE LEITURA**

**GOIÂNIA  
2014**

ANDRÉA PEREIRA DOS SANTOS

**JUVENTUDE DA UFG: TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS E  
PRÁTICAS DE LEITURA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para o título de Doutorado em Geografia.

**Área de concentração:** Natureza e Produção do Espaço

**Linha de Pesquisa:** Dinâmica socioespacial

**Orientador:** Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro

**GOIÂNIA  
2014**

## FICHA CATALOGRÁFICA

S237j Santos, Andréa Pereira dos  
Juventude da UFG: trajetórias socioespaciais e práticas de  
leitura. – Goiânia, 2014.  
194f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro

Tese (Doutorado) – Programa de Pesquisa e Pós-  
Graduação em Geografia do Instituto de Estudos  
Socioambientais. Universidade Federal de Goiás.

1. Juventude universitária 2. Práticas de leitura 3.  
Trajetórias socioespaciais I. Chaveiro, Eguimar Felício  
(Orientador) II. Universidade Federal de Goiás, Instituto de  
Estudos Socioambientais.

CDU 028:911.3

**Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Andréa Pereira dos Santos CRB-1/1873**

ANDRÉA PEREIRA DOS SANTOS

**JUVENTUDE DA UFG: TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS E  
PRÁTICAS DE LEITURA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás como requisito para obtenção do título de  
Doutorado em Geografia.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO  
LINHA DE PESQUISA: DINÂMICA SOCIOESPACIAL

**COMPOSIÇÃO DA BANCA DE DEFESA DO DOUTORADO**

---

PROF. DR. EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO  
Orientador

---

PROFA. DRA. LÍGIA MARIA MOREIRA DUMONT  
Membro externo - UFG

---

PROFA. DRA. SUELY HENRIQUE DE AQUINO GOMES  
Membro – FIC/UFG

---

PROF. DR. MARCELO RODRIGUES MENDONÇA  
Membro – IESA/UFG

---

PROFA. DRA. LANA DE SOUZA CAVALCANTI  
Membro – IESA/UFG

---

PROF. DR. ALECSANDRO JOSÉ PRUDÊNCIO RATTS  
Suplente – IESA/UFG

---

PROFA. DRA. KEILA MATIDA MELO  
Suplente Externo– FE/UFG

**DATA DA APROVAÇÃO:** \_\_\_\_\_

*Dedicado à Henrietta e Dimitri,  
meus amores, minha vida!*

## *Agradecimentos*

*Durante minha trajetória de escrita, reescrita, reflexões, dúvidas e certezas, foram muitos os que estiveram presentes ouvindo, opinando e elogiando.....*

### *Agradeço:*

*À Deus, por colocar em minha vida todas essas pessoas;*

*Ao meu querido amigo e orientador Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro. Tenho por você, uma imensa gratidão e admiração. Elaborar essa tese sob a sua supervisão foi o melhor presente que recebi todos esses tempos. Agradeço pelo aprendizado, pela parceria (Café com Leitura), confiança e pelo respeito que sempre teve com seus orientandos;*

*Ao meu amado esposo Benjamim Pereira Vilela, pelo apoio, força e por dividir comigo a magnífica tarefa de ser pai, trabalhar, cuidar da casa e das crias;*

*À minha querida mãe, pelo apoio de sempre, por acreditar na minha capacidade, por ajudar a cuidar dos meus filhos e fazer nosso almoço de todos os dias;*

*Ao meu pai (paizinho). Apesar da sua falta de estudo, me mostrou que a educação e a leitura não dependem somente de uma simples disponibilidade de escolas e professores e, sim, de condições e oportunidades que deveriam ser dadas aos menos favorecidos;*

*Às minhas queridas cunhadas Carmelita e Luciene, que me ajudaram a cuidar dos meus filhos com tanto amor e carinho;*

*Aos meus colegas do curso de Biblioteconomia, em especial a profa. Suely Gomes que participou da minha Banca de Qualificação com sugestões preciosas para a finalização dessa tese; ao meu colega e compadre Arnaldo Alves Ferreira Júnior, pelo apoio, dicas e trocas de informação;*

*À professora Lana de Souza Cavalcante por ter participado da banca de qualificação e dado sugestões valiosas para a finalização dessa tese;*

*À professora Lígia Dumont por ler meu projeto de qualificação e sugerir excelentes melhorias;*

*À minha querida comadre e amiga bibliotecária Líliane Juvência, pela amizade, apoio e pelas nossas gostosas conversas nas redes sociais;*

*Aos colegas da Faculdade de Informação e Comunicação por oportunizarem a licença Doutorado para que eu pudesse cumprir com rapidez e dedicação meus estudos;*

*Aos professores do Instituto de Estudos Socioambientais pelas aulas maravilhosas, por me encantarem com a geografia;*

*Ao grupo de Estudos Dona Alzira, pelos ouvidos atentos, amizades queridas e debates alegres;*

*À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG por conceder a bolsa de estudos;*

**Não basta o governo oferecer vagas para alfabetização de jovens e adultos... é preciso dar condições para que os trabalhadores cheguem nas escolas e isso inclui ter tempo, estar alimentados e saudáveis!**

*Claudionor Aventino da Silva dos Santos, operário da construção civil e meu pai!*

## RESUMO

Objetiva-se estudar a influência das trajetórias socioespaciais nas práticas de leitura dos estudantes universitários dos últimos períodos dos cursos de graduação na UFG dos *campus* de Goiânia. Especificamente: descrever as trajetórias socioespaciais da juventude universitária antes e durante sua vida universitária; identificar os territórios de leitura do jovem universitário e o processo de constituição do pensamento reflexivo a partir dessas práticas de leitura ao destacar, assim, comportamentos e modos de pensar da juventude; verificar se as práticas de leitura realizadas sob a influência do espaço universitário contribuem para o letramento informacional dos estudantes; identificar espaços de pertencimento do jovem universitário perante a leitura; analisar o ciberespaço como fonte de leitura da juventude universitária e conhecer que tipos de leitura são praticados nesse ambiente e se esse espaço pode influenciar em novas buscas de leitura; discutir a relação de preconceito com os territórios não formais de práticas de leitura na percepção próprios jovens. Nesse sentido, nossa problemática central se funda na seguinte questão: As trajetórias socioespaciais antes e durante a universidade influenciam nas práticas de leitura dos estudantes universitários dos cursos de graduação da UFG dos *campus* I e II de Goiânia?. A metodologia utilizada foi a qualitativa, com aplicação de questionários, entrevistas e redações. A partir dos resultados, é possível concluir que existem diferentes práticas de leitura, porém elas não são unas; dependem da trajetória socioespacial dos sujeitos e também da sua experiência de vida e pertencimento a determinado lugar. Dessa feita, algumas entrevistas e até questionários mostram que estar próximo a um espaço de leitura potencializa suas práticas. Os múltiplos territórios contribuem para o estabelecimento de diferentes práticas de leitura, o que pode facilitar ou dificultar o acesso. Tal fato porque a leitura depende do acesso ao texto independentemente do formato ou suporte. E se nesses múltiplos territórios o texto estiver presente, pode sim potencializar suas práticas. As práticas de leitura da juventude, realizadas na sua trajetória universitária, contribuem para a construção de suas identidades. Essas práticas e a apropriação subjetiva dos significados dependem do ambiente socioespacial que ele convive. Por fim, a universidade é um território favorecedor de diferentes práticas de leitura, pois os jovens são instigados a buscar novas leituras para vencer os desafios teóricos propostos por essa instituição.

**Palavras-chave:** Trajetórias socioespaciais. Práticas de leitura. Estudantes universitários. Preconceitos em leitura.

## ABSTRACT

This is a thesis, whose general objective is to study the influence of socio-spatial trajectories in reading practices of university students in the final periods of undergraduate courses in the UFG Goiânia campus. Specifically: to describe the socio-spatial trajectories of university young people before and during their college life; identify the reading territory of university students and the process of identity construction from these reading practices to thus highlight behaviors and ways of thinking of youth; verify that the reading practices performed under the influence of university space contribute to information literacy of students; identify spaces of belonging the young university before the reading; analyze cyberspace as a source of university students reading and knowing what types of reading are practiced in this environment and this space can influence further searches of reading; discuss the relationship of prejudice to the non-formal areas of reading practices in youth own perception. The methodology was qualitative, with questionnaires, interviews and essays. From the results, we conclude that there are different practices of reading, but they are not single. They depend on the socio-spatial trajectory of the people and also their life experience and membership of a particular place. This time, some interviews and questionnaires to show that being close to a reading space enhances their practices. Multiple regions contribute to the establishment of different reading practices, which can facilitate or impede access. This fact because reading depends on access to text independent of format or support. And if these multiple territories text is present, but can enhance their practices. Reading practices of youth held in his university career, contribute to the construction of their identities. These practices and the subjective appropriation of the meanings depend on the socio-spatial environment he lives. Finally, the university is a flattering territory of different reading practices, as young people are encouraged to seek new theoretical readings to overcome challenges posed by this institution.

**Keywords:** Socio-spatial trajectory. Reading practices. College students. Prejudices in reading.

## LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Perfil da amostra: regiões	88
MAPA 2 – Origem dos estudantes por estado brasileiro	117
MAPA 3 – Origem dos estudantes por município goiano	118
MAPA 4 – Residência atual de estudantes nos estados brasileiros	120
MAPA 5 – Estudantes residentes atualmente na região metropolitana de Goiânia	121
MAPA 6 – Residência de estudantes em bairros de Goiânia	123
MAPA 7 – Bibliotecas públicas dos municípios do Estado de Goiás	172

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Instituições culturais entre as décadas de 1930 e 1970	42
QUADRO 2 – Levantamento bibliográfico “juventude e leitura”	99
QUADRO 3 – Levantamento bibliográfico “Universitário e leitura”	101
QUADRO 4 – Levantamento bibliográfico “leitura cartográfica”	107

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 – Último carnaval da Cidade de Goiás	39
ILUSTRAÇÃO 2 – Julieta Caiado Fleury	41
ILUSTRAÇÃO 3 – Bando da Alegria	44
ILUSTRAÇÃO 4 – Rosarita Fleury de bicicleta	45
ILUSTRAÇÃO 5 – Cidade de Goiás	46
ILUSTRAÇÃO 6 – Paneleiras e poteiras	47
ILUSTRAÇÃO 7 – Página de rosto da revista “A informação Goyana”	48
ILUSTRAÇÃO 8 – Baile do Batismo Cultural	49
ILUSTRAÇÃO 9 – Ocupação, modernização e o discurso de uma cidade culta	50
ILUSTRAÇÃO 10 – Mosaico: leitura nos espaços informais	155
ILUSTRAÇÃO 11 – Mosaico: leitura nos espaços informais	156

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Frequência de Acesso à internet: faixa etária	93
TABELA 2 – Referências sobre leitura, juventude e estudantes universitários	102
TABELA 3 – Número de prováveis formandos por curso	111
TABELA 4 – Número de estudantes participantes por curso	112
TABELA 5 – Total de respondentes por Área do Conhecimento do CNPQ	113
TABELA 6 – Total de cursos da UFG por Área do Conhecimento do CNPQ	113
TABELA 7 – Participantes da entrevista ou redação	114
TABELA 8 – Moradia atual – bairros de Goiânia	124
TABELA 9 – Residentes das regiões metropolitanas e outras localidades	126
TABELA 10 – Uso do tempo livre	128
TABELA 11 – Parques e bosques de Goiânia por região	173

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Perfil da amostra: condição de município	89
GRÁFICO 2 – Perfil do município (mil hab)	89
GRÁFICO 3 – Perfil leitor e não leitor: classe social	90
GRÁFICO 4 – Perfil leitor e não leitor: renda familiar em salário mínimo	91
GRÁFICO 5 – Perfil leitor e não leitor: estudante (%)	91
GRÁFICO 6 – Perfil leitor e não leitor: escolaridade	92
GRÁFICO 7 – Materiais lidos (%)	93
GRÁFICO 8 – Perfil e não leitor: condição de município (%)	94
GRÁFICO 9 – Perfil leitor e não leitor: porte do município (%)	95
GRÁFICO 10 – Orientação religiosa	115
GRÁFICO 11 – Renda familiar (%)	116
GRÁFICO 12 – Uso do tempo livre	128
GRÁFICO 13 – Tempo gasto com o trabalho/estágio	129
GRÁFICO 14 – Tipo de leitura praticada pelos jovens	135
GRÁFICO 15 – Sentimentos/sensações com a prática de leitura	136
GRÁFICO 16 – Tipos de Leitura que interessa aos jovens	149
GRÁFICO 17 – Melhor lugar para leitura	150
GRÁFICO 18 – Formas de acesso ao livro	152
GRÁFICO 19 – Uso de redes sociais	158
GRÁFICO 20 – As redes sociais favorecem	159
GRÁFICO 21 – Tipos de uso da Internet	160

## LISTA DE ABREVIATURAS

BPMG - Biblioteca Pública Municipal de Goiânia – BPMG

CGF – Comissão Goiana de Folclore

IFG - Instituto Federal de Goiás

UFG - Universidade Federal de Goiás

OMS - Organização Mundial da Saúde

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior

BDTD - Biblioteca Digital de Teses e dissertações

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

BDTD/UFG - Biblioteca de Teses e Dissertações da Biblioteca da UFG

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UNB - Universidade de Brasília

DOAJ - *Directory of Open Acces Journals*

UESPI - Universidade Estadual do Piauí

CERCOMP - Centro de Recursos Computacionais

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

## SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO: ERA UMA VEZ UMA MENINA POBRE E NEGRA QUE “SE VIROU”</b>	<b>18</b>
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>21</b>
<b>2</b>	<b>CAMINHO METODOLÓGICO</b>	<b>30</b>
2.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	30
2.2	UNIVERSO E SUJEITOS DA PESQUISA	33
2.3	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	35
<b>3</b>	<b>GOIÂNIA CULTA E MODERNA: SURGIMENTO DAS INSTITUIÇÕES CULTURAIS E EDUCACIONAIS</b>	<b>38</b>
<b>4</b>	<b>A METRÓPOLE E O LUGAR NA CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES JUVENIS</b>	<b>52</b>
4.1	TRAJETÓRIAS JUVENIS E CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES: TER UM LUGAR NUM TERRITÓRIO DE MIL LUGARES	53
4.2	SER JOVEM OU VIVENCIAR A JUVENTUDE	56
4.3	IDENTIDADE JUVENIL, LUGAR E METRÓPOLE	62
<b>5</b>	<b>LEITURA, ESPAÇO E SUJEITO</b>	<b>67</b>
5.1	PRÁTICAS DE LEITURA: CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA E HISTÓRICA	67
5.2	O BRASIL COMO TERRITÓRIO DE LEITURA NA PESQUISA RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL	75
<b>5.2.1</b>	<b>Retratos da Leitura no Brasil: uma análise socioespacial da leitura juvenil</b>	<b>86</b>
<b>6</b>	<b>ESTUDOS SOBRE LEITURA NO BRASIL: REVISÃO</b>	<b>98</b>
<b>7</b>	<b>CARTOGRAFIA DA LEITURA DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA</b>	<b>110</b>
7.1	AS PRÁTICAS DE LEITURA DO JOVEM UNIVERSITÁRIO	114
7.2	PRÁTICAS DE LEITURA: PRECONCEITOS, TRAJETÓRIAS E INFLUÊNCIAS SOCIOESPACIAIS	136
<b>7.2.1</b>	<b>A metrópole Goiânia e os espaços de práticas de leitura formais e informais</b>	<b>142</b>
<b>7.2.2</b>	<b>A universidade e os espaços de práticas de leitura formais e informais</b>	<b>153</b>
<b>7.2.3</b>	<b>O ciberespaço como território de práticas de leitura</b>	<b>156</b>
7.3	A UNIVERSIDADE: BASE PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL E PARA O PENSAMENTO CRÍTICO REFLEXIVO	161
7.4	A JUVENTUDE DA UFG: TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS E PRÁTICAS DE LEITURA	168
7.5	POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA VOLTADAS PARA OS TERRITÓRIOS	170

<b>CONCLUSÃO</b>	<b>174</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>178</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ESTUDANTES</b>	<b>189</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA/REDAÇÃO</b>	<b>194</b>
<b>ANEXO A – LISTA DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS MUNICIPAIS E ESTADUAIS</b>	<b>195</b>
<b>ANEXO B – AUTORIZAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA</b>	<b>218</b>

## **APRESENTAÇÃO: ERA UM VEZ UMA MENINA POBRE E NEGRA QUE “SE VIROU”**

É sempre presente em minha memória, o discurso da leitura como algo bom, necessário e primordial para a formação pessoal, profissional e social. Apesar da pobreza, sempre tive acesso à leitura. Assim como muitos dos sujeitos da minha pesquisa, a leitura foi apresentada a mim por minha mãe. Apesar do pouco estudo, ela comprava a prestação, livros de história infantil e de pesquisa escolar e, em momentos de lazer, lia para nós.

Lembro bem do primeiro livro *A sereiazinha*, hoje historinha remodelada e uma das preferidas da minha filha de quatro anos. Era agradável a voz da minha mãe que as vezes cantava e em outros momentos lia.

Cresci em um lar que presava por livros. Alguns minha mãe ganhava outros comprava. Havia no nosso pequeno acervo livros didáticos de português os quais gostava de ler por ter poesias e pequenas histórias. Guardo em minha memória a primeira escola que frequentei o “Colégio Estadual Aécio Oliveira de Andrade”.

Era pública, mas tinha uma boa biblioteca com livros infantis, tapete e almofadas. Sentia-me feliz. Tive de mudar de escola e nessa nova instituição não havia biblioteca. Lembro que achei um absurdo essa escola não possuir tal espaço, mas continuei lendo.

Minha trajetória é parecida com a de muitos dos estudantes universitários investigados. Na época da graduação não foi fácil atravessar a cidade por meio do transporte público para estudar. Mas, enfim, consegui. Fiz minha Graduação em Biblioteconomia, Especialização em Docência Universitária, Mestrado em Comunicação e, agora, Doutorado em Geografia.

Ter uma formação em nível de pós-graduação em diferentes campos do conhecimento foi um desejo meu logo após finalizar a Graduação. Queria saber mais de outras áreas com o intuito de complementar minha formação social, cultural e educacional.

Logo depois da Graduação desejei ser professora universitária. Como venho de um curso de bacharelado, vi na especialização em Docência Universitária uma possibilidade de aprender sobre educação e pedagogia do ensino. Tive a oportunidade de ler vários artigos, textos e livros de autores da área de educação os quais contribuíram para minha formação enquanto docente do ensino superior. Meu trabalho de conclusão do curso de especialização foi sobre o “Círculo da informação científica”. Importante para entender os processos relacionados com a produção e circulação do conhecimento científico.

O mestrado em Comunicação rendeu o trabalho intitulado: *Comunidades gays do ORKUT: encontros, confrontos e (re)construção de identidades*. Nesse estudo, percebi a importância das redes sociais no estabelecimento e reflexão das identidades. Espaço esse repleto de leituras e escrituras de si. Onde grupos marginalizados, como os gays sujeitos da pesquisa, podiam ter voz e ouvidos. Nessas comunidades era possível se identificarem uns com os outros e juntos refletirem sobre si.

Já o projeto de doutorado em Geografia nasceu de uma parceria entre o Instituto de Estudos Socioambientais – IESA e a Faculdade de Informação e Comunicação – FIC no evento “Café com Leitura”. Trata-se de um evento anual que há cerca de 10 anos faz parte do calendário das atividades de extensão da UFG. Nesse evento, estão sempre presentes os debates relacionados à leitura, espaço e o sujeito distribuídos em diversas temáticas maiores e seus respectivos grupos de trabalho.

Esse evento tem sido coordenado por mim, professora do curso de Biblioteconomia, pelo professor Eguimar docente do curso de Geografia entre outras pessoas. Eu por atuar em disciplinas ligadas a leitura, história cultural e dos registros do conhecimento e o professor Eguimar por trabalhar com juventude, demografia, cidades e literatura.

Foi aí que percebi, junto com o professor Eguimar e com meu esposo Benjamim (geógrafo e doutorando da área), a possibilidade de se estudar leitura na Geografia. Analisar as práticas de leitura sob a ótica da dinâmica socioespacial seria uma novidade e um avanço nos estudos de leitura presente mais no campo da Educação, Letras e Biblioteconomia. E também, uma contribuição da geografia para o avanço de tais estudos.

Nasce, então, o projeto das práticas de leitura dos estudantes universitários a partir de suas trajetórias socioespaciais. Logo após a entrada no doutorado, o projeto foi posto em debate no grupo de orientação e estudo “Dona Alzira” e os componentes deste, com todas suas diferenciações e percepções, contribuíram para seu estabelecimento. A participação e apresentação do projeto no seminário da pós-graduação serviu para *aparar as arestas* e por em prática o que foi proposto.

Já com a qualificação foi possível apresentar resultados preliminares e aprofundar tanto no conteúdo teórico quanto na análise crítica dos resultados. O resultado de tantos debates, bancas, idas e vindas e conversa com orientador rendeu o que apresento nessa tese a uma nova banca de professores e ouvintes do trabalho. E espero, com ela, valiosas contribuições para avançar no aprimoramento desse estudo.

Para mim é uma grande vitória chegar até aqui. Foram muitas dificuldades as quais não preciso detalhar, pois minha cor e minha origem pobre já dizem tudo. Mas, sou aquela menina pobre e negra que “se virou”.

## 1 INTRODUÇÃO

A geografia é um campo científico que contribui efetivamente para a realização de diversos estudos. Por ser uma ciência que estuda a interação entre a sociedade e o espaço, ela abarca diversos conceitos/definições e teorias no auxílio à compreensão da atual dinâmica socioespacial. A geografia abarca o território de maneira objetiva e subjetiva, em que é possível perceber os embates e batalhas, ou seja, um campo diverso de proposições, ações e características.

É difícil não mencionar em pesquisas sociais algum aporte que não tenha relação com a Geografia, pois quando se discute sobre ciberespaço, território, globalização, política, indivíduos, busca-se na Geografia fundamentações, as quais, possam contribuir para tais estudos. Destarte, para a realização da pesquisa proposta nesta tese, foi necessário recorrer às teorias geográficas atuais, pois são elas que dão suporte para o sucesso da busca e análise dos resultados.

Com vasta gama de informações que flutuam aos olhos da juventude, na atualidade, propõem-se o estudo da leitura, principalmente porque o senso comum “acusa” o jovem de não ler; enquanto se pode observar a presença desses sujeitos nas livrarias, bibliotecas, *sites* de Internet, entre outros espaços que permitem a prática, mesmo a tida por não convencional ou formada por um cânone.

A leitura é a ponte entre a informação e o conhecimento. Entretanto, ler não é somente o que está escrito em formato de texto. Ler abarca o visual, os símbolos, formas e vídeos. Ler é conseguir explorar, pelo menos em parte, esse emaranhado de informações presentes na atualidade.

Para realização da pesquisa **“JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA DA UFG: TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAS E PRÁTICAS DE LEITURA”** recorreremos à Geografia por conta da necessidade de discutir os múltiplos territórios na formação de uma cultura letrada da juventude atual e como as trajetórias socioespaciais se inserem nessa formação.

Considera-se ser pertinente o estudo sobre práticas de leitura no campo da Geografia, pois esta se configura como uma forma de análise diferenciada sobre o tema, já que este é comumente estudado nas áreas de Educação, Letras e Biblioteconomia. Essa nova visão permite outros enfoques a se entender o espaço e, por conseguinte, o território em que tais manifestações estão engendradas.

Por que estudar leitura na Geografia? As práticas de leitura são realizadas em um “lugar”, seja ele um ponto físico geométrico objetivo ou um território/lugar subjetivo. E esse “lugar” pode ser favorecedor ou não de práticas ou novas práticas de leitura.

Entendemos território como um espaço sociocultural em que é possível uma apropriação objetiva e subjetiva do indivíduo (HAESBAERT, 2004). Assim, os territórios da leitura da juventude estão presentes em diversos espaços institucionais ou não: a escola, a universidade, a biblioteca, os terminais de ônibus, as livrarias, sua casa e centros acadêmicos. Tendo por base a ideia de “apropriação subjetiva”, percebe-se que há uma relação entre a juventude e seus territórios de práticas de leitura.

Da mesma forma, compreende-se que no ciberespaço há uma relação entre juventude e práticas de leitura. O ciberespaço é, segundo Levy (1999), um meio de comunicação em que indivíduos e informações se interconectam. Como se trata de uma tecnologia difundida há poucos anos no Brasil, tornando-se mais popular no final do século XX e início do século XXI, a juventude contemporânea, principalmente jovens universitários, tiveram uma grande identificação com a mesma. A Internet é um espaço de leitura, isto é, espaço de diversas “leituras” e de diversas mídias (texto, som e vídeo).

Essas relações descritas acima nos mostram os espaços de pertencimento do jovem universitário e de suas práticas de leitura e contribuem para que se possa entender o processo de construção do jovem leitor na atualidade, bem como os tipos e modos de leitura praticados por ele. Tal fato porque é cobrado do jovem universitário uma gama maior de leituras e esses, comprovamos, passam a praticar outras leituras independentemente do que é exigido na universidade; o que propicia estender o leque de sua formação.

Estudar a juventude e a leitura ao levar em consideração os territórios e o ciberespaço é uma forma de tentar rebater o velho discurso do senso comum atestado por Abreu (2001) de que o jovem não lê ou não tem interesse pela leitura. Socialmente importante porque podemos trazer a lume, certos preconceitos com relação ao tipo de leitura praticada pela juventude atual, especialmente a universitária.

Saber que leituras são essas trouxe uma contribuição pertinente para se conhecer e entender, primeiro, o tipo e, depois, as razões pelo qual certas leituras chamam a atenção da juventude. E dentro do campo de estudos da Geografia, os resultados apresentaram elementos que possibilitaram o entendimento de como as relações socioespaciais podem contribuir para inclusão ou exclusão do jovem leitor; para a manutenção das leituras e criação ou não de novas possibilidades de ler.

Esse atual contexto vivido pela sociedade é carregado de informação por todos os lados. Desde a revolução da imprensa por Gutenberg no século XV até o surgimento da Internet, a informação flui de forma cada vez mais rápida. Assim, a leitura está por todos os lados, se pensarmos nas metrópoles e grandes cidades, presente nos diversos territórios.

Entretanto, por mais que a leitura esteja presente por todos os lados, questiona-se se o jovem lê. Perguntas como as que se seguem, são frequentes nos debates sobre o assunto: lê o quê? Lê o suficiente? Faz as leituras canonizadas pela escola?

As recentes pesquisas feitas como, por exemplo, “Retratos da leitura no Brasil” realizada em 2011 pelo Instituto Pró-Livro, mostram certa deficiência na relação jovem e leitura. Nesse sentido, os resultados da pesquisa apontam para uma série de políticas públicas na tentativa de corrigir essa deficiência da juventude atual.

Mas, ao refletir sobre os estudos de preconceitos de leitura abordados por Abreu (2001) em seus diversos estudos, vimos que muitas leituras são praticadas pela juventude. Essas leituras acontecem em diversos territórios: nos terminais de ônibus, nos consultórios médicos, na escola e, também, na Internet. Resta saber se há uma relação entre as práticas de leitura e os diferentes territórios onde elas são praticadas.

Espera-se demonstrar que os estudantes concluintes dos cursos de graduação da UFG vivenciam trajetórias socioespaciais que contribuem para as práticas de leitura, pois convivem com uma diversidade de sujeitos e lugares que instigam a busca de informações, interpretações e transformação destas em novos conhecimentos a partir de um pensamento reflexivo.

Entender as trajetórias socioespaciais e as práticas de leitura para a geografia é importante para demonstrar que as políticas e relações no território podem influenciar na leitura e no modo de ler das pessoas, pois, pressupomos, o território pode ser ou não ser transformador e formador de leitores.

Nesse sentido, nossa pergunta central se funda na seguinte questão: As trajetórias socioespaciais antes e durante a universidade influenciam nas práticas de leitura dos estudantes universitários dos cursos de graduação da UFG dos *campus* I e II de Goiânia?

Para responder a essa problematização é preciso levantar outros questionamentos suplementares, a saber: o jovem da atualidade pode se constituir como leitor perante aos territórios de leitura que estão dentro do seu espaço de pertencimento? Que tipos de leitura os jovens passam a praticar na universidade? Qual o conceito de leitura na percepção da juventude universitária? Essas leituras são influenciadas pela universidade? Em que espaços o estudante pratica leitura? O espaço interfere na forma de ler?

A tese defendida nessa pesquisa é: A universidade é um território onde os estudantes experimentam transformações de *habitus*, entre os quais se exemplifica a forma de ler conteúdos específicos de seus cursos e outros tipos de leituras.

As trajetórias socioespaciais influenciam nas práticas de leitura dos estudantes universitários dos últimos períodos dos cursos de graduação na UFG dos *Campus* I e II Goiânia, pois este espaço possibilita uma diversidade de novas leituras capacitando-os a um pensamento crítico reflexivo.

Dessa forma, os múltiplos territórios frequentados pelo jovem universitário interferem no modo de leitura e nos diferentes tipos de leitura, sejam elas literárias, universitárias, folhetos, *ebooks*, gibis, além de outros.

Chamamos de territórios de leitura os terminais de ônibus; as bibliotecas escolares e universitárias, os corredores da universidade, os centros acadêmicos e outros espaços que o jovem universitário passa a frequentar. Além desses espaços, destacamos, também, a Internet como um dos principais territórios de leitura do jovem universitário.

Dessa forma, afirma-se que o jovem universitário é leitor de variados territórios. Salienta-se que a metrópole contribui para a potencialização da leitura, pois ela é facilitadora do acesso por meio das possibilidades de mobilidade e presença de uma infinidade de manifestações sociais e de culturas midiáticas que são disponibilizadas, muitas vezes, de forma grátis.

Levantamos como hipótese conjunta, tendo por base os estudos de Abreu (2001), que as leituras feitas, principalmente, fora do ambiente universitário não são consideradas leituras do ponto de vista dos cânones universitários. Apesar dos variados territórios de leitura, para uma elite letrada e que possui acesso a uma gama maior de leituras por meio das livrarias, bibliotecas de escolas particulares e universitárias, essa leitura praticada fora (inclusive dos livros) não é considerada leitura.

Diante do exposto objetiva-se estudar a influência das trajetórias socioespaciais nas práticas de leitura dos estudantes universitários dos últimos períodos dos cursos de graduação na UFG dos *Campus* I e II de Goiânia. Especificamente pretendemos: descrever as trajetórias socioespaciais da juventude universitária antes e durante sua vida universitária; identificar os territórios de leitura do jovem universitário e o processo de construção de um pensamento crítico reflexivo a partir dessas práticas de leitura ao identificar, assim, comportamentos e modos de pensar da juventude; verificar se as práticas de leitura realizadas sobre a influência do espaço universitário contribuem para o letramento informacional dos estudantes; identificar espaços de pertencimento do jovem universitário perante a leitura;

analisar o ciberespaço como fonte de leitura da juventude universitária; e conhecer que tipos de leitura são praticadas nesse ambiente, e, se esse espaço pode influenciar em novas buscas de leitura; discutir a relação de preconceito com os territórios não formais de práticas de leitura na percepção próprios jovens.

A presente tese tem como ponto de partida os seguintes pressupostos teóricos: 1. Existem diferentes práticas de leitura, porém elas não são unas. Elas dependem da trajetória socioespacial dos sujeitos e, também, da sua experiência de vida e pertencimento a determinado lugar; 2. Os múltiplos territórios contribuem para o estabelecimento de diferentes práticas de leitura podendo facilitar ou dificultar o acesso; 3. As práticas de leitura da juventude, realizadas na sua trajetória universitária, contribuem para a construção de suas identidades. Essas práticas e apropriação subjetiva dos significados dependem do ambiente socioespacial que ele convive e 4. A universidade é um território que potencializa diferentes práticas de leitura, pois os jovens são instigados a buscar novas leituras para vencer os desafios teóricos propostos por essa instituição. Para refletir sobre esses pressupostos recorre-se a outros estudos. Outrossim, são elencados alguns estudos e autores importantes para essa análise.

Dessa feita, um tema como esse que tem como objeto de pesquisa a juventude, requer um aprofundamento bem específico relacionado ao conceito e história da juventude e o entendimento dela nos dias atuais. De início questiona-se: como se constrói a juventude. Para essas respostas buscamos autores clássicos para o estudo dessa questão.

Carmo (2000) discute em seu livro *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*, o comportamento e as modificações dos usos e costumes e modos de ser e pensar da juventude dos anos 1950 aos anos 1990, principalmente tendo como relação a globalização e a sua influência nas posturas juvenis.

Savage (2009) em seu livro *A criação da Juventude* trabalha com os conceitos históricos da juventude da pré-história da adolescência até sua consolidação e explosão como força de consumo. A leitura desse autor contribuiu para que pudéssemos compreender o comportamento dos jovens dentro dessa perspectiva histórica.

Outros autores importantes na discussão sobre juventude são Catani (2008); Sposito e Corrochano (2000), Cassab (2011), Turra Neto (2004, 2013); Abramo (2008), Cavalcanti (2011) e Paula (2013) os quais apresentam conceitos, história e geografia da juventude.

Para entender os contextos mais atuais da juventude relacionada ao seu comportamento, conceitos, pensamento crítico reflexivo e subjetividades, buscamos aporte

nas teses e dissertações defendidas recentemente e, também, em artigos de periódicos científicos nacionais e internacionais a serem levantados em bases de dados referenciais.

Para o estudo da construção de um pensamento crítico reflexivo, buscou-se em Gasque (2012) os conceitos pertinentes ao estabelecimento de um novo modo de pensar da juventude, tendo em vista as novas leituras praticadas na universidade.

Há de se discutir as questões relacionadas à subjetividade e consumo e sua interferência na construção do pensamento reflexivo, pois entendemos que essa forma crítica de pensar perpassa pelos processos de subjetivação. Para esse entendimento traremos as contribuições de Rolnik (1997).

Como se trata de uma pesquisa que tem como principal foco o estudo da relação entre juventude, leitura e território, o sucesso dessa pesquisa depende inteiramente da compreensão de algumas categorias presentes na Geografia. As principais são o espaço, território e lugar e os conceitos de metrópole numa perspectiva contemporânea.

Santos (1996) em *A natureza do espaço* propõe bases teóricas sólidas para a construção de um sistema de conceitos, procurando definir o espaço geográfico e seu papel ativo na dinâmica social. Vemos esse trabalho como um das principais fontes para a discussão da teoria geográfica. Trata-se de um autor da geografia que é bastante lido e discutido dentro das Ciências Humanas e Sociais. Os conceitos apresentados por este autor trarão contribuições fundamentais para que possamos entender a juventude que faz parte dessa atual dinâmica social.

Outro estudo de Santos, Souza e Silveira (1994) complementar à tese foi *Território: globalização e fragmentação*. Este estudo enfoca a questão da reorganização dos territórios em tempos de globalização, assunto pertinente principalmente porque trata-se de um trabalho que necessita discutir claramente o processo de globalização e sua ação nos territórios.

Nessa discussão sobre globalização não podemos deixar de considerar outro trabalho de Santos (2003) *Por uma outra globalização*, obra que é uma visão abrangente e que não desvela apenas o prisma geográfico, mas aborda os aspectos sociais, econômicos e político-ideológicos desse fenômeno chamado globalização.

Para uma abordagem que ajude a construir as concepções da categoria território, optou-se por Saquet (2007) no seu livro *Abordagens e concepções de território*, em que o mesmo promove diversas reflexões sobre território tanto no contexto da geografia nacional quanto internacional. Outra obra organizada por esse mesmo autor é *Territórios e territorialidades* (SAQUET, 2009). Nessa obra, encontramos conceitos sobre territórios

fundamentais para embasar teoricamente a presente pesquisa, pois trataremos dos territórios juvenis como foco principal da pesquisa.

Como o conceito e concepções de território são fundamentais para realização dessa pesquisa, traremos contribuições de outros teóricos especialistas nessa temática para traçar um referencial teórico que possa contribuir para o entendimento dos dados a serem coletados para o estudo.

Haesbaert (1999) e Araújo; Haesbaert (2007) foram utilizados para a discussão da questão da identidade e sua alusão ou referência a um território. Bonnemaïson (2002) por sua vez discute que antes de ser uma fronteira, um território é, sobretudo, um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários. Discussão que nos instiga a outras questões e percepções relacionadas ao poder e sua relação com o território. São igualmente importantes os estudos de Muñoz (2006) sobre territórios e tempo que contribuirão para compreensão dessa relação complexa nos dias atuais.

Para discussão sobre o conceito de lugar, vamos nos ater as leituras de Tuan (1983); Holzer (1999) e Carlos (2007). Chaveiro e Pelá (2012); Correa (1997) para discutir as concepções atuais sobre a metrópole na contemporaneidade.

O entendimento das concepções de território trará uma contribuição bem significativa para a reflexão sobre como as subjetividades juvenis estão inseridas no contexto territorial vivenciado por eles.

A discussão proposta nesse estudo diz respeito também às práticas de leituras da juventude. Entretanto, para entender tais práticas nos reportamos aos conceitos e história da leitura. Para isso buscou-se os conceitos em Martins (1997), no sentido de ter um entendimento de leitura que vá além do senso comum que restringe a leitura ao livro e ao jornal, por exemplo, assim como a revista, em grande maioria, inacessíveis às camadas mais pobres da população.

Sobre a história da leitura, Manguel (1997) apresenta uma trajetória das práticas de leitura da antiguidade aos dias de hoje. Ele faz abordagens entre a passagem da leitura em voz alta para a leitura silenciosa e as implicações sociais de tal mudança. Se, hoje, temos uma suposta problemática a despeito da formação de leitores jovens, *Uma história da leitura* desse autor, nos ajudará a compreender o porquê. Nessa mesma temática relacionada à história da leitura, teremos como contribuidores Darton (1992) e Martins (2001).

Para discutir a formação da leitura no Brasil nosso aporte teórico será os estudos de Dumont (2000, 2002) e Abreu (1999, 2001 e 2007). Nas leituras de Abreu, destaca-se além

da construção histórica das práticas de leitura no Brasil, os aspectos relacionados aos preconceitos de leitura construídos desde a época da colonização até os dias atuais.

Outro autor utilizado foi Chartier (1999; 2001), pois além de tratar da história cultural da leitura, aborda aspectos relacionados às práticas de leitura atuais, considerando, por exemplo, a leitura na tela do computador e suas implicações sociais.

Além de todo esse referencial teórico apresentado, buscamos estudos recentes como teses, dissertações e artigos científicos para complementar o embasamento do trabalho.

A presente tese está dividida em 7 capítulos e uma apresentação. Na apresentação é traçado a trajetória acadêmica da autora e as motivações para construção da presente pesquisa. No primeiro capítulo trataremos da introdução em que apresentamos o tema, objetivos (geral e específico), problematização, justificativa e pressupostos teóricos.

No segundo capítulo apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa. Nessa metodologia, a escolha foi pela pesquisa qualitativa e os instrumentos de coleta de dados foram o questionário, entrevista, redação e observação. Nesse capítulo faremos, também, uma reflexão acerca do universo de sujeitos escolhidos e critérios que nortearam tal escolha.

A seguir, tratamos no terceiro capítulo da discussão quanto a modernização do território e pensar sobre a ocupação do Cerrado nas primeiras décadas do século XX e a influência desse processo no surgimento das instituições culturais e educacionais em Goiânia.

No quarto capítulo discorremos sobre a constituição histórica das identidades juvenis e como esse jovem constrói o seu eu em um território de muitos lugares subjetivos.

No quinto capítulo faremos uma abordagem teórica e histórica sobre as práticas de leitura e como o espaço pode contribuir para o estabelecimento do sujeito leitor. Será analisada a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” feita em 2011 demonstrando como a Geografia pode contribuir para a reflexão dos resultados apresentados por ela.

No sexto capítulo, apresentamos uma revisão de literatura a respeito da temática leitura em diversos campos do conhecimento, principalmente na Geografia. Nesse capítulo, apresentamos um quadro contendo o levantamento referencial de diversos estudos acerca da leitura, especificando a temática e campo de estudo onde tais pesquisas foram realizadas.

Por fim, no sétimo capítulo demonstraremos os resultados da coleta de dados. Analisaremos alguns aspectos dos resultados da pesquisa como “a leitura do jovem universitário”, preconceitos e trajetórias dos estudantes pesquisados. Falaremos sobre a metrópole e os espaços formais e informais de leitura e o ciberespaço como território de práticas de leitura. Abordaremos outros aspectos relacionados a universidade como território de novas práticas de leitura e do letramento informacional e a contribuição dessas práticas de

leitura na constituição do pensamento crítico reflexivo dos estudantes formandos. Ao finalizar o Capítulo apresentaremos alguns apontamentos e propostas de políticas públicas tendo por base os resultados alcançados nessa tese bem como apontamentos para aprofundamento e realização de outras pesquisas.

## 2 CAMINHO METODOLÓGICO

A metodologia de uma pesquisa é o caminho que pretendemos seguir. Se bem estruturada é ela quem vai propiciar as respostas pretendidas a esta tese. É uma fase necessária para perceber o grau de dificuldade de uma pesquisa perante os instrumentos do qual se tem conhecimento.

Uma metodologia mal aplicada implicará em respostas não confiáveis e em uma pesquisa não consoante com o desejado grau de qualidade requerido pelas instituições de pesquisas brasileiras. Sendo assim, apresentamos, a seguir, a fundamentação teórica/metodológica pretendida para essa pesquisa definindo aquela escolhida, bem como justificando o porquê dessa escolha.

### 2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Na forma de abordar o problema, as pesquisas podem ser qualitativas e quantitativas e quanto aos objetivos, podem ser de caráter: exploratória, descritiva e explicativa (GIL, 1991). Como buscamos nessa tese as trajetórias socioespaciais, a partir das entrevistas e questionários, as quais revelarão a relação da juventude, leitura e territórios, pretendemos utilizar a metodologia qualitativa com caráter exploratório.

A pesquisa qualitativa visa ir além da objetividade das pesquisas quantitativas por buscar, na subjetividade dos indivíduos, elementos que possibilitam analisar fenômenos os quais não são possíveis somente com as estatísticas. Não se trata de uma negação ao quantitativo mas sua integração (RICHARDSON, 1999).

Por meio da pesquisa qualitativa é possível investigar uma série de comportamentos dos indivíduos de forma a perceber suas crenças, valores e sentimentos. As trajetórias de leitura dos estudantes da UFG, confirmam essa percepção, pois ao aplicar o questionário e em seguida entrevistá-los, compreendemos que suas atitudes atuais, são espelhos das situações vivenciadas no passado (DEMO, 1989).

Para Demo (1989), uma das problemáticas imposta pelas pesquisas qualitativas é a impossibilidade na imparcialidade e neutralidade, pois o autor, investigador, carrega consigo um conjunto de valores que podem condicionar a certas percepções. Porém, por se tratar de uma pesquisadora com experiência prática com a questão da formação de leitores, esse conjunto de valores foi essencial para a interpretação dos dados da pesquisa.

A busca pela relação entre juventude, leitura e território nesse estudo socioespacial, requer consistência metodológica para o seu entendimento. Suas nuances não podem ser medidas ou qualificadas simplesmente. Dessa feita, Demo (1989) deixa evidente que as pesquisas qualitativas necessitam vislumbrar os fenômenos humanos como um conjunto o qual emerge a realidade de maneira inventiva e intensificada, pois os seres humanos não valorizam apenas o raciocínio. Para Demo: “igualmente o envolvimento emocional, algo extremamente complexo, não-linear, dinâmico e sempre contraditório” (DEMO, 1989, p. 30). A informação emocional, compreendida de valores, se coloca como pleito e deve ser respeitada, pois a pessoa não apenas diz o seu lugar, vivencia-o emocionalmente.

Trabalhamos com os registros orais como um testemunho das manifestações culturais, sociais e leituras, uma vez que os jovens que serão investigados as fazem sob suas condições valorizando os detalhes das experiências exteriorizadas por eles (MEIHY, 1996). Muitas vezes as informações oralizadas não seguem uma cronologia exata dos acontecimentos, mas emergem da memória e ao analisar o todo conseguimos entender a lógica das experiências e analisa-las.

As memórias emergem dos objetos, da fala, dos gestos, e constituem-se num registro que guarda uma diversidade profunda de manifestações inerentes à trajetória de cada indivíduo levando em consideração os processos culturais envoltos em cada vivência que, por sua vez, tiverem interferência em suas práticas leitoras passadas e atuais.

Fica evidente a necessidade de uma postura, enquanto pesquisadora, pautada na ética e no cuidado, para que o sujeito, ao ser entrevistado, apresente por meio da oralidade, seus sentimentos, seus valores e seus dogmas. Desta maneira, a oralidade constitui-se numa modalidade de pesquisa em que o relato das pessoas é a sua verdade; ou seja, é a versão oferecida pelo narrador.

A entrevista semiestruturada e/ou a redação com roteiro são os instrumentos de pesquisa indicados para a pesquisa qualitativa, pois é por meio delas que é possível ter um contato mais próximo com os sujeitos pesquisados. No caso da redação, como o roteiro será enviado por *e-mail*, caso dúvidas da pesquisadora prevaleçam, pode-se pedir complemento. A realização desse tipo de pesquisa requer cuidados, quanto às perguntas e a condução do contato com o sujeito pesquisado. Para Meihy, “A nossa participação, enquanto entrevistador precisa ser sempre estimuladora e jamais de confronto, seja qual for a opção” (MEIHY, 1996, p. 149). Esse posicionamento do pesquisador aumenta a liberdade do pesquisado e o deixa mais “solto” e, conseqüentemente, melhora a qualidade da entrevista.

É preciso ter cuidado com as entrevistas, já que estas acontecem por meio da interação entre pesquisadora e pesquisados. No momento da redação, o foco foi na trajetória dos leitores e na experiência da pesquisadora de forma a evitar a influência recíproca. Tentou-se também, o aprofundamento da memória dos entrevistados de modo a evitar a seletividade, permitindo, inclusive correções (PAULILO, 1998). Como nosso objetivo é apreender a relação entre juventude, leitura e territórios numa análise socioespacial, quanto menos estruturada for a entrevista, mais proveitosos serão os resultados.

As autoras Ludke e Andre (1986, p. 34) continuam no esclarecimento, quanto à riqueza na aplicação de entrevistas mais livres “parece-nos claro que o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação, aproxima-se mais dos esquemas livres, menos estruturados”.

O questionário prévio aplicado aos/as estudantes foi um ponto importante, o qual contribuiu para a construção do roteiro semiestruturados das entrevistas. Como o questionário apresentou uma prévia dos elementos investigativos, a entrevista possibilitou aprofundar nesses elementos e compreender melhor as trajetórias de leitura.

Outro fator importante foi o encontro possibilitado pela entrevista o qual permitiu que a pesquisadora pudesse não só realizar uma leitura das respostas dadas pelos/as entrevistados/as, mas também, identificar emoções, risos, lembranças e outros comportamentos importantes para interpretação dos dados.

A partir das entrevistas com os jovens, fez-se uma análise sobre como se dá essa relação entre leitura, juventude e territórios a fim de revelar os espaços de pertencimento da juventude universitária no que diz respeito a suas práticas de leitura. Leituras essas que contribuem para a construção de sua subjetividade e do pensamento crítico reflexivo.

Em resumo, a pesquisa está estruturada da seguinte forma: de início conhecemos o conceito de jovem e juventude. Entender esse conceito nos proporcionou mais segurança para elaborar as questões de entrevistas e de lidar com os jovens entrevistados.

Posteriormente, aprofundamos nos conceitos referentes ao espaço, território e ciberespaço. Ao aprofundar nesses conceitos compreendemos como as dinâmicas socioespaciais puderam contribuir para a aproximação do jovem ao mundo da leitura ou até mesmo afastá-lo. Conhecemos, também, os espaços de pertencimento do jovem. Espaços de pertencimento em que o se sentir bem o induz a busca daquilo que o transforma enquanto indivíduo. Aqui reunimos o conceito de juventude e sua relação com os territórios habitados.

Depois refletimos sobre o conceito de leitura e de práticas de leitura em diferentes instâncias: seja na universidade, biblioteca, livrarias e seus suportes (livros, revistas, textos

eletrônicos). No âmbito desse referencial trouxemos outros trabalhos realizados sobre leitura e juventude para vislumbrar alguns questionamentos e descobertas já alcançados em diferentes pesquisas com diferentes enfoques.

Após leituras e compreensão teórica dos conceitos acima levantados, chega o momento de ir a campo. Nesse caso, os sujeitos da nossa pesquisa foram os estudantes do último ano dos cursos de graduação da Universidade Federal de Goiás do Campus Goiânia. A princípio foi aplicado um questionário com questões fechadas e algumas questões abertas a um total 2.578 estudantes. Essa quantidade de e-mails foi fornecida pelo Centro de Recursos computacionais – CERCOMP/UFG o qual filtrou a lista de prováveis formandos. Entretanto, a Assessoria de Comunicação da UFG – ASCOM informou que o número de estudantes previstos para colação de grau é de 1809, referente ao ano de 2013.

No questionário, perguntamos se o pesquisado aceitaria fazer uma entrevista ou redação. Nas respostas positivas, entramos em contato com os prováveis voluntários para escolha e realização da coleta. Nessas entrevistas e/ou redações semiestruturadas construímos, a partir de sua vida, as trajetórias de cada jovem, a fim de conhecer suas origens, sua relação com a família e amigos e até mesmo sua perspectiva para o futuro.

Após a coleta de dados, por meio dos questionários e das entrevistas e/ou questionários, estes foram analisados à luz do referencial teórico e organizados sistematicamente para demonstrar as respostas às questões levantadas na problematização e objetivos dessa pesquisa.

As análises, além de serem apresentadas na forma dissertativa, serão categorizadas por meio de mapas e gráficos. Nesses mapas e gráficos constarão o perfil socioeconômico dos jovens pesquisados, seus territórios e práticas de leitura.

## 2.2 UNIVERSO E SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos escolhidos para essa pesquisa foram os estudantes universitários dos último ano dos cursos de graduação da UFG dos *campus* I e II de Goiânia do ano de 2013. A escolha desse grupo partiu do pressuposto de que a universidade não só forma profissionais que atuarão em diferentes profissões como, também, forma pessoas mais críticas, pessoas mais autônomas na busca de informações as quais passam a praticar outros tipos de leitura que podem contribuir para o aprimoramento do pensamento crítico reflexivo.

A universidade é o território de novas práticas de leitura as quais transformam os jovens estudantes em profissionais não só atentos ao fazer do trabalho, mas, também, refletir sobre o suas práticas. As outras razões são:

- 1 Os jovens estudantes do último ano dos cursos de graduação podem revelar uma trajetória socioespacial de sujeitos residentes em Goiânia e regiões metropolitanas. Sendo assim, teríamos uma representação importante da metrópole nesses sujeitos;
- 2 Nesse recorte de jovens é possível identificar sujeitos pertencentes às diversas classes sociais, uma vez que o programa de cotas tem contribuído para o acesso de pobres e ricos à universidade. Desse modo, poderemos conhecer tanto jovens oriundos de escolas públicas quanto da escola privada;
- 3 Como são estudantes concluintes dos cursos universitários, trarão elementos para analisar as trajetórias socioespaciais e práticas de leitura realizadas por eles antes da universidade e como a entrada e saída da universidade pode ter possibilitado o acesso à informação e a outras práticas de leitura;
- 4 Há, também, uma diversidade muito grande de grupos de jovens na universidade que seria uma porção representativa da metrópole goiana;
- 5 O jovem universitário, de uma forma geral, passa ter acesso à Internet e redes sociais, já que a universidade se mostra bem democrática nesse sentido.

Um questionamento possível para a escolha desses sujeitos é o fato de serem todos estudantes e, de certa forma, todos se revelarem leitores, ou seja, seria necessário conhecer aqueles fora do universo estudantil. Entretanto, nossa busca ocorre, em princípio, no conhecimento das *práticas de leitura* bem como da *influência socioespacial da universidade* na construção do jovem leitor e sua identidade.

O estudo sobre práticas de leitura da juventude universitária partiu da análise da última pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” publicada em 2011. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, mas seus resultados podem ser avaliados de forma qualitativa. Percebemos a importância da análise da pesquisa “Retratos”, pois, ela traz dados de um universo brasileiro os quais estão organizados em públicos escolares e não escolares; residentes nas metrópoles e interior dos Estados; apresentam dados de crianças, jovens, adultos e, apesar de considerar como leitor apenas aquele que lê livros, aponta dados reveladores de diversas outras práticas de leitura.

Esse universo estabelecido para a pesquisa, tanto da escolha dos jovens universitários quanto da análise da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” de 2011, trará elementos necessários para a análise crítica das práticas de leitura na metrópole. A pesquisa contribuirá, também, para o conhecimento das práticas de leitura da juventude universitária, oriunda ou não das escolas públicas; de forma que os resultados possam contribuir para o estabelecimento de políticas públicas de leitura importantes na formação de leitores e construção do conhecimento.

### 2.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos para coleta de dados para essa pesquisa são os questionários, as entrevistas semiestruturadas e/ou redações com roteiros pré-estabelecidos. Além desses instrumentos fizemos uma análise a partir da observação dos espaços da UFG, verificando práticas de leitura e pequenas entrevistas com os estudantes leitores.

Para aplicação do questionário, escolhemos o sistema de enquetes da UFG *LimeSurvey*. A partir desse sistema, estruturamos os questionários e enviamos a todos os *e-mails* dos estudantes formandos do último ano dos cursos de graduação da UFG *Campus* I e II de 2013. Foram enviados 2.578 emails, filtrados pelo Centro de Recursos Computacionais - CERCOMP. No entanto, a Assessoria de Comunicação Social - ASCOM da UFG informou o número de 1809 prováveis formandos daquele ano.

Este questionário teve como objetivo: traçar o perfil social, econômico e educacional dos sujeitos; saber sobre sua cidade de origem e identificar práticas de leituras preferidas, lugares preferidos para essas práticas, preferências de leitura e percepções quanto a leituras acadêmicas e não acadêmicas.

Após a análise desses primeiros dados do questionário fechado iniciamos as entrevistas semiestruturadas e redações. As entrevistas foram analisadas qualitativamente com objetivo de conhecer a trajetória socioespacial dos sujeitos e como essa trajetória influenciou ou tem influenciado as práticas de leitura desses sujeitos e a construção de suas identidades.

Além do questionário, entrevista e redação, fizemos abordagens aos estudantes nos diversos espaços informais e formais de leitura do campus. Os estudantes abordados foram aqueles que estavam lendo alguma coisa em diferentes suportes. Perguntamos nome, idade, curso, período, o que estava lendo, porque estava lendo, se lia aquilo antes de entrar para universidade e porque da escolha daquele local para leitura.

Nos espaços informais percorremos corredores, pátio, lanchonetes, bosque e ponto de ônibus. Nos espaços formais fomos até as bibliotecas, livrarias e salas de aula. Nessa abordagem, falamos com jovens de diferentes cursos e diferentes períodos, pois nossa intenção era de ter uma visão geral e visualizar, na prática; o que se lia, porque se lia e onde se lia.

Conhecemos então o perfil socioeconômico dos sujeitos; as práticas de leitura e fizemos um mapa da trajetória socioespacial e sua influência nas práticas de leitura e na construção do pensamento reflexivo desses sujeitos.

Além dos determinantes da metodologia, dos conceitos e categorias geográficos, dos procedimentos e instrumentos de pesquisa, convém mencionar, ainda que de forma sintética, componentes do método e da abordagem que, no pleito filosófico, contribuíram para discernir os rumos da pesquisa.

O grupo de estudo, orientação e pesquisa “Espaço, sujeito e existência<sup>1</sup>”, de maneira coletiva e dialogada, tem colocado como pauta a compreensão do lugar da geografia, seus embates, suas concepções e sua intervenção no mundo atual. Tem colocado também a necessidade de construir pressupostos gerais que fundamentam as pesquisas.

Embora haja uma divergência de posições teóricas entre os membros face às suas diferenciadas trajetórias, alguns desses pressupostos são delineados como pontos de partida e referências básicas para a pesquisa da geografia atual. Uma dessas considerações baseia-se na vontade de não pender, de um lado para uma visão economicista do espaço, nem, por outro lado, pender para uma visão culturalista.

O ponto de intersecção de ambos é a consideração que a realidade espacial é junto uma aglutinação de ações sociais objetivas e subjetivas. É assim, também, que se considera o processo complexo da leitura – e do sujeito que lê, o leitor. O leitor é antes um sujeito social gerado nas relações sociais do modo de produção capitalista que lhe dá um lugar na divisão social do trabalho, a partir da qual enuncia-se como sujeito cultural. Essa enunciação se dá com a trajetória socioespacial, pois é a partir dela que se há, ou não, acesso a uma gama de leituras seja no seio familiar e/ou na escola.

Contudo, a experiência individual, ou seja, a sua trajetória socioespacial lhe confere uma existência e uma subjetividade próprias. Os dramas pessoais, a história de vida, ou um conjunto de vicissitudes da sua subjetividade, incluindo o seu desejo, o afeto, os dilemas atuam no modo de ler, nas motivações para a leitura.

---

<sup>1</sup> Grupo de estudos e pesquisas coordenado pelo orientador da presente tese.

Pode-se dizer, assim, que a leitura não se afasta, por exemplo, do modo como as diferentes classes sociais e as diferentes identidades juvenis se incluem, de maneira conflitante, no mundo econômico. Mas não se pode dizer que as classes sociais são únicas determinantes. Ou apenas determinantes abstratas (SANTOS, 1996), sem levar em consideração a existência que é vinculada aos lugares.

Convém salientar também o espectro atual da geografia brasileira, marcada pela diversidade temática, pela pluralidade de paradigmas, por um rico diálogo com outros campos do saber, propiciando a pesquisa de vários temas, ao mesmo tempo que corre o risco de cair num processo de fragmentação. Isso exige do pesquisador uma consideração a respeito do mundo (SANTOS, 1996), uma vez que os fenômenos, as situações e os objetos geográficos possuem a sua significação tempo/espacialmente.

Neste quesito, convém pensar que a mundialização capitalista atual, caracterizada pelo intenso fluxo de capitais, pela volatilização dos símbolos, pela disputa global pelo emprego, pela dispersão de informações e símbolos, pela força das redes moduláveis e pela intensa mobilidade de pessoas e símbolos criam uma fragmentação espacial que repercute no sujeito deste mundo, especialmente na juventude. Esta se fragmenta, se refaz em conflitos gerados pelos contextos históricos em que fazem parte.

Esta, comandada por referências simbólicas geralmente vulneráveis, contraditoriamente, num mundo de muitas possibilidades de leitura, pode gastar o tempo com a esteticomania, com a esportivização capitalista, com o mercolazer, com a drogadição em diferentes maneiras. A juventude é alvo das instituições hegemônicas, Estado, Mercado, religiosidades; igualmente desenvolve a sua vida diante da precarização do trabalho e do chamamento para aceder ao consumismo, ao narcisismo e outros vetores de uma subjetividade capitalística (GUATTARI, 1996).

Podemos, desse modo, afirmar que a existência vincula-se aos lugares que, por sua vez, estão relacionados com um sentido de unidade: as contradições do modo de produção capitalista. Porém, ainda que todos sujeitos desse mundo, de maneira direta ou indireta, sejam obrigados a viver por meio dessas contradições, a existência dos indivíduos, as trajetórias das diferentes identidades podem desenvolver rumos próprios, aderindo e gerando ao mesmo tempo modos de apropriação singulares dos espaços e lugares.

### **3 GOIANIA CULTA E MODERNA: SURGIMENTO DAS INSTITUIÇÕES CULTURAIS E EDUCACIONAIS**

Nesse Capítulo, discutiremos o surgimento das instituições culturais e educacionais de Goiânia e seu reflexo nas práticas culturais, educacionais e, conseqüentemente, da leitura dos estudantes da atualidade.

As práticas de leitura realizadas pela juventude, especificamente os universitários da UFG, tem suas raízes nos processos culturais responsáveis pelo surgimento das instituições educacionais. Espaços esses, onde foi possível diferentes leituras. Para esse entendimento, mostraremos como ocorreu o processo de ocupação e modernização do cerrado goiano e o surgimento das instituições culturais e educacionais e como esse processo iniciado nas primeiras décadas do século XX contribuiu para a formação cultural e leitora da atualidade.

O processo de ocupação e modernização do Cerrado goiano foi longo e preocupado em atrair investidores para o Estado. Nessa feita, os processos culturais se constituíram em pontos também explorados e usados para atrair pessoas de diversos campos.

O nível de acesso à educação e a leitura por uma pequena parcela da sociedade naquela época é refletida até hoje, pois, nos resultados, dessa pesquisa, apresentados mais adiante, perceberemos que há um histórico de falta de acesso a bibliotecas e/ou outras instituições educacionais e culturais nas trajetórias socioespaciais dos jovens universitários. Nesse tópico, veremos como surgem essas instituições e a quem elas se destinam.

A cultura, conforme Arantes (1987); Cuche (2002); Laraia (2003) e Santos (2006) é um conceito muito amplo, construído historicamente e diz respeito às diversas manifestações de uma sociedade: modo de vida, festa, religião, culinária, vestimentas, comportamentos, saberes entre outros. Laraia (2003, p. 38) ao tratar do conceito antropológico de cultura afirma que “o homem é um ser predominantemente cultural (...) pois, todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizado”.

Para discorrer sobre Goiânia culta e moderna e o surgimento das instituições culturais, trazemos inicialmente os conceitos de cultura e cultura popular com Arantes (1987), Cuche (2002), Laraia (2003) e Santos (2006). Por fim, para discorrer sobre o discurso da importância de uma cidade culta e moderna, nossos aportes são Pereira (2007), Melo (2007) e Vaz (2007).

O processo de modernização do território brasileiro foi um avanço para a consolidação de um mercado tanto interno quanto externo. Sendo assim, foi um processo necessário, já que precisava tanto da participação do Estado de Goiás em um mercado mundial quanto

local. Entretanto, tanto no Brasil como um todo quanto em Goiás, esse processo de ocupação e modernização do território, em especial das áreas do Cerrado veio acompanhado de uma elite interessada em explorar economicamente as suas potencialidades.

A elite escravocrata, em decadência, viveria, na velha Cidade de Goiás, os estertores da República Velha em nosso Estado, na derrocada do clã caiadista que apeava-se do poder em que estava desde 1909. Mesmo assim, cantava seus últimos cantos de agonia<sup>2</sup>. Na ilustração à seguir esses últimos cantos com o carnaval de 1929 realizado na Cidade de Goiás.

### ILUSTRAÇÃO 1 – Último carnaval da cidade de Goiás



Último carnaval da Cidade de Goiás em 1929, quando a cidade já sofria os envolvimento políticos que culminariam com a Revolução de 1930. O antigo Ford, como carro alegórico pertencia a Joviano Caiado de Castro Fleury, saindo da porta do casarão da Família Fleury Curado, no Cais do Rio Vermelho junto à Ponte do Carmo. Foto Alencastro Veiga, acervo de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

Nesse sentido, várias foram as transformações ocorridas no território tanto no plano econômico quanto no plano cultural. Nossa problemática, nesse Capítulo, envolve a seguinte questão: além das potencialidades econômicas, havia preocupação da elite entre as décadas de 1930 e 1970 com relação à visibilidade do Estado de Goiás, em especial de sua

<sup>2</sup> Palestra proferida por Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado em novembro de 2012 na disciplina do curso de biblioteconomia “História da cultura e dos registros do conhecimento”

capital em relação ao plano cultural? A pergunta centrada nesse período foi escolhido pois, é justamente nessa época em que há importantes transformações ocorridas na capital, como o batismo cultural por exemplo.

Partindo dos autores Melo (2007); Mendonça (1981); Vaz (2007) e Pereira (2007) pressupõe-se que o avanço econômico por meio da modernização do território, contribuiu para o incremento de novos elementos e manifestações culturais da sociedade goiana em especial da cidade de Goiânia. Essas manifestações estão ligadas, principalmente, ao surgimento de instituições culturais que traziam consigo o discurso de que Goiânia tinha, além das potencialidades econômicas, uma vocação cultural.

O processo de modernização do território e as transformações socioespaciais ocorridas no período nos mostram que, de um lado, percebe-se uma preocupação, por parte daqueles que comandavam a sociedade, com a cultura. Nesse sentido, são trazidos de fora, especificamente da Europa, elementos característicos de uma dita alta cultura: literatura, arquitetura, música entre outros.

Para Santos (2006), o estudo da cultura se torna importante por ser uma forma de combater preconceitos e pensar em nossa própria realidade social. O combate ao preconceito se deve pelo fato de que o estudo da cultura nos leva a conhecer manifestações sociais diferentes da nossa. Da mesma forma, nos faz refletir sobre nossos modos de vida, nossos pensamentos e nosso jeito de ser. Entretanto, para Cucho (2002, p. 143) “as culturas nascem de relações sociais que são sempre relações desiguais”.

Pode-se afirmar que a cultura da sociedade da capital do Estado de Goiás, com a modernização e ocupação do Cerrado, tem suas raízes tanto na cultura popular daqueles que já ocupavam esse Cerrado antes da modernização, bem como da elite local que propõe, como veremos adiante, a criação de importantes instituições culturais, proclamando um discurso de que além de moderna, a capital também era culta.

Apesar de já existir manifestações culturais provenientes de uma cultura popular Chaveiro; Barreira (2010), a elite local, durante a década de 1930 e 1970 propôs, conforme quadro 1, a criação de outras instituições culturais que atestariam a existência de cultura no Estado. Essas instituições eram uma forma de hierarquizar a cultura, pois conforme Arantes (1987, p. 14) “a partir dos lugares de onde se fala com autoridade na sociedade capitalista, o que é ‘popular’ é necessariamente associado ao ‘fazer’ desprovido de ‘saber’”. Sendo assim, para essa elite, a cultura popular de então, não era considerada cultura.

Segundo Vaz (2007, p. 9), a elite local envida esforços para criar um ambiente mais próximo de suas expectativas. Nisso, há iniciativas de criação de instituições ligadas a

uma “elite” como o Automóvel *Club*, *Rotary Club* e a Catedral. Além desses espaços, as calçadas do Grande Hotel eram frequentadas por intelectuais e políticos.

Destacamos também o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, fundado por Colemar Natal e Silva, em 1932; o Clube de Leitura Infantil Branca de Neve, do Grupo Escolar Modelo, fundado por Julieta Caiado Fleury, em 1937; a Academia Goiana de Letras, fundada por Colemar Natal e Silva, em 1939; a Associação Goiana de Imprensa, fundada por Albatênio Caiado Fleury de Godoi, em 1934; a Associação Goiana de Teatro, fundada por Otavinho Arantes em 1948; o Grupo de Escritores Novos (GEN), fundada por Miguel Jorge, em 1963; o Teatro Inacabado da AGT, criado por Otavinho Arantes, em 1967; a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, fundada por Rosarita Fleury (ilustração 2), em 1969<sup>3</sup>.

### ILUSTRAÇÃO 2 – Julieta Caiado Fleury



Julieta Caiado Fleury (1908-2002), que, em Goiânia, fundou, em 1937, a primeira biblioteca infantil, destinada às crianças do Grupo Escolar Modelo e aberta à comunidade. Chamava-se “Clube de Leitura Infantil Branca de Neve”. Foto Berto, acervo de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

---

<sup>3</sup> *Idem*, novembro de 2012.

**QUADRO 1 – Instituições culturais goianas criadas entre as décadas de 1930 e 1970**

<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>FUNDAÇÃO</b>	<b>FUNÇÕES</b>
Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, fundado por Colemar Natal e Silva	1932	Fonte de informações históricas e geográficas do Estado de Goiás
Grande Hotel	1933	“edificação considerada moderna, sofisticada, com apartamentos de luxo até então desconhecidos em Goiás” (MACEDO, 2009, p. 301)
Museu Estadual	1934	Local para preservação da memória Estadual
Associação Goiana de Imprensa	1934	Fundada por Albatênio Caiado Fleury de Godoi, importante fonte de divulgação de notícias da época
Automóvel Club	1935	Atividades sócio recreativas ligadas áqueles que possuíam automóveis.
Rotary Club	1935	Rotary é uma organização internacional de profissionais e pessoas de negócios, líderes em suas áreas de atuação, que prestam serviços humanitários, fomentam elevado padrão de ética em todas as profissões e ajudam a estabelecer a paz e a boa vontade no mundo.
Biblioteca Pública Municipal de Goiânia – BPMG	1936	Disponibilizar acervo para o público Goiano
Clube de Leitura Infantil Branca de Neve, do Grupo Escolar Modelo	1937	Fundado por Julieta Caiado Fleury, tinha como intuito promover a leitura
Catedral de Goiânia	1938	Congregação religiosa.
fundado por Julieta Caiado Fleury	1939	Fundada por Colemar Natal e Silva, espaço de convivência de ilustres escritores goianos
Cine Teatro Goiânia	1942	Criado para ser palco de peças teatrais
Primeira emissora de rádio	1942	Tinha como função divulgar o Estado e suas potencialidades econômicas
CGF – Comissão Goiana de Folclore	1948	Nasceu com o objetivo divulgar, conhecer e preservar o folclore goiano. À época muitos intelectuais estavam envolvidos na sua criação (SILVA, 2008)
Associação Goiana de Teatro	1948	Fundada por Otavinho Arantes, espaço de discussão e promoção do teatro
Galeria Cine Ouro	1960	“palco das primeiras exibições de filmes na capital Goiânia” (MACEDO, 2009, p. 301).
Grupo de Escritores Novos (GEN)	1963	Fundado por Miguel Jorge, espaço para novos escritores
Biblioteca Estadual Pio Vargas (Ela se chamou Biblioteca Pública Estadual de Goiás, depois Biblioteca Pública Municipal Maximiano da Mata Teixeira e só em 1990 teve o nome de Pio Vargas	1967	Disponibiliza acervo para todo público goiano com acervo rico em mapas, livros e filmes.
Teatro Inacabado da AGT	1967	Palco de grandes apresentações culturais e artísticas
Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás	1969	Fundada por Rosarita Fleury, espaço para as mulheres artistas e escritoras

**Elaboração: Andréa Pereira dos Santos, 2014**

Essas instituições de cultura e leitura eram então elementos de uma chamada alta cultura, pois conforme Santos (2006, p. 35) “a alta cultura surge como marca das camadas dominantes da população de uma sociedade; se opõe à falta de acesso à ciência, à arte e à religião daquelas camadas dominantes”. Como a cultura popular existente na época era desprovida desses elementos, era preciso criar espaços em que essas manifestações fossem possíveis.

À época da ocupação do Cerrado goiano, havia uma preocupação em se progredir e crescer no plano cultural, para que a cidade não fosse vista como atrasada por outras regiões do país e do mundo. Muitas famílias com elevadas condições financeiras mandavam seus filhos estudar na Europa ou em bons colégios da Corte, onde traziam maneiras elegantes e fidalgas (MENDONÇA, 1981). Tal fato porque havia preconceito, tanto em Goiás quanto no Brasil, a respeito da cultura popular, vista como não cultura. Cultura mesmo era o que vinha de fora, da Europa.

A própria construção da capital, segundo estudos feitos por Melo (2007), traziam anseios nos quais a modernidade era sinônimo de civilização e era preciso pensar em uma arquitetura baseada em modelos europeus. Tanto que segundo Mello (1996), *o art déco* recebeu influências das vanguardas do início do século, tais como o cubismo, o construtivismo russo e o futurismo italiano.

A Marcha para o Oeste atraiu, como vimos anteriormente, tanto pessoas com baixo poder aquisitivo em busca de oportunidades, quanto atraiu também investidores e grandes fazendeiros interessados em ampliar seu capital financeiro. Esses últimos, muitos deles ligados a uma elite política da época, podiam importar cultura e educação de fora.

A cidade de Goiânia nas suas primeiras décadas de capital demonstrava ser além de moderna ser culta, ou pelo menos parecer culta. Uma das providências foi a construção e inauguração da Biblioteca Pública Municipal de Goiânia – BPMG no final da década de 1930. A inauguração foi noticiada em vários jornais da capital e fora do Estado. Melo (2007, p. 87) afirma que:

Goiânia, para ter face da modernidade, do progresso e da cultura urbana e, assim, garantir o seu pertencimento à nação civilizada, precisa reforçar e divulgar os mitos que lhe consagrariam essa posição. Com certeza: as práticas de leitura na BPMG, como uma das cartas do jogo, entrelaçam-se com práticas outras de leitura existentes (...) para sustentação desse cenário letrado.

Como completa a autora, na inauguração da biblioteca pública, apenas a elite estava presente, excluindo o público geral; a quem era destinada a biblioteca. A biblioteca foi

inaugurada com apenas 70 exemplares (MELO, 2007). Apesar do pequeno acervo, ter uma biblioteca era sinônimo de interesse por cultura e leitura.

Essa biblioteca foi idealizada por um grupo de moças do chamado “Bando da Alegria”. Elas fizeram o primeiro jornal de Goiânia, manuscrito, intitulado *Que me importa*. Eram jovens estudantes, vindas da Cidade de Goiás, motivadas a descreverem suas primeiras experiências numa nova cidade. Eram dirigidas por Rosarita Fleury, Célia Coutinho Seixo de Britto, Eurydice Natal e Silva Juliano e Maria das Graças Fleury Pires de Campos<sup>4</sup>.

### ILUSTRAÇÃO 3 – Bando da alegria



“Bando da Alegria”, grupo de jovens que liam e promoviam eventos. Este, em 1936, às margens do então limpo e piscoso Córrego Botafogo, vendo-se o Cerrado mais além, onde, hoje, é o Setor Universitário. Acervo de Bento Alves Araujo Jayme Fleury Curado.

Desse período destaca Fleury (1985, p. 66):

Ainda em 1936, aconteceu a fundação da primeira Biblioteca de Goiânia. Foi idealizada por nossa turma buliçosa que não achava hora para sossegar. Éramos cinco a sonhar com isto. Maria das Graças Fleury, Virgínia e Tuniche Vieira, Maria Felix de Sousa (Dolly) e eu. Para tanto, organizamos o “Baile do livro”, cujo ingresso para os senhores era um livro. Lembrome de haver escrito e enviado o convite a muitos amigos e conhecidos, explicando nossos planos e pedindo um livro. A sessão inaugural foi seguida de animado baile, realizado no edifício da Assembleia e onde, provisoriamente, se achava instalado o Fórum, na Avenida Tocantins. O local hoje é sede da Loteria Estadual. Conseguimos o salão à duras penas, e a

---

<sup>4</sup> *Idem*, novembro de 2012

organização do mesmo ficou por nossa conta. Mas, lá pelas tantas, quando o baile estava bem animado, ouvimos, um tanto assustadas que havia sido escolhido para dirigir a biblioteca o Dr. Joaquim Câmara Filho, Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda. Às fundadoras couberam pequenas funções de auxiliares. Foi esta a primeira demonstração de discriminação contra a mulher sentida na pele em Goiânia. Contudo, a festa foi um sucesso, tendo sido arrecadados 78 volumes e uma estante, início da primeira Biblioteca de Goiânia, semente da atual Biblioteca Municipal.

#### ILUSTRAÇÃO 4 – Rosarita Fleury de Bicicleta



Rosarita Fleury (1913-1993), de bicicleta, a entregar os convites do “Baile do Livro”, em Goiânia. Ao fundo, as primeiras construções da Avenida Araguaia na “Capital brotinho”. Tudo era, ainda, um imenso Cerrado. Foto Berto, acervo particular de Bento Alves Araujo Jayme Fleury Curado.

Destacamos um estudo realizado por Barra (2008) que indica essa preocupação com a cultura Goiana nascendo bem antes do processo de modernização do Estado e da criação da capital. Segundo Barra (2008), o Gabinete Literário Goiano surge no ano de 1864 e seria a primeira biblioteca pública do Estado, já que outras possíveis existentes eram de uso escolar. O que o estudo da autora mostra, também, que apesar de ser considerada uma biblioteca pública, ela só tinha 90 sócios. Dentre esses, a maioria, cerca de 80 a 90% eram homens e de classe social avantajada. A primeira biblioteca pública de Goiás surgiu em 1830 na cidade de Pirenópolis, fundada pelo Coronel Joaquim Alves, do Engenho da Babilônia, fundador, também, do primeiro jornal *A Matutina meiapontense*<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> *Idem*, novembro de 2012

### ILUSTRAÇÃO 5 – Cidade de Goiás



Cidade de Goiás. A última casa à esquerda é a sede do Gabinete Literário Goyano há 150 anos! Acervo particular de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

Destacamos, também, o surgimento em 1948 da CGF – Comissão Goiana de Folclore, nascida com o objetivo divulgar, conhecer e preservar o folclore goiano. À época muitos intelectuais estavam envolvidos na sua criação (SILVA, 2008). A grande motivadora desse processo de valorização da cultura popular em Goiás foi Regina Lacerda (1919-1992), autora dos primeiros estudos sobre a arte do povo em nosso Estado. A CGF, segundo Silva (2008), assim como as demais políticas culturais em todo Brasil, tinha a preocupação de preservar as manifestações culturais autênticas ameaçadas de desaparecimento por conta do progresso vivido pelo Estado e pelo Brasil nesse momento histórico.

### ILUSTRAÇÃO 6 – Paneleiras e poteiras

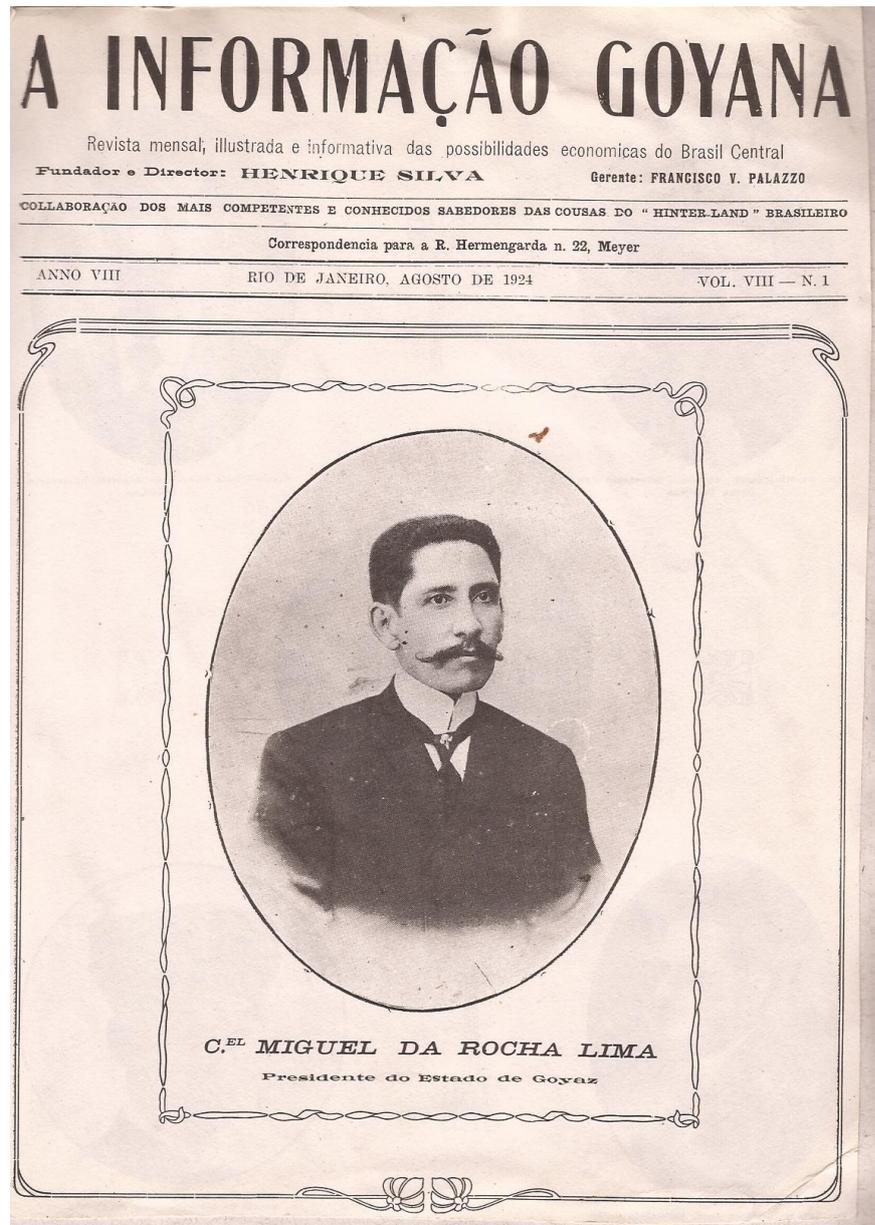


Regina Lacerda, em 1948, quando se criou a Comissão Goiana de Folclore. Seu primeiro trabalho foi sobre as “paneleiras e poteiras”, da Cidade de Goiás. Acervo de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

Havia também, desde antes mesmo da construção da capital, a preocupação dos intelectuais goianos a respeito da imagem do Estado. Segundo Pereira (2007, p. 119) “intelectuais goianos passaram a atuar, a partir da primeira década do século XX, de forma mais intensa, no sentido de se viabilizar um progresso futuro para o Estado”. Várias estratégias foram tomadas. Uma delas divulgação da cidade em meios de comunicação, em especial jornais.

Para Pereira (1997, p. 119): “Na valorização de Goiás foi utilizada (...) a imprensa regional e nacional. Uma das frentes mais visíveis dessa atuação foi a revista *‘Informação Goyana’* (...) cumprindo o objetivo principal de divulgar uma imagem positiva de Goiás para nação brasileira”. Nesse primeiro momento, assinala a autora, era preciso passar uma imagem positiva para atrair investidores para o Estado e assim participar do processo de modernização que ocorria por todo o Brasil. O grande propagandista goiano desse tempo foi Henrique Silva (1875-1935), coadjuvado por Antonio Americano do Brasil (1892-1932), ambos, redatores da *Informação Goyana*.

**ILUSTRAÇÃO 7 – Página de rosto da revista “A informação Goyana”**



Página de rosto da *Revista Informação Goyana*, de 1924, que homenageou Miguel da Rocha Lima, que era Presidente do Estado de Goyaz. Acervo particular de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

A partir dessas leituras, vê-se tanto uma preocupação com a imagem ligada a atração de investimentos quanto a de passar uma imagem de cidade culta. As informações divulgadas no início do século XX tentam, primeiramente, atrair o progresso e no segundo momento, a preocupação de mostrar uma cidade que, além de ser moderna é também culta.

Em 1942, segundo Pereira (1997), ano do Batismo Cultural, Goiânia foi palco de vários eventos culturais. Segundo Mendonça Teles (*apud* PEREIRA, 1997, p. 121):

Quando Pedro Ludovico idealizou o projeto de Goiânia, ele sabia, enquanto intelectual, que uma cidade não se levanta somente com bases materiais:

mais do que nunca, as raízes culturais devem ser fincadas como alicerce seguro e protetor das tradições que irão moldar o comportamento das gerações futuras. E, por isso, ele convocou os jovens, moços idealistas (...) Assim, cercados de jovens talentosos, de tradição humanística, foi-lhe possível erigir a Nova Capital sob o signo da educação e cultura. A fundação da Academia Goiana de Letras, a construção do Lyceu de Goiânia, Escola Técnica Federal, Escola Normal, Grupo Escolar Modelo e Museu Estadual atestam esta assertiva (sic).

### ILUSTRAÇÃO 8 – Baile do Batismo cultural



Baile do Batismo Cultural de Goiânia no Palácio das Esmeraldas. Ao centro dona Gercina Borges Teixeira, primeira dama do Estado e as jovens e senhoras de então, destacando-se na linha de frente Rosarita Fleury, Julieta Caiado Fleury, Amália Hermano Teixeira, Ninpha de Moraes Lobo, Maria Lucy Alencastro Veiga e muitas outras. Foto Berto, acervo particular de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

O Batismo Cultural significou o nascimento de uma cidade culta. Essa era uma das principais preocupações de Pedro Ludovico.

E vieram autoridades das mais representativas da vida educacional e científica do país (...) Realizou-se o VIII Congresso Brasileiro de Educação, e também a sessão de Assembleias Gerais do Conselho Nacional de Estatística, do Conselho Nacional de Geografia e da Sociedade Brasileira de Estatística (...) Inaugurou-se o Cine Teatro Goiânia, com apresentação da peça 'Colégio Interno' com a consagrada artista Eva Tudor, e do filme 'Divino Tormento' estrelado por Jeanete Mac Donald e Nelson Eddy. No Palácio das Esmeraldas, com a presença de representantes de todo o Estado e Municípios goianos, apresentou-se a orquestra Sinfônica de Goiás, sobre a regência do saudoso Maestro Joaquim Edson de Camargo. Estava culturalmente inaugurada a nova Capital de Goiás. Mas, no meio de todos

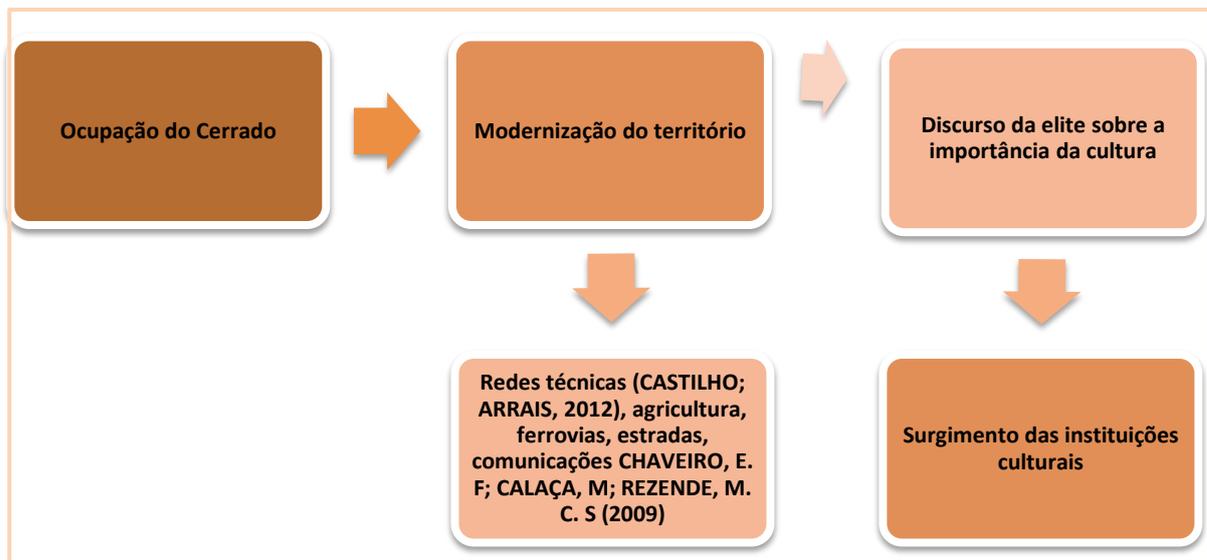
esses acontecimentos notáveis, algo marcou profundamente o Batismo Cultural: a circulação, naquele 5 de julho, da revista *Oeste* (TELES *apud*<sup>6</sup> PEREIRA, 1997, p. 121).

A circulação de um periódico significava a divulgação dos feitos à comunidade em geral e ao país. “Um dos propósitos fundamentais dessa revista (*Oeste*) era estabelecer o suporte cultural para o emergente Estado de Goiás. As bases desse pensamento (...) estavam afinadas com o pensamento difundido pelo Estado Novo” (PEREIRA, 1997, 122). Fazia-se propagandas sobre as potencialidades do Estado de Goiás no desenvolvimento do Brasil.

Da mesma forma destacamos outros meios de circulação da informação como o rádio, por exemplo. Marques (2008) afirma não ter referências para estabelecer quando o rádio chega em Goiás; porém, destaca a primeira emissora surgida no ano de 1942, a Rádio Clube de Goiânia. A função do rádio, como destaca o autor, se assemelha com os outros meios de comunicação (jornais e revistas), ou seja, promover o Estado e atrair o progresso.

A ilustração a seguir apresenta um esquema mostrando como se deu o processo de ocupação do Cerrado, a modernização e o discurso sobre a importância da cidade em ser moderna e também culta, de forma a atrair imigrantes e investidores.

### ILUSTRAÇÃO 9 – Cerrado: ocupação, modernização e o discurso de uma cidade culta



Elaboração: Andréa Pereira dos Santos, 2012

<sup>6</sup> Não consegui o texto original, por isso o uso do *apud*

O processo de ocupação e modernização do Cerrado goiano não passou somente por uma revolução técnica, mas por um conjunto de ações de cunho cultural daqueles que tentavam construir um Estado forte.

O processo de ocupação e modernização do território e ocupação do Cerrado não significou simplesmente um avanço econômico. Vimos o discurso da elite daquela época, ao destacar que a capital do Estado tinha uma preocupação com a cultura e por esse motivo investiu em instituições que fossem palco de manifestações culturais à altura da elite local daquela época.

Mas, essa preocupação com a cultura se constitui, igualmente, em um discurso que pretendia promover o Estado e conquistar tanto migrantes quanto investidores. Por esse motivo era importante investir em cultura. Um Estado o qual se importava com a cultura seria melhor visto pelas elites de outros, pois demonstrava ser um local onde haveria opções de lazer e entretenimento para uma elite educada nos moldes europeus. Essa imagem poderia atrair investidores para o seu desenvolvimento.

Entretanto, antes mesmo do nascimento de Goiânia e Batismo Cultural, já existiam no Estado instituições Culturais como, por exemplo, no final do século XIX o Gabinete Literário Goiano. Tal fato demonstra uma preocupação com a cultura anterior ao processo de modernização. Lembrando que a ênfase e a preocupação com a cultura se torna mais intensa durante o processo de modernização. O surgimento de diversas instituições culturais foram o berço para o avanço da cultura educacional, pois a partir daí surgem as principais instituições de ensino de Goiás a Escola Técnica (hoje Instituto Federal de Goiás - IFG) e a Universidade Federal de Goiás - UFG.

As práticas de leitura da juventude da UFG demonstradas nos resultados mais adiante, confirmam que toda essa transformação cultural ocorrida à época da ocupação e modernização das áreas do Cerrado, não foram democráticas às classes sociais. Tal fato porque, os jovens com menor poder aquisitivo que responderam o questionário e/ou participaram da entrevista/redação, disseram não ter tido tanto acesso a leitura quanto àqueles que viviam em famílias com melhores condições financeiras.

A expansão e modernização das áreas de Cerrado contribuíram para a manutenção e re-criação de territórios identitários e esses contribuíram para a formação de lugares onde as pessoas, especificamente, os jovens pudessem estabelecer o projeto reflexivo do eu. Essa expansão e modernização fez nascer, por fim, a metrópole. No próximo capítulo nosso objetivo será analisar teoricamente o lugar e o território na constituição das identidades juvenis na metrópole.

#### 4 A METRÓPOLE E O LUGAR NA CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES JUVENIS

Nossa proposta para este Capítulo é a de discutir o território e o lugar na constituição das identidades juvenis. Para tal, faremos uma reflexão sobre a multiplicidade de lugares possíveis no território e como a juventude tem se transformado no espaço/tempo. A partir daí, analisaremos o ser jovem a partir da consideração de que não se pode mais falar de um único tipo ou modo de ser da juventude e sim considerar que há várias juventudes.

No primeiro tópico, abordamos as trajetórias juvenis; a construção das identidades e uma reflexão de como a juventude se encontra e se estabelece num território de mil lugares, ou seja, composto de diversos signos, imagens e símbolos. No segundo tópico, traçamos os conceitos atuais de juventude, ao frisar que não se trata de defini-la pela faixa etária e, sim, pelo seu comportamento e modo de viver na atualidade. Tais discussões são importantes para entendermos como se dão as práticas de leitura abordadas no capítulo seguinte.

A juventude é uma categoria em constante mutação não só em um sentido histórico, mas, também, num viés geográfico. Não só a história muda ou molda o modo de ser ou de se definir a juventude. As práticas sociais da juventude estão diretamente associadas a sua existência e, conseqüentemente, a suas relações socioespaciais.

Essas relações contribuem para a formação de suas identidades pessoais e para uma reflexão sobre seu eu. É no território e no lugar que ocorrem o processo de identificação (HALL, 2001; ALMEIDA, 2012) e, nesse processo, formam-se grupos que lutam pelos mesmos ideais. Criam-se lugares. E é no lugar que há trocas: de ideias, saberes, leituras.

Viver na, ou, a metrópole é uma realidade para juventude universitária, em especial da UFG sujeitos da nossa tese, a qual é oriunda não só das grandes cidades, mas, também, do interior e até mesmo da zona rural. Como nossa preocupação inicial é construir uma discussão acerca da juventude e seu lugar na metrópole, trabalhamos o conceito de lugar e metrópole.

Nessa discussão, o primeiro passo é entender esses conceitos: o que é o lugar? Porque a categoria lugar foi, de um ponto de vista teórico, mais interessante para discutir essa temática? A discussão da metrópole torna-se importante, uma vez que, é nela que há uma interação, um encontro da juventude, pois, a metrópole é o espaço do múltiplo.

Também, discutimos o jovem e seu lugar na metrópole. Nesse tópico, o que trazemos são questionamentos e pressupostos acerca das leituras praticadas pelos jovens tendo como ponto de referência a afirmação de que o lugar é construído pela existência. Se é pela

existência que o lugar é construído, a própria dinâmica socioespacial pode influenciar nas práticas da juventude, inclusive nas práticas de leitura.

#### 4.1 TRAJETÓRIAS JUVENIS E CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES: TER UM LUGAR NUM TERRITÓRIO DE MIL LUGARES

A trajetória juvenil é marcada por grandes transformações ocorridas na história recente. Cada período histórico revela características marcantes da juventude daquela época. A simbologia “juventude” ou a “identidade juvenil” ou até mesmo “cultura juvenil” sofre alterações em todo momento. Se, antes, o jovem queria parecer “mais velho” para usufruir da “liberdade” de ser adulto, hoje ocorre o contrário. Deseja-se ser sempre jovem, pois a juventude está associada à beleza, a energia, saúde e, também, pela liberdade conquistada.

Com o passar dos tempos, os modos de vida e comportamento “jovem” mudam tanto a partir de um viés histórico quanto geográfico. A seguir apresentamos como essas mudanças ocorrem no decorrer das décadas.

Os anos 1950 são considerados os anos dourados (CARMO, 2000). Esse período histórico foi marcante para a juventude. Os estilos musicais, como o rock eram apreciados como forma de demonstrar ideologias. Nessa época, as moças eram criadas para serem donas de casa e os rapazes, como sempre, podiam e deviam ter uma liberdade sexual maior. Entretanto, nem todos seguiam o mesmo crivo proposto pela época. Muitas moças ousaram a liberdade e a sexualidade e muitos jovens (homens e mulheres) pregavam o existencialismo como forma de viver (CARMO, 2000).

O existencialismo<sup>7</sup> foi uma característica marcante desse tempo, pois se acreditava que diferente do que sempre foi posto, a vida não era predestinada. As pessoas marcavam sua existência a partir de suas próprias práticas e de seu livre arbítrio. Assim, elas poderiam moldar ou mudar suas vidas por meio de ações individuais.

Os anos de 1960 são considerados os anos da rebeldia. Tem destaque, nessa década, os movimentos juvenis de contracultura. “Trata-se da reivindicação de um estilo de vida diferente da cultura oficial, valorizada e defendida pelo sistema” (CARMO, 2000, p. 51).

Os anos 1960 marcam, também, a revolta estudantil. Em 1968, a juventude de vários países da Europa, da América Latina, dos Estados Unidos e do Japão questionava os

---

<sup>7</sup> Para os existencialistas, a existência tem prioridade sobre a essência humana, portanto o homem existe independente de qualquer definição pré-estabelecida sobre seu ser. (<http://www.infoescola.com/filosofia/existencialismo/>)

sistemas educacionais e puseram em questão a cultura em seus variados aspectos: costumes, sexualidade, moral e estética. Criticavam o capitalismo e a alienação provocada por esse sistema econômico (CARMO, 2000).

Catani (2008, p. 38) afirma que “a ampliação das classes médias urbanas promoveu também o aparecimento de novos segmentos que tiveram acesso à escola”. O acesso à escola a uma gama maior de jovens contribuiu para a diminuição do analfabetismo e aumento do letramento dos jovens e, como consequência, potencializou os movimentos juvenis.

Para Carmo (2000), os anos de 1970 são os anos da ressaca. Esse período é marcado por uma juventude em busca de liberdade e vida simples. O uso de drogas como a maconha era um desses símbolos da liberdade. Jovens de famílias bem estruturadas financeiramente preferiam sair de casa e viver uma vida simples.

Evidente que havia outros jovens os quais não tinham a mesma visão e prática de vida e preferiam viver com os pais e ver televisão. Não só nesse período, mas em todos os outros períodos, havia as diferentes juventudes que demonstravam comportamentos diferenciados.

Em 1980, no Brasil, as bandas de rock nacional ganham espaço cada vez maior. Para Carmo (2000, p. 154): “A geração dos anos 1980 viveu, no Brasil, a chamada década perdida, com inflação e retrocesso econômico e, em todo o mundo, a falta de vontade política da juventude era atribuída à morte das utopias e ao fim das ideologias”.

Já os anos de 1990 marcam a ida dos jovens à rua de caras pintadas. Com os maus rumos tomados na era Collor (corrupção, confisco de poupança, CPI, inflação) os jovens tomam as ruas com as caras pintadas de verde amarelo pedindo o *impeachment* do presidente (CARMO, 2000).

A chamada juventude dourada dos anos 90, por ser mais visível, é também a mais observada pela mídia. Nas pesquisas realizadas, detectou-se que ao contrário da geração dos 60, cheia de certezas, atrevida, revolucionária, a dos 90 apresentava muitas dúvidas. Quer mudanças, mas não é revolucionária (CARMO, 2000, p. 167).

A década de 1990 é influenciada, também, pela democratização, cada vez maior, do acesso a internet. “Plugados na Internet, os chamados “*tens* globais” são cidadãos do mundo não mais antenados na ideologia de 1968, em Marx, e, sim na autoestrada da comunicação *online*, via Bill Gates” (CARMO, 2000, p. 167).

Zuenir Ventura citado por Carmo (2000), afirma que uma parte dessa tribo juvenil é dourada e pintou o rosto para depor Collor e seguiu em frente. Mas, existe a outra que não reluz, a qual vive nas periferias ou subúrbios e compõe a grande parte do Brasil real.

Esses jovens pouco visíveis não chegam a considerar os caras pintadas ou “alemães”, em sua gíria, ou estranhos, mas são bastante indiferentes a eles. Perguntado a um desses rapazes pobres por que o seu grupo não tinha participado das passeatas pela queda do presidente Collor, a resposta foi que isso “era coisa de mauricinhos” (CARMO, 2000, p. 167). Essa afirmação de um desses jovens revela certa apatia com relação aos movimentos sociais de cada época. Nem todos participaram de todo o processo revolucionário. Dependia do ambiente socioespacial que cada um vivia.

O cenário dessa década de 2010, ou especificamente o ano de 2013, parece reavivar as grandes manifestações. Milhares de pessoas em todo Brasil, não só jovens, mas a grande maioria jovem, saiu as ruas em protesto contra as passagens de ônibus, corrupção, melhores condições na educação entre outras questões.

O diferencial dessas manifestações foi a grande participação de famílias inteiras, inclusive crianças. Foi também marcada por vandalismo, violência e falta de respeito tanto das autoridades quanto de pequenos grupos de vândalos infiltrados entre os manifestantes. A internet foi aliada dessas manifestações, pois, foi, principalmente, por meio das redes sociais que os grupos de manifestantes organizavam as passeatas Brasil afora.

Essas manifestações ganharam grande destaque na mídia brasileira e duraram vários dias. O resultado foi positivo. Muitas das reivindicações dos manifestantes foram atendidas pela então presidenta Dilma Rousseff e por governadores e prefeitos de várias cidades.

Destaca-se a presença da juventude universitária em todos os períodos históricos de transformação e manifestações juvenis. Na maioria das vezes, as revoluções nascem com eles, dentro das universidades. “Nas décadas de 60 e 70, os movimentos estudantis tornaram-se o símbolo por excelência da juventude. Ser jovem significava, sobretudo, ser estudante” (CATANI, 2008, p. 38).

É característico pensar na juventude universitária como aqueles jovens que, se antes eram apáticos aos acontecimentos, ao entrar na universidade juntam-se com novas ideias, leituras e a uma liberdade de busca por conhecimento. Eles se tornaram mais reflexivos e, por consequência, “revolucionários”.

Essas características adquiridas pela juventude em sua trajetória na universidade, como poderemos atestar nos resultados, é possível justamente porque a “academia” reúne várias pessoas, de vários grupos, tribos vivendo uma inter e multidisciplinaridade.

Durante todos esses anos, os jovens eram contestadores tanto da sua condição de ser jovem quanto dos movimentos políticos existentes em cada época. Em todos os tempos, a juventude era vista como problemática e rebelde. Mas, essa rebeldia faz parte do processo de construção do seu próprio eu. É durante a adolescência e juventude que é construída a personalidade de cada um. Porém, essa construção não é fácil, pois, muitas vezes as visões de mundo dos jovens em determinado período histórico se contrapõe ao pensamento dos adultos de então.

O que leva a juventude a protestar, em muitos casos, são as problemáticas presentes na sociedade. Catani (2008, p. 37) afirma que “a(s) juventude(s) é(são) um produto próprio das cidades, [assim] fica claro que esse segmento é particularmente afetado pelos problemas e vantagens dos espaços urbanos”. Estar na universidade potencializa o reconhecimento dos problemas dos espaços urbanos. Desse modo é mister considerar como a universidade, enquanto território, potencializa práticas de leitura que mudam/moldam as subjetividades e modos de pensar da juventude.

Diante dessas transformações apresentadas é preciso caracterizar a juventude da atualidade. Existe um conceito de juventude que seja atual e valha para todos? Ou existe apenas uma busca por, mesmo em idade cronológica não jovem, desejar sempre viver a juventude? No próximo tópico apresentamos algumas reflexões.

#### 4.2 SER JOVEM OU VIVENCIAR A JUVENTUDE

O que caracteriza ser jovem? Diz-se que a juventude é um processo de transformação da identidade individual e coletiva (SPOSITO; CORROCHANO, 2000), em que há busca pela personalidade própria a partir da identificação com outros (HALL, 2001).

A princípio definir o que é juventude na contemporaneidade é uma tarefa complexa. Os órgãos reguladores como a Organização Mundial da Saúde – OMS; o Estatuto da Criança e do Adolescente, entre outros procuram estabelecer esse período na faixa etária de 12 a 17 adolescente e de 18 a 25 anos jovem. Ademais, vivenciamos outra realidade. Vê-se que a juventude tem-se perdurado por muito mais tempo, não só pela aparência física, como pelo comportamento de muitos jovens adultos: “entrada no mundo adulto se faz cada vez mais

tarde (estendendo ainda mais o tempo da juventude), segundo etapas variadas e desreguladas, sem uma linearidade padrão” (ABRAMO, 2008, p. 44).

Da mesma forma, percebemos que há jovens, inclusive adolescentes, que demonstram uma maturidade para além da pouca idade. “(...) hoje o alerta inicial é o de que precisamos falar de *juventudes* no plural, e não de *juventude*, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição” (ABRAMO, 2008, p. 43). Tais condições perpassam pela história cultural de cada um, bem como a aspectos econômicos e sociais envoltos na trajetória de cada um.

Nessa mesma perspectiva Cavalcanti (2011, p. 8) dirá:

A categoria juventude é entendida como uma construção social. Não pode ser tomada em sua base biológica, mas, pode-se limitá-la para os estudos em faixa etária, sendo que muitos deles consideram a faixa entre 15 a 24 anos. No entanto, ressalta-se a necessidade de se considerar contextos específicos e suas diferenças, e de se falar em *juventudes* e em *culturas juvenis*, no plural, para expressar elementos de identidade e processos de identificação de inúmeros grupos sociais.

Os jovens são personagens criativos. E essa criatividade reflete no seu modo de vestir, nas músicas, amizades e no seu dia a dia. O que torna o jovem tão criativo é justamente sua coragem em correr risco e sua curiosidade. Por esse motivo que o risco das drogas, do trânsito são latentes nessa idade.

Para Libâneo (2004), a juventude é uma construção social que se altera em diferentes épocas. A juventude da atualidade se mostra diversificada justamente por conta de um contexto social repleto de transformações, principalmente no que diz respeito ao acesso à informação. Grande parcela<sup>8</sup> da juventude não é mais presa a um conhecimento dado e gerado somente pela escola e pelos pais.

Hoje, com o acesso a Internet, parte desses jovens buscam informações, conhecem pessoas por meio da rede. Esse comportamento transforma as relações vivenciadas pela juventude e o impulsiona a diversificar suas identidades sociais.

Vivenciamos na atualidade a era do capitalismo, da globalização e da mundialização da cultura (ORTIZ, 2006). O capitalismo estimula o consumismo e a vontade de possuir o que é ofertado pelo mercado tecnológico e cultural. Consumo este que interfere na exploração da natureza e por vezes, afeta nosso ecossistema. Cada país, estado/nação, cidade, bairro tem um potencial de consumo o qual afeta/interfere nos modos de vida dos seus

---

<sup>8</sup> Tentamos deixar claro nesse texto com essa afirmação que o acesso às tecnologias da informação ainda não são para todos.

sujeitos. “Os processos de acumulação do capital não existem, obviamente, fora dos respectivos contextos geográficos e essas configurações são por natureza bastante diversificadas” (HARVEY, 2011, p. 120). Esses contextos geográficos diversificados dependem do potencial tanto de matéria prima quanto de escoamento ou mobilidade das mercadorias. E pode afetar, sobretudo, a maneira de ser e viver da juventude da atualidade.

Claro que assim como há diferentes juventudes, há diferentes formas de consumo por parte desse segmento de sujeitos. Se considerarmos aqueles que vivem ou vivenciam a metrópole, perceberemos a possibilidade de consumo mais facilitada do que para aqueles da zona rural. Essa facilidade se dá pela proximidade de grandes centros de consumo como *shoppings*, mercados, feiras e pela mobilidade facilitada pelos meios de transporte. Outra diferença da forma de consumo se deve a renda familiar. Há produtos para consumo disponíveis a todas as classes sociais mesmo para aquelas as quais dependem de ajuda financeira do governo. Ou seja, o pouco que ganham é todo consumido pelo capitalismo globalizante.

A globalização não deixa de ser alimentada pelo capitalismo e não deixa de interferir no modo de ser e viver da juventude atual. O jovem hoje é conectado. As redes sociais conectam jovens de várias localidades e de diferentes classes sociais e grupos. Por meio da internet é possível fazer e desfazer amizades em um curto espaço de tempo. Ao mesmo tempo possibilita ao jovem conhecer diferentes culturas ou vivenciar essa mundialização da cultura a qual é definida por Ortiz (2006, p. 30) como “um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais. Para existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais”. Essas práticas culturais criam limites, ou seja, a mundialização da cultura não destrói fronteiras, pois nem todos são capazes de consumir.

A juventude é então exposta ao capitalismo, à globalização e à mundialização da cultura em diferentes graus. O mundo que lhe é apresentado é repleto de incertezas e problemas fruto do consumo exagerado, do excesso de informação e de bens culturais. Construir sua identidade no contexto atual não é tarefa fácil e precisamos aceitar que é normal as diversas mudanças ocorridas nas trajetórias dos jovens. Tendemos a taxar a juventude de volátil, flutuante, dispersa, indecisa. Mas, o contexto do mundo é esse e o jovem é vítima e não réu desses acontecimentos.

As entrevistas, questionários e redações aplicadas aos jovens universitários mostram que eles são críticos ao mundo atual<sup>9</sup>. Apesar de compreenderem que há benefícios do uso das redes sociais, fazem críticas a elas. Do mesmo modo, analisam com criticidade vários aspectos da vida da metrópole: trânsito, poluição, barulho, educação, comércio, consumo etc.

Da mesma forma, apresentam um amadurecimento em relação às informações obtidas por meio das mídias. Não acreditam em tudo, tentam analisar o contexto em que a informação é apresentada e conhecem diversas fontes de informação a fim de comparação de notícias.

Essa juventude não é mera expectadora das transformações que ocorrem no mundo. Tentam, de alguma forma, refletir sobre os acontecimentos e seu reflexo tanto na sua vida pessoal, profissional e coletiva.

Fora da realidade dos jovens da universidade há uma maioria de jovens relegados, marginalizados e que vivem nas periferias do Brasil. Segundo Takeuti (2012), esses jovens são negligenciados das políticas públicas e tendem a conviver com descaso social e são culpabilizados pela violência de hoje em dia.

Em todo momento, o jovem busca seu “Lugar” onde sua existência tenha sentido e onde ele possa estabelecer relações de aproximação e de identificação. Na maioria das vezes, formam-se grupos ou tribos (MAFFESOLI, 2006), que comungam de uma ideia comum, que se reúnem e convivem, seja no espaço físico ou nas redes sociais da Internet.

Em cada época eles estão em busca de sua identidade, entendendo que esta é construída por processos de identificação conforme pontua Hall (2001). E, em cada momento histórico da vida da juventude, as transformações socioespaciais, por conta das mudanças políticas e culturais, tem muita influência no comportamento deles.

Com o processo de globalização, mesmo o jovem que vive em ambiente rural ou na periferia pode ter acesso a uma infinidade de objetos, como a Internet, por exemplo, a televisão a cabo, que são elementos característicos da metrópole. Nesse sentido, eles podem não viver na metrópole, mas vivenciam-na por meio das redes sociais e pela interação com os outros.

Diante desses diálogos com os autores citados anteriormente fica a questão: como definir a juventude da atualidade? Para Turra Neto (2004, p. 1999) a “juventude seria uma

---

<sup>9</sup> Não se pode afirmar que essa é uma visão geral da juventude da atualidade, pois aqui falamos dos jovens dessa pesquisa, ou seja, universitários e boa parte com considerável renda familiar. Portanto, a visão apresentada não reflete a juventude como um todo.

fase de transição e crise; uma fase ambígua em que se pode experimentar sem se comprometer com nada”. Segundo esse autor, a crise seria a dúvida, as angústias próprias dessa faixa etária. E a experimentação, entendemos, vem da vontade de circular, descobrir e explorar uma diversidade de sentimentos e sensações sem ter que se comprometer.

Em outro momento, Turra Neto (2013) citando alguns autores esclarece que juventude não pode estar presa às faixas etárias estabelecidas, pois diferentes grupos de jovens podem vivenciar diferentes gerações mesmo estando na mesma faixa etária. Coloca como exemplo, jovens da cidade e da zona rural. Fala, também, que o aumento da escolarização tardia e avançada é uma das características da juventude prolongada.

Devemos pensar o conceito de juventude ligado a uma espacialidade: “a preocupação contextual deu abertura para pensarmos que as trajetórias biográficas não são só temporais, mas são também espaciais, resultados de diversas conexões que se realizam num aqui- agora específico (num lugar)” (TURRA NETO, 2013, p. 38).

Desse modo, a convivência em um determinado lugar ou território pode possibilitar uma *vivência juvenil*. Na universidade, o estudante universitário com mais de 24 anos passa a vivenciar essa cultura juvenil por estar partilhando e compartilhando vivências com pessoas mais jovens, possibilitando a ele, ser jovem novamente ou prolongando sua juventude. Esta reflexão atesta o pluralismo já mencionado a respeito da juventude.

Paula (2013, p. 82) também confere ao espaço uma certa importância para o estudo da juventude: “A Geografia tem muito a contribuir, pois os jovens, ao interagirem no espaço urbano de uma cidade para estabelecerem e realizarem suas redes de sociabilidade, transformam-no, produzem-no e dele se apropriam através de relações afetivas e de poder”.

Portanto, os conceitos possíveis da juventude na atualidade precisam levar em conta o território de convivência deles. Claro que não é possível abarcar, mesmo considerando especificamente a juventude da UFG, um conceito que realmente seja para todos, pois tratam-se de indivíduos que vivem diferentes experiências de vida, moram em locais diferentes, não vivenciam a universidade por igual dentre outras questões.

Para Cassab (2011, p. 159) “a juventude é uma categoria socialmente construída. Daí sua mutabilidade ao longo da história”. Por esse motivo, não ser possível estabelecer onde começa ou termina a juventude. Essa ideia corrobora com o exposto por Bourdieu (1983): “Somos sempre o jovem ou o velho de alguém. É por isto que os cortes, seja em classes de idade ou em gerações, variam inteiramente e são objeto de manipulações”. Ele ainda completa: “O que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos”.

Na perspectiva de Abramo (1997, p. 29): “A juventude, vista como categoria geracional que substitui a atual, aparece como retrato projetivo da sociedade”. Desse modo, uma das características da juventude é a de ser o futuro da humanidade. Aqueles que irão herdar as consequências do adulto atual e são a esperança de um mundo melhor.

Pelos dados levantados por meio dos questionários aplicados aos universitários da UFG, averiguamos uma concentração de pessoas de 19 a 35 anos como respondentes. Ao entrevistar alguns desses jovens com mais de 24 anos, muitos esclarecem que, por condições desfavoráveis, sejam financeiras ou de outra ordem, só puderam frequentar a universidade com idade mais avançada.

Nessa perspectiva, há, porém, uma necessidade de aprofundamento do conceito de juventude na atualidade para além do que é proposto pela Organização mundial de Saúde. Podemos ir além da referência à faixa etária estabelecida (entre 15 e 24 anos), mas é preciso conhecer melhor esse jovem, seu cotidiano e a forma como ele constrói sua identidade.

Dessa feita, propomos em nossa tese considerar como parte da juventude os estudantes entre concluintes entre 18 e 35 anos, pois essa foi a faixa etária foi responsável pelo maior número de respostas aos questionários enviados aos formandos. Consideramos a faixa acima dos 24 anos, também, pois, muitos desses se consideram jovens pela própria realidade vivida e por almejar sonhos futuros, característica essencial do ser jovem.

Diante de variadas concepções, definições e características do ser jovem, podemos propor um conceito de juventude(s) na atualidade. *A juventude são sujeitos ou grupos diferenciados de sujeitos que tem como característica a busca e o desejo por mudanças seja no nível pessoal ou social. Essas mudanças podem ser culturais, objetivas, subjetivas ou identitárias. São aqueles, os quais buscam viver de forma contestadora, tentando impor um novo jeito de ser, ver, sentir e pensar. Em alguns casos, há aqueles presenteistas: desejam viver intensamente o presente sem se importar com o futuro.*

Apesar dessa definição não estar ligada a faixa etária não podemos desconsiderá-la, pelo menos no nível biológico. Os animais de uma maneira geral sofrem as consequências da idade e as transformações do corpo influem no modo de ser e viver das pessoas. Basta analisar os hormônios. Com o passar da idade, nossos ossos, corpo enfim, não conseguem o mesmo desempenho quando jovens.

A partir dessa definição apresentada sobre a juventude, na atualidade, podemos seguir nossas análises e estabelecer uma aproximação do conceito de juventude e sua conexão com os conceitos de lugar e metrópole. Nesse sentido, é necessário discutir o conceito de lugar e metrópole de forma a ficar claro como se dá a vivência e a relação do jovem na

metrópole para, em seguida, discutir as questões que envolvam as práticas de leitura e sua relação com a metrópole.

#### 4.3 IDENTIDADE JUVENIL, LUGAR E METRÓPOLE

O espaço geográfico é marcado por uma enormidade de elementos sociais que dão características particulares aos lugares. As metrópoles, como um espaço específico formado de um ajuntamento de lugares, adquirem nuances - tanto as pequenas, quanto às medias e grandes - que as tornam espaços segregados, com diversas divisões sociais e conseqüentemente, espaciais.

Porém, são múltiplas as faces responsáveis por propiciar espacialidades segregadoras. Entre elas, as mais significativas são a estratificação da sociedade em classes sociais, em que cada classe ou grupo identitário, dentro dos espaços urbanos, têm acessos distintos aos equipamentos urbanos e aos espaços públicos nas cidades.

A metrópole contemporânea reúne uma série de acontecimentos e relações sociais que a transforma em uma “expressão da complexidade espacial” (CHAVEIRO; PELÁ, 2012, p. 73). Toda essa complexidade envolve os aspectos econômicos, sociais, identitários e até de transformação do meio ambiente natural. Essa metrópole é resultado do capitalismo globalitário (CHAVEIRO; PELÁ, 2012). Esse, por sua vez, transforma as relações sociais e abre um leque extenso de oportunidades identitárias e de convivência com outros.

Entretanto, convém destacar que, segundo Corrêa (1994, p. 24) há dois pontos de diferenciação com relação às transformações ocorridas na metrópole. Para o autor, uma delas diz respeito ao tamanho da metrópole. Muitas transformações são condicionadas ao seu tamanho demográfico. Segundo as singularidades vinculadas ao sítio metropolitano, à história urbana e regional e ao processo de inserção da metrópole na divisão territorial do trabalho em escala nacional e internacional.

Entendemos que as dinâmicas percebidas no espaço metropolitano hoje, estão realmente ligadas a esses dois pontos destacados pelo autor acima citado. Quando se analisa a questão da juventude, seu lugar e suas leituras, a própria pesquisa “Retratos da Leitura (2011)” mostrará diferenciações entre regiões e Estados brasileiros ligados tanto no que diz respeito ao seu tamanho e demografia, quanto também às suas singularidades histórica e urbana.

Para Carlos (2007, p. 18), a “metrópole não é ‘lugar’, pois ela só pode ser vivida parcialmente”. A metrópole, na visão da autora é um espaço de circulação onde não se cria vínculos característicos daquilo que chamamos de lugar.

o que nos remeteria a discussão do bairro como o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas — as relações de vizinhança o ir as compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida /reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar (CARLOS, 2007, p. 18).

A metrópole e as regiões metropolitanas são espaços onde as coisas acontecem: maiores e melhores hospitais, faculdades, hipermercados, *shoppings centers*, música eletrônica, *shows*, trânsito tumultuado, poluição, violência e outros tantos acontecimentos que caracterizam sua existência.

Como uma espécie de combustão de realidades, é próprio da metrópole transformar-se num lugar de mil lugares, constituídos por uma sociodiversidade mediante a qual se captam ações de classes sociais, diversas territorialidades, identidades fragmentadas de juventude, bem como grupos que convergem em função de componentes culturais etc. (CHAVEIRO; PELÁ, 2012, p. 73).

A mobilidade possível pelos meios de transporte e até mesmo a Internet, permite que estejamos nesses mil lugares. Desse modo, fica a questão: como o jovem pode encontrar o seu lugar num território de mil lugares? Essa questão pode não ter uma resposta objetiva e direta, mas várias respostas ou nenhuma resposta. Ela está ligada ao conceito que podemos dar ao Lugar. Não conseguiremos responder a esta questão nesta tese, pois, trata-se de um questionamento sem resposta.

Dessa feita, podemos inferir que é característica do jovem a eterna busca de aconchego e de sociabilidade. E como a oferta é grande na metrópole onde se vive, é comum querer estar em vários lugares. No entanto, a juventude vive em busca do seu lugar. E ela pode, no correr de sua trajetória, se aconchegar em vários lugares os quais marcarão sua existência em determinado espaço/tempo.

E o que é o lugar? O conceito de lugar é bastante abordado pelos geógrafos de uma forma geral. Percebemos que esses conceitos convergem para o entendimento de que o lugar é o espaço mais íntimo do indivíduo. O lugar não precisa ser físico para ter esse sentido.

Trata-se, assim, de um sentimento subjetivo de pertencimento. Para Holzer (1999), o lugar é a base fundamental para a existência humana. É nele que a dinâmica da existência é possível.

Para Tuan (1983), o lugar é o espaço de reconhecimento e dotado de valor. Valor esse que é atribuído pelos sujeitos que fazem parte dele atribuindo-lhe significados e os ressignificando:

Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. Não há lugar para outro edifício no lote. As grandes planícies dão a sensação de espaciosidade. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria (...). (1983, p.3)

Já Relph<sup>10</sup> *apud* Holzer (1999) dirá que o lugar é o centro onde são experimentados os eventos mais significativos de nossa existência. Trata-se então, de uma construção histórica.

Perceberemos que esses mil lugares, de certa forma, são contemplados por essas definições de lugar proposta pelos autores citados. A diferença é que como a oferta de lugares é grande, esses se tornam efêmeros; principalmente para os jovens que buscam, cada vez mais, outras descobertas.

Há uma interdependência entre lugar e identidade, ou seja, para que um sujeito se sinta pertencente ao lugar é preciso que ele se identifique com este. O lugar, *per se*, não é construtor, renovador ou reconstrutor das identidades. No entanto, o lugar possui um conjunto de atributos, os quais podem atrair o sujeito a partir de um sentimento de pertença/identificação.

O lugar vai além disso. Uma tribo reunida em diferentes espaços pode fundar num dado momento um lugar o qual não está, necessariamente, ligado a um espaço específico e sim a simples interação dos membros do grupo. O lugar pode assumir, também, uma concepção ainda mais íntima. Sendo aquele espaço pertencente a um único sujeito. O quarto de um jovem solteiro pode ser um dos seus “lugares” favoritos por ser um espaço o qual se encontra as coisas que ele mais gosta: livros, computadores, objetos pessoais, ou seja, onde ele pode experimentar sua intimidade.

O que se observa, também, é a presença dos mil lugares na formação dessas identidades múltiplas. Sendo assim, a dinâmica da metrópole pode ser considerada como um dos principais fatores dessa fragmentação identitária ou até de troca de identidades.

---

<sup>10</sup> Não foi possível conseguir o texto original, por isso o uso do “*Apud*”.

A identidade, identidades ou papéis assumidos pela juventude na atualidade pode estar ligada ao lugar de convivência desses jovens, pois são nesses lugares, subjetivos ou objetivos, que se adquirem atributos culturais. Essa afirmação é possível a partir da visão apresentada por Castells (1999, p. 22): “No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes”.

Outro fator que tem influenciado na construção das identidades são as redes sociais (SANTOS, 2007). Outrossim, observamos que as redes sociais são reflexos da metrópole, pois as trocas de mensagens sempre envolvem o cotidiano dos sujeitos na metrópole.

Nessas redes sociais as discussões giram em torno dos acontecimentos e da convivência fora dela. Fala-se em festas que aconteceram ou que acontecerão, idas a *shoppings centers*, *happy hour* em barzinhos, problemas de trânsito, leituras praticadas, comercializa-se produtos, religião, política e, por fim, compartilham-se frases e figuras que expressam uma linha de pensamento sobre alguma questão.

A partir desses compartilhamentos e conversas os sujeitos expressam opiniões. Essas, por sua vez, são curtidas, comentadas ou compartilhadas por aqueles que se identificam com que foi exposto, ao promover uma interação entre os sujeitos. Essa interação contribui para a formação das identidades (HALL, 2001).

Essa discussão sobre as interações promovidas pelas redes sociais nos leva a criar o pressuposto de que as redes sociais *sintetizam a metrópole* em diversos sentidos. Nas redes sociais o jovem pode estar nos mil lugares da metrópole. Nas redes sociais, é possível saber os locais frequentados pelo seu grupo, onde foram, onde vão, o que estão fazendo, o que gostam de comer, ler, assistir e fazer.

Tem se afirmado muito nas leituras sobre a pós-modernidade que a Internet criou novas formas de sociabilidade e que encontros em praças ou convivência presencial estão em declínio. Ora, quando *passamos* pelas redes sociais, vemos muito mais comentários de uma dinâmica de convivência, seja ela familiar ou de grupos de amigos, que acontecem fora da Internet.

As redes, muitas vezes, servem para marcar encontros ou mostrar que se foi a algum local. Por isso que os jovens se identificam com a Internet e com as redes sociais. Lá, eles encontram seu lugar, seu espaço de pertencimento, onde, inclusive, pode-se ler e falar de leituras.

Nesse sentido, o conceito de lugar está ligado ao sentimento de pertencimento e aos processos de identificação entre sujeitos. Geralmente se pertence a alguma coisa que é íntima do sujeito e não dá para ser íntimo de muita coisa ao mesmo tempo. Ao contrário, a característica da metrópole é de ser muita coisa: muitos lugares, muitas identidades, muita informação. Espaço de fluidez, um não lugar, conforme pontuou Carlos (2007).

No meio, ou centro, dessa discussão está a juventude, ou seja, um conjunto de sujeitos em fase de aprendizado e de construção de suas identidades. E todas essas transformações dependem das relações socioespaciais estabelecidas pelos jovens. Nessas relações temos um elemento muito importante: as práticas de leitura. A cultura escrita é um dos elementos dessa relação a qual contribui para a formação da juventude, pois é por meio dela que o aprendizado é possível.

Nesse capítulo vimos que a juventude no decorrer das décadas apresentou diferentes concepções características de cada época. No entanto, ela, na maioria das vezes é caracterizada pelo sonho de mudança, do desejo de ser e se fazer valer enquanto uma nova proposta ideológica de uma geração.

Observamos que a metrópole e seus diversos lugares instiga a juventude atual a estar sempre em busca do seu “eu” construindo e reconstruindo sua identidade a partir das trajetórias socioespaciais vivenciadas por ela.

É perceptível, também, que a juventude pode ser caracterizada pela faixa etária estabelecida pelos órgãos regulamentadores como a OMS e o Estatuto da Criança e do Adolescente, mas, não se pode desconsiderar que a juventude hoje é plural e é este pluralismo que instiga a um alargamento da faixa etária jovem.

Por fim, essas análises nos leva a crer que a universidade forma um território onde é possível o estabelecimento de diferentes lugares. Cada estudante se identifica com um grupo ou mesmo um lugar em que é possível a troca de ideias e reflexões em grupo ou individualmente. Nos resultados, vamos comprovar que o estudante universitário passa a transitar mais efetivamente pela metrópole, principalmente por conta das possibilidades dada pela mobilidade via meios de transporte.

Cabe agora refletir sobre a leitura, o espaço e o sujeito na tentativa de entender como as práticas de leitura estão presentes no cotidiano das pessoas no decorrer dos tempos em especial a juventude. Essa reflexão sobre as práticas de leitura ao partir de uma escala maior que é o Brasil, a partir da análise da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2011), será o ponto de partida para a compreensão das práticas de leitura da juventude da UFG.

## 5 LEITURA, ESPAÇO E SUJEITO

*A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores (CHARTIER, 1998, p. 77)*

As práticas de leitura do sujeito estão contextualizadas na dinâmica socioespacial de cada um; seja esse um território ou um lugar ou os dois ao mesmo tempo. As leituras realizadas pelos jovens universitários da UFG acontecem a partir de um favorecimento dado pela universidade, enquanto território dessas práticas. Nesse sentido, buscamos nesse Capítulo uma discussão mais generalista da leitura, do espaço e do sujeito.

Partimos primeiramente de uma contextualização teórica e histórica das práticas de leitura. Nessa contextualização, mostramos como as práticas e conceitos de leitura vêm se desenvolvendo ao longo da história. Depois, desenvolvemos uma reflexão sobre o Brasil enquanto território ou não de práticas de leitura.

A princípio foi desenvolvido o conceito de território para, a partir daí, mostrar a relação existente entre as práticas de leitura e a vivência socioespacial dos sujeitos, em especial a juventude. Para tal, analisamos a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2011) a partir de uma visão socioespacial.

As reflexões desse capítulo trazem contribuições à análise da coleta de dados da tese. Veremos que as respostas dos sujeitos pesquisados, em muitas questões, vão coincidir com os resultados alcançados com a pesquisa “Retratos”.

### 5.1 PRÁTICAS DE LEITURA: CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA E HISTÓRICA

*Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura (CHARTIER, 1998, p. 77).*

Abordamos, nesse tópico, as práticas de leitura bem como sua contextualização teórica e histórica. Partimos dos conceitos de leitura e do seu desenvolvimento histórico para entender as práticas de leitura da atualidade.

Definir o que é leitura não é uma tarefa fácil, pois são diversos os conceitos de leitura. O conceito vai desde a leitura do texto escrito e abrange, também, a leitura da imagem, da paisagem, da fotografia, do corpo dentre outras coisas. Para Fischer (2006, p. 11): “O ato de ler é variável e não absoluto”. Depende do que se lê e da forma que se lê.

Em um sentido estrito “a leitura é a capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos” (FISCHER, 2006, p. 11). Esse conceito de leitura do autor citado está ligado ao texto. É um conceito clássico, o qual liga a leitura ao entendimento que se tenha de algum texto. Ao mesmo tempo, em se tratando de texto, é um conceito amplo. Ora, se ler é a capacidade de extrair sentido, o texto pode ser um simples gibi, um jornal popular ou um clássico da literatura erudita.

Historicamente, [a leitura] “consistia na mera capacidade de obtenção de informações visuais com base em algum sistema codificado, bem como na compreensão de seu significado” (FISCHER, 2006, p. 11). Hoje, como se vê, a leitura ganha outra dimensão mais ampla, diretiva e formativa. Ampla, pois há uma porção de mídias, textos, contextos, suportes de leitura. Ela é diretiva por conta da quantidade de autoatendimentos existentes hoje: sejam em bancos, supermercados, livrarias, bibliotecas e também, pelas placas de sinalização de trânsito, ou de prateleiras de lojas.

A leitura é, acima de tudo, formativa. É por meio dela que o aprendizado é possível, é por meio dela que é possível ligar a leitura do texto com a leitura de mundo como já postulado por Paulo Freire. No caso da leitura formativa, podemos concordar com Martins (1994, p. 17) que dirá: “A leitura acontece quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos e a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresentam”.

Essa visão de Martins sobre a efetivação do ato de ler nos remete à prática do letramento informacional, especificamente no que diz respeito ao uso efetivo da informação. Segundo a Associação Americana de Bibliotecários Escolares (AASL, 2000), o termo letramento informacional designa habilidades individuais relativas ao reconhecimento da necessidade, localização, avaliação e uso efetivo da informação. Esse uso efetivo significa a transformação desta em novos conhecimentos que efetivamente contribuam para a formação política, social e cultural dos indivíduos.

O ato de ler transcorre todas as mídias, textos, figuras e suportes. E o ideal seria se o sujeito tivesse a capacidade de relacionar todas essas leituras. Essa tarefa nos dias atuais não é fácil. Mesmo porque além de haver uma gama infinita de informações de textos, há, também, uma enormidade de mídias e suportes. A leitura está, cada vez mais extensiva (DARTON, 1992).

Mesmo com toda essa gama de informações flutuantes aos nossos olhos, a prática da leitura é cultural e depende do exemplo e do acesso que se tem ao suporte onde esta possa ser efetivada. Nos resultados dessa tese, veremos que aqueles estudantes com histórico de

leitura no seio da família seja pelos pais ou parentes tem um maior interesse por ela. Há de se considerar aqueles com acesso a bibliotecas (seja escolar ou pública) ou a livrarias.

Para Goulemot (2001, p. 107) “ler será, portanto, fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e de dados culturais”. Na visão do autor, quanto mais costumeira for a prática de leitura, mais relações entre textos faremos e mais se aprenderá. Por esse motivo é bom lembrar que “seja popular ou erudita, ou letrada, a leitura é sempre produção de sentido (GOULEMOT, 2001, p. 107).

Não se pode apegar somente as leituras que se dizem “certas”, “corretas” ou “profundas” do ponto de vista dos estudiosos letrados ou professores. A leitura “certa” é aquela em que o leitor entenda o que está sendo lido. O que está em seu contexto. O que pertence ao seu grau de conhecimento.

Nos resultados da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2011) e nos resultados apresentados mais adiante na tese, parte dos jovens sujeitos da pesquisa são oriundos de escola pública e com baixo poder aquisitivo. Esses dados mostram que eles têm mais dificuldades em acessar ou ter tido acesso às variadas formas textuais do que aqueles com melhor poder aquisitivo. Por isso a dificuldade em se ler certos textos. Não é por gosto ou desgosto. A ausência de leitura ocorre, na maioria dos casos, pela ausência das possibilidades de se ler.

Quando não se considera a história do leitor no momento de se cobrar a análise de determinado texto, incorre-se no erro de não deixar que ele consiga fazer uma interpretação pessoal, segundo o seu arquivo cultural. Essa interpretação “(...) é ao contrário proibida aos alunos (simplesmente ou habitualmente reduzidos à escuderia do sentido ‘recebido’ pelos mestres)” (...) (CERTEAU, 2007, p. 267). Taxa-se o sentido dado pelos estudantes ao texto de errado e impõem-se uma interpretação homogênea, como se todos fossemos homogeneizados.

A universidade, como pontuado nos resultados adiante, permite uma maior liberdade de busca a novas leituras por não estar presa ao didatismo formal do livro didático antes proposto na escola. Trata-se de um ponto positivo, pois “a criatividade do leitor vai crescendo à medida que vai decrescendo a instituição que a controlava” (CERTEAU, 2007, p. 268).

Não que não haja um certo direcionamento da universidade, mas uma das perspectivas do ensino superior, por meio das pesquisas, é que o estudante aguça sua curiosidade e busque novos conhecimentos. “A autonomia do leitor depende de uma transformação das relações sociais que sobredeterminam a sua relação com textos” (CERTEAU, 2007, p. 268).

Os estudos sobre preconceitos em leitura apontam a necessidade de não prender os sujeitos a determinadas leituras. Para Abreu (2001, p. 254):

É leitor apenas aquele que os livros certos, os livros positivamente avaliados pela escola, pela universidade, pelos grandes jornais, por certa tradição de crítica literária, ainda que os critérios de avaliação, poucas vezes explicitados, estejam vinculados a noções particulares de valor estéticos, de cidadania, de conhecimento. Todos os demais escritos – mesmo que materialmente idênticos aos livros certos – são não-livros. Da mesma forma, aqueles que os lêem – embora leiam – são não-leitores, pois lêem Sabrina, lêem Paulo Coelho, lêem literatura popular. Por se realizar em torno de objetos desvalorizados, essas leituras são apagadas em favor da preservação da leitura mítica de que falávamos.

Ao medir a “qualidade” dos textos como leitura ou não leitura, estamos incorrendo no mesmo erro da denominação de cultura de massa ou popular ou cultura erudita. Não pode haver um limite do que é ou não cultura como também o que é ou não leitura. Uma leitura feita, por vezes, somente para passar o tempo pode tanto informar quanto divertir (DUMONT, 2000).

A verdadeira efetivação da leitura, como da alfabetização, necessita partir de um atrativo, algo familiar, para se chegar à decodificação dos sinais alfabéticos e, conseqüentemente, à compreensão do texto. Assim, o leitor será capaz de fazer uma interpretação global da escrita, que será finalmente percebida como algo que vai ao encontro de seu interesse, de sua vivência ou pelo contrário, não lhe desperta a atenção (DUMONT, 2001, p. 44).

A prática de leitura, como se vê, se dá por um processo contínuo o qual muda de tempos em tempos com o avanço da história. Precisamos, pois, resgatar na história as formas como a leitura se estabelece para entender o porquê das variadas práticas atuais.

A história das práticas de leitura está vinculada à história da escrita, dos suportes e das instituições de guarda e divulgação do texto escrito. A escrita nasce por uma necessidade humana em registrar acontecimentos e marcar sua presença em determinado local. A escrita pré-histórica, por exemplo, informava aos seus descendentes as maneiras como ocorria a caça e moradia. Informava também sobre os instrumentos empregados nesse ato. Assim, “antes do surgimento da escrita, símbolos eram utilizados para representar coisas” (FISCHER, 2006).

As formas escritas evoluem junto com a humanidade, a qual, no decorrer da história, torna mais sofisticada a forma como a escrita é apresentada. Desse modo, a escrita vai ganhando significados, sons e diversos símbolos. Da mesma forma, os suportes que a empregam também evoluem junto com ela.

A princípio a escrita era empregada em argila, madeira, pedra, bronze e até mesmo ouro. Depois, é utilizado o pergaminho<sup>11</sup> e o papiro<sup>12</sup> o que facilitou e possibilitou um melhor manuseio por serem materiais mais leves do que as pedras. Mesmo assim, tanto o papiro quanto o pergaminho eram dispostos em grandes rolos os quais o manuseio não era tão facilitado quanto ao formato do livro de hoje.

A invenção do papel pelos chineses e suas evoluções melhorou o formato e conforto do manuseio do livro. Porém, foi com a invenção da imprensa por Gutenberg no século XV que a impressão em larga escala foi possível, assim como o barateamento do livro. Entretanto, a popularização da leitura só foi possível em meados do século XVIII na Europa com a expansão da literatura popular.

Convém destacar que “ao longo da história, a religião foi um dos principais motores da alfabetização. Os escribas-padres figuravam entre os primeiros leitores da sociedade” (FISCHER, 2006, p. 37). Principalmente na Idade Média, as grandes bibliotecas e grandes clássicos estavam sob o poder das igrejas.

Após esse período histórico, já pensando no Brasil do século XVI, os jesuítas eram os principais alfabetizadores e mediadores da leitura de então. Há de se destacar a bíblia como o livro mais lido desde a Idade Média até os dias atuais. Nos resultados dessa tese veremos a presença constante desse livro quando a juventude informa o que via os pais lendo e o que leem atualmente.

As formas de se ler, também, mudaram com o passar dos séculos e com o avanço da popularização da leitura ela passa de voz alta para silenciosa. “A leitura silenciosa data do primeiro século da era cristã (...). Agostinho deparou com seu professor, santo Ambrósio, lendo sozinho e em silêncio” (FISCHER, 2006, p. 82). Depois disso, já “no século IX é provável que a leitura silenciosa fosse suficientemente comum no *scriptorium*”. (MAGUEL, 1997, p. 66).

A prática da leitura silenciosa não era bem vista pelos dogmatistas da Idade Média. Tal fato porque a leitura não seria mais vigiada. Foi possível uma liberdade maior do que se podia ler. Para Manguel (1997, p. 68): “Com a leitura silenciosa (...) o sentido das palavras não está mais sujeito às orientações ou esclarecimentos, à censura ou condenação imediatas de um ouvinte”. (MANGUEL, 1997, p. 68).

---

<sup>11</sup> O pergaminho era feito de pele de animais. O processo consistia na retirada da pele de coelho ou cordeiro. Essa pele era limpa e a escrita era feita nela.

<sup>12</sup> O papiro é uma planta em que eram retiradas fitas que unidas formavam “folhas” onde se podia escrever.

Como no início a alfabetização não era realidade para todos (aliás, somente uma minoria tinha acesso a ela), a maioria dos leitores eram aqueles que escutavam a leitura “essa era a essência da leitura medieval. Quase todos os públicos leitores na Idade Média era os que escutavam a leitura” (FISCHER, 2006, p. 131). Cabiam aqueles que iam impor uma entonação de voz, uma melodia a escrita de então a qual era isenta de pontuação. “A leitura particular independente jamais foi uma forma habitual de acesso à literatura até o século XIV. Escutar fazia parte do ler” (FISCHER, 2006, p.131).

O processo de transição da sociedade oral para letrada se deu, segundo este autor, no início da Idade Média, porém restrita as camadas mais altas da sociedade. Só mais tarde, na Europa, cerca de 1200 anos mais tarde demais membros da sociedade começam a ter acesso à alfabetização (FISCHER, 2006, p. 132).

A partir do momento em que a sociedade passa a ser letrada e quando se deixa de praticar a leitura em voz alta e passa-se para a leitura silenciosa, o leitor começa a apropriar-se do texto e escapa do controle de antes. A interpretação do texto não está mais sujeita à aquele que lia para todos. Agora, ela é individual e está ligada a um arquivo cultural pessoal do sujeito leitor. (CHARTIER, 2001a, p. 12).

Apesar da imprensa de Gutenberg datar do século XV, a proliferação de textos ocorre somente na metade do século XVIII “inicialmente, o leitor é aí confrontado com um número reduzido de livros (a bíblia, as obras de piedade, o almanaque), que perpetuam os mesmos textos ou as mesmas formas, que fornecem às gerações sucessivas referências idênticas” (CHARTIER, 2001a, p. 86). Após esta data, na Europa, a literatura popular se expande, os jornais ganham popularidade e as revistas científicas começam a circular de forma mais abrangente entre os estudiosos.

A partir daí a quantidade de materiais de leitura vem crescendo em uma velocidade bem maior. Quando se chegam às primeiras décadas do século XX e em especial após a segunda Guerra Mundial, vê-se uma expansão bem mais evidente do texto. Cresce, também, o número de alfabetizados tanto no Brasil quanto no mundo.

No Brasil, além do livro literário, há uma larga produção e divulgação do livro didático encaminhado às escolas de todo País. Junto, há um aumento e maior acesso à escola pública e popularização da entrada às universidades.

Nos Estados Unidos, já na década de 1950, há uma preocupação ao acesso com qualidade aos documentos informacionais disponíveis de então. Nasce aí, a *Information Literacy* ou Letramento Informacional, com a preocupação de tornar os estudantes mais competentes na busca, acesso, uso e transformação das informações (FIALHO, 2009).

Começa nesse momento, a preocupação com as informações disponíveis em mídia eletrônica. “Embora historiadores frequentemente se refiram à chamada revolução impressa atribuída a Gutenberg (...) nos meados do século XV, não se pode duvidar do impacto sobre a leitura, da revolução informatizada que se observa neste século” (LYONS, 1999, p. 7).

Com a Internet, a leitura ganha outra dimensão. Ela está presente hoje em dia nos computadores portáteis, nos aparelhos de leitura do livro eletrônico, *tablets* e celulares. O acesso a essa parafernália eletrônica, agora de baixo custo, permite que se tenha acesso a qualquer momento ao texto escrito.

No Capítulo em que tratamos, mais adiante, das práticas de leitura dos estudantes nos espaços formais e informais na universidade, veremos a diversidade de práticas de leitura feitas pelos estudantes em variados locais do *campus*. Além dessa diversidade de locais, as leituras e suportes usados são diversos assim como os tipos de leituras feitas.

Além dos suportes o acesso ilimitado à rede por meio da internet sem fio possibilita uma potencialização mais evidente ao acesso ao texto escrito. Além do texto, há acesso às imagens via sons, vídeos e figuras. Há uma hipertextualidade a partir dos *links* os quais ligam textos a imagens e imagens a vídeos.

Com toda essa oferta do texto escrito “criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros” (MARTINS, 1994, p. 34). O acesso ao livro e a todo material escrito é importante, porém é necessário criar condições favoráveis à leitura no estímulo ao debate, a escrita e a interação entre os leitores. Não se deve impor uma leitura em prol de outra e muito menos impor uma interpretação individual ao coletivo.

Os jovens estudantes universitários se colocam, na sua maioria, como sujeitos com pensamentos mais críticos e com maior facilidade de entendimento e interligação de outras leituras. Essa constatação vai ao encontro ao que Martins (1994, p. 81) postulou em seu escrito: “O homem lê como em geral vive, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamento” (MARTINS, 1994, p. 81).

As práticas de leitura não devem ser impostas ao que se caracteriza como “boa” leitura. A leitura parte de uma necessidade individual a qual cresce a cada leitura feita. Um texto pode suscitar a busca por outro ou a curiosidade de se saber mais sobre alguma coisa. Desse modo, “para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida; precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais” (MARTINS, 1994, p. 82). A curiosidade só é aguçada a

partir do momento em que se conhece algo e esse algo leva o sujeito a buscar maiores detalhes para melhor compreensão da leitura feita.

A comunicação oral ainda existe e é uma forma de estabelecer discussões e troca de informações para melhor interação com a leitura. “Desde a leitura da criança até a do cientista, ela é precedida e possibilitada pela comunicação oral, inumerável ‘autoridade’ que os textos não citam quase nunca” (CERTEAU, 2007, p. 263). As rodas de leitura, as palestras, conferências, trabalhos em grupos realizados dentro da universidade propiciam essa interação oral a qual leva a outras leituras.

A partir daí podemos dizer que leitura se efetiva a partir de três dimensões: o contexto, a motivação e o sentido (DUMONT, 2001). Independente do que se julga como boa ou má leitura, essa se efetiva a partir de uma contextualização da leitura praticada com a vivência do sujeito que lê. Não se podem obrigar a uma mesma leitura pessoas com distintas formações, distintos graus de escolaridade ou distintos gostos.

Para cada seguimento de leitores há uma necessidade de adequação de linguagem, tipos e modos do texto. Não se pode querer que um operário com pouco estudo, entenda ou goste do vocabulário requintado de um clássico da literatura, ou, não se pode criticar os jovens por não gostarem ou não se identificarem com leituras canonizadas pela escola.

Tanto o operário quanto o jovem podem um dia gostar, entenderem e se identificarem com tais obras se lhe dermos a livre oferta da leitura. A efetivação e ampliação das práticas de leitura ocorrem justamente, pelo processo contínuo de acesso rotineiro e prática de diferentes leituras.

Não podemos nos esquecer que agora a leitura está mais presente do que nunca nos acessos a redes de internet. Não podemos deixar de considera-las como práticas de leitura, pois “Nas novas telas (...) há muitos textos, e existe uma possibilidade certa de uma nova forma de comunicação que se articula, agrega e vincula textos, imagens e sons. Assim, pois, a cultura textual resiste ou, melhor dito, se fortalece, no mundo dos novos meios de comunicação” (CHARTIER, 2001b, p.19)

Nunca antes se teve tanto acesso à leitura como agora com a internet. E ela é realidade para maior parte dos estudantes universitários. Grande parte deles, como se verá mais adiante, acessa diariamente as redes sociais e escrevem, fazem e compartilham leituras.

A pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (2011) revela esses novos traços e modos de ler da população. Apesar do conceito restrito de leitor dado pela pesquisa (é leitor apenas quem leu um ou parte de um livro em 3 meses), os resultados desta, apontam outras práticas de leitura as quais diferem do conceito de leitor proposto pela pesquisa.

No tópico seguinte faremos a análise geográfica desses resultados e perceberemos pontos em comum da pesquisa “Retratos da Leitura” com nossos resultados de pesquisa.

## 5.2 O BRASIL COMO TERRITÓRIO DE LEITURA, NA PESQUISA “RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL”

Brasil: território de leitura? A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2011) mostra um mapa das práticas de leitura do brasileiro. Nesse tópico faremos uma análise espacial dos resultados apresentados pela pesquisa ao focar mais especificamente no leitor jovem.

A princípio discorreremos sobre o conceito de território. Tal conceito importa tanto para os estudos geográficos quanto das ciências humanas de uma maneira geral. Diversos autores nacionais e internacionais discutem tal conceito de maneira variada e todos trazem uma contribuição muito importante para a discussão do tema.

São apresentados os conceitos para uma construção teórico conceitual do termo território para, por fim, apresentarmos o conceito adotado por essa tese. Nessa pesquisa sobre leitura a discussão dessa categoria é posta, uma vez que entendemos as práticas de leitura ligadas a um território (seja simbólico ou ponto físico geométrico). Sendo assim, nesse tópico, vamos trabalhar com o conceito de território na visão dos seus principais autores nacionais ou internacionais e como podemos pensar a leitura nesse contexto e conceito.

No dicionário Aurélio (1993, p. 532) território é “extensão considerável de terra; área de um país, província. Nos EUA, região que não constitui Estado e é administrada pela União. Base geográfica do Estado (solo, rios, lagos, baías, portos, etc.), sobre o qual exerce ele a sua soberania”.

Para Santos (2001, p.19): “Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada”. Nessa definição, o autor nos apresenta o território como um espaço ocupado e que passa a ser utilizado para suprir as necessidades de um grupo, país ou povo. Entretanto, ele apresenta o conceito de territorialidade “como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence; esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado”.

A territorialidade<sup>13</sup> ganha uma conotação mais subjetiva e íntima e não tão objetiva quanto território que seria a extensão de terras ocupadas e usadas. Enquanto o

---

<sup>13</sup> A territorialidade segundo Haesbaert (2007) pode ser exemplificada como um processo onde há ocupação de diferentes sujeitos num mesmo território mas em momentos/ contextos diferenciados.

território necessita de uma ação política do Estado a territorialidade depende mais do instinto de pertencimento o qual não é exclusivo do humano.

De qualquer forma, a “territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio do homem” (SANTOS, 2001, p. 19). Além do mero instinto, a relação do ser humano com a territorialidade é de pertencimento, de sentir-se seguro.

Segundo Santos (2001) a relação de Estado ligado ao território é tão forte que se torna quase impossível falar de Estado sem território. Nesse sentido, nasce a noção de espaço territorial “um Estado, um espaço, mesmo que as nações sejam muitas. Esse espaço territorial está sujeito a transformações sucessivas (...)” (SANTOS, 2001, p. 20). O território político é um território usado e, portanto, sujeito a sofrer as consequências físicas sujeitadas à natureza.

Santos (1998, p. 16), afirma: “Território são formas, mas o território usado são objetos e ações sinônimo de espaço humano, espaço habitado”. Para tal, percebe-se a categoria território ligada a técnica ou conjunto de ações as quais interferem em determinado espaço. Para ele, o território politizado não é somente um palco e sim um ator que tem um papel ativo nas transformações sociais.

Holzer (1997) a partir de uma visão fenomenológica reflete sobre o conceito de território citando autores como Sack (1983), Howard (1920) e Bonnemaïson (1981). Para Holzer (1997, p. 82) “o território se tornou um conceito científico a partir da etologia”. Na biologia, segundo Howard<sup>14</sup> (1920, *apud* BONNEMAISON, 1981, *apud* HOLZER, 1997, p. 82) “um ornitólogo estabeleceu a primeira definição de territorialidade: a característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e o defender contra os membros da própria espécie”.

Holzer, fazendo referência a Sack, diz que, para esse último autor, territorialidade está mesmo relacionada a defesa de uma área. Entretanto, para Sack, essa definição é bastante simplista e propõe uma reflexão mais abrangente do que significa a territorialidade. Segundo Holzer, Sack afirma: “a territorialidade é a tentativa de um indivíduo ou grupo (x) de influenciar, afetar ou controlar objetos, pessoas, relacionamentos (y) pela delimitação e pela afirmação de seu controle por uma área geográfica. Esta área é o território”.

Holzer ao citar Bonnemaïson, ressalta que para esse autor, é preciso afastar o conceito de território o qual foi proposto pela etologia, ou seja, o de apropriação biológica o qual se torna exclusiva de determinados membros ou espécies. Para Bonnemaïson, *apud*.

---

<sup>14</sup> Não foi possível conseguir o texto original por isso o uso do “*Apud*”.

Holzer (1997, p. 83), “as sociedades humanas tem uma concepção diferente de território. Ele não é forçosamente fechado, ele não é sempre um tecido espacial unido, ele não conduz a um comportamento necessariamente estável”.

Bonnemaison completa:

Um território antes de ser uma fronteira, é um conjunto de lugares hierárquicos, conectados por uma rede de itinerários (...) no interior desse espaço-território os grupos e as etnias vivem certa ligação entre o enraizamento e as viagens (...) a territorialidade se situa na junção dessas atitudes. Ela engloba ao mesmo tempo o que é fixação e o que é mobilidade ou, falando de outra forma, os itinerários e os lugares” (*apud* HOLZER, p. 83).

A partir da análise dos conceitos levantados pelos autores citados, Holzer (1997, p. 84) conclui: a territorialidade “é a expressão dos comportamentos vividos, ou se preferirmos, da constituição dos mundos pessoal e intersubjetivo, englobando a relação do território com o desconhecido – o espaço estrangeiro”.

Moreira (2007, p. 90) esclarece: o “território é o recorte espacial a partir do qual os sujeitos/categorias dos fenômenos se posicionam diante dos termos da hegemonia ou coabitação determinados pela dialética da localização-distribuição”.

Para o autor, o território pode ser de um sujeito individual ou pode ser território de um sujeito hegemônico, comandando os territórios dos sujeitos hegemonzados. “É nas sociedades de classes antigas e modernas, nas quais o Estado surge e junto a ele a cidade como um elo de comando necessário, que o território aparece como recorte de domínio de espaço claramente” (MOREIRA, 2007, p. 91).

O território para o autor tem uma extensão determinada pelo domínio do Estado, o qual não era possível em sociedades antigas e de cultura nômade. “Ao fixar, inscrever e organizar a circunscrição de domínio do Estado, a cidade formaliza o território, ao injetar-lhe o conteúdo simbólico do poder que o incorpora como sistema de domínio e hegemonia de classe sobre um universo de população definido” (MOREIRA, 2007, p. 91). Dessa forma, o território se torna sinônimo de Estado, poder e controle.

A concepção de território dada por Spósito (2004, p.113) está ligada a exploração de recursos minerais, infraestrutura, o deslocamento dos indivíduos em uma nação, indo além dos domínios da terra, explorando mares os quais fazem parte dos domínios do território/nação.

O território “termina por se transformar em um elemento da natureza, pelo qual se deve lutar para conquistar ou proteger”. Essa categoria território abordada por Spósito se

reflete em várias concepções: uma naturalista, na qual a natureza é conquistada e é inerente ao um povo ou nação; uma concepção voltada para o indivíduo em que o território está ligado a suas relações sociais e outra que se confunde com o conceito de espaço.

Saquet aborda o território tendo por base diversos autores, como, por exemplo, Raffestin. Nesse sentido, para ele “é fundamental entender o território e a territorialização como resultado e condição de um processo histórico, no qual há relações socioespaciais em diferentes níveis escalares (trans-escalaridade)” (SAQUET, 2006, p. 81). O autor admite nesse âmbito, a existência de relações socioespaciais no processo de territorialização.

Saquet aborda uma diferença entre espaço, tempo e território, mas assume que são elementos intimamente ligados. E é nesse arranjo que o ser humano vive em tramas e relações sociais (i)materiais, como por exemplo: economia, política, cultura e o ambiente natural propriamente dito. Para o autor, o espaço é um elemento constituinte do território e não um mero palco.

Ele considera, também, a identidade como um dos elementos contribuidores da constituição do território. Além disso, para ele “é importante contextualizar os processos territoriais em cada período e lugar, em constante movimento de des-continuidades; desigualdades e diferenças, envolvendo aspectos dos domínios natural e social” (SAQUET, 2006, p. 82).

Nesse sentido, vemos aqui uma influência dada pelo tempo histórico na constituição do território. Ele afirma: “o território é natureza e sociedade: não há separação; é economia, política e cultura; edificações e relações sociais; des-continuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental, etc” (SAQUET, 2006, p. 83), ou seja, o território é ao mesmo tempo objetivo e subjetivo, abstrato e concreto.

Raffestin (1993, p.143) discute em seus estudos, que espaço e território são categorias diferentes. Para ele: “É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço; é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível”.

A diferença aqui estabelecida entre espaço e território é: o espaço começa a ter sentido quando é transformado em território, ou seja, antes de ser território, o espaço é um vazio de acontecimento e de relações. “O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e, por consequência, revela relações marcadas pelo poder” (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Outro autor que conceitua território ligado a questão do poder é Souza (1997, p. 24): “Um território é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder ou,

dito de maneira mais precisa, um campo de força concernente às relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato (espaço material) referencial”

Ainda segundo o autor, essa territorialização pode ser concreta ou abstrata. Isso porque as relações de poder podem estabelecer o lugar e o papel de cada um no território. Raffestin destaca o caráter político do território. Mas, também, esse território pode estar em qualquer escala independente de uma ação ou não do Estado, ou seja, está presente em todas as relações sociais e de trabalho.

Claval (1999, p. 8) salienta em seu estudo uma mudança no pensamento do geógrafo, o qual antes atribuía tudo ao espaço. Nesse estudo, ele traz algumas reflexões sobre o território como uma descoberta da Geografia humana. Para ele, o “território (...) resulta da apropriação coletiva do espaço por um grupo”. Essa noção nasce dentro de uma perspectiva política, pois torna necessário assegurar aos indivíduos segurança e meios de subsistência.

Ainda dentro dessa concepção política, Claval (1999) ao citar Jean Gottman, afirma a ideia de território ligada ao controle. Tal fato porque, nesses limites dados a partir da ocupação de um povo, o Estado deve ser soberano, ou seja, deve haver um controle social dado por meio de atores políticos.

Entretanto, ao citar outros autores como Robert Sack, Claval (1999) dirá que para esse autor, a ideia de territorialidade pode ser aplicada em todas as escalas, ou seja, pode-se exercer um controle dentro de um apartamento da mesma forma que o Estado o faz em uma nação. Nesse contexto, o conceito ultrapassa os limites políticos estatais da definição de território.

Outro ponto relevante na leitura de Claval (1999, p.16) é a relação entre território e identidade. Para ele, a identidade interfere na constituição do território. “A construção das representações que fazem certas porções do espaço humanizado dos territórios é inseparável da construção das identidades”. Essas identidades interferem na transformação e mudanças que podem ocorrer no território.

Nesse sentido, território e identidade estão relacionados tanto a um viés político quanto de outras escalas menores onde são estabelecidas outras relações. Nessa concepção, se levarmos em conta a universidade enquanto território de diferentes práticas de leitura, veremos nos resultados da tese que há uma interferência desta na formação das identidades juvenis a partir das práticas de leitura e das relações socioespaciais estabelecidas.

Para Sack (1986), o território está ligado tanto a um contexto político de controle de uma extensão geográfica quanto em pequena medida, na relação com os grupos e entre os

indivíduos. Para ele territorialidade para os seres humanos é uma poderosa estratégia geográfica para controlar as pessoas e coisas.

Os territórios políticos e de propriedade privada da terra podem ser suas formas mais conhecidas, mas territorialidade ocorre em graus variados em diversos contextos sociais (SACK, 1986). Para o autor, território e poder estão ligados, pois, é por meio do poder que se estabelece as relações dadas nos territórios em diferentes escalas. Ele admite haver sempre mudanças nas relações históricas entre sociedade, espaço e tempo.

Sack (1986) esclarece que tomar o conceito de territorialidade como um simples controle de área é uma definição muito simplória. Para ele a territorialidade, tomando exemplos como a relação dos pais e seus filhos, do empregado com a empresa, mostra uma tentativa de um indivíduo ou grupo em *influenciar* ou afetar as ações de outros.

A territorialidade pode ser definida como uma tentativa individual ou de grupo podendo influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, por meio de um controle sobre uma área geográfica. Esta área é chamada de território.

O conceito de território proposto por Ratzel<sup>15</sup> (1990) está fortemente ligado ao Estado. Entretanto, ele aborda a questão do território não somente ligada ao Estado nas grandes proporções de comando que este se apropria de determinada área. Cabe, também, na sua concepção, o território menor: o da família. “É fácil convencer-se de que do mesmo modo como não se pode considerar mesmo o Estado mais simples sem o seu território, assim também a sociedade mais simples só pode ser concebida junto com o território que lhe pertence” (RATZEL, 1990, p. 73).

Para Ratzel (1990), a família tende a crescer e é o primeiro passo de constituição do território. Essa família cria vínculos com outras famílias formando clãs e vilas e vai crescendo até se tornar um Estado. Enfim, o Estado, assim formado, tem como função a proteção e controle do território.

Os conceitos de território apresentados nos leva a crer que este pode ser empregado em diferentes escalas: seja em uma escala estatal e política ou residencial. Dessa forma, podemos conceber a universidade enquanto um espaço territorializado pela influência que exerce junto a sua comunidade universitária. Nessa perspectiva, convém salientar que a universidade é um território cheio de lugares. É um território enquanto espaço dinamizador de regras, poderes, dominações subjetivas e objetivas, mas, também, agrega lugares onde a juventude se aglutina em grupos ou até mesmo individualmente.

---

<sup>15</sup> Nesse tópico procuramos destacar os principais conceitos para território não numa perspectiva cronológica e sim a partir da aproximação entre autores. Por isso, Ratzel foi mencionado somente nesse final.

O conceito de território não é uma exclusividade dos autores da geografia. Ressaltamos tal conceito utilizado, também, em outras áreas das ciências humanas. Mas, isso não quer dizer que o conceito seja oposto ou totalmente diferente do proposto pela geografia. Do mesmo modo há diferenças, assim como entre os geógrafos, e, também, similaridades como veremos.

Numa perspectiva da sociologia, Badie (1995) ao apresentar o conceito de território no atual contexto de globalização, propõe que ele não é mais um espaço concreto, ou seja, torna-se um espaço subjetivo o qual independe de um ponto cartográfico geométrico. Em seus estudos, ele fala sobre o fim dos territórios, que significa a perda do controle deste por parte do Estado.

Ortiz, sociólogo, traz uma ideia de território ligada a uma extensão de área delimitada. Porém, com o advento da globalização, esse território passa ser dilatado e superposto, onde são possíveis a convivência de povos diversos. Para ele, “essa perspectiva muda radicalmente nossa concepção de espaço, tradicionalmente ligada ao território físico, seja a nação ou os limites geográficos das culturas” (ORTIZ, 1999, p. 66).

O autor, ainda esclarece que no atual contexto não é possível estabelecer raízes com o território, “as sociedades contemporâneas vivem uma territorialidade desenraizada” (ORTIZ, 1999, p. 70). Nessa perspectiva, o território como extensão ainda existe, porém, o deslocamento se torna mais intenso e abstrato por meio das tecnologias de comunicação.

Foucault, psicólogo e filósofo, fazendo alusão às urbanizações reais do século XVIII, trata do território como uma extensão geográfica onde nele se exerce um poder de controle e de disciplina. Seria um espaço o qual ao ser transformado em território, teria como função controlar e vigiar aqueles que nele convivem. Quando analisa território, Foucault afirma que o capital se torna o *ornamento do território* (FOUCAULT, p. 19). O capital, segundo o autor, deve exercer influência política e de poder até as extremidades do território mostrando assim uma soberania.

Outra concepção de território em outras ciências é o proposto por Félix Guattari e Giles Deleuze, ambos filósofos. Por meio de uma análise dos estudos desses autores, Haesbaert (2012), também, discute o conceito. Nele, o território não está localizado em um lugar objetivo, mas esse é construído por meio da convivência entre os grupos que não precisam estar, necessariamente, localizados em um espaço concreto.

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da

qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

Na ideia de Guattari e Rolnik, o conceito de território está inserido a um sentimento de pertencimento a um grupo. Esse conceito dado pelos autores se aproxima do conceito de lugar dado por outros autores da geografia como Claval e Carlos. Esse sentimento de pertencimento perpassa ao conceito de subjetivação e de identificação. Nele, o território é o grupo. E, sendo grupo, o território é móvel, acompanha esse grupo.

Até aqui percebemos o conceito de território ligado tanto ao aspecto físico quanto político de uma maneira genérica. A maioria dos autores destrincha o conceito aprofundando, principalmente, às questões ligadas aos aspectos políticos, culturais e de relações de poder. Essa análise conceitual de território contribuiu para apontarmos um conceito aplicável a tese. Para essa pesquisa, são os aspectos sociais, culturais e econômicos do conceito de território que são mais relevantes. Ou seja, nosso foco principal é o conceito sociocultural e socioespacial dado por Rogério Haesbaert e já apontados por Claval em seus diversos estudos.

Para esse Haesbaert (2004), o território é um espaço sociocultural onde é possível uma apropriação não só objetiva como, também, subjetiva do indivíduo. É no território que são estabelecidas relações de poder e apropriação, pois esse é um espaço coletivo. Para o autor, etimologicamente:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo - especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no "*temtorium*" são impedidos de entrar (HAESBAERT, 2007, p. 20).

Para o autor, o território tem a ver com o poder. Não só o poder explícito “poder político”, mas aquele poder simbólico de apropriação, de um sentir-se bem por fazer parte desse ou daquele território (HAESBAERT, 2007).

O território, nesse contexto, possui uma dimensão objetiva e subjetiva. Objetiva porque podemos considerar o território como um ponto físico geométrico sujeito a um controle aberto e subjetivo, pois, o controle e as relações de poder podem acontecer de forma mais abstrata sem que o sujeito tenha consciência desse controle.

Outro autor que tem o conceito de território próximo ao de Haesbaert é Andrade (2004). Ele aborda em seu livro, algumas concepções sobre a palavra território. Tanto nas ciências naturais quanto nas ciências humanas. Para ele nas ciências naturais, território seria a “área de influência e predomínio de uma espécie animal que exerce o domínio dela” (ANDRADE, 2004, p. 19).

O território nesse âmbito, nessa acepção das ciências naturais, está próxima a uma ideia de seleção natural, diferente da acepção dada pelas ciências sociais que, segundo o autor está ligada a ideia de “domínio ou de gestão de determinada área. Desse modo, deve-se ligar a ideia de território a ideia de poder (...)” (ANDRADE, 2004, p. 19).

Os conceitos de território apresentados levam a crer que as práticas de leitura ocupam, no decorrer da história, um território. Os territórios de leitura são espaços de dominação em que pode se afastar ou aproximar leitores em potencial ou leitores já consagrados. Podemos pensar as práticas de leitura como tendo um território, pois por meio da leitura se adquire conhecimento podendo ser o caminho para diversas transformações sociais, seja de forma positiva ou de forma negativa.

Outro aspecto deve ser ressaltado com relação a questão do território: a territorialidade. Para Andrade (2004), a formação de um território dá as pessoas que nele habitam a consciência de sua participação e de uma confraternização. Esse sentido está congregado aos processos de identificação, os quais contribuem para a manutenção das identidades sociais. Nesse sentido, a leitura presente nas diversas instituições, sejam físicas ou não, quando encontra seu público cria uma territorialidade.

Distingui-se o território de acordo com os indivíduos, grupos ou instituições que os constroem, pois os objetivos do controle social, a partir da territorialização, variam conforme a sociedade ou cultura. “Controla-se uma “área geográfica”, ou seja, cria-se o “território”, ao visar “atingir afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos” (SACK, 1986, p. 6, *apud*<sup>16</sup> HAESBAERT, 2007, p. 22). Ler ou ter acesso a leitura é uma forma de controle, pois a leitura está conectada a um determinado espaço territorializado.

A escola é um território de leitura, pois existem leituras próprias e “autorizadas”. Leitura essa que pode ser controlada por meio da informação contida nos livros didáticos ou até mesmo na distribuição de certos livros por meio dos programas de biblioteca nas escolas.

---

<sup>16</sup> Não foi possível conseguir o texto original por isso o uso do “Apud”.

Considerando os espaços educacionais, talvez, o território mais “democrático” com a leitura *pode ser* a universidade.

Na universidade, não há, *a priori*, um controle do que deve ser ministrado enquanto conteúdo de disciplinas, pois não há livros didáticos iguais aos da escola. E as universidades, pela legislação vigente, obrigatoriamente, devem possuir bibliotecas.

Outro território “democrático” para as práticas de leitura são as bibliotecas públicas. Entretanto o que se percebe nas pesquisas sobre leitura (Retratos da Leitura, 2011) é que esses espaços estão vazios do público aos quais se destinam: a população em geral. Nesse caso, as políticas públicas são as maiores responsáveis para a existência desse espaço enquanto um território democrático que realmente atraia as pessoas. Aqui há de se pensar nesse território enquanto palco da cidadania.

Castro (2003) discute a relação da cidadania com as instituições e o território. Aqui mais uma vez, o poder político é quem tem o comando das políticas necessárias para que o território, por meio das instituições políticas, possa fazer existir o exercício da cidadania.

A internet abre mais possibilidades, uma vez que, não há “controle” com relação ao acesso. Mas, o ciberespaço não deixa de ter territórios, ou seja, lugares onde certas coisas não podem ser ditas (FOUCAULT, 2007) e lugares em que certas leituras não são acessíveis. Há então, espaços de dominação. No caso dos lugares nos quais certas coisas não podem ser ditas, podemos pensar naqueles lugares em que há discursos dominantes e outro discurso pode não ser aceito caso esse venha a se contrapor ao dominante.

Um exemplo são comunidades ou grupos da internet voltados a um tema específico tais como grupos profissionais, grupo de mães entre outros. A nosso ver, há também as leituras não acessíveis, principalmente pelo nível de dificuldade de leitura de alguns leitores ou porque são as consideradas “leituras elitizadas” que pela sua “estética de escrita” afasta os leitores.

Por suposto, nem sempre a simples existência do espaço é porta de entrada para as práticas de leitura. Para haver práticas de leitura nesses espaços, o leitor deve sentir-se pertencente ao lugar; o que, na maioria das vezes, não acontece. Entendemos essa falta de identificação com o lugar se deve ao fato de a leitura, no imaginário dos sujeitos, é realidade somente para aqueles com maior poder aquisitivo como mostra a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2011).

Um exemplo que demonstra as práticas de leitura como exclusividade para a elite são as telenovelas. Observamos nelas a ausência de livros nos núcleos pobres da trama e nos núcleos de maior poder aquisitivo há sempre uma estante de livros, ou uma biblioteca ou, até

mesmo, livros sobre as mesas. Acreditamos que no inconsciente das pessoas pode ficar a impressão de que tais leituras são práticas próprias para aqueles de maior poder aquisitivo. Então, o espaço biblioteca não é o lugar de leitura para quem tem um menor poder aquisitivo.

Outrossim, tal fato não quer dizer que as pessoas não gostem de ler. Aliás, quando uma pessoa faz essa afirmação e aprofundamos em sua trajetória de vida, percebemos a ausência de acesso ao texto escrito em sua vida. Como gostar do que não se tem acesso? Geralmente elas leem aquilo ao seu alcance e aquilo que está em seu espaço de pertencimento.

Exemplo disso são os terminais de ônibus, os consultórios médicos e as salas de espera de um modo geral. Sempre há nesses espaços materiais de leitura, especialmente revistas e jornais. O gosto da leitura se revela a partir do momento no qual as pessoas pegam o material começam a folhear e ler aquilo que lhes chama atenção.

Formar o leitor - e se formar enquanto leitor - são desafios essenciais da escola e do mundo contemporâneo. Mas quem é o leitor? O leitor são leitores, sujeitos do mundo, jovens, crianças, idosos, identidades múltiplas, sujeitos de corpo e de alma logrados no espaço, acometidos pela intempérie das informações, aturdidos pelo medo do desemprego, da violência e da instabilidade econômica. Refém da chuva de símbolos e beneficiário de uma profunda capacidade de contatar mundos distantes, por meio de novos veículos dispostos na sala da casa, no quarto, no escritório, o sujeito lê sob a determinação da velocidade, de vários sentidos. Em decorrência disso, leituras são leituras, tal como o sujeito, o ato de ler desemboca-se em planos fragmentados, complexos e ricos.

O leitor de hoje se vê exposto a uma complexidade de textos. Selecionar a leitura não é fácil pela quantidade e variedade de possibilidades de ler. Os jovens universitários leitores dessa pesquisa demonstram essas características. Apesar de lerem muito, têm a sensação de lerem pouco ou de não serem leitores, por lerem, na maioria das vezes fragmentos: cópias de capítulos de livros, pequenos textos da internet, trechos de revistas e outros pedaços. Fica sempre aberto o embate: ou se lê muito de pouco ou se lê pouco de muito.

A visão da leitura como dado objetivo do mundo estende o ato: sai da simples decodificação à concepção de mundo; e vê o mundo sob a perspectiva de várias leituras. Junta-se a isso uma compreensão: ler é produzir sentidos; ler é agir mentalmente num mundo espaço/temporalmente configurado, recheado de conflitos e contradições. Ler é uma forma exuberante de posse desses conflitos e de destinação da ação para adentrar os lugares e lhes dizer o nome - e a situação. E, assim, intervir nele.

O sujeito leitor ou o sujeito que lê muda assim como muda os suportes os quais abrigam a leitura. Os modos de ler e de acesso à leitura são diferenciados. “Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem (CHARTIER, 1998, p. 77). Desse modo, não se pode esperar o mesmo desempenho do leitor atual com o leitor de 30, 50, 100 ou 500 anos atrás. Muda os hábitos, modos, jeitos, acessos, gostos e profundidade da leitura.

Por fim, percebemos que as práticas de leitura se formam a partir de um território: seja ele concreto ou abstrato, onde se operam relações às quais promovam determinadas leituras ou que podem afastar determinados leitores. Esse território de leitura pode ser controlado a partir das relações de poder ali estabelecidas e as leituras praticadas vão, dessa forma, contribuir para a construção das identidades.

Dessa feita, considerando que as práticas de leitura são processos territorializados, nos propomos a estudar os resultados da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2011). Ela apresenta diversos mapas e gráficos em que são pontuadas as práticas da leitura do brasileiro. A partir desses dados, nossa proposta no próximo item, é analisar geograficamente os dados apresentados e demonstrar se o Brasil é um território de práticas de leitura. Essa análise contribuirá para o entendimento e comparação dos dados coletados dos estudantes universitários, sujeitos da nossa pesquisa de tese.

### **5.2.1 Retratos da Leitura no Brasil: uma análise socioespacial da leitura juvenil**

Para se discutir a temática juventude, metrópole e leitura, podemos destacar a última pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” realizada em 2011. A pesquisa mostra um conjunto de gráficos os quais tentam refletir a realidade das práticas de leitura pelos brasileiros. Analisaremos, em especial, os dados referentes ao público juvenil, a fim de contrapor-los a coleta de dados dessa tese.

Quando se discute sobre práticas de leitura, nossa pretensão não é ligar o conceito de leitura somente ao livro, seja impresso ou eletrônico; mas de qualquer tipo de leitura escrita: do jornal, da revista, da internet, dos murais, ou seja, do escrito seja qual for o suporte. Nos tempos atuais, com tantas mídias e suportes, ligar a prática de leitura somente ao livro é um erro. Da mesma forma é erro tentar identificar entre a grande oferta de escritos, aquilo que é ou não considerado “leitura” do ponto de vista qualitativo.

A leitura é um dos elementos que compõe o cenário das práticas socioespaciais do jovem na metrópole. Entretanto, as formas e objetos de leitura têm se transformado ao longo

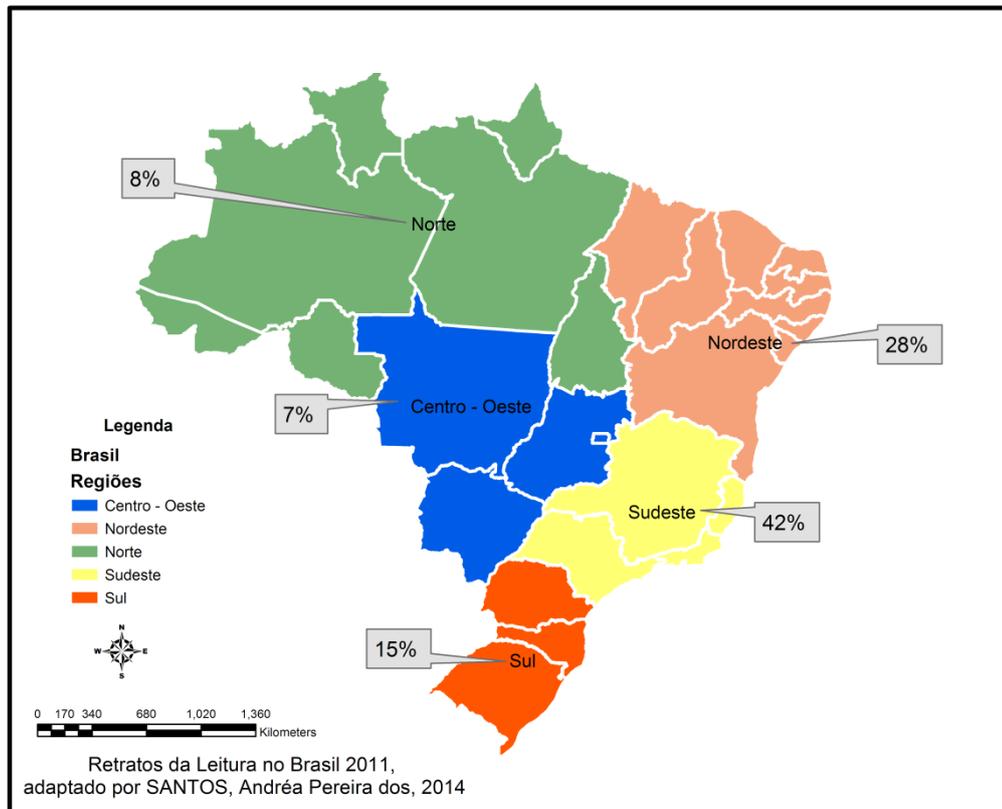
da história. Para o especialista em leitura Chartier (2012), não se pode considerar como suporte de leitura apenas o livro, pois com a difusão de tantos meios de escrita, como a internet por exemplo, abre-se o leque maior de possibilidades de leitura.

Outrossim, pesquisas como a “Retratos da leitura no Brasil (2011)” afirmam uma certa deficiência do brasileiro com relação à leitura. Daí questionarmos: de que conceito de leitura a pesquisa fala? Quais são as práticas de leitura realizadas pela juventude da metrópole? Que lugar ocupa o jovem e essa leitura? Partimos do pressuposto de que a metrópole e todo o seu dinamismo socioespacial contribui para a formação do jovem leitor e esta influencia na construção de sujeitos mais reflexivos.

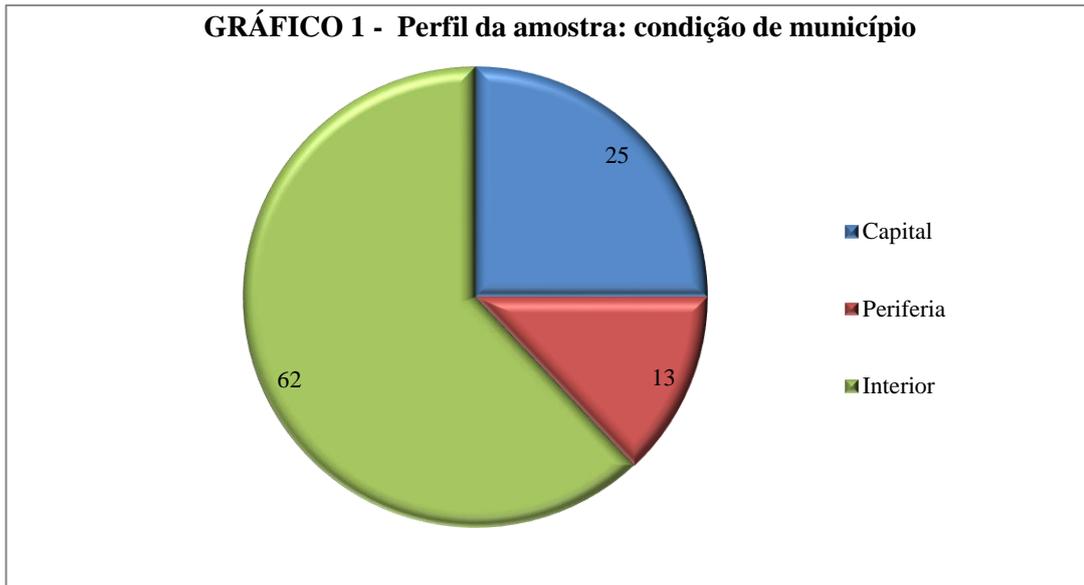
Discute-se as práticas de leitura relacionando-as ao lugar e à metrópole. Por esse motivo, o destaque dado aos resultados da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil de 2011” a fim de levantar algumas problemáticas a respeito de como a dinâmica socioespacial pode interferir nessas práticas.

O mapa 1 mostra a quantidade de participantes por região brasileira. O gráfico 1 mostra a porcentagem de residentes da capital, periferia e interior. Já o gráfico 2 é possível visualizar também o número de habitantes. Observe que a maioria dos entrevistados reside nos municípios do interior dos Estados, porém grande parte pertence aos municípios com mais de 100 mil habitantes.

**MAPA 1 – Perfil da amostra: regiões**

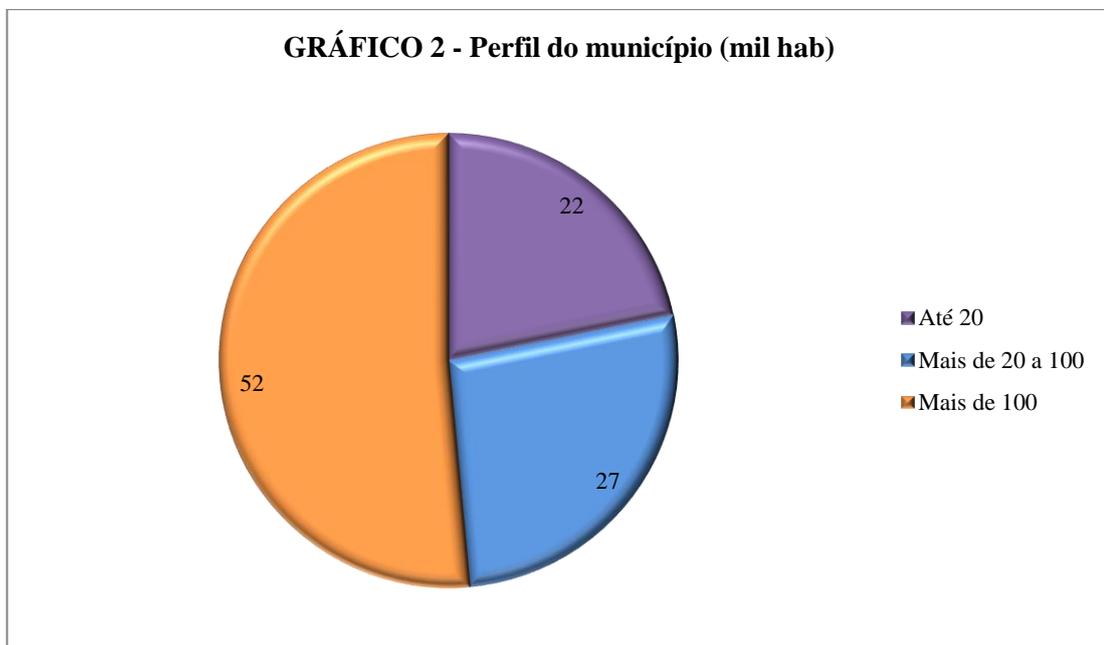


Nos dados seguintes, a pesquisa aponta que a maioria dos participantes da pesquisa residem no interior. Veja que no mapa 1, a maioria dos entrevistados fazem parte da região Sudeste do país. Historicamente, essas regiões são mais privilegiadas em termos de acesso a cultura e a leitura por possuir um maior número dessas instituições.



Fonte: Retratos da Leitura no Brasil (2011), adaptado por SANTOS, Andréa Pereira dos, 2014

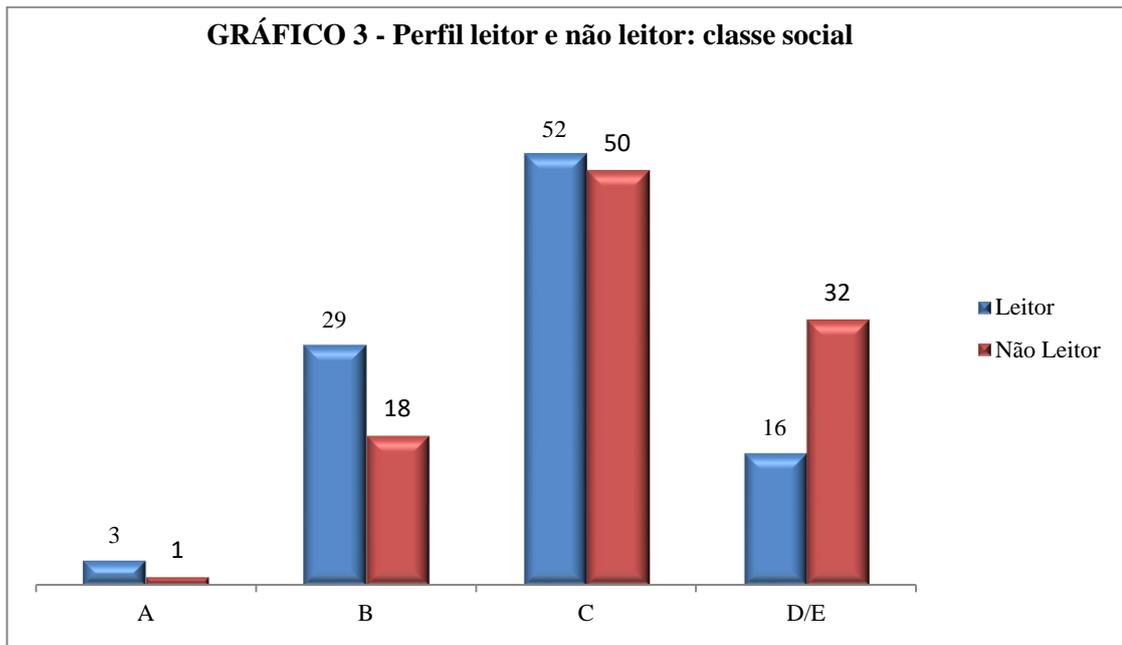
Um pouco mais da metade dos participantes reside em cidades com mais de 100 mil habitantes, portanto, cidades populosas.



Retratos da Leitura no Brasil (2011), adaptado por SANTOS, Andréa Pereira dos, 2014

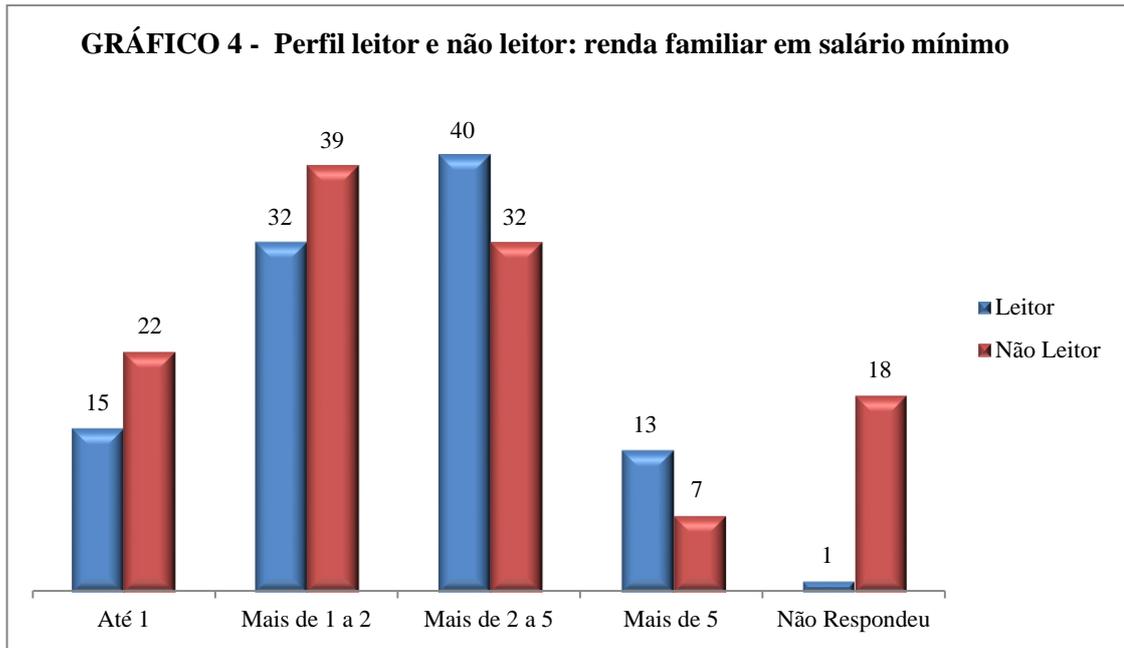
Os dados seguintes mostram pontos os quais ajudam a entender como se estabelecem as práticas de leitura. Elas, como mostra a pesquisa estão relacionadas ao poder aquisitivo – classes A, B, C, D/E (Gráfico 3, 4) e a condição de ser ou não estudante (Gráfico 5), bem como ao grau de escolaridade dos entrevistados (Gráfico 6).

O poder aquisitivo permite que se tenha mais acesso a compra de bens culturais e isso inclui o livro ou outro suporte de leitura. Ser ou não estudante é um fator decisivo, pois na escola há uma maior oferta de leitura do que fora dela. Quanto ao grau de escolaridade, quanto maior for o grau mais interesse há por leitura. Mais a frente, nos resultados da nossa pesquisa, perceberemos que os estudantes realmente se sentem mais instigados a outras práticas de leitura no ambiente universitário.



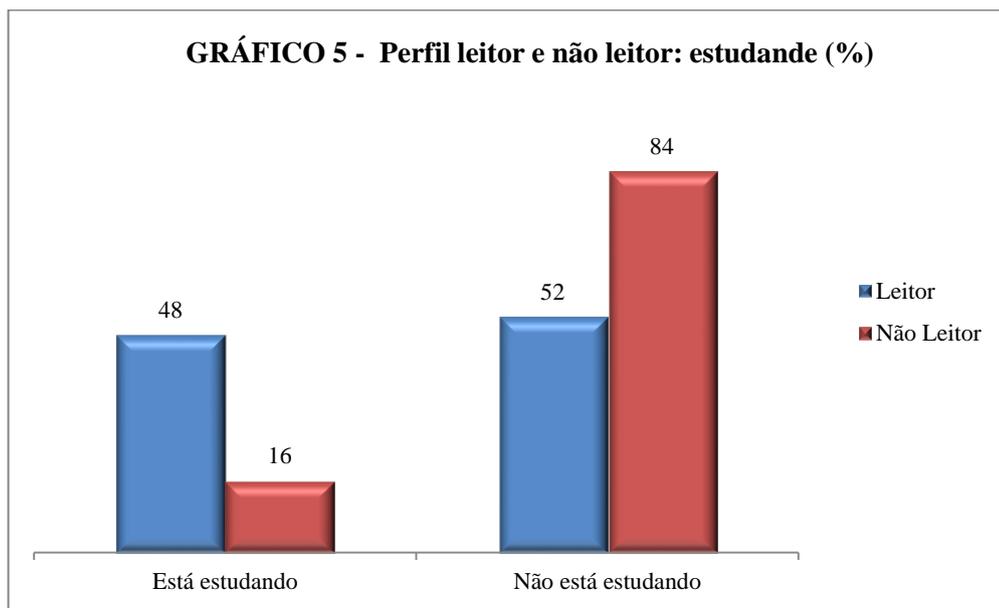
**Fonte: Retratos da Leitura no Brasil (2011), adaptado por SANTOS, Andréa Pereira dos, 2014**

Note-se no gráfico 4 que, quanto maior a renda em termos de salário mínimo, maior o número de sujeitos o quais se consideram leitores.



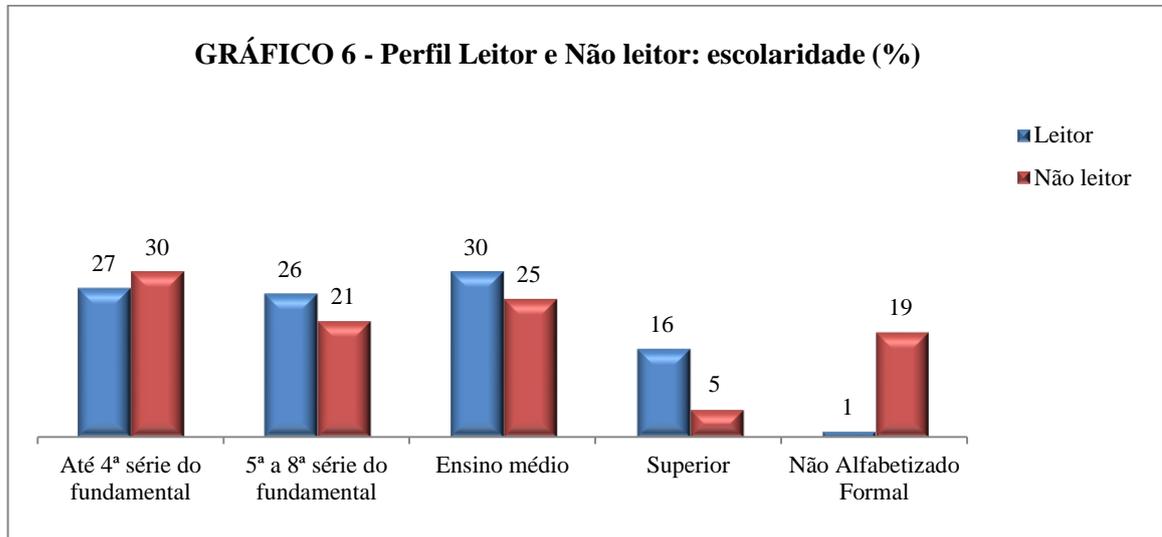
Fonte: Retratos da Leitura no Brasil (2011), adaptado por SANTOS, Andréa Pereira dos, 2014

O Gráfico 5 mostra que há um número maior de leitores estudantes do que dos não estudantes. Entretanto, em nossa coleta de dados, grande parte dos estudantes universitários tendem a negar a leitura feita para a faculdade como leitura. Por suposto, afirma ser leitura aquela feita por prazer e não por obrigação.



Retratos da Leitura no Brasil (2011), adaptado por SANTOS, Andréa Pereira dos, 2014

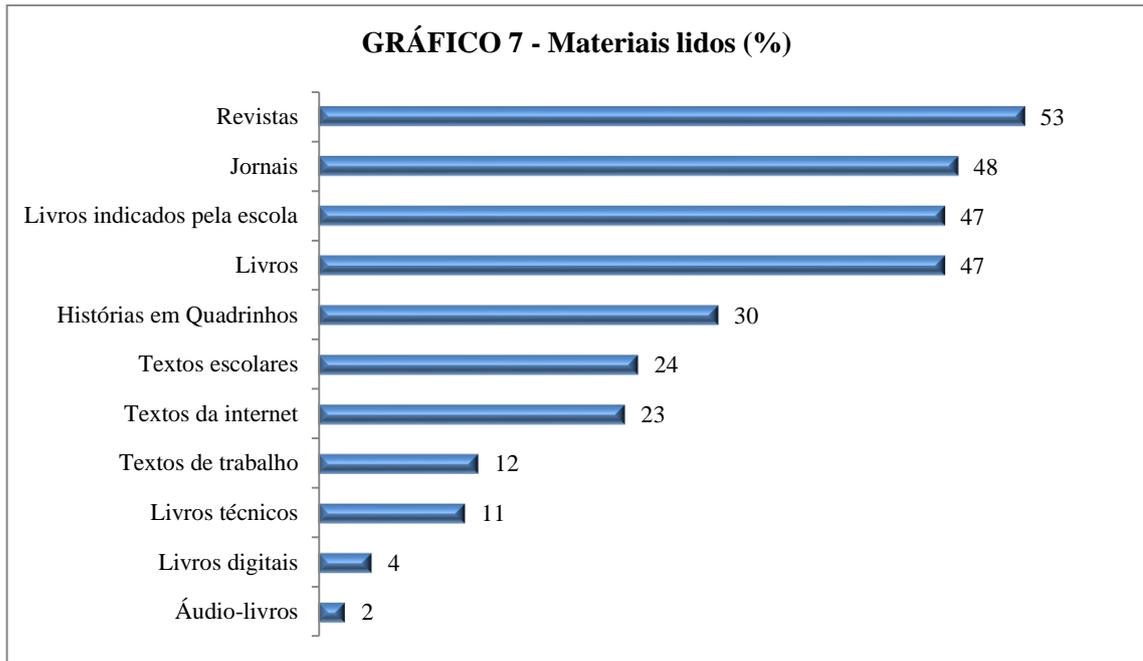
Já no gráfico 6, se considera leitor sujeitos com maior grau de escolaridade. Quanto mais estudo mais a compreensão ou necessidade de ler. Não esquecendo que a escolaridade está relacionada, também, ao perfil socioeconômico.



**Retratos da Leitura no Brasil (2011), adaptado por SANTOS, Andréa Pereira dos, 2014**

Como ponto negativo da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (2011) podemos destacar a primeira questão que define quem é ou não leitor. Pela pesquisa é considerado leitor aquele que leu todo ou parte de um livro nos últimos 3 meses. Essa definição de leitor foi criticada por Chartier (2012) em entrevista concedida no Brasil em 2012. Para ele, não se pode, na atualidade, considerar como leitor apenas aquele que lê o livro, ainda mais com o advento da Internet.

Ao destacar o livro como único instrumento de leitura, podemos incorrer no que Abreu (2000) considera como preconceitos de leitura. Ainda mais que a própria pesquisa “Retratos” revela entrevistados citando como preferências de leitura revistas e jornais em primeiro lugar e, também, outras leituras como a Internet são citadas (Gráfico 7).



Fonte: Retratos da Leitura no Brasil 2011, adaptado por SANTOS, Andréa Pereira dos, 2014

Destarte, na pesquisa foi possível perceber práticas de leitura, além do objeto livro, as quais são citadas e importantes para refletirmos como essas outras práticas podem interferir ou não nos resultados apresentados e até contestá-los.

Um dos exemplos de práticas de leitura o qual deve ser levado em consideração é o próprio espaço virtual. Nesse espaço, a juventude cria seus lugares, onde as práticas de leitura acontecem. Veja que a tabela 1, mostra o acesso a Internet maior entre os jovens.

**TABELA 1 – Frequência de Acesso à internet: faixa etária**

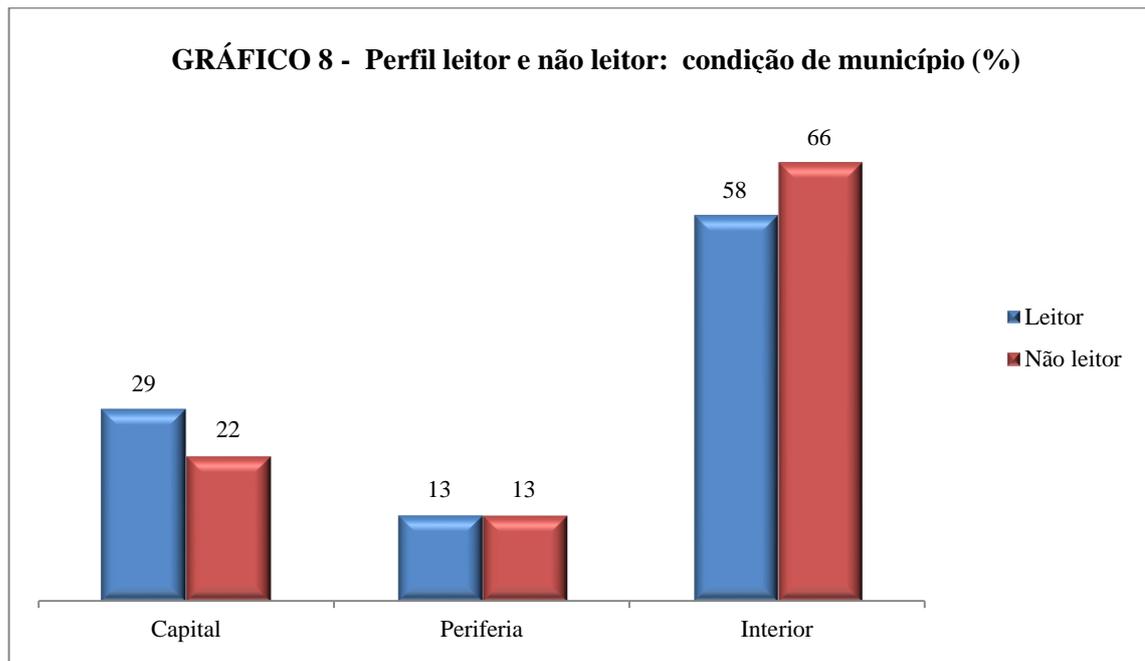
	05 a 17	18 a 29	30 a 49	50 e mais
<i>Base (milhões)</i>	<b>43,3</b>	<b>39,4</b>	<b>54,24</b>	<b>41,1</b>
Todos os dias	20	30	18	5
Algumas vezes na semana	23	22	11	4
Uma vez por semana	9	7	4	1
Raramente/ De vez em quando	10	11	7	2
Não acessa	38	30	59	88

Fonte: Retratos da Leitura no Brasil 2011, adaptado por SANTOS, Andréa Pereira dos, 2014

Há questionamentos em torno das práticas de leitura realizadas na Internet, vista como leitura fragmentada e sem aprofundamento. Entretanto, se refletirmos sobre a dinâmica da metrópole deduziremos que o ambiente virtual é reflexo dela. Ela, a metrópole, é também fragmentada por conta de todos elementos que a caracterizam: trânsito, *shoppings*,

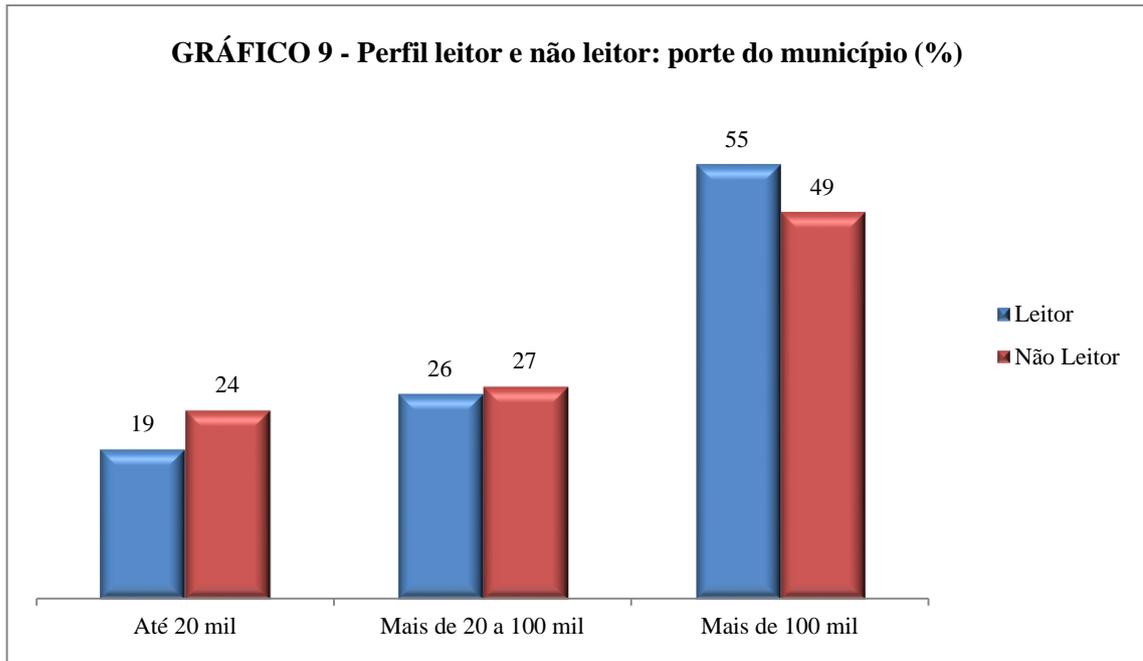
hipermercados, sons, muita gente, crimes, acidentes, propagandas, cartazes e tudo mais. Além disso, ela é produto de uma lógica capitalista produtora de bens e consumo e são esses fatores que a caracterizam como tal.

Apesar da fragmentação presente na metrópole, a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” mostra, proporcionalmente, uma população de leitores maior do que de não leitores para aqueles que moram na capital (Gráfico 8).



Fonte: Retratos da leitura no Brasil 2011, adaptado por SANTOS, Andréa Pereira dos, 2014

Municípios com mais habitantes, proporcionalmente, possuem mais leitores (Gráfico 9).



**Fonte: Retratos da leitura no Brasil 2011, adaptado por SANTOS, Andréa Pereira dos, 2014**

A pesquisa não analisa qualitativamente o porque desse resultado. Entretanto podemos pressupor que é nas capitais onde se tem maior número de pessoas que há mais acesso a livrarias e bibliotecas. É nas capitais que o acesso a Internet é mais frequente, principalmente por conta de espaços públicos onde se pode acessá-la de forma gratuita. Há, assim, uma hierarquia espacial, onde é privilegiado o acesso a bens culturais nas regiões mais centrais dos estados (capitais) e menos no interior.

Outro detalhe que chama atenção deve-se ao fato de quanto mais populoso o município há, proporcionalmente, mais leitores. Esse resultado, pressupomos igualmente, está ligado ao acesso a bibliotecas e livrarias.

Importa analisar, na pesquisa “Retratos” feita até agora, que a dinâmica do espaço tem influência na formação de leitores. Conforme o espaço é territorializado e, nele, são construídos lugares propícios a práticas de leitura, mais leitores são formados. Esses lugares devem ser espaços que tendem a ser lugares de “pertencimento”.

Os lugares de pertencimento criados dentro de uma metrópole devem ser aqueles os quais fazem parte do cotidiano das pessoas. Nossas experiências nos mostram, assim como a própria pesquisa citada, que bibliotecas, livrarias, estantes de livros, jornais, revistas e Internet em espaços como terminais de ônibus, aeroportos, próximo a estação de metrô,

periferias, ou seja, em espaços formais<sup>17</sup> ou informais de leitura têm grande poder de atrair o público por estar justamente dentro do seu espaço de pertencimento, do seu “lugar”. Já houve um tempo em que os terminais de ônibus de Goiânia possuíam bibliotecas com bom acervo em que eram emprestados livros aos usuários do transporte coletivo. Havia grande e variada procura. Pena que este projeto foi extinto.

A residência é o lugar preferido para as práticas de leitura segundo a pesquisa. E a leitura, conforme a pesquisa revelou, está associada ao poder aquisitivo e ao grau de escolaridade, pois a principal forma de aquisição de livros é a compra, o que não é possível a todos.

Mesmo que a pesquisa considere somente o livro como definição para leitor, percebemos que o acesso a outras leituras se dão via pagamento. No caso da Internet, é preciso ter o computador e pagar pelo acesso. Nessa perspectiva, constatamos a construção do leitor ou o gosto pela leitura relacionado ao acesso à ela. Acusa-se o jovem ou o cidadão de uma maneira geral de não gostar da leitura, mas como gostar de algo que não se tem acesso? Dessa feita, há a questão da valoração cultural dessa prática.

Desde o princípio, como mostra a história, as práticas de leitura são vigiadas e iniciadas por aqueles prestigiados. O ato de ler é desde o início prestígio de poucos e esse imaginário é realidade, pelo menos inconscientemente, na vida da maioria dos sujeitos, os quais em diversos casos, não se sentem aptos à prática de determinadas leituras.

Se analisarmos as tendências sobre as práticas de leitura levantadas pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2011) perceberemos, com relação à juventude, que essa faixa etária é responsável pelo maior acesso à Internet na atualidade. Então vale a pena analisar as leituras praticadas nesse ambiente e tentar compreender outras leituras feitas fora do espaço virtual e qual é o lugar das práticas de leitura na metrópole.

Hoje, com a complexidade da metrópole, principalmente por conta da globalização, formaram-se mil lugares conforme analisamos em tópico anterior. Essa complexidade interfere na formação e nas relações socioespaciais da juventude.

Quando analisamos a questão das práticas de leitura, juventude e metrópole e recorreremos à pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil (2011)” conseguimos fortalecer alguns pressupostos, principalmente o de que as práticas de leitura estão bastante ligadas a uma dinâmica socioespacial da metrópole e que é possível essa dinâmica interferir nas práticas de leitura de forma negativa ou positiva.

---

<sup>17</sup> Chamamos de espaços formais de leitura: bibliotecas, livrarias, escolas. Os espaços informais são as praças, ônibus, pontos de ônibus etc.

No próximo capítulo trataremos dos resultados alcançados. Neles, identificamos várias questões em comum nas respostas da pesquisa “Retratos” (2011) com a coleta de dados feita para essa tese.

## 6 ESTUDOS SOBRE LEITURA NO BRASIL: REVISÃO

*Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural (MARTINS, 1997, p. 22)*

Nesse tópico apresentamos uma revisão de literatura dos estudos sobre leitura no Brasil especificamente, trabalhos os quais abordem “leitura e juventude”, “leitura e geografia”, “leitura e estudantes universitários”. Em um primeiro momento levanta-se os estudos sobre “leitura e juventude” e “leitura e universitários”, posteriormente, trabalhos dentro da temática “leitura cartográfica”. Em ambos estudos são feitos quadros apresentando a quantidade de resultados dentro das bases de dados utilizadas.

Para conhecer o estado da arte da temática “leitura e juventude” ou “leitura e estudantes universitários” fizemos pesquisas em diversas bases de dados digitais disponíveis na internet. Esse levantamento contribuiu para a tese, pois a partir dele podemos conhecer os estudos sobre a temática, analisar seus resultados e poder compará-los a pesquisa e, também, para se analisar o ineditismo da tese.

Sobre o ineditismo, as buscas em bases de dados nos mostrou que não há dentro da geografia estudos os quais façam uma relação entre juventude, práticas de leitura e dinâmicas socioespaciais. Também, não encontramos estudos sobre práticas de leitura e universitários numa perspectiva geográfica. Entendemos que este estudo é inédito e pertinente ao que se chama de tese.

Entretanto, buscamos nos levantamentos conhecer se haviam estudos sobre leitura e geografia os quais se aproximam da nossa perspectiva de tese. Para isso, fizemos buscas no *Google Acadêmico*, no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior - CAPES, no *Scielo*, na Biblioteca Digital de Teses e dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT, Biblioteca de Teses e Dissertações da Biblioteca da UFG (BDTD/UFG), Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG, Repositório da Universidade de Brasília UNB e no DOAJ.

Nas bases de dados *online*, a princípio, utilizamos como palavras chave: Leitura e Geografia; leitor e Geografia; ler e Geografia. Nesse levantamento, encontramos apenas um artigo que versava sobre Geografia e leitura cujo o título é “Leitura e Geografia: um desafio para aprendizagem”. Esse artigo foi encontrado na busca ao *google acadêmico* o qual não trouxe um detalhamento melhor da data e local de publicação do mesmo. Sabe-se, segundo o

link do site, tratar-se de um artigo publicado em um Simpósio da Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

Diante do insucesso nas buscas por estudos relacionados a Geografia e leitura, fizemos uma consulta ao grupo de discussão do *Google: listageografia* perguntando se havia algum pesquisador da área de “geografia e leitura”. Dois participantes da lista responderam positivamente; porém não tinham trabalhos publicados. Mas, os seus trabalhos estavam relacionados à questão da importância da leitura para o estudo da geografia diferente de nossa pesquisa a qual busca relacionar a dinâmica socioespacial com a leitura.

O que é comum encontrar são estudos sobre geografia e literatura. São diversos estudos que envolvem essa temática a qual já é uma linha de pesquisa comum dentro da geografia. Estes estudos sobre “Geografia e Literatura” procuram explorar as questões geográficas a partir das obras literárias. Grande parte das obras literárias são ricas e importantes fontes para se entender a relação ambiente e movimentos socioespaciais.

Como não encontramos estudos que envolviam diretamente a pesquisa sobre leitura e geografia, procuramos estudos sobre “juventude e leitura”. A seguir apresentamos o quadro 2 com as bases pesquisadas e a quantidade de artigos recuperados. Devemos ressaltar que nem todos os resultados recuperados condiziam com a temática “juventude e leitura”, portanto apresentamos nessa tabela somente os estudos dentro da temática.

### QUADRO 2: Levantamento bibliográfico “juventude e leitura”

RESULTADOS OBTIDOS				
BASE DE DADOS	Artigos	Livros	Teses	Dissertações
Google acadêmico	12	1	0	2
BDTD do IBICT	-	-	8	27
BDTD da UFG	-	-	-	1
DOAJ	16	-	-	-
Portal de periódicos	3	-	-	-
Scielo	78	-	-	-
BDTD da UFMG	-	-	-	1
<b>Repositório UNB</b>	-	-	-	-

Elaboração: Andréa Pereira dos Santos, 2014

O levantamento bibliográfico feito nessas bases de dados apresentaram resultados bastante diferenciados. Tal fato se deve pelas possibilidades de estratégia de busca de cada uma das bases de dados. Quanto melhor for a estratégia de busca melhor são os resultados.

A escolha das bases de dados acima se deu pela completude e importância das mesmas no mundo acadêmico. O *Google* acadêmico busca por textos, artigos, livros, teses e dissertações disponibilizadas nos diversos bancos de dados nacionais e internacionais. Há

algumas dificuldades com relação à busca nessa base de dados, pois é difícil refinar a busca e são apresentados diversos resultados falsos a nossa intenção de resultado. Usamos as palavras chave “leitura” e “juventude” na pesquisa feita ao *Google* acadêmico. Todo o texto que tinha a palavra “leitura” ou “juventude” no corpo do texto foi apresentado nos resultados. Após visualizarmos todos os resultados apresentados pelo *Google*, selecionamos aqueles artigos que realmente tratavam da temática “leitura e juventude”.

Do mesmo modo fizemos um levantamento usando as palavras-chave “leitura e universitário”. Apesar das dificuldades de refinamento o Google acadêmico foi a base em que foi possível encontrar mais resultados. Um ponto positivo dessa base é a capacidade de captura de informações congregando diversos bancos de dados.

Quanto à pesquisa feita a Biblioteca de Teses e Dissertações do IBICT – BDTD/IBICT foram utilizadas diversas variáveis das palavras chave, ou seja, buscamos todos os documentos que tinham no título as palavras “leitura, leitor, leitores” e no assunto “jovens, juventude, adolescentes, universitário”.

O sistema foi bem específico na recuperação das informações. Isso porque a base possibilitou que fosse feita essa estratégia de busca bem diferenciada da pesquisa realizada ao *Google*. Escolhemos como base de dados principal para busca de teses e dissertações a BDTD do IBICT, pois ela é o principal portal para consulta de tais materiais. A BDTD do IBICT tem como objetivo reunir o maior número de pesquisas realizadas pelos programas de Pós-graduação *Strict Sensu* do País.

A busca feita ao Portal de Periódicos da Capes recuperou apenas três documentos. Esse portal recupera, principalmente, documentos em língua inglesa e nossa pesquisa foi feita com palavras chave em português. As palavras chave utilizadas foram “juventude e leitura; universitário e leitura”.

Na BDTD da UFG, foi encontrado apenas uma dissertação tratando da temática “juventude e leitura”. Trata-se de uma pesquisa sobre preconceitos de leitura de estudantes escolares cujo resultado demonstra ser falsa a negativa do não gosto pela leitura pelo jovem. Os resultados confirmam a hipótese de que o jovem gosta da ler, porém não as leituras canonizadas pela escola (AURORA NETA, 2008).

Outra base pesquisada foi a BDTD da UFMG. Nela encontramos uma dissertação sobre “juventude e leitura” e uma tese com o tema “universitário e leitura”. Na dissertação de Melo (2007) ela aborda as trajetórias e histórias de leitura de jovens ao levar em consideração a influência do ambiente familiar e social vivenciado por eles nas suas práticas leitoras. Já a tese de Santos (2013) destaca sobre a relação da leitura literária com o estudante de letras e da

adesão destes com esse tipo de leitura. Conclui no esclarecimento de que há uma influência de gênero quanto ao interesse pela leitura literária.

Apesar da emergência do tema leitura na contemporaneidade, são relativamente poucos os estudos dentro dessa temática envolvendo a juventude e a leitura ou leitura e universitários. Em princípio, vê-se tal temática a ganhar mais abertura na área de educação e letras. Surpreendeu a existência de diversos estudos ligados à área de psicologia, especificamente os que tratam de “leitura e universitários”. Há estudos em outros campos do conhecimento já que a leitura é uma preocupação em todos os campos do conhecimento, pois, o sucesso no aprendizado em cada um depende da competência das práticas de leitura.

No DOAJ conseguimos 16 artigos ao utilizarmos como estratégia de busca os termos “leitura *or* leitores”. Do mesmo modo, selecionamos trabalhos com abordagem da leitura relacionada à juventude ou a universitários. Já na base de dados *Scielo* recuperamos 78 artigos, tendo como estratégia de busca o termo “leitura” no título dos artigos. Pesquisamos também “leitura e universitário” no assunto da base de dados.

No Repositório da UNB não encontramos trabalhos relacionados às temáticas e/ou palavras-chaves pesquisadas nas outras bases de dados. A Seguir, quadro 2, elencamos os trabalhos sobre “universitário e leitura”.

**QUADRO 3: Levantamento bibliográfico “Universitário e leitura”**

RESULTADOS OBTIDOS				
BASE DE DADOS	Artigos	Livros/capítulo	Teses	Dissertações
Google acadêmico	31	7	2	7
BDTD do IBICT	-	-	-	-
BDTD da UFG	-	-	-	1
DOAJ	05	-	-	-
Portal de periódicos	1	-	-	-
Scielo	13	-	-	-
BDTD da UFMG	-	-	1	-

Elaboração: Andréa Pereira dos Santos, 2014

Na tabela seguinte elencamos todos os estudos encontrados com a temática “Universitário e leitura” ao mostrar um resumo geral do estudo, se se trata de um trabalho acadêmico e em que área do conhecimento foi desenvolvido.

TABELA 2 – Referências sobre leitura, juventude e estudantes universitários

Referência	Tipo	Área de conhecimento	Tema
AURORA NETA, Maria. <b>O jovem (não) gosta de ler um estudo sobre a relação entre juventude e leitura.</b> Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2008.	Mestrado	Educação	Preconceitos de leitura e juventude escolar
CANTALICE, Lucicleide Maria de; OLIVEIRA, Katya Luciane de. Estratégias de leitura e compreensão textual em universitários. <b>Psicol. Esc. Educ. (Impr.)</b> , Campinas, v. 13, n. 2, Dec. 2009	Artigo	Psicologia	Leitura e compreensão textual em universitários
CARVALHO, Marlene. A leitura dos futuros professores: por uma pedagogia da leitura no ensino superior. <b>TEIAS</b> , Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, jan/jun, p.1-19, 2002.	Artigo	Educação	Práticas de leitura de estudantes de pedagogia
CENTOFANTI, E. M.; FERREIRA, S. M.; DEL TEDESCO, T. Compreensão da leitura por universitários de psicologia. In: G. P. Witter (Org.). <b>Leitura e universidade</b> . Campinas: Alínea, 1997. p. 33-60.	Artigo	Psicologia	Práticas de leitura de estudantes de psicologia
CUNHA, Neide de Brito; SANTOS, Acácia A. Angeli dos. Relação entre a compreensão da leitura e a produção escrita em universitários. <b>Psicologia: reflexão e crítica</b> , v. 19, n. 02, p. 237-245, 2006.	Artigo	Psicologia	Leitura e produção escrita de universitários
DAUSTER, Tania. Os universitários: modo de vida, práticas leitoras e memória. <b>TEIAS</b> : Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, jul/dez, 2001.	Artigo	Educação	Práticas leitoras e memórias de universitários
DRESCH, Márcia; LEBEDEFF, Tatiana Bolívar; DICKEL, Adriana. Memórias de leitura, lugar de leitor e conhecimento na formação inicial de docentes. <b>Pro-Posições</b> , Abr., v.22, n.1,p.45-58, 2011.	Artigo	Educação /Letras	Leitura e formação de docentes
EGYPTO, M. S. R. <b>Leitura em estudantes universitários: estudo contrastivo de caracterização de nível de desempenho.</b> Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB, 1983.	Mestrado	Não identificada	Nível de desempenho da leitura por estudantes universitários
FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; LIMA, Maria Prescila Tenório Nascimento de; GONÇALVES, Fabíola Mônica da Silva. A interlocução entre aluno-leitor/autor em sala de aula e a mediação do docente universitário. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> . v. 13, n. 1, p. 62-74, 2011.	Artigo	Psicologia	Estudante leitor do ensino superior
GIMENES, Dienes Garcia; PULLIN, Elsa Maria Mendes Pessoa. Estratégias de leitura utilizadas por alunos universitários de licenciaturas distintas. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA CESUMAR. 7., 2011. Maringá. <b>Anais...</b> Maringá: Editora Cesumar, 2011.	Artigo	Educação	Estratégias de leitura de estudantes de licenciatura
GRANJA, Elza Correa. <b>Contribuições ao estudo da leitura entre estudantes universitários: análise empírica da leitura e do uso de bibliotecas entre os alunos do curso de graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.</b>	Mestrado	Psicologia	Estudo da leitura entre estudantes universitários

Referência	Tipo	Área de conhecimento	Tema
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Paulo, 1985.			
GUARINELLO, Ana Cristina et al . Surdez e letramento: pesquisa com surdos universitários de Curitiba e Florianópolis. <b>Rev. bras. educ. espec.</b> , Marília , v. 15, n. 1, Apr. 2009.	Artigo	Educação	Letramento de surdos universitários
HUSSEIN, Carmen Lúcia. Avaliação de treino de leitura compreensiva e crítica: estudo com universitários. <b>Psicol. esc. educ.</b> , Dez 2008, vol.12, no.2, p.401-411.	Artigo	Psicologia	Leitura compreensiva e crítica de universitários
JOLY, M. C. R. A.; CANTALICE, L. M. Avaliando estratégias de leitura com universitários. In: C. Machado, L. S. Almeida; M. Gonçalves; V. Ramalho (Orgs.). <b>Avaliação psicológica</b> : formas e contextos. Braga: Psiquilíbrios Edições, 2004. p.479-486	Artigo	Psicologia	Estratégias de leitura de universitários
JOLY, M. C. R. A.; GUERRA, P. B. C. Compreensão em leitura e barreiras à criatividade: um estudo com universitários ingressantes. <b>Psico</b> , v. 35, p. 2, 151-159, 2004	Artigo	Psicologia	Compreensão de leitura e barreiras à criatividade em universitários
JOLY, M. C. R. A.; PAULA, L. M. Avaliação do uso de estratégias de aprendizagem e a compreensão em leitura de universitários. In: M. C. R. A. Joly; A. A. A. Santos, & F. F. Sisto. (Orgs.). <b>Questões do cotidiano universitário</b> . São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p.33-58.	Livro/ Capítulo	Psicologia	Estratégias de aprendizagem de leitura de universitários
JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo; CANTALICE, Lucicleide Maria de; VENDRAMINI, Claudette Maria Medeiros. Evidências de validade de uma escala de estratégias de leitura para universitários. <b>Interação em Psicologia</b> , v. 8, n. 2, p. 261-270, 2004.	Artigo	Psicologia	Estratégia de leitura para universitários
MARTINS, Rosana Maria Mohallem; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; BARIANI, Isabel Cristina Dib. Estilos cognitivos e compreensão leitora em universitários. <b>Paidéia</b> , v.15, p. 30, 57-68, 2005.	Artigo	Psicologia	Compreensão leitora em universitários
MELO, Rosângela Assis Feliciano de. <b>Jovens leitores de meios populares</b> : histórias e trajetórias de leitura. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFMG, UFMG, 2007.	Mestrado	Educação	Leitura e jovens leitores populares
OLIVEIRA, K. L. <b>Compreensão de leitura, desempenho acadêmico e avaliação da aprendizagem em universitários</b> . Dissertação (Mestrado) - Unidade Acadêmica de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, da Universidade São Francisco. Itatiba, 2003.	Mestrado	Psicologia	Compreensão de leitura e aprendizagem em universitários
OLIVEIRA, K. L.; SANTOS, A. A. A. A importância da compreensão em leitura para a aprendizagem de universitários. In: E. Boruchovitch; J. A. Bzuneck (Orgs.). <b>Aprendizagem</b> : processos psicológicos e contexto social na escola. Petrópolis: Vozes, 2004. P. 119-148.	Livro/ Capítulo	Psicologia	Compreensão em leitura para a aprendizagem de universitários

Referência	Tipo	Área de conhecimento	Tema
OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli Dos. Compreensão em leitura e avaliação da aprendizagem em universitários. <b>Psicol. Reflex. Crit.</b> , Abr 2005, vol.18, n.1, p.118-124.	Artigo	Psicologia	Compreensão em leitura em universitários
OLIVEIRA, Katya Luciane de. Compreensão da leitura, atitudes de leitura e desesperança em universitários. <b>Psicol. cienc. prof.</b> , 2008, v.28, no.4, p.820-831.	Artigo	Psicologia	Compreensão em leitura em universitários
OLIVEIRA, Katya Luciane de. Considerações acerca da compreensão em leitura no ensino superior. <b>Psicol. cienc. prof.</b> , 2011, vol.31, no.4, p.690-701.	Artigo	Psicologia	Compreensão em leitura em universitários
OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli Dos. Compreensão em leitura e avaliação da aprendizagem em universitários. <b>Psicol. Reflex. Crit.</b> , Porto Alegre, v. 18, n. 1, Apr. 2005.	Artigo	Psicologia	Compreensão em leitura em universitários
OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Estudo de intervenção para a compreensão em leitura na universidade. <b>Interação em Psicologia</b> . v. 12, p.2, p. 169-177, 2008.	Artigo	Psicologia	Compreensão em leitura na universidade
OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; PRIMI, Ricardo. Estudos das relações entre compreensão em leitura e desempenho acadêmico na universidade. <b>Interação em Psicologia</b> , v. 7, n. 1, p. 19-25, 2003.	Artigo	Psicologia	Compreensão em leitura e desempenho acadêmico na universidade
OLIVEIRA, M. H. M. A. Comportamento de leitura do estudante universitário. In: G. P. Witter. <b>Leitura: textos e pesquisas</b> . Campinas: Alínea, 1999. Cap. 7	Livro/ Capítulo	Psicologia	Comportamento de leitura do estudante universitário
OLIVEIRA, M. H. M. <b>A leitura do universitário: Estudo comparativo entre cursos de engenharia e fonoaudiologia da PUCCAMP</b> . Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade de Campinas. Campinas-SP, 1993.	Mestrado	Não identificado	Estudo comparativo de leitura entre estudantes de fonoaudiologia e engenharia
OLIVEIRA, Maria Helena Mourão Alves de. Funções da leitura para estudantes de graduação. <b>Psicol. Esc. Educ.</b> , 1996, vol.1, no.1, p.61-68.	Artigo	Psicologia	Funções de leitura estudantes de graduação
OLIVEIRA, Raquel Ávila Maia de; OLIVEIRA, Katya Luciane de. Leitura e condições de estudo em universitários ingressantes. <b>Psic.</b> , São Paulo, v. 8, n. 1, jun. 2007.	Artigo	Psicologia	Leitura e condições de estudo em universitários
PELLEGRINI, M. C. K. <b>Avaliação dos níveis de compreensão e atitudes frente a leitura em universitários</b> . Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências Humanas, Universidade São Francisco. Bragança Paulista, SP, 1996.	Mestrado	Não identificado	Compreensão de leitura em universitários
PEREIRA, M. E. M. <b>Uma análise das dificuldades de compreensão de textos entre estudantes universitários</b> . Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1983.	Mestrado	Psicologia	Dificuldade de compreensão entre universitários
PINTO, C. J. A., ALVARENGA, M. A. P.; KOCK, R. A. A. Hábitos de leitura e compreensão de texto entre universitários. In: G. P. Witter (Org.). <b>Leitura e universidade</b> . Campinas, SP:	Livro/ Capítulo	Não identificado	Hábitos de leitura de universitários

Referência	Tipo	Área de conhecimento	Tema
Alínea, 1997. P. 133-165.			
PULLIN, Elsa Maria Mendes Pessoa. Leitura de estudo: estratégias reconhecidas como utilizadas por alunos universitários. <b>Ciências &amp; Cognição</b> , v.12, p. 51-61, 2007.	Artigo	Psicologia	Leitura de estudo de universitários
PULLIN, Elsa Maria Mendes Pessoa. Valoração da leitura por recém-ingressos em Pedagogia: reflexões para a prática docente. <b>Arq. bras. psicol.</b> , Rio de Janeiro, v. 62, n. 3, 2010.	Artigo	Psicologia	Leitura e valoração por ingressantes em pedagogia
RIBEIRO, Ana Cláudia; GARCIA, Daniel Chavier. Bibliotecário e leitura: hábitos de leitura dos futuros profissionais da informação. <b>Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação</b> , Campinas, v.8, n. 1, p. 72-86, jul./dez. 2010.	Artigo	Biblioteconomia	Habito de leitura de estudantes de biblioteconomia
RODRIGUES, Marisa Cosenza; ALVES, Marília Aparecida Pontes; ALMEIDA, Rafaela Duque de; SILVA, Renata de Lourdes Miguel da. Intervenção em habilidades cognitivas e metacognitivas de leitura em alunos do Programa de Educação Tutorial–PET. <b>Revista Psicologia: Teoria e Prática</b> , v. 16, n. 1, 181-190. São Paulo, SP, jan.-abr. 2014.	Artigo	Psicologia	Leitura e alunos do programa tutorial do PET.
SAMPAIO, Isabel S.; SANTOS, Acácia A. Angeli dos. Leitura e redação entre universitários: avaliação de um programa de intervenção. <b>Psicol. estud.</b> , Jun 2002, v.7, n.1, p.31-38.	Artigo	Psicologia	Intervenção de leitura em universitários
SAMPAIO, S. T. <b>Teste de Procedimentos para Treino em Leitura Crítica e Criativa</b> : um estudo experimental com universitários. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 1983.	Mestrado	Educação	Leitura crítica e criativa de universitários
SANTOS, A. A. A. Desempenho em leitura: um estudo diagnóstico da compreensão e hábitos de leitura entre universitário. <b>Estudos de Psicologia</b> , v. 8, n.1, p. 6-19, 1991.	Artigo	Psicologia	Desempenho em leitura de universitários
SANTOS, Acácia A. Angeli dos; SUEHIRO, Adriana C. B.; OLIVEIRA, Katya Luciane de. Habilidades em compreensão da leitura: um estudo com alunos de psicologia. <b>Estud. psicol.</b> , Campinas, Ago. v.21, n.2, p.29-41, 2004.	Artigo	Psicologia	Compreensão de leitura em estudantes de psicologia
SANTOS, Acácia A. Angeli dos; PRIMI, Ricardo; TAXA, Fernanda de O. S.; VENDRAMINI, Claudette M. M. O Teste de Cloze na avaliação da compreensão em leitura. <b>Psicologia: Reflexão e Crítica</b> , v. 15, n. 03, p. 549-560, 2002.	Artigo	Psicologia	Teste de Cloze para avaliação de leitura
SANTOS, Acácia A. Angeli dos; SUEHIRO, Adriana C. B.; OLIVEIRA, Katya Luciane de. Habilidades em compreensão da leitura: um estudo com alunos de psicologia. <b>Estud. psicol.</b> , Campinas, v. 21, n. 2, Aug. 2004.	Artigo	Psicologia	Habilidades e compreensão de leitura em alunos de psicologia
SANTOS, Acácia A. Angeli dos;. <b>Leitura entre universitários: diagnóstico e remediação</b> . Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1989.	Tese	Psicologia	Diagnóstico e leitura entre universitários
SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos et al. Leitura compreensiva e utilização de estratégias de	Artigo	Psicologia	Leitura compreensiva e

Referência	Tipo	Área de conhecimento	Tema
aprendizagem em alunos de Psicologia. <b>Estud. Psicol.</b> , Campinas, Mar. 2006, v.23, n.1, p.83-91.			estratégias de aprendizagem em alunos de Psicologia
SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. <b>Compreensão de Leitura, Estratégias de Aprendizagem e Motivação em Universitários</b> . Tese (Doutorado em psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade São Francisco, Itatiba, 2012.	Tese	Psicologia	Compreensão de Leitura, em Universitários
SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. O Cloze como técnica de diagnóstico e remediação da compreensão em leitura. <b>Interação em Psicologia</b> . v. 8, n. 2, p. 217-226, 2004.	Artigo	Psicologia	Teste de Cloze como diagnóstico de compreensão de leitura entre universitários
SANTOS, Gelson Ribeiro dos; QUEIROZ, Salet Linhares. Leitura e interpretação de artigos científicos por alunos de graduação em química. <b>Ciência &amp; Educação</b> , v. 13, n. 2, p. 193-209, 2007	Artigo	Educação	Leitura e interpretação de artigos científicos por alunos de química
SILVA, Maria José Moraes da; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli. A avaliação da compreensão em leitura e o desempenho acadêmico de universitários. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 9, n. 3, p. 459-467, set./dez. 2004	Artigo	Psicologia	Compreensão em leitura e desempenho acadêmico
SANTOS, Silmara de Jesus Bignardi dos. A importância da leitura no ensino superior. COLE – CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. 16. 2007. <b>Anais...</b> Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em: <a href="http://www.alb.com.br/anais16/index.htm">http://www.alb.com.br/anais16/index.htm</a> . Acesso em maio de 2014.	Artigo	Educação	Importância da leitura no ensino superior
SANTOS, Maura Maria dos. <b>Relações de estudantes de letras com a leitura literária</b> : entre leituras profissionais e comuns. Tese (Tese de doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2013.	Tese	Educação	Leitura e estudantes de letras
TESSARO, N. S. Leitura na vida de universitários: estudo comparativo entre instituições de ensino superior. In: G. P. Witter (Ed.). <b>Leitura e Psicologia</b> . Campinas, SP: Alínea, 2004. p. 45-76	Livro/ Capítulo	Psicologia	Estudo comparativo de leitura entre universitários
THEREZO, Graciema Pires. <b>Redação e leitura para universitários</b> . Campinas: Alínea, 2008.	Livro/ Capítulo	Não identificado	Redação e leitura para universitários
ZANOTELLO, Marcelo. Leitura de textos originais de cientistas por estudantes do ensino superior. <b>Ciência &amp; Educação</b> , v. 17, n. 4, p. 987-1013, 2011.	Artigo	Educação	Leitura de textos científicos no ensino superior

Fonte: Pesquisa referencial realizada pela autora em maio de 2014

As mesmas bases de dados foram utilizadas para se pesquisar outra forma de leitura relacionada à Geografia: “leitura cartográfica”. No quadro (3) abaixo relacionamos os resultados encontrados.

#### QUADRO 4: Levantamento bibliográfico “leitura cartográfica”

RESULTADOS OBTIDOS				
BASE DE DADOS	Artigos	Livros	Teses	Dissertações
Google acadêmico	28	01 <sup>18</sup>	-	01
BDTD do IBICT	-	-	-	-
BDTD da UFG				
DOAJ	06	-	-	-
Portal de periódicos	07	-	-	-
Scielo	01	-	-	-

Elaboração: Andréa Pereira dos Santos, 2014

Frisamos que os resultados de todas as bases de dados não são somativas, pois alguns trabalhos aparecem em mais de uma base de dados. Nossa intenção com essa busca em diversas bases ocorreu pela necessidade de buscar exaustivamente por pesquisas relacionadas à nossa temática de tese.

Os estudos sobre leitura na geografia tratam, prioritariamente, da leitura cartográfica. Nessa pesquisa levantamos, conforme quadro 4, alguns desses estudos. Pelo levantamento verificamos haver poucos estudos nessa temática, mas eles trazem elementos necessários no que diz respeito a leitura como uma forma de compreender o mundo.

O artigo de Callai (2005) e Santos (2007/2008) discutem a leitura de mundo a partir da percepção do espaço. Tal estudo é uma proposta de leitura de mundo, por meio do estudo da geografia, voltado as crianças das séries iniciais. No artigo, a autora admite que essa leitura de mundo é essencial para a compreensão da sociedade e da prática da cidadania. O artigo de Francischett (2012) também aborda a importância da leitura da imagem para compreensão do mundo. Nesse artigo, a autora explica a importância de se ler criticamente e decodificar informações contidas em imagens.

Já Peixoto (2004) trata da necessidade da leitura cartográfica para os estudos históricos. Em seu artigo ele discute a Carta de Niemayer de 1846 e as condições de leitura de produtos cartográficos. A leitura cartográfica, segundo o autor, pretende demarcar as várias possibilidades de leitura de tais materiais não se limitando a uma visão positivista desses mapas.

Cavenaghi (2003) discute a leitura cartográfica relacionada a história. Ele coloca a construção do mapa como uma criação cultural do homem e manifesta que a criação dele depende da carga cultural do leitor. Ao ler um mapa histórico, é preciso observar as concepções históricas e sociais de sua criação.

<sup>18</sup> Um dos capítulos do livro trata do assunto “Leitura cartográfica”.

Fialho (2007) também propõe a leitura dos mapas a partir de uma visão constituída historicamente. Os mapas representam as mudanças históricas ao longo do tempo. Dessa forma, sua leitura se torna algo necessário para o entendimento histórico das cidades urbanas.

Archela e Théry (2008) propõem uma metodologia para leitura de mapas temáticos. Essa metodologia visa facilitar a construção e leitura dos mapas. A nosso ver, essa preocupação é similar a leitura do texto escrito que deve ser claro ao público a ele destinado.

Há alguns artigos como Katuta (1997); Oliveira (2008); Almeida e Nogueira (2009); Machado (2013) a discutirem sobre a alfabetização cartográfica, ou seja, ensinar estudantes a aprenderem ler mapas de forma objetiva, mas também, crítica.

Essa leitura é especialmente importante tanto para questões mais objetivas e práticas relacionadas à simples localização como também para leitura de mapas temáticos os quais traduzem aspectos sociais e políticos de um determinado local. Roberti (2013) fazendo uso do termo letramento, comumente usado na educação nos estudos sobre leitura e alfabetização, apontará para um letramento cartográfico, ou seja, uma maneira crítica de se ler os mapas.

Em outro artigo, Aguiar (2001) fala da importância da alfabetização cartográfica no curso de licenciatura em Geografia. Tal investigação procura entender a contribuição da leitura cartográfica no ensino de geografia.

No artigo de Latória e Fernandes (2012) aborda-se a leitura do mapa e a importância de não só saber ler, mas, também, se localizar. Da mesma forma que outros artigos já abordados acima, propõe-se o ensino da cartografia nas séries iniciais.

Santos e Rosa (2009) discutem a questão da leitura cartográfica para o entendimento das noções espaciais e educação ambiental. No artigo, os autores propõem que esse aprendizado seja dado a partir da educação infantil.

Os artigos citados acima são alguns exemplos dos estudos sobre leitura no contexto geográfico. Como vimos, os autores falam da importância da alfabetização cartográfica para uma compreensão e leitura crítica de mapas.

Essa leitura crítica e reflexiva dos mapas estão no mesmo patamar da leitura do texto escrito, uma vez que a proposta é que as leituras cartográficas contribuam para uma leitura crítica do mundo. Essa pesquisa mostrou uma linha da Geografia preocupada com a leitura de mapas para um melhor aprendizado dos estudantes de séries iniciais e ensino médio.

Nos tópicos seguintes apresentamos os resultados alcançados pelos questionários aplicados aos estudantes, bem como as entrevistas e redações. Além disso, foi realizado um

trabalho de observação dos espaços da universidade, verificando práticas de leitura realizadas pelos estudantes, a finalidade de tais práticas e suportes utilizados.

## 7 CARTOGRAFIA DA LEITURA DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA

*Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular (CHARTIER, 1998, p. 91)*

Nesse capítulo, abordaremos os resultados alcançados com a pesquisa, de forma a demonstrar as práticas de leitura por parte dos jovens universitários, tendo em vista que essas leituras são fruto da sua trajetória de vida e aguçadas com sua trajetória universitária.

Os questionários foram enviados via sistema *Lime Survey* a 2.578 emails cadastrados e selecionados por algumas coordenações dos cursos pesquisados as quais nos enviou os endereços dos prováveis formandos. Entretanto, veio por engano em alguns casos, emails daqueles que não estavam cursando os últimos períodos do curso. Posteriormente, verificamos com a ASCOM o número de prováveis formandos do ano de 2013/2. A Assessoria nos informou o total de 1809 formandos conforme apresentamos na tabela 3.

Assim, recorreremos, também, ao Centro de Recursos Computacionais – CERCOMP/UFG que filtrou os *emails* dos prováveis formandos da UFG campus Goiânia de 2013/2. Como nosso foco são os jovens estudantes formandos, concentramos as análises nas respostas daqueles que tinham até 35 anos de idade conforme já justificado no capítulo da metodologia.

Dos questionários enviados obtivemos 494 respostas, porém 174 delas estavam incompletas e, portanto, excluímos da nossa avaliação. Retiramos também 24 questionários de estudantes que não estavam finalizando o curso e outros 15 com idade acima dos 35 anos. Obtivemos 281 respostas completas; o que equivale a 15,50% do total da amostra tendo por referência os 1809 prováveis formandos informados pela ASCOM/UFG<sup>19</sup>. Na tabela 3 relacionamos a quantidade de prováveis formandos em cada curso segundo a informação repassada pelas coordenações de curso contatadas e confirmados pela ASCOM.

---

<sup>19</sup> Salientamos que nesse universo estão inclusos todos os prováveis formandos de 2013/2 independente da idade. Não foi possível esse filtro por idade. Acreditamos que, tendo por base a quantidade de exclusões feitas acima da idade referenciada, esse percentual de resposta pode chegar a quase 20%. Há de salientar também que vários *e-mails* também retornaram por erro no cadastro e pode haver estudantes desistentes.

TABELA 3 – Número de prováveis formandos por curso<sup>20</sup>

CURSO	QTD.
Administração	32
Agronomia	86
Arquitetura	19
Artes presencial (Cênicas, visuais, Design, música etc.)	94
Biblioteconomia	26
Ciências Biológicas	52
Ciências contábeis	35
Ciências da computação	24
Ciências econômicas	32
Ciências Sociais	37
Direito	104
Ecologia e análise Ambiental	19
Educação Física	68
Enfermagem	39
Eng. Computação	20
Eng. De Alimentos	22
Eng. Florestal	8
Eng. Mecânica	8
Engenharia Ambiental	16
Engenharia Civil	52
Engenharia de Software	26
Engenharia Elétrica	56
Engenharia Química	5
Estatística	6
Farmácia	51
Filosofia	9
Física	17
Geografia	63
História	54
Jornalismo	45
Letras	106
Matemática	30
Medicina	111
Museologia	2
Nutrição	29
Odontologia	56
Pedagogia	96
Psicologia	28
Publicidade	25
Química	46
Relações Públicas	30
Sistemas de informação	19
Veterinária	83
Zootecnia	23
<b>Total</b>	<b>1809</b>

Na tabela 4, apresentamos o quantitativo de estudantes que responderam o questionário por curso.

<sup>20</sup> Percebemos nas respostas dos questionários que algumas coordenações nos enviou a listagem de todos os estudantes independente de estarem ou não se formando.

TABELA 4 – Número de estudantes participantes por curso

Curso	Sujeitos	%
Administração	4	1,42
Agronomia	1	0,36
Arquitetura e urbanismo	2	0,71
Artes (Canto, Design de Interiores, Moda, Design Gráfico, Música, Artes Cênicas e Artes Visuais)	11	3,91
Biblioteconomia	17	6,05
Biologia	18	6,41
Biomedicina	4	1,42
Ciência Contábeis	30	10,68
Ciências da Computação	4	1,42
Ciências Econômicas	2	0,71
Ciências Sociais	13	4,63
Comunicação Social (Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas)	17	6,05
Direito	18	6,41
Ecologia e Análise Ambiental	1	0,36
Educação Física	14	4,98
Engenharia Civil	3	1,07
Engenharia de Alimentos	9	3,20
Engenharia de Computação	6	2,14
Engenharia de Software	3	1,07
Engenharia Elétrica	6	2,14
Engenharia Florestal	2	0,71
Engenharia Mecânica	2	0,71
Engenharia Química	2	0,71
Farmácia	6	2,14
Filosofia	3	1,07
Física	5	1,78
Geografia	8	2,85
História	8	2,85
Letras	9	3,20
Matemática	6	2,14
Medicina	9	3,20
Medicina Veterinária	13	4,63
Nutrição	7	2,49
Pedagogia	6	2,14
Psicologia	4	1,42
Química	4	1,42
Sistemas de Informação	1	0,36
Zootecnia	3	1,07
<b>TOTAL</b>	<b>281</b>	<b>100</b>

Já na tabela 5 relacionamos a Área do Conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ, a que pertence cada curso. A tabela 5 indica os cursos da Área de Ciências Sociais Aplicadas com maior número de respondentes. Convém observar na tabela 6 que tal dado se justifica porque a UFG possui uma porcentagem maior de cursos na referida área.

**TABELA 5 – Total de respondentes por Área do conhecimento do CNPQ**

Área do Conhecimento	Qtd.	%
Ciências Agrárias	4	1,42
Ciências Biológicas	23	8,19
Ciências Exatas e da Terra	36	12,81
Ciências Humanas	42	14,95
Ciências Sociais Aplicadas	90	32,03
Engenharias	31	11,03
Linguística, Letras e Artes	20	7,12
Ciências da Saúde	35	12,46
<b>Total</b>	<b>281</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2013

Na tabela 6 apresentamos a quantidade de cursos da UFG por Área do Conhecimento do CNPQ. Nem todos os cursos entraram em nossa pesquisa, pois não havia formandos por serem cursos iniciados recentemente.

**TABELA 6 – Total de Cursos da UFG por Área do Conhecimento do CNPQ**

Cursos	Soma	%
Ciências Agrárias	3	5,08
Ciências Biológicas	4	6,78
Ciências Exatas e da Terra	10	16,95
Ciências Humanas	7	11,86
Ciências Sociais Aplicadas	13	22,03
Engenharias	8	13,56
Linguística, Letras e Artes	8	13,56
Ciências da Saúde	6	10,17
<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>100</b>

Fonte: [www.ufg.br](http://www.ufg.br), acesso em maio de 2014

A seguir, tabela 7, o quantitativo daqueles que fizeram a redação ou foram entrevistados.

**TABELA 7 – Participantes da entrevista ou redação**

<b>Curso</b>	<b>QTD.</b>
Matemática	1
Medicina	2
Biblioteconomia	4
Ciências contábeis	1
Geografia	1
Biologia	2
Letras	2
Engenharia da computação	1
Artes	1
Química	1
Farmácia	1
História	1
Ciências Sociais	1
Engenharia de Alimentos	1
Física	1
<b>Total</b>	<b>20</b>

Os dados das tabelas 3 a 7 demonstram uma participação variada e proporcional dos cursos e áreas do conhecimento. Foi possível, dessa forma, ter uma noção do geral.

Dos que responderam o questionário 40,57 são do sexo masculino e 59,07 do sexo feminino. Era de se esperar um maior quantitativo de pessoas do sexo feminino como mostrou os resultados, pois outras estatísticas mostram essa mesma realidade.

Além do questionário, entrevista e redação fizemos 20 abordagens aos estudantes nos diversos espaços informais e formais de leitura do campus. Os estudantes abordados foram aqueles que estavam lendo alguma coisa em diferentes suportes. Perguntamos nome, idade, curso, período; o que estava lendo, porque estava lendo, se lia aquilo antes de entrar para universidade e porque da escolha daquele local para leitura.

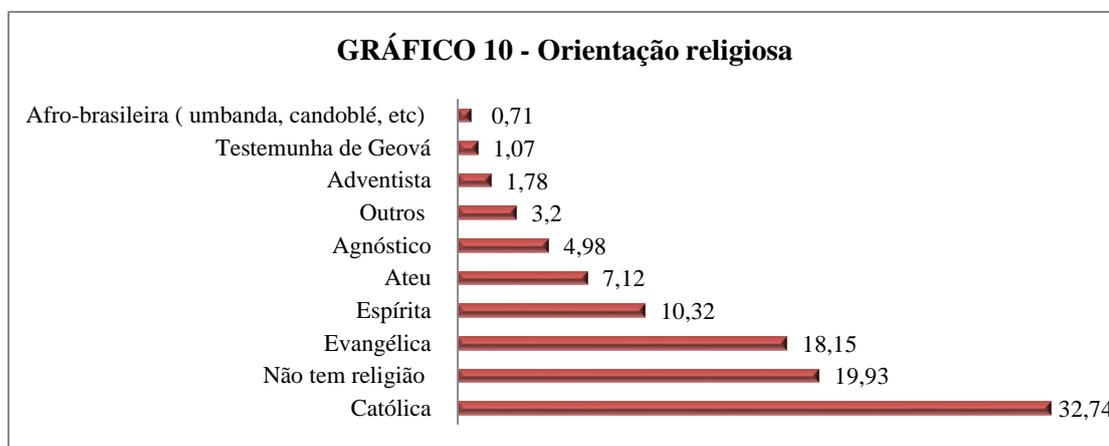
Nos espaços informais percorremos corredores, pátio, lanchonetes, bosque e ponto de ônibus. Nos espaços formais, fomos na biblioteca, livraria e salas de aula. Nessa abordagem, falamos com jovens de diferentes cursos e diferentes períodos, pois nossa intenção era de ter uma visão geral e visualizar, na prática, o que se lia, porque se lia e onde se lia.

### 7.1 AS PRÁTICAS DE LEITURA DO JOVEM UNIVERSITÁRIO

Os estudantes pesquisados têm entre 19 e 35 anos. Ressaltamos que nosso conceito de juventude não está preso à faixa etária estabelecida pelos órgãos de regulação como a OMS, apesar de não desconsiderá-los conforme já justificamos anteriormente. Porém

não podemos deixar de lado que o conceito de juventude da atualidade é muito mais amplo como mostrado no capítulo 4.

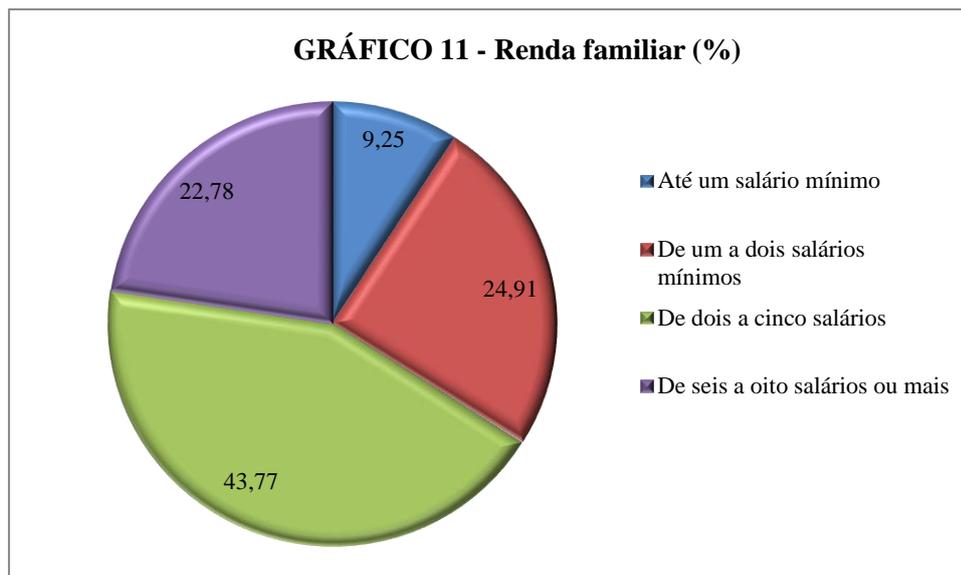
Como se vê no gráfico 10, a maior parcela, cerca de 32% se considera católico. Entretanto, quase 20% não têm religião e 18,15% são evangélicos. Os outros, cerca de 28% se dividem em outras religiões. Como se vê, a religiosidade é presente entre os estudantes e isso, como veremos nos resultados sobre preferências de leitura, terá reflexo, pois muito dos estudantes afirmam que sempre viam os pais lendo a bíblia. Desse modo, a Bíblia e outros textos religiosos ganham destaque nas práticas de leitura dos estudantes. Além disso a Bíblia, desde a Idade Média, é considerada o livro mais lido da história, lembrando que foi o primeiro livro impresso pós-imprensa de Gutemberg.



**Fonte: Organizado pela autora 2014**

A renda familiar (Gráfico 11) está concentrada de dois a cinco salários mínimos por pessoa, conforme mostra o gráfico. Mas temos que considerar a existência de pessoas as quais a renda familiar não chega a um salário mínimo e também há outros ultrapassando 8 salários mínimos por pessoa. Percebe-se que a maioria dos estudantes apresenta boa renda familiar. A implantação das cotas na universidade ocorreu em 2009, portanto, alguns fazem parte delas e outros não.

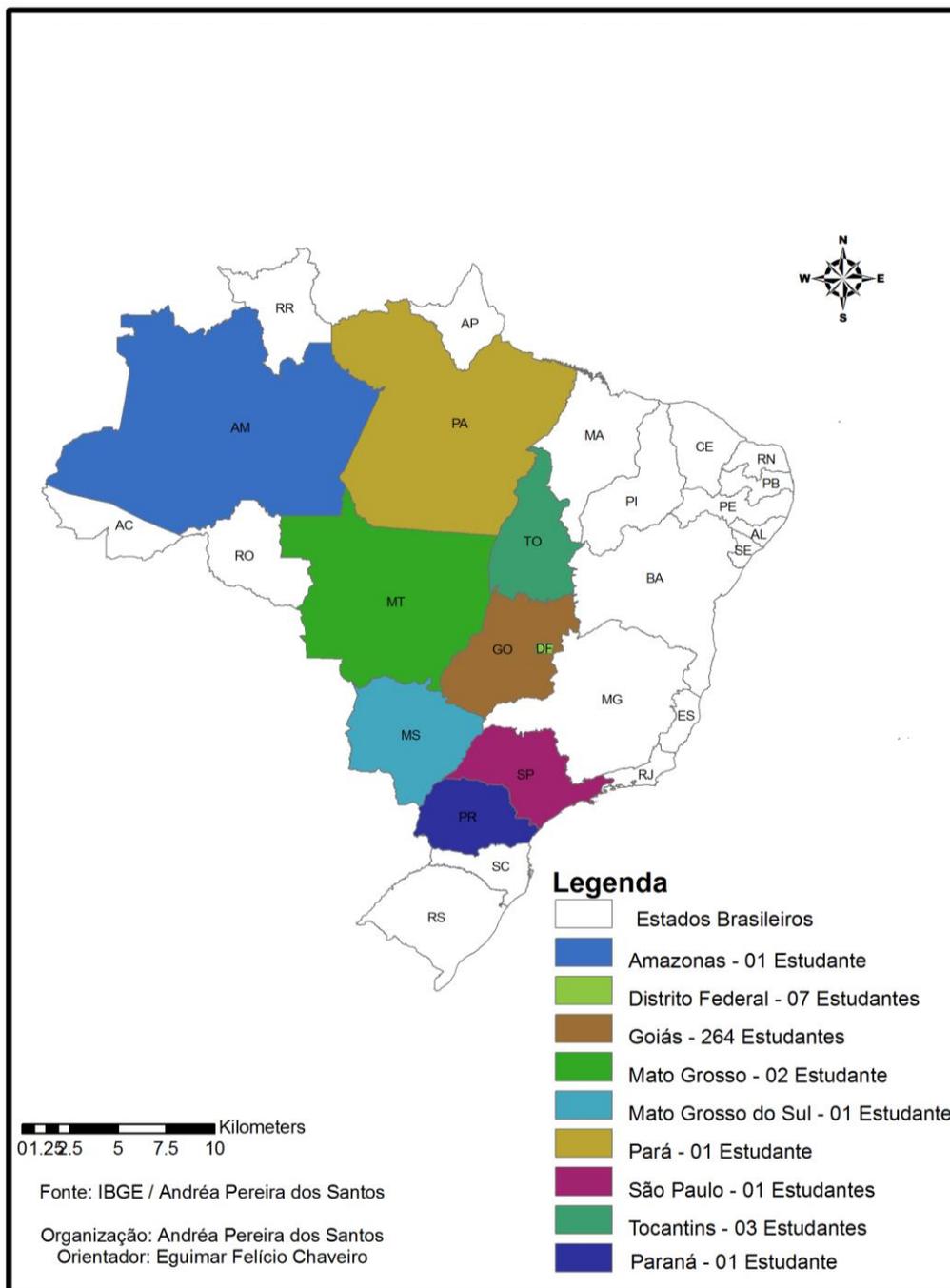
Os cursos participantes com duração de 4 anos já são oriundos de cotas. Já os que são concluídos a partir de 5 não fazem parte delas. A questão de renda familiar, pelo que se pode ver nas entrevistas, tem certa influencia nas práticas de leitura, principalmente de livros, pois boa parte dos entrevistados fala da dificuldade de acesso a ele por conta do seu valor.



**Fonte: Organizado pela autora 2014**

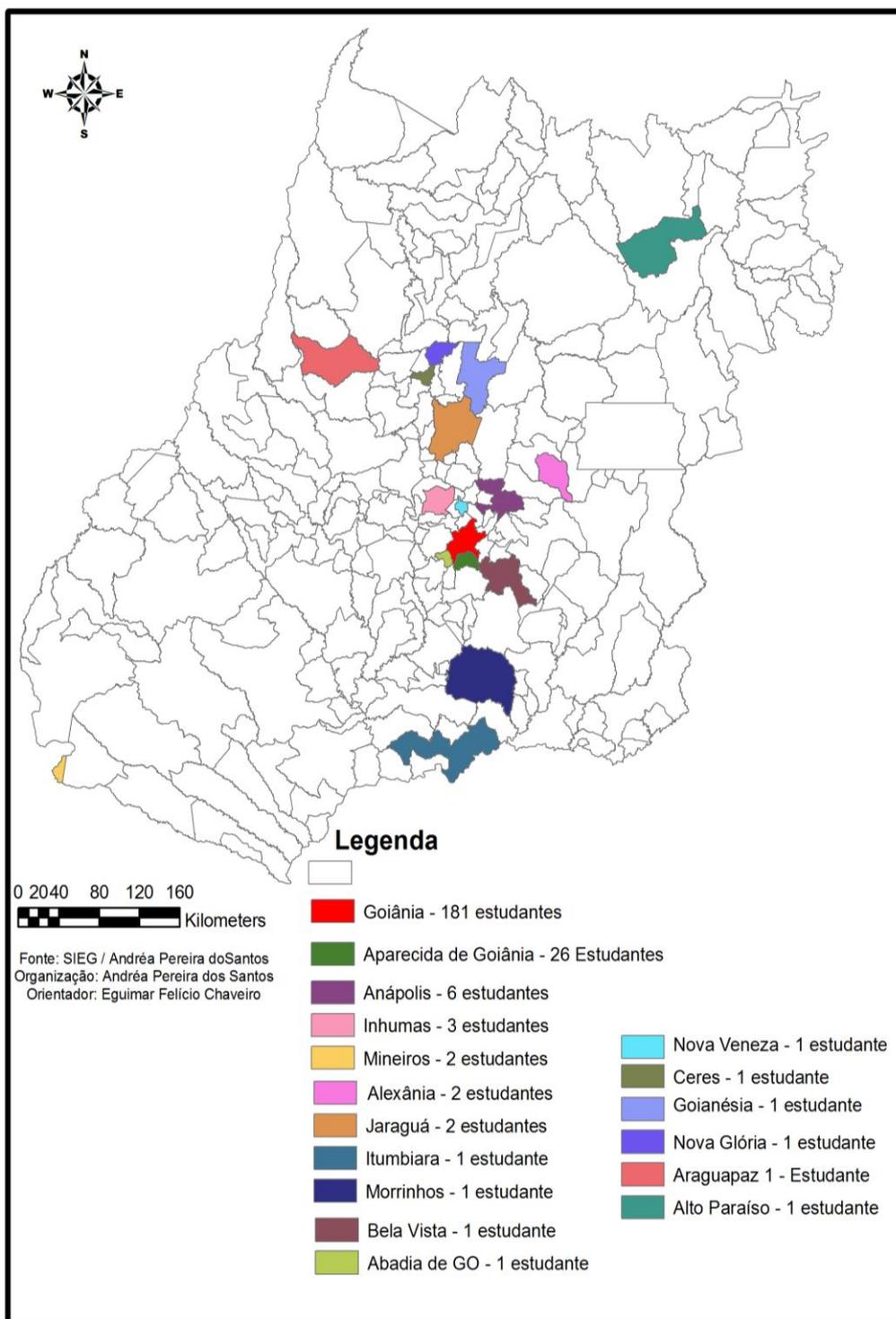
A maioria, é oriunda da capital Goiânia. O restante vem das regiões metropolitanas e do interior e até de outros estados conforme Observamos nos Mapa 2 (estudantes de outros estados) e mapa 3 (estudantes das regiões metropolitanas e do interior). Tal fato mostra que há um privilégio e um acesso maior à universidade para quem mora na capital, visto que, não há acesso a instituições de ensino superior suficientes nos interiores dos estados.

## MAPA 2 – Origem dos estudantes por Estado brasileiro



No próximo mapa (3) indicamos os estudantes que tem sua origem nas regiões metropolitanas e no interior do Estado de Goiás. Observamos no mapa 3 que a maior parte se concentra nas regiões centro e sul e sudeste do estado. Poucos são de municípios mais distantes. Nossa hipótese para esses resultados é a questão da proximidade. Muitos estudam na capital e continuam morando no interior.

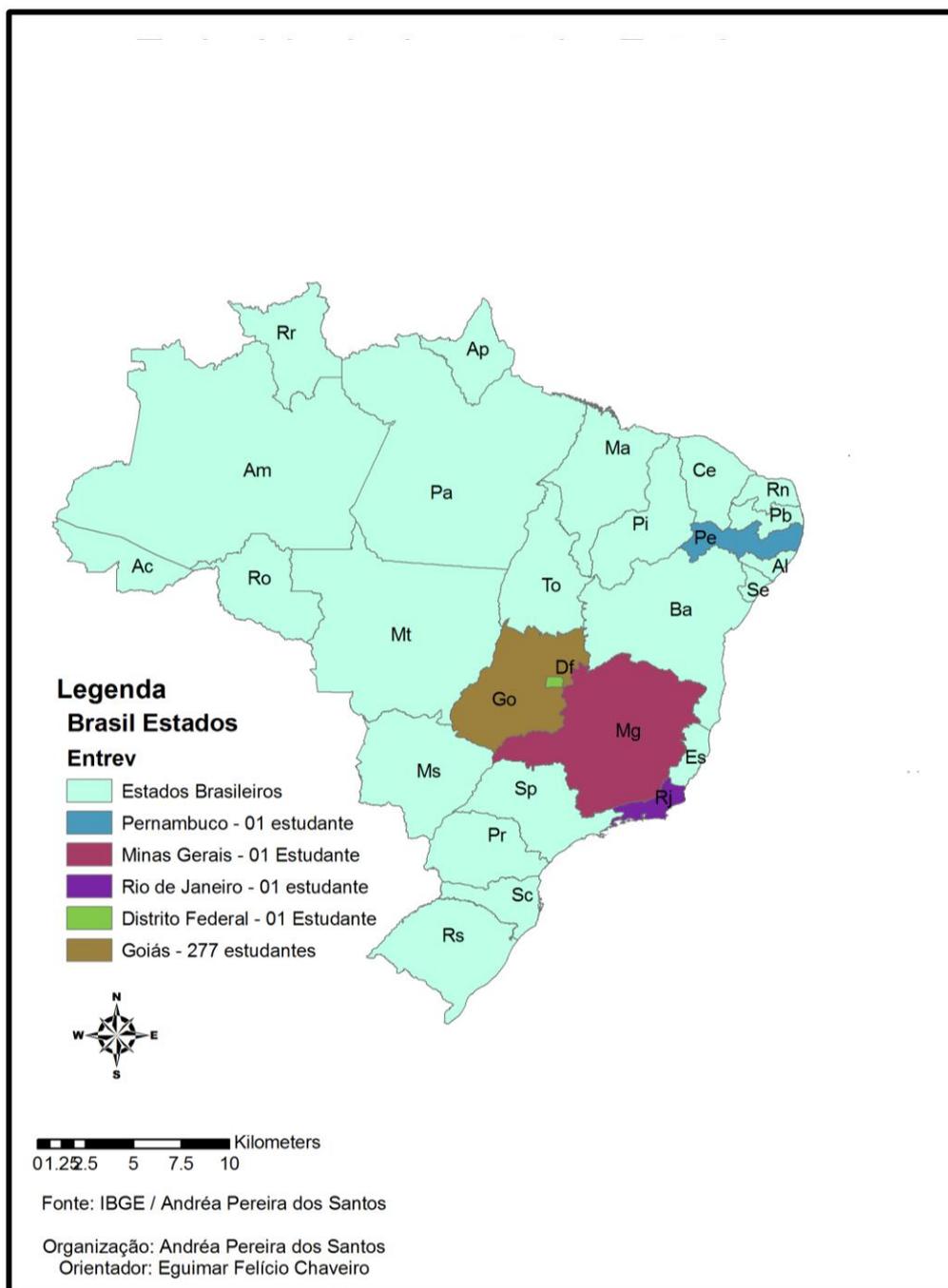
### MAPA 3 – Origem dos Estudantes por Município Goiano



No mapa 2, ao comparar a moradia anterior a entrada da universidade com a moradia atual Mapas 4, 5 e 6, percebemos a preocupação dos estudantes em estar mais próximos da instituição. Tal fato porque, como veremos mais adiante em outras análises, a

“mobilidade” via meio de transporte público ou até mesmo veículo próprio é um problema, pois o trânsito da cidade de Goiânia e regiões metropolitanas está, cada vez, mais complexo.

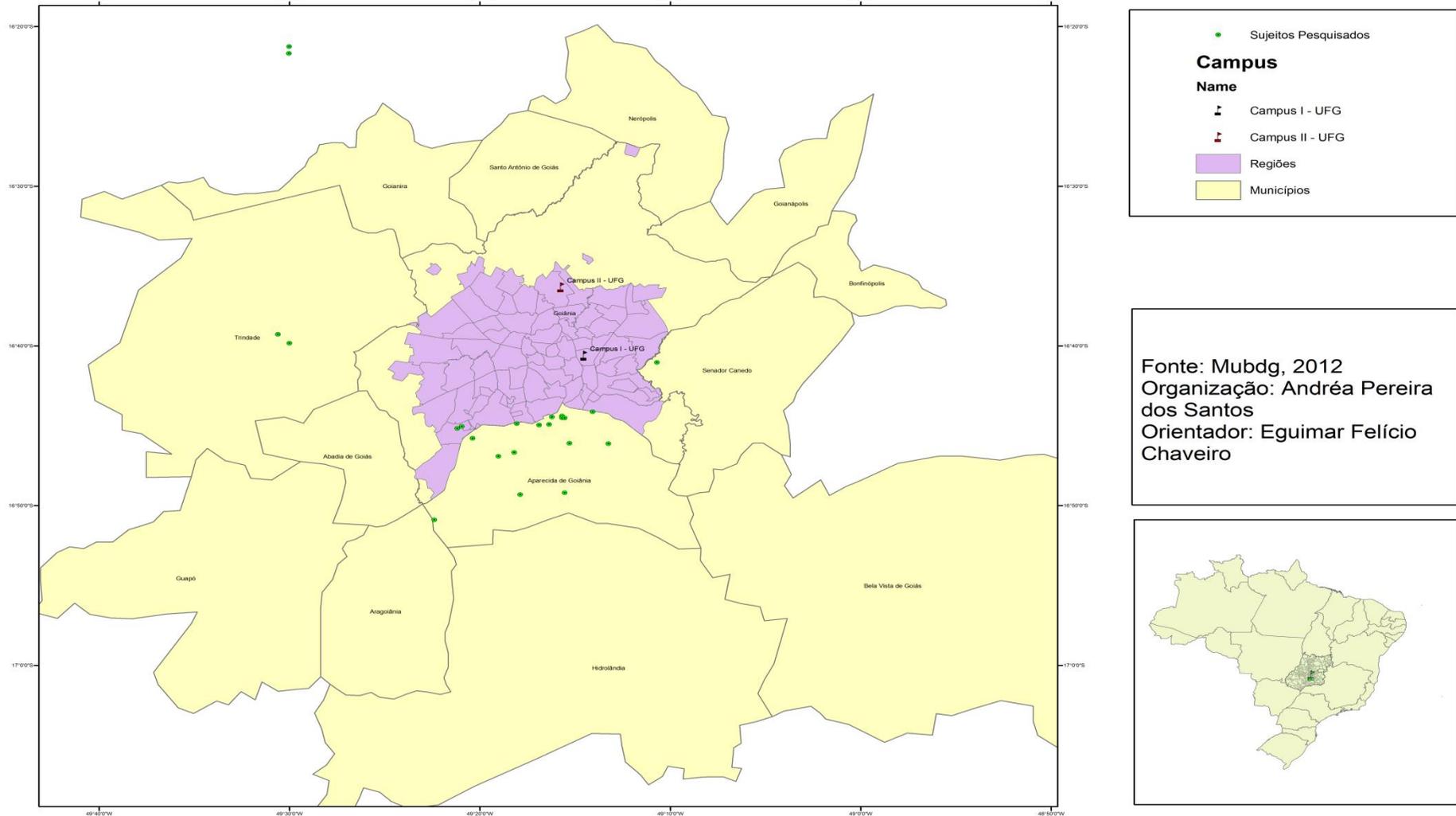
**MAPA 4 – Residência atual de estudantes nos estados brasileiros**



O mapa 4 mostra que os estudantes os quais residiam em outros Estados, agora estão, na sua maioria residindo em Goiás. Imaginamos que essa mudança para a capital foi pela necessidade de ficarem mais próximos da universidade. Veja que alguns indicam morar atualmente em outros Estados. Nesse caso, entendemos tratar-se de estudantes já egressos no momento em que responderam a pesquisa.

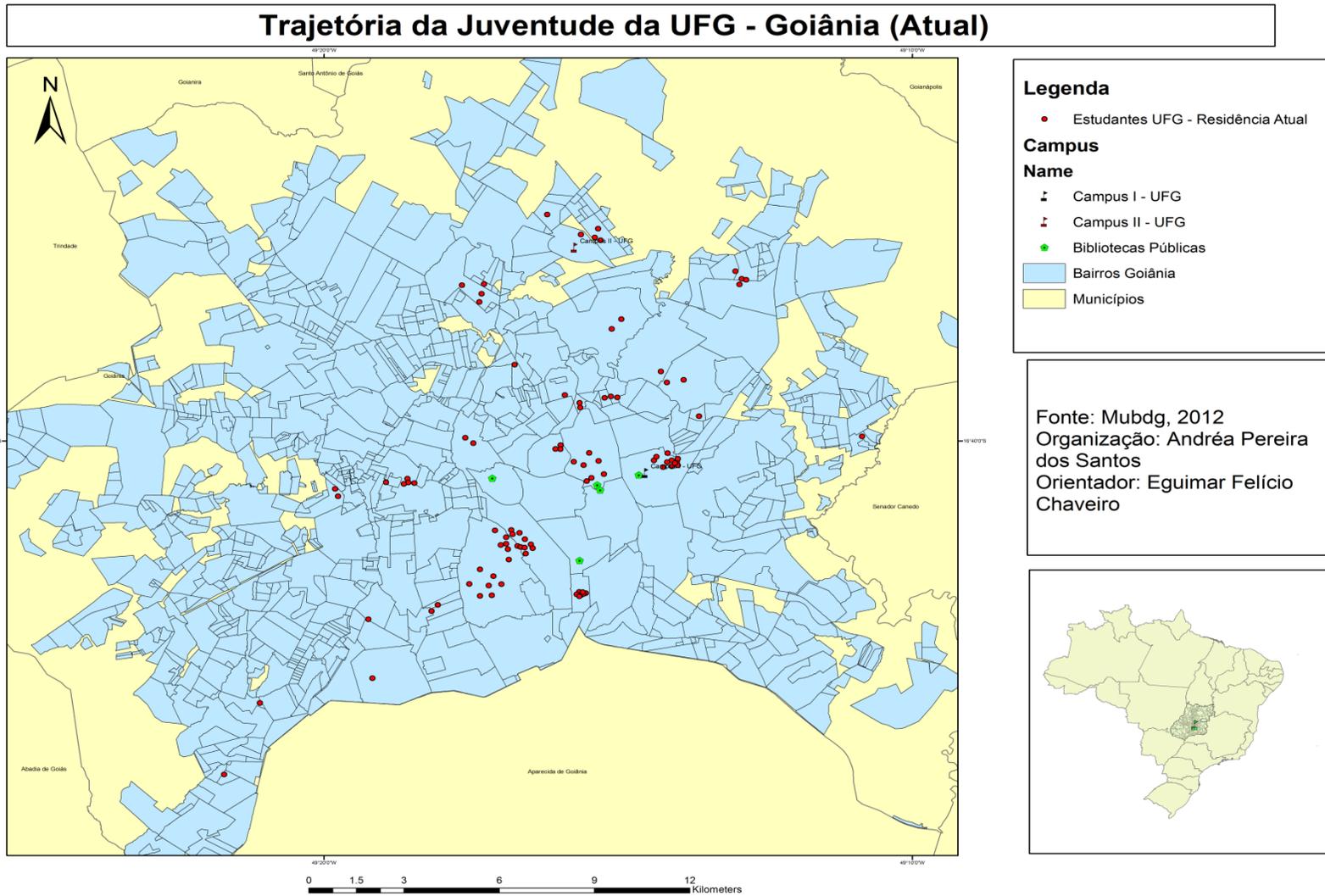
## MAPA 5 – Estudantes residentes atualmente na região metropolitana de Goiânia

### Trajetória da Juventude da UFG - Região Metropolitana (Atual)



Se comparamos os mapa 4 e 5 com os mapas 2 e 3 percebe-se a preocupação dos estudantes em estar mais próximos da universidade. No mapa 6 indicamos os bairros de Goiânia onde residem a maioria dos estudantes e a proximidade desses com relação a universidade.

## MAPA 6 – Residência de estudantes em bairros de Goiânia



As tabelas 8 e 9, complementares ao mapa 5 mostra a concentração de estudantes em bairros de Goiânia, região metropolitana e outras localidades. Em Goiânia, onde há uma maior concentração de estudantes, grande parte reside em bairros melhor estruturados. Convém destacar que maior parte dos estudantes indica renda familiar alta condizente com o local de moradia.

**TABELA 8 – Moradia atual – bairros Goiânia**

<b>BAIRRO</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
<b>NÃO RESPONDIDO</b>	8.37
<b>SETOR BUENO</b>	7.05
<b>SETOR UNIVERSITÁRIO</b>	6.17
<b>BELA VISTA</b>	3.52
<b>CONJUNTO ITATIAIA</b>	3.52
<b>JARDIM AMÉRICA</b>	3.52
<b>CENTRO</b>	3.08
<b>SETOR OESTE</b>	3.08
<b>JARDIM GUANABARA</b>	2.64
<b>BALNEÁRIO MEIA PONTE</b>	2.20
<b>VILA NOVA</b>	2.20
<b>CIDADE JARDIM</b>	1.76
<b>PAQUE ATHENEU</b>	1.76
<b>AEROPORTO</b>	1.32
<b>CRIMEIA</b>	1.32
<b>JARDIM CURITIBA</b>	1.32
<b>NEGRÃO DE LIMA</b>	1.32
<b>PARQUE AMAZÔNIA</b>	1.32
<b>PEDRO LUDOVICO</b>	1.32
<b>SANTA GENOVEVA</b>	1.32
<b>SETOR JAÓ</b>	1.32
<b>SETOR SUL</b>	1.32
<b>ANHANGUERA</b>	0.88
<b>CAMPINAS</b>	0.88
<b>GOIÂNIA 2</b>	0.88
<b>BAIRRO GOIÁ</b>	0.88
<b>JARDIM GOIÁS</b>	0.88
<b>JARDIM MARILIZA</b>	0.88
<b>MARECHAL RONDON</b>	0.88
<b>NOVA SUIÇA</b>	0.88
<b>PARQUE ANHANGUERA</b>	0.88
<b>PARQUE INDUSTRIAL JOÃO BRAZ</b>	0.88
<b>SÃO JUDAS TADEU</b>	0.88
<b>SETOR SUDOESTE</b>	0.88
<b>SOLANGE PARQUE</b>	0.88
<b>SONHO VERDE</b>	0.88
<b>URIAS MAGALHÃES</b>	0.88
<b>VILA MAUÁ</b>	0.88
<b>ALICE BARBOSA</b>	0.44
<b>AMIM CAMARGO</b>	0.44

<b>BAIRRO</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
<b>BAIRRO FELIZ</b>	0.44
<b>CAMPUS</b>	0.44
<b>CONJUNTO CACHOEIRA DOURADA</b>	0.44
<b>CONJUNTO GUADALARARA</b>	0.44
<b>FAIÇALVILE</b>	0.44
<b>GARAVELO</b>	0.44
<b>GENTIL MEIRELES</b>	0.44
<b>GRANDE RETIRO</b>	0.44
<b>JARDIM ATLÂNTICO</b>	0.44
<b>JARDIM CERRADO</b>	0.44
<b>JARDIM COLORADO</b>	0.44
<b>JARDIM DAS AROEIRAS</b>	0.44
<b>JARDIM DIAMANTINA</b>	0.44
<b>JARDIM EUROPA</b>	0.44
<b>JARDIM GARDÊNIA</b>	0.44
<b>JARDIM IPÊ</b>	0.44
<b>JARDIM NOVA ESPERANÇA</b>	0.44
<b>JARDIM NOVO MUNDO</b>	0.44
<b>JARDIM PLANALTO</b>	0.44
<b>SETOR MARISTA</b>	0.44
<b>SETOR MAYSÁ</b>	0.44
<b>VILA MORAES</b>	0.44
<b>MONTE VERDE</b>	0.44
<b>MORADA DO SOL</b>	0.44
<b>NORTE FERROVIÁRIO</b>	0.44
<b>JARDIM NOVO MUNDO</b>	0.44
<b>PARQUE DAS LARANJEIRAS</b>	0.44
<b>PARQUE DAS NAÇÕES</b>	0.44
<b>PARQUE OESTE INDUSTRIAL</b>	0.44
<b>PARQUE SANTA RITA</b>	0.44
<b>SETOR PERIM</b>	0.44
<b>SETOR PROGRESSO</b>	0.44
<b>RECANTO DO BOSQUE</b>	0.44
<b>RESIDENCIAL ANTÔNIO BARBOSA</b>	0.44
<b>RESIDENCIAL BELO HORIZONTE</b>	0.44
<b>RESIDENCIAL CAMPUS</b>	0.44
<b>RESIDENCIAL CENTERVILLE</b>	0.44
<b>RESIDENCIAL DAS ACÁSÍAS</b>	0.44
<b>RESIDENCIAL ELI FORTE</b>	0.44
<b>RESIDENCIAL GRANVILE</b>	0.44
<b>RESIDENCIAL MEDANHA</b>	0.44
<b>RESIDENCIAL PORTINARI</b>	0.44
<b>SETOR RODOVIÁRIO</b>	0.44
<b>SÃO FRANCISCO</b>	0.44
<b>SETOR UNIÃO</b>	0.44
<b>VILA ALPES</b>	0.44
<b>VILA FINSOCIAL</b>	0.44
<b>VILA FROES</b>	0.44
<b>VILA JARAGUÁ</b>	0.44
<b>VILA MARIA</b>	0.44
<b>VILA MARIA LUIZA</b>	0.44

<b>BAIRRO</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
<b>VILA REDENÇÃO</b>	0.44
<b>VILA REGINA</b>	0.44
<b>VILA ROSA</b>	0.44
<b>VILA SÃO JOÃO</b>	0.44

Fonte: Organizado pela autora, 2014

Na tabela 9, destacamos a cidade de moradia atual dos estudantes. Trata-se das localidades que fazem parte da região metropolitana e outras cidades. Entretanto, convém frisar que os 93% dos estudantes pesquisados residem em Goiânia ou região metropolitanas. Na tabela 9, a intenção foi mostrar somente o quantitativo daqueles residentes de fora do município de Goiânia.

**Tabela 9 – Residentes das regiões metropolitanas e outras localidades**

<b>Cidades</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Abadia de Goiás	1	2,44
Alexânia	2	4,88
Anápolis	3	7,32
Aparecida de Goiânia	22	53,66
Araguapaz	1	2,44
Brasília	1	2,44
Inhumas	2	4,88
Mineiros	1	2,44
Nova Veneza	1	2,44
Recife	1	2,44
Rio de Janeiro	1	2,44
Rural	1	2,44
São Tomás de Aquino	1	2,44
Senador Canedo	1	2,44
Trindade	2	4,88
	<b>41</b>	<b>100</b>

Fonte: Organizado pela autora, 2014

Em resumo, 84,7% dos nossos entrevistados moram em Goiânia, 8,96% nas regiões metropolitanas e 6,34 nas demais cidades.

O tempo gasto com atividades prazerosas foi um dos quesitos desse trabalho. Existem diversas atividades a serem cumpridas no dia a dia e parece que o tempo se torna

curto para tanta coisa. Elencamos diversas atividades e pedimos para os estudantes marcarem aquelas que gostam de fazer em seu tempo livre.

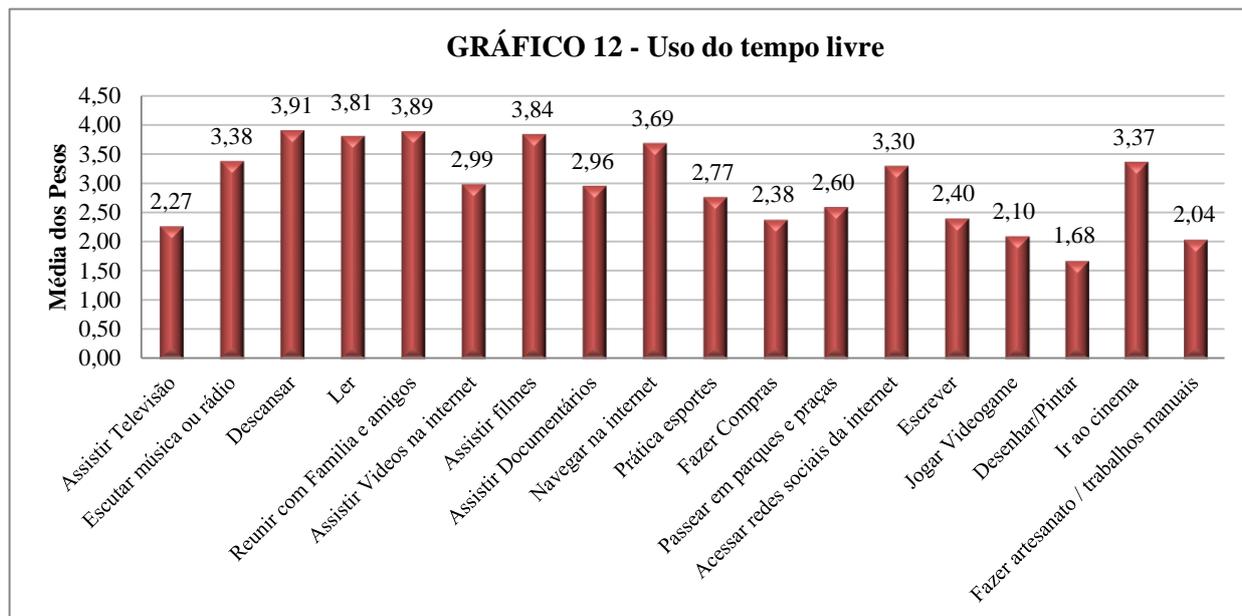
Além de marcar o que fazem no tempo livre, pedimos para dar uma nota de 1 a 5 (considerando 5 para o que faz com maior frequência). A partir dos pesos apresentados pelos estudantes, fizemos uma média de notas conforme gráfico 12 e tabela 10. A medição do que o sujeito faz no tempo livre serviu para que tivéssemos não só conhecimento do que se faz mas, também, saber com que intensidade, e essa resposta seria possível a partir do peso.

As respostas mostraram que os estudantes gastam mais tempo em primeiro lugar descansando com peso 3,91; reunido com a família com peso de 3,89; assistindo filme com peso 3,84; Como se observa, a leitura está presente no uso do tempo livre, sendo uma prática de interesse dos estudantes lendo com peso 3,81; navegando na internet com peso 3,69. Essas foram as respostas de maior peso.

Outras atividades que tiveram peso considerável, acima de 3 foram: escutar música, ir ao cinema e acessar redes sociais da internet. Das atividades apresentadas como sugestão, nenhuma teve um peso médio superior a 4, ou seja, há uma variedade de atividades que ocupam o tempo livre e essas são reflexos da sociedade na atualidade: globalizada, pulverizada e midiática. Há um peso bem dividido entre essas atividades levando a crer que, mesmo com toda tecnologia existente, uma não exclui a outra.

Nas entrevistas, apesar de todos outros suportes tecnológicos de acesso a leitura, o livro é citado como o principal suporte. Essa preferência ou “reverência” ao livro (impresso) corrobora com as discussões feitas por Eco e Carrière (2010), no livro *Não contem com o fim do livro*.

Nesse livro, os autores falam porque não acreditam no fim do livro, apesar de não descartarem tal hipótese. Uma das crenças é com relação ao valor simbólico; ao conforto tanto ao manuseio quanto aos olhos (ler na tela causa algumas irritações); para eles, as tecnologias se tornam obsoletas com maior rapidez enquanto que o livro ainda permanece.



Fonte: Organizado pela autora 2014

**Tabela 10 – Uso do tempo livre**

Descansar	3,91
Reunir com Família e amigos	3,89
Assistir filmes	3,84
Ler	3,81
Navegar na internet	3,69
Escutar música ou rádio	3,38
Ir ao cinema	3,37
Acessar redes sociais da internet	3,30
Assistir Vídeos na internet	2,99
Assistir Documentários	2,96
Prática esportes	2,77
Passear em parques e praças	2,60
Escrever	2,40
Fazer Compras	2,38
Assistir Televisão	2,27
Jogar Videogame	2,10
Fazer artesanato / trabalhos manuais	2,04
Desenhar/Pintar	1,68

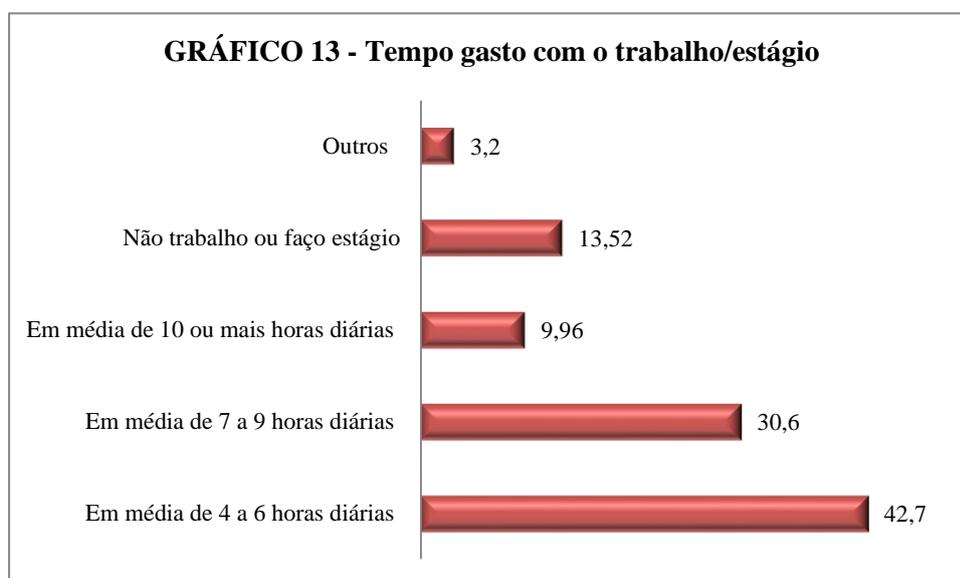
Fonte: Organizado pela autora 2014

Pontua-se a leitura, seja ela em que suporte for, como uma das principais atividades praticadas pelos estudantes em seu tempo livre. Há de se ressaltar, também, o

acesso a redes sociais, as quais não deixam de trazer uma diversidade de leituras, seja pelo compartilhamento de uma notícia ou de qualquer outra modalidade de leitura.

O tempo gasto com atividades culturais depende muito do gasto com o trabalho. Quanto maior o tempo no trabalho menor em outras atividades. Como estudantes universitários, a maioria, faz estágios ou tenta trabalhar em locais com uma carga horária reduzida.

Destarte, 42,7% trabalham de 4 a 6 horas seja em estágio ou formalmente. Entretanto, 30,6% trabalham de 7 a 9 horas e outros 9,96% 10 ou mais horas. Somando esses dois últimos resultados nota-se uma carga de trabalho muito alta, sobrando pouco tempo para atividades prazerosas e, conseqüentemente, para prática de leituras diversas. Tais dados servem como apontamento para pesquisas sobre o mundo do trabalho do jovem universitário, de forma a avaliar até que ponto, todo esse tempo gasto de trabalho pode influenciar na produtividade tanto ao que se refere ao estudo ou a prática laboral de uma forma geral. Um dado não mencionado nesse gráfico, mas que pode somar ao tempo gasto com o trabalho/estágio é o tempo gasto com o transporte, seja ele público ou privado (Gráfico 13).



Fonte: Organizado pela autora 2014

As práticas de leitura dos estudantes universitários são diversas como veremos nas análises a seguir. Logicamente, elas estão mais voltadas para os conteúdos acadêmicos, porém percebemos haver outras leituras que fazem parte das suas práticas e do seu gosto.

Sem estabelecer um parâmetro para *o que é leitura* no questionário, perguntamos se eles se consideram leitores. Assim, 82,56% afirmaram que sim e 17,44% não. Quanto ao

gosto pela leitura, 94,31% disseram gostar e 5,69% não gostar. Essas respostas demonstram uma afinidade dos estudantes com relação à prática de leitura. Ao afirmarem ser leitores, os estudantes contradizem o que escutamos nos corredores com professores afirmando essa falta, assim como o que já foi pontuado nos estudos de Abreu (2001).

O conceito de leitura apresentado pelos estudantes nas entrevistas é plural. Há uma consciência entre os jovens estudantes o qual vai de encontro das definições de leituras plurais apresentadas por especialistas como Chartier (2012); Dumont (2000) e Abreu (2001) já declaradas em tópicos anteriores.

*K., 26 anos: Um professor de matemática uma vez disse, leia qualquer coisa, pode ser até bula de remédio, levei a frase a sério demais. Qualquer texto que possa ser lido para mim é leitura, se ela é científica, cult, de gibi, de fofocas, não importa, continua englobando a leitura. Além disso acredito que exista a leitura que vai além das letras, a leitura de um filme, uma imagem, um comportamento. A leitura engloba o ato de ler, mas vai além dele, alcança a compreensão que temos de um texto, uma imagem, um gesto.*

*B., 22 anos: todo texto que você consiga interpretar eu considero leitura porque se eu disser que existe algum texto que não é considerado leitura eu vou estar colocando uma certa censura o que não é muito legal. Então acho que todo texto é livro toda leitura é leitura. Todo texto pode ser considerado leitura e cabe ao leitor selecionar o que é bom para ele e o que não né...*

*C., 24 anos: tudo. Inclusive, imagem, pra mim é leitura, documentário, os vídeos do youtube, longa metragem, uma peça de teatro, tudo isso para mim é leitura e aí agente tem a leitura de texto que agente poderia dividir entre romance, os clássicos, e agora as redes sociais e a internet. Então pra mim leitura é tudo isso. Então leitura, no sentido da palavra é tudo.*

*M., 21 anos: considero em dois níveis: um superficial, com função de comunicação e informações superficiais que, no meio digital sobretudo, se dá mais facilmente através de textos; e outro nível que exige uma reflexão e concentração maior, unindo reflexão e leitura para a aprendizagem e desenvolvimento de conhecimentos mais complexos.*

*P., 22 anos: [considera leitura] Livros, revistas, artigos, mangas, gibis, livros, jornais.*

*T., 22 anos: Tudo, até bula de medicamento.*

*L., 29 anos: Eu considero leituras diferentes mas tudo é leitura. Eu costumo a falar para as pessoas, leia pelo menos o horóscopo do dia, leia alguma coisa, sabe, não gosto dessa linha de estipular o que é erudito e o que não é, porque isso é muito pessoal. A leitura pra ser agradável tem ter identificação do leitor com o objeto*

A leitura é plural tanto em seu suporte quanto no tipo de material: jornais, revistas, gibis etc. Abreu (2001) mostra nos seus estudos que não dá para negar uma falta de leitura já que muitos afirmam que nas suas famílias se lê uma diversidade de materiais.

Ao considerar “tudo” como leitura, acreditamos que os estudantes creem ser necessário ler tudo que está ao alcance independente da forma, formato e profundidade. Pelas falas, foi possível entender que ao se ater a essa pluralidade de se ler “qualquer coisa” eles foram levados a ir além disso, ou seja, conquistaram tantas outras leituras mais densas e profundas. Nesse sentido, a leitura é uma prática que depende mais da oferta do que da procura, pois a oferta estimula a curiosidade.

Os estudantes citam as diversas leituras de massa como gibis, textos da internet romances de massa dentre outros como possibilidades de leitura. Dumont (2000, p. 167) destaca haver teóricos, os quais, combatem e criticam essas leituras, taxando-as como alienadoras. Porém, segundo ela há outros teóricos e pesquisadores mais moderados considerando ser válidas mesmo que elas não possuam padrões desejáveis da literatura, pois, por ínfimo que seja, algo se aproveita.

Deve-se ressaltar que não há uma defesa ou conformismo em prol de qualquer prática de leitura e sim do entendimento de que a partir do acesso e respeito a diferentes formas de se ler há mais probabilidade da experimentação de novas leituras.

Apesar desse fato, ainda há um discurso latente que tende a ligar o conceito de leitura somente a literatura de lazer ou leituras canonizadas, confirmando assim os preconceitos de leitura já abordados por Abreu (2001). No caso da estudante abaixo, ela não se sente leitora quando pratica as leituras feitas da universidade.

*M., 19 anos: Me considero leitora. Sei que leitura é muito abrangente, e tudo que a gente lê pode ser considerado. Porém, tendo a achar que apenas a literatura “prazerosa”, que é mais pra passatempo ou curiosidades, é considerada leitura pra mim. Não me considero leitora quando estou lendo algum texto da faculdade.*

Não só a estudante acima tem esse conceito da leitura ligada somente ao prazer.

*L., 32 anos: Aquilo que o assunto te prende, te dá desejo de continuar a ler e dá sempre um gosto de quero mais.*

*A., 21 anos: Aquele leitor é quem vê a atividade de leitura como algo prazeroso, uma opção de atividade de lazer, que encontra prazer*

Chama a atenção o conceito de leitura ligado a obtenção de informações pontuais. Aqui o estudante chama de conhecimento. Mas, ao citar o frasco de shampoo, consideramos o exemplo mais ligado a essa informação rápida e pontual disponibilizada nos dicionários, bulas. Que é diferente da leitura para o conhecimento ou para o entretenimento.

*R., 26 anos: de forma bem genérica. É a forma de aprender conhecimento através da tecnologia escrita... qualquer coisa: frasco de shampoo*

Apesar de apresentarem um conceito muito amplo para o que é leitura hoje em dia, quando questionados se são leitores os estudantes sentem um impasse e podemos observar nas suas expressões uma dúvida antes da resposta. Até mesmo na coleta feita via redação, a escrita mostra esse impasse. Os que afirmam categoricamente serem leitores são aqueles que mais disseram ler literatura com uma certa frequência.

*K., 26 anos Me considero sim uma leitora, e tento incentivar todos aqueles que vejo, como fui incentivada um dia por minha mãe e meus avós de criação. Acredito que a leitura destrói barreiras e amplia nossa visão de mundo.*

*R., 26 anos: Sim, me considero sim. Eu tenho fissura para ler, eu pego um livro tem que parar de ler senão eu passo a noite inteira lendo.*

Nas falas seguintes, fica evidente esse conceito de leitor ligado a leitura literária e dos clássicos. Percebemos o conceito de leitura pelos estudantes de forma diferente. Enquanto leitura é tudo, leitor é aquele que lê literatura e os clássicos. Esse conceito de leitor apresentado por eles está presente nos estudos de Abreu (2001) sobre preconceitos de leitura.

*T., 25 anos: Eu me considero uma leitora mediana, porque pra mim leitura é toda apreensão do que está sendo dito sem usar palavras, se eu observo uma expressão no rosto de alguma pintura de grafite, por exemplo, acho que isso também é leitura. Se leio os cartazes também é leitura do que está acontecendo no mundo. **Me considero uma leitora mediana porque não estou lendo obras literárias já a algum tempo e não leio tanto assim (grifo meu).***

*B., 22 anos: Levando a palavra ao pé da letra eu me considero leitor. Porque eu diretamente me encontro com material informacional e lendo eles. **Mas eu não sou um leitor tão assíduo quanto certas pessoas que gostam de ler toda semana um romance** eu me considero leitor no sentido de que se eu tiver a disponibilidade de um material de leitura eu vou ler e se for do meu interesse também eu vou ler né.*

*C., 24 anos: **assim, não sei se eu sou considerado um leitor... porque faltam vários clássicos para eu ler.** Eu não li muita coisa de clássico assim, então faltam esses pra mim, então o que eu li acho que foi muita influência de alguns professores que passaram em minha vida, e meus pais no início. Eu me considero um leitor contemporâneo digamos assim.*

Apesar de conceituarem “leitura” de uma forma bem diversificada vemos a leitura hierarquizada de alguma forma, ou seja, literatura é mais leitura ou é uma leitura superior a

leitura de revistas por exemplo, ou a leitura feita por prazer ou a literária é mais leitura do que a leitura feita para uma disciplina da universidade.

A literatura, os clássicos são aqui hierarquizada pelos estudantes com o título de “leitura propriamente dita”. Os demais textos “não são leituras” devido suas características populares. Essa noção do que é ou não é leitura incorre ao que Santos (2006) explicita sobre a tendência em hierarquizar o que é ou não é cultura. Para o autor, não podemos fazer tal comparação, pois corre-se o risco de fomentar preconceitos.

Em suas trajetórias, os estudantes se mostram influenciados num primeiro momento pelos pais, principalmente a mãe, e alguns familiares. Entretanto a escola, também, aparece como ponto chave dessa trajetória.

*T., 25 anos: Acho que a minha prática de leitura foi influenciada pela escola, porque apesar da minha família não ter um hábito forte de leitura eles sempre incentivaram o estudo e me fizeram dar importância para a escola.*

*B., 22 anos: creio que foi minha mãe inicialmente né, porque ela sempre me mandava ler, fazer exercício né, tarefa de casa e ela é muito aficionada com essa coisa de leitura, tem que ler, tem que ler. Então acabou me influenciando nessa questão de leitura, de certa forma os professores que sempre me incentivaram a fazer os trabalhos, que me passaram os deveres também me influenciaram na leitura.*

*C., 24 anos: Na infância meu pai lia muito pra gente. Histórias que ele criava, histórias tradicionais, agente era muito estimulado nesse universo.*

*K., 26 anos: Já no ensino médio, fui para uma nova escola onde conheci a maior responsável por meu encanto por livros, a Professora Liliane, que me ensinou sobre sinestesia, em uma imagem linda sobre acordar n'O Cortiço, me ensinou o que era ironia, lendo Machado de Assis, e me contou que Sofrimentos do Jovem Werther foi proibido na Alemanha e em outros países pela onda de suicídios que gerou.*

Algumas práticas de leitura estão ligadas as possibilidades financeiras dos estudantes, ou seja, quanto maior a renda maior as possibilidades de variadas práticas de leitura e acesso a internet. No entanto, ter renda não é um fator determinante para as práticas de leitura. Como relatou M., 19 anos:

*Não sei quem mais influenciou a minha prática de leitura, creio que escola, família e igreja influenciaram. Porém, faz parte de mim, pois minha irmã foi criada do mesmo jeito que eu e não tem a mesma paixão que eu pela leitura.*

Apesar disso, a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil (2011)” aponta que a prática de leitura é maior nas classes com maior renda como vimos no capítulo 5 Gráficos 3 e 4.

A presença do livro no lugar de moradia tem influência nas práticas de leitura. É importante destacar, também, a presença das bibliotecas no imaginário de leitor. Percebemos que acesso à biblioteca, seja pública ou escolar, favorece as práticas de leitura.

Como mostrado nos mapas anteriores e como veremos nas análises das entrevistas mais a frente, parte dos estudantes relatam práticas de leituras anteriores à universidade por estarem próximos a bibliotecas públicas ou tiveram acesso a bibliotecas nas escolas.

Dessa feita, há aqueles que disseram não ter frequentado bibliotecas antes da universidade por falta desse espaço na escola ou por desconhecer a existência das bibliotecas públicas do seu bairro, cidade e/ou estado. Outros frequentam por saber da existência da biblioteca e se sentirem motivados por morar perto.

*B., 22 anos: Antes de entrar para a universidade eu frequentava uma biblioteca apenas, que era mais próxima de casa e que eu frequentava meio que na obrigação de dar continuidade aos trabalhos de época de ensino médio*

*K., 26 anos: A escola contava com uma biblioteca, assim como as outras duas, sempre fui uma frequentadora assídua, tanto que ganhei um prêmio nessa última de maior número de livros locados.*

*C., 24 anos: Eu frequentava bem menos, frequentava a biblioteca da praça universitária, e na infância meu pai também me levou em uma biblioteca que tinha gibis, isso eu tenho lembrança da infância, depois eu passei a frequentar a praça universitária, mas eram visitas assim esporádicas, uma vez no mês, a cada 3 meses, depois da universidade a visita a biblioteca ficou muito mais frequente.*

*R., 26 anos: Eu lia na biblioteca pública do centro de Manaus sempre tinha uma coleção boa de livros de ficção, cheguei a ler sobre história do anarquismo que tinha lá, gostava de ler romances e ficção brasileira.*

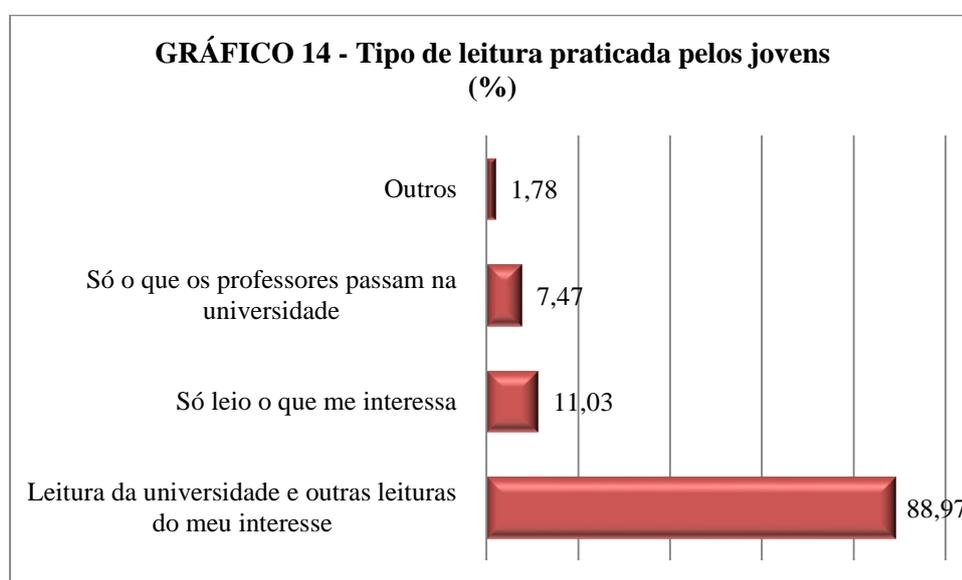
*B. 26 anos: Eu fui mandado pra fora da sala de aula muitas vezes e o local era a biblioteca. E eu ficava me perguntando: porque é castigo me tirar de um lugar chato que é a sala de aula e me mandar para a biblioteca um lugar que tinha toda uma gama de informação para explorar e eu poderia ler o que quiser (...) muitas vezes eu não me comportava na sala de aula para poder ir para biblioteca.*

No caso do estudante B. 26 anos, a biblioteca era um local de castigo. Para ele, esse “castigo” teve um ponto positivo, pois ele se sentiu instigado por ser mandado à biblioteca. Mas para Silva (1995), usar a biblioteca como forma de punição não contribui para a formação de leitores e, sim, para uma aversão ao livro e a leitura.

A frequência à biblioteca aumenta quando eles ingressam na universidade e se veem motivados ao uso desta por uma necessidade de busca por informações e pela universidade oferecer tal espaço com produtos e serviços os quais atendam a essas necessidades, já que alguns não tinham acesso às bibliotecas antes disso.

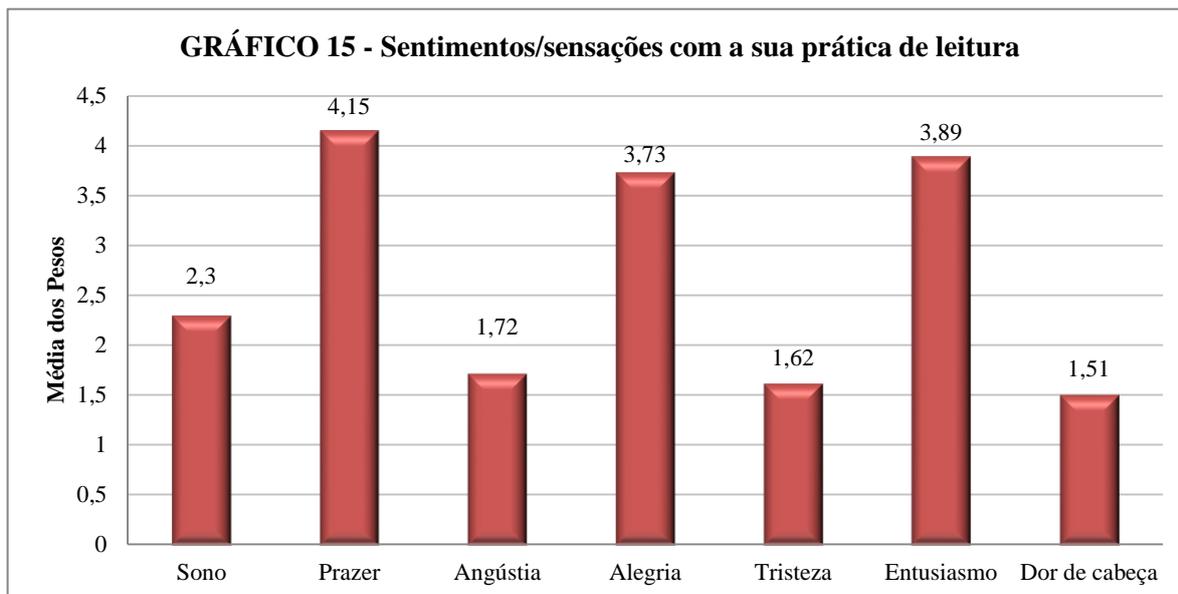
Quando questionados sobre o espaço mais frequentado dentro da universidade, depois da sala de aula, o lugar mais citado é a biblioteca. E citam, também, outros espaços como bosque, os corredores, diretórios acadêmicos, lanchonetes e restaurantes.

Com relação aos tipos de leitura, 88,97% dizem fazer além das leituras propostas pelos professores outras leituras do seu interesse e 11,03% afirmam ler somente o que lhes interessa; 7,47% afirmaram ler somente o que o professor passa em sala de aula (Gráfico 14). Dessa forma, podemos crer que para os estudantes, somente as leituras propostas pelos professores, não são suficientes para suas necessidades informacionais, sejam elas de lazer ou para as atividades acadêmicas. Tal fato porque a grande maioria deles não fica preso somente à leitura proposta pelos docentes.



Fonte: Organizado pela autora 2014

No gráfico 15, pedimos para os estudantes estabelecerem pesos de 1 a 5 sobre os sentimentos e sensações relacionadas às práticas de leitura. Os sentimentos ou sensações relacionadas à prática de leitura tiveram respostas positivas, pois a maioria sente prazer, entusiasmo e alegria com pesos 4,15; 3,89 e 3,73. Itens como sono, angústia, tristeza e dor de cabeça tiveram menos de 3 pontos de peso. Ressalta-se a prática de leitura como uma atividade que traz mais sentimentos/sensações positivas do que negativas (Gráfico 15).



**Fonte: Organizado pela autora 2014**

Podemos identificar os sujeitos pesquisados, de uma forma geral, como jovens; sujeitos que demonstram certa crença religiosa; com renda familiar média para alta; entretanto tem carga horária gasta com trabalho alta; gostam de gastar o tempo livre “descansando”, mas também, fazendo leituras; se consideram leitores, gostam da leitura e sentem-se bem lendo.

Até aqui, há uma perspectiva positiva na relação sujeito e leitura. Ela está presente não de uma forma negativa, impositiva como já atestado em nos estudos realizados por Abreu (2001). Assim, os jovens demonstram que ela é algo prazeroso e não a fazem, simplesmente, para cumprir com os requisitos impostos pela sala de aula.

## 7.2 PRÁTICAS DE LEITURA: PRECONCEITOS, TRAJETÓRIAS E INFLUÊNCIAS SOCIOESPACIAIS

Falar sobre trajetórias socioespaciais é conhecer parte da história de vida de cada estudante pesquisado. Cada um em sua fala, por mais próximo culturalmente, economicamente e socialmente de outro, possui uma singularidade. E esta singularidade fica evidente, principalmente, nas entrevistas.

Certeau (2007, p. 98) em sua abordagem declara: a trajetória “(...) deveria evocar um movimento temporal no espaço, isto é, a unidade de uma sucessão diacrônica de pontos percorridos e não a figura que esses pontos formam num lugar supostamente sincrônico ou acrônico”. Podemos refletir nessa citação do autor a trajetória como incorporadora de uma

evolução natural de cada um. Cirqueira (2010, p. 43) discute: “A trajetória pode ser considerada como um “percurso” que o indivíduo perfaz durante sua vida, em que há uma relação mútua entre indivíduo e coletividade”.

Esse “percurso” produz o que chamamos de trajetórias socioespaciais, ou seja, “caminhos”, rumos percorridos pelos sujeitos e as relações estabelecidas, socialmente, nos espaços, territórios e lugares. “Em linhas gerais, trajetória socioespacial envolve a história de vida dos indivíduos, suas experiências dentro de uma temporalidade e uma espacialidade a qual não possui uma constituição linear ou contínua” (CIRQUEIRA, 2010, p. 44).

As trajetórias socioespaciais são elementos importantes para compreender como os caminhos e relações pessoais podem interferir na formação cultural e social dos indivíduos. Traçar uma trajetória socioespacial é visualizar e vislumbrar histórias de vida que tomam direções diferenciadas e dependem do território e do lugar de cada um, mas dependem, também, da personalidade íntima do sujeito. É natural irmãos da mesma classe social, com os mesmos pais, mesma escola se tornarem sujeitos diferentes.

Em suas trajetórias os jovens universitários percorrem por diversos caminhos e são levados a fazer muitas escolhas: qual profissão exercer? Com quem se relacionar? Que postura política escolher? Essas alternativas são, aos poucos, respondidas, a partir das relações estabelecidas socialmente e a cada território ou lugar vivido.

As trajetórias socioespaciais é um conceito que abarca as três categorias importantes para a geografia: espaço, território e lugar. Desse modo, torna-se um conceito amplo, pois o sujeito a partir dos espaços por vezes ocupados, percorridos e vividos cria territórios, territorializa-se e conquista seu lugar ou lugares. Tal fato porque, assim como as identidades, os espaços, territórios e lugares não são estanques. Em resumo, as trajetórias são os deslocamentos realizados pelos sujeitos nessas três categorias.

Na primeira questão feita aos estudantes durante as entrevistas ou redação pedimos que contassem sua história de vida. Nas entrevistas, essa questão deixava-os paralisados por um instante e, de certa forma, incomodados. A maioria foi breve em sua exposição, como se não houvesse muita coisa importante ou relevante para contar.

Sentimos que os participantes que optaram pela redação se soltaram mais durante a escrita e revelaram mais detalhes da sua história de vida. Já os entrevistados tiveram mais dificuldade de falar, acreditamos, por conta de estar frente a frente com a pesquisadora e isso pode tê-los inibido.

A maioria dos estudantes entrevistados e/ou respondentes do questionário nasceram em Goiânia e outros vieram de outros municípios do Estado de Goiás como:

Inhumas, Aparecida de Goiânia, Caturai, Pires do Rio, Anápolis, Trindade, São Luis de Montes Belos, Alto Paraíso, Goianésia, Ceres, Uruaçu, Itumbiara, Mineiros, Paraúna, Abadia de Goiás, Nova Veneza, Jaraguá, Senador Canedo, Bela Vista, Vianápolis, São Tomás de Aquino, Rio Verde, Morrinhos, Mineiros, Alexânia, Nova Glória, Araguapaz, Piracanjuba, Jaraguá e outras cidades de outros Estados: Amazônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Tocantins, Pará, Paraná, São Paulo e Distrito Federal.

Sejam seus pais/familiares ou eles mesmos, viram em Goiânia possibilidades de ascensão social e formação escolar, trabalho e moradia. Em suas trajetórias, há percursos os quais envolvem esse processo de migração em busca de um lugar melhor para se viver e com maiores possibilidades.

Poucos estudantes 1,42% são de origem rural. Isso se explica pela pouca idade dos jovens, pois já há muito tempo que a população oriunda da zona rural é pequena. Segundo informações do IBGE, em 1970, início do processo de modernização da agricultura, a população urbana era de 58% e a rural era de 42%. Essa população rural começa a decrescer na década de 1980 já no ápice do processo de modernização.

Quem vem de fora do Estado relata as diferenças de se viver em Goiânia e na sua cidade de origem. Para R., 26 anos que morava em Manaus:

*Lá em Manaus tem muita favela, metade da população de Manaus mora na favela/periferia, lá tem muita violência ... como a população é maior a violência nas escolas é maior, drogas...*

Apesar da questão da violência e das dificuldades sociais, este estudante afirma que veio para Goiânia porque a mãe é funcionária pública e trabalha em Goiânia. Mas, afirma gostar da cidade.

As trajetórias socioespaciais são movimentos e vivências as quais possibilitam o crescimento e amadurecimento dos jovens. Seu sucesso ou fracasso escolar podem sofrer influência da direção dada pelos pais ou responsáveis por sua criação. No entanto, tal fato não quer dizer que oportunidades iguais criam pessoas com o mesmo comportamento, gosto e identidade. Alguns aproveitam as boas oportunidades para crescer socialmente.

*Para explicar como me formei pessoalmente e como leitora, preciso contar parte de minha história. Meus pais se separaram quando eu tinha apenas 1 mês, minha mãe é empregada doméstica e conseguiu emprego na casa de uma família que a convidou para morar em sua casa, ao perceberem sua dificuldade em criar uma filha tão pequena (...) Eu estudava em um educandário católico, que ficava logo atrás da igreja, a mensalidade era incompatível com o salário de minha mãe, mas eu era uma boa aluna no que se referia a notas, então recebia desconto. Minha mãe sempre me disse que minha educação*

*era a única coisa que ninguém nunca poderia tirar de mim, então, sempre me incentivou a ler, estudar, aprender mais (K., 26 anos)*

*A minha família é importante pra mim porque eles são meu alicerce e de certa forma minha motivação, a minha trajetória escolar e ter cursado o ensino médio no local onde trabalho hoje foram fatores importantes para que eu esteja onde estou hoje (T., 25 anos).*

*F.23 anos: Sempre morei com minha família. Meus pais, sempre me incentivaram e também às minhas irmãs a estudarem apesar de só terem concluído o ensino médio depois que nós já estávamos crescidas. O assunto sobre Universidade não ter sido de grande foco foi ao que me dediquei no Ensino Médio a partir do incentivo de professores. Sempre considerei os estudos muito importante e incentivei minha irmã a fazer graduação também, mesmo sendo em uma universidade particular. Estudei em escolas conveniadas e públicas e sempre incentivada a ler por professores que por vezes me emprestava livros como sugestões ou quando não havia biblioteca na escola.*

Como se viu na fala da estudante K., 26 anos, ela e a mãe foram acolhidas por uma família de boas condições financeiras que contribuiu para que ela estudasse em boas escolas e tivesse um bom acesso a leitura. Na entrevista, ela também esclarece que a escola onde estudava era bem cara, mas como era boa aluna sempre conseguia bolsa para cobrir parte dos custos.

Já a estudante T., 25 anos, foi incentivada pela família. Ela afirma, também, que a instituição a qual fez o ensino médio contribuiu muito para a sua personalidade e crescimento profissional.

Chegar à universidade é um sonho para muitos jovens e motivo de orgulho para a família. Apesar de todos os programas de governo com o objetivo de aumentar a quantidade de vagas para os jovens nas universidades ainda são poucos os privilegiados a conseguirem cursar e se manter mesmo em uma instituição pública. Um dos fatores é a distância. Como vimos nas entrevistas e questionários respondidos, muitos são do interior do Estado de Goiás ou regiões metropolitanas.

O deslocamento espacial via transporte público não é bom e tal fato é um desafio para cada um deles e fator desmotivador, pois, perde-se muito tempo em trânsito e o desconforto é grande:

*Um fator que quase me desmotivou a continuar na universidade por causa da distância. A faculdade ela é muito descentralizada (...) fica num posicionamento muito difícil para muitos alunos. Isso foi um fator que pesou muito na hora de permanecer no curso. Foi muito cansativo, mas vou conseguir sair de lá (B., 22 anos mora em Aparecida de Goiânia).*

Durante seu trajeto até a universidade, os estudantes dizem observar uma diversidade de coisas. Em primeiro lugar a paisagem natural (árvores, plantas, praças);

observam também, de forma incomodativa, o trânsito e seus problemas; gostam de observar as pessoas e suas atitudes. Essas foram as “coisas” mais citadas por eles na observação durante o seu trajeto.

Entretanto, citam também, as construções, o comércio, a publicidade, a degradação do meio ambiente e a poluição. Muitos dizem não observar nada e aproveitar o momento (principalmente aqueles que andam de transporte público) para ler, dormir e descansar. Muitos aproveitam o tempo do trajeto para refletir sobre si e sobre a sociedade.

Os estudantes sabiam que a pesquisa tem como objetivo analisar suas práticas de leitura. A maioria entrelaçou sua história de vida e suas trajetórias espaciais junto com sua história de leitura.

Eles demonstram pontos positivos em suas práticas de leitura e muitos dos estudantes citam livros, autores e assuntos os quais fazem parte de suas trajetórias literárias. Na sua maioria, essas leituras anteriores à universidade são de textos literários, mas que foram importantes para o desenvolvimento de seu gosto pela leitura e fruto, também, de suas transformações pessoais. Citam, também, leitores digitais de livros como o *kindle* e afirmam ter mais facilidade de ler nesse tipo de suporte.

As trajetórias dos estudantes são todas carregadas de dificuldades e/ou desafios; independente da situação financeira. Como em suas falas foi privilegiada sua história de vida imbricada com suas histórias de leitura, nessas trajetórias há sempre uma pessoa ou pessoas responsáveis pelas suas práticas de leitura. Foi comum ouvir que a primeira incentivadora foi a mãe. Outros citam outros parentes e professores do ensino fundamental:

*Com frequência minha mãe e o namorado dela na época liam para mim (K., 26 anos)*

*Minha mãe lê bastante, o que der ela lê, biografia de famosos, livros espíritas ela lê. Minha família de Manaus costuma ler bastante, foi aí que eu aprendi bastante, ter muito livro em casa, na casa da minha tia (R., 26 anos)*

*Creio que foi minha mãe inicialmente né, porque ela sempre me mandava ler, fazer exercício né, tarefa de casa e ela é muito aficionada com essa coisa de leitura, tem que ler, tem que ler (B., 22 anos).*

*T., 22 anos: Não lembro com quantos anos tomei gosto pela leitura, mas sei que foi por causa de minha irmã que comecei a ler cada vez mais. Ela sempre foi meu espelho e continua sendo.*

*TI., 22 anos: Minha família lê muito. Meu pai gosta de história, não é fã de romances, mas gosta de poesia. Costuma ler cerca de dez livros por mês. Uma vez deixou de ler por uns tempos, era sinal de depressão. Então a gente já sabe. Quando fiz intercâmbio deixei cerca de sete livros marcados para cada mês que eu fiquei longe, com notas em todos eles, mas ele leu todos em quatro meses, e me escrevia longos e-mails comentando suas*

*impressões e o que eu tinha deixado escrito pra ele nos livros (...)E na minha casa os livros sempre foram muito acessíveis. Acho que isso tudo foi essencial.*

*C., 23 anos: Desde pequena minha mãe sempre me estimulou a estudar a ler (...) agente tinha um programa de família que era ir na livraria do shopping, agente não tinha dinheiro para comprar o livro então agente lia na livraria mesmo.*

As trajetórias de leitura nascem no lar. É em casa que se tem o primeiro contato com a leitura antes mesmo de ir para escola. E a mãe é a figura, por excelência, responsável por esse contato.

O lar, nesse sentido, se torna o “lugar” de pertencimento. Assim, para Tuan (1983), o lugar é o espaço de reconhecimento e dotado de valor. Valor esse atribuído pelos sujeitos os quais fazem parte dele atribuindo-lhe significados e os resignificando. E o lar é repleto de valor, do sentimento de pertencimento.

Muitos recordam haver em casa livros e esse contato direto com o material instigava a leitura:

*A casa contava com um quintal grande, cheio de árvores, 3 salas e 5 quartos, na sala de televisão há ainda hoje uma coleção de livros de meu avô (patrão da minha mãe), ele é advogado e adora ler (K., 26 anos)*

*O ambiente de casa foi sempre de muita leitura, agente sempre tinha muitos livros em casa (C., 24 anos)*

*Foi aí que eu aprendi bastante, ter muito livro em casa, na casa da minha tia, muito professor (R., 26 anos)*

*Ti., 22 anos: E na minha casa os livros sempre foram muito acessíveis. Acho que isso tudo foi essencial.*

*F., 22 anos: Na minha casa tinha muitos livros que os patrões doavam, mas eu não lia, organizava mas não lia. A primeira vez que li um livro completo de literatura eu tinha 15 anos. Foi a partir daí que fui ler, fiquei viciado tanto que minha mãe proibiu de comprar livro. Ela falava “não, vai comprar roupa, fica com esses mulambos aí” eu gastava todo meu salário de pró-cerrado com livro (...) eu lia em média uns dois livros por semana*

Na última fala, há de se considerar a leitura como algo menos importante do que a roupa. Na fala do estudante F., 22 anos, a mãe não achava muito futuro no gasto do estudante com livros e lhe recomendava ao invés de comprar livros, comprar roupas. O discurso dessa mãe provém de uma falta de cultura de acesso ao texto escrito. Talvez a mãe não achasse ler desnecessário, mas ficava angustiada por o filho se vestir mal, enquanto comprava livros. Se o acesso a esse material fosse mais democrático para o estudante, talvez ele não precisasse gastar seu dinheiro com os livros e pudesse comprar roupas.

A pouca prática de leitura relatada a seguir pelos entrevistados ocorre por dificuldades financeiras, falta de incentivo em casa e na escola e falta de tempo por conta do trabalho.

*Estudei sempre em escola pública e trabalhava o dia inteiro e estudava a noite. Por isso nunca tive tempo e hábitos de leitura, meu ingresso na universidade foi um sonho e me ajudou muito no que diz respeito à leitura e busca por informação (L., 32 anos).*

*Pra falar a verdade com relação a leitura e nunca gostei muito de ler eu acho que no Brasil as escolas públicas não são voltadas pra formar leitores não tem uma cultura de formar leitores até mesmo porque o Brasil ele meio que esquece essa parte da educação e a escola enquanto formadora de leitores ela é deficitária (B., 22 anos)*

As trajetórias escolares de parte dos entrevistados não foi fácil e a questão da leitura, para eles, acaba envolvendo essa trajetória. Como afirmado pela entrevistada L., 32 anos, ela tinha que trabalhar e não tinha tempo para ler. Já B., 22 anos não trabalhou durante o Ensino Médio, porém a escola não incentivava como deveria.

### **7.2.1 A metrópole Goiânia e os espaços de práticas de leitura formais e informais**

A maioria dos participantes da pesquisa é oriunda de escola particular. Pelas respostas apresentadas havia, pelo menos em parte significativa das escolas, espaços formais de práticas leitura como a biblioteca escolar, pois 82,92% responderam o questionário dizendo ter estudado em escola com biblioteca. Esse número não surpreende se considerarmos que a maioria estudou em escola particular ou conveniada.

Sobre a frequência à biblioteca em busca de livros emprestados para ler, 59,43% pegavam na biblioteca da escola e 19,93% na biblioteca pública. Somando, quase 80% frequentavam bibliotecas durante o período escolar. Os outros 32,38% que responderam negativamente são, boa parte, oriundos das escolas públicas sem biblioteca.

Quando perguntados sobre a facilidade do acesso à leitura, 83,63% responderam sim e 16,47% não. Percebemos que para grande maioria não há problemas no acesso à leitura. Entretanto, é preciso pontuar a facilidade, principalmente se considerarmos a presença da biblioteca universitária disponível a todos os estudantes universitários da UFG, bem como o acesso a internet de forma democrática e gratuita.

Dessa forma, a universidade se torna o território que potencializa a leitura dos estudantes, conforme mostrado na pesquisa “Retratos da leitura no Brasil de 2011”: para uma população fora do circuito escolar, as práticas de leitura são mais difíceis.

Em alguns questionários foi perguntado se a metrópole facilitaria o acesso a leitura. Depois reformulamos a pergunta para “A cidade de Goiânia potencializa suas práticas de leitura?” e pedimos para o respondente comentar a resposta.

Na primeira versão da pergunta, 93% afirmaram que a metrópole potencializa as práticas de leitura. Entretanto, depois de reformulada a questão, 41,99% disseram sim e 58,1% disseram que a cidade de Goiânia não favorece as práticas de leitura. Nos comentários do questionário (não identificado) quem deu resposta negativa justifica:

*Há poucas bibliotecas acessíveis, somos exceção por termos a biblioteca da UFG e uma pequena biblioteca na faculdade de Medicina - UFG, mas muitos livros são desatualizados, e temos poucas unidades para tantos alunos.*

*As livrarias (sebos) em Goiânia tem preços muito altos, prefiro comprar meus livros pela internet vindo de outras cidades. Por motivos de preço, creio que Gyn não facilita muito a prática.*

*As bibliotecas públicas não são tão divulgadas e não vejo incentivo para a leitura.*

*Porque somente a Biblioteca dos SESC do Façalville funciona no domingo. As Bibliotecas públicas, todas fecham!*

*Influencia neutra, reforçada por meus hábitos adquiridos na infância*

*Acredito que há pouco incentivo ou se há não tenho conhecimento. Além de dispor de poucos ambientes agradáveis destinados para os estudos que sejam administrados pelo poder público municipal. Não há, ou eu desconheço, centros que incentivem e divulguem escritores goianos a fim de valorizar o trabalho de autores da cidade.*

*Temos muitas bibliotecas e livrarias, mas em geral livros possuem valores muito elevados e a cidade não possui muitos locais adequados de fácil acesso. Além disso as bibliotecas não elaboram atividades para atrair público.*

*Goiânia tem sebos e bibliotecas legais (estas poderiam ser melhores...), o problema sou eu... eu que sou pobre.*

*As bibliotecas atualmente são muito barulhentas, nas da UFG, por exemplo, é difícil encontrar silêncio. Além disso, os horários não nos facilitam. As bibliotecas deveriam ficar abertas por mais tempo nos finais de semana. Também são muito poucas as bibliotecas e outros espaços de leitura na cidade, no meu bairro não há nenhum espaço público pra leitura e nas periferias da cidade tampouco.*

*Em Goiânia há poucas bibliotecas e as que existem são extremamente mal equipadas - acesso pobre e mal cuidado, espaço sem conforto, atendentes despreparados.*

Os pontos negativos para não potencialização da leitura comentados foram: alto custo do material, o barulho, a falta de estrutura das bibliotecas e o tempo. Apesar dos incentivos o custo do livro é alto e as instituições precisam melhorar suas estruturas para

atender os diferentes públicos organizando salas de leitura em grupo e individual. O tempo para essas práticas precisa melhorar. Um dos aspectos que podem contribuir para esse tempo é um investimento no transporte público e acesso a leitura nos locais de espera.

Como a porcentagem de pessoas as quais afirmam positivamente sobre a potencialização do acesso a leitura foi grande, 41%, colocamos também algumas justificativas do porque.

*Para mim sim, pois tenho acesso há alguns ambientes para praticar a leitura, visto que, estou na universidade. Nela tenho acesso a bibliotecas e laboratórios de informática, onde pratico leitura nos vários meios disponíveis. Mas, de forma mais ampla a cidade não proporciona os mesmos ambientes da academia que já tem uma qualidade limitada.*

*Temos varias bibliotecas públicas que facilita o acesso a informação e o conhecimento do leitor.*

*Bons espaços e suporte para a leitura nas bibliotecas municipais, porém com dificuldade de acesso, já que se encontram mais ao centro da cidade.*

*Existem bastante praças e parques, porém me falta tempo pra frequentar esses lugares*

*Qualquer cidade favorece a minha prática de leitura, desde que haja uma biblioteca e uma boa livraria. Também leio/baixo muitas coisas pela internet.*

*Sim, no meu caso eu tenho acesso, por ser professora de inglês, estudar em uma universidade que possui uma extensa biblioteca e tenho dinheiro para comprar alguns livros. No entanto, muitas pessoas não tem a mesma facilidade que eu para acessar leituras. Pessoas que não estudam, ou estudam onde não há uma biblioteca, pessoas que não tem dinheiro para comprar livros e revistas, e não sabem onde encontrar essas leituras on-line.*

*Algumas bibliotecas municipais, como a Marieta Telles, na praça Universitária, têm acervos variados de literatura. O empréstimo é facilitado e os ambientes de leitura são adequados.*

Nesse primeiro caso o estudante afirma que a cidade de Goiânia potencializa para ele enquanto universitário, mas fora isso a cidade não favorece. Outros afirmaram haver bibliotecas e livrarias e enfatizaram que Goiânia é uma cidade calma com bosques, praças e lagos e essa calma e natureza favorecem as práticas de leitura.

Chama atenção nos resultados os espaços não formais de leitura “praças, bosques, parques e lagos”. Esses locais se tornam “lugares” das práticas de leitura e aqui se vê o conceito de lugar como *locus* íntimo, pessoal e individual (TUAN, 1983).

Nas entrevistas e redações feitas pelos estudantes, eles puderam expressar o sentido que a cidade de Goiânia tem nas suas práticas de leitura. Nas falas apresentadas

abaixo há uma negativa quanto ao espaço urbano enquanto espaço de práticas de leitura ou que potencializa essas práticas.

*K., 26 anos : Continuo residindo em Goiânia hoje, pessoalmente não acredito que a cidade em si incentive a leitura, mas há lugares específicos que o fazem: as próprias universidades, livrarias, feiras de livros. (...) No meio em que convivo, de universitários, esse interesse é obviamente maior, e nos incentiva a leitura, mas dentro dos hospitais, onde gasto por vezes 12, 14 horas por dia, a leitura é um tanto quanto restrita, vejo pessoas lendo revistas de famosos, jornais (principalmente o DAQUI) e a bíblia, mas são poucos que fazem isso.*

*T., 25 anos: Acredito que viver em Goiânia não potencializa a vontade de ler, pois não há muitos espaços destinados a leitura, como eu já havia dito as bibliotecas tem um acervo muito restrito. Goiânia não sedia nenhum grande evento literário aberto pela cidade, uma feira do livro por exemplo, tem apenas a bienal do livro até onde eu conheço.*

*C., 24 anos: Sim e não, sim porque a metrópole é cheia de signos e significados, espaços diversos, então agente tem praça, tem um emaranhado do pessoas... Goiânia com mais de um milhão e meio de pessoas você é impactado por vários signos, mas as vezes a leitura é o contrário, as vezes a leitura é um ambiente de silêncio onde você está sozinho e vai ler.*

*R., 26 anos: Não. Aqui eu tenho menos acesso a leitura e atividades culturais como eu tinha em Manaus, as casas mais antigas de pessoas mais ricas viraram museus ou bibliotecas... sempre tem alguma atividade, tem umas 5 bibliotecas no centro de Manaus, museus, tem acesso a internet grátis, tem muita facilidade de leitura...aqui em Goiânia eu não acho isso. Só na biblioteca do SESC. Em Goiânia aqui não vejo incentivo.*

*B., 22 anos: ele é até convidativo a leitura no sentido de que desde que você goste de ler ao céu aberto tem muitas áreas verdes muitos parques né, muitas áreas de convivência e isso para quem gosta de ler ao ar livre acho que ela é convidativa, mas pensando no espaço das bibliotecas, falta.*

*J., 21 anos: Potencializa porque vejo Goiânia com uma rua cheia de livrarias, no shopping tem as livrarias. Pra mim potencializa porque vejo muitas bibliotecas públicas. Apesar de considerar a cidade como uma cidade não leitora.*

*Ti., 22 anos: Goiânia atrapalha ler. A cidade ferve, e o tempo maior é no trânsito, seja dirigindo, seja apertado em pé em um ônibus. Há poucas bibliotecas, que não são, nenhuma, um chamariz que te faz ficar louco por entrar e passar tempo lá dentro. Na minha casa tem muito jeito de lugar para ler. Mas às vezes a rua, a universidade, as livrarias são lugares atrativos, mas nem sempre. Mas queria que as bibliotecas, pelo menos as da universidade, se apresentassem mais atrativas. E que fosse mais fácil parar as coisas e ir pra uma praça ler. O novo pátio do FCHF na UFG parece que se tornará um local mais interessante para leitura.*

*P., 22 anos: Não muito, a cidade carece de bibliotecas e programas de incentivo a leitura.*

As falas dos estudantes acima confirmam a falta de políticas públicas concretas quanto ao acesso à leitura. Se para a maioria dos estudantes universitários a cidade de Goiânia

não potencializa as práticas de leitura, imagina para a população fora do circuito acadêmico e/escolar. Esses dados informados pelos estudantes são interessantes para que possamos pensar e trabalhar em políticas públicas para atender às expectativas levantadas pelos estudantes.

Para os estudantes entrevistados a presença da leitura está restrita a poucos lugares. Como são acadêmicos sentem a presença, principalmente, na universidade. Outros citam consultórios e salões de beleza como espaços nos quais há a presença da leitura.

*T., 25 anos: Só sinto a presença da leitura em ambientes acadêmicos como universidades, nos ônibus e salas de espera nos consultórios médicos as vezes até se vê alguém lendo, mas em geral é aquele tipo de leitura de manchetes de jornais ou revistas, ficam mais folheando. Além disso, hoje a internet, as redes sociais e "what's up" da vida tem tomado muito o tempo das pessoas com fofocas e conversas banais.*

*B., 22 anos: de uma forma bem sincera as pessoas costumam a ler quando elas costumam esperar por um evento, então eu costumo a ver pessoas lendo num salão de beleza, aguardando a sua vez de ser atendida. Elas leem no supermercado quando entram em contato com algum stand de livros de revistas elas leem.*

*R., 26 anos: só a biblioteca da UFG ou minha casa.*

*G., 25 anos: uma coisa que sempre reparei. No cabelereiro. Vejo que o povo para ler, principalmente o "Jornal Daqui" que eu acho horrível mas o povo adora aquilo...*

*J., 21 anos: Sinto a presença da leitura na universidade e em casa com alguns membros da família que sempre estão lendo, comprando livros, trocando livros.*

Alguns comparam Goiânia com outras cidades como São Paulo sobre a presença de leitura ou qualquer outro equipamento cultural. Dizem não enxergar aqui políticas e iniciativas como em outras cidades. Exemplo é a fala da estudante abaixo:

*C., 23 anos: A cidade de Goiânia não potencializa minha vontade de ler. Meu namorado mora em São Paulo e eu vou muito pra lá e vejo que lá tem muito mais eventos, mais feiras de livro, exposições, isso é muito divulgado. Aqui em Goiânia, acho que não existe programação com esse foco e se existe eu pelo menos não fico sabendo.*

Apesar de nas entrevistas afirmarem que a cidade de Goiânia não potencializa suas práticas de leitura, quase todos afirmaram no questionário a metrópole enquanto facilitadora do acesso (93% sim e 7% não). Parece uma resposta contraditória, mas se analisarmos com mais cuidado, essa questão podemos concluir que facilita por conta da mobilidade (transporte público) e pela metrópole ser sinônimo de globalização e acesso a Internet.

Quem deu resposta negativa sobre se a metrópole facilita seu acesso à leitura justifica que a maioria das leituras feitas é por meio da internet; inclusive, a compra de livros, outro diz haver bares e outros locais os quais dispensam a atividade de pensar. Os demais não justificaram a resposta.

Os entrevistados, na sua maioria, frequentam lugares potencializadores de suas práticas de leitura. Mas, esses espaços, de certa forma, estão ligados ao ambiente acadêmico, seja por conta de um estágio ou por estarem sempre na universidade. Há, também, a igreja como um espaço bem citado para as práticas de leitura.

*M., 19 anos: Os lugares que frequento, sim, me fazem ler mais. A faculdade para fazer trabalhos e aulas e a igreja me desafia a ler mais a Bíblia e estudar mais.*

*T., 25 anos: Os lugares que frequento por serem muito ligados ao ambiente acadêmico potencializam sim a prática de leitura.*

*C., 24 anos: Sim, principalmente agora, eu mudei de emprego, assim, tô trabalhando numa ONG, Casa da Juventude, e lá eles possuem projetos de leitura, com os jovens para estimular, no trabalho, digamos assim, eu tenho um estímulo, em casa também porque, sempre tem livros, na universidade também porque tem sempre um professor cobrando o texto da próxima aula, então eu acho que os ambientes que eu estou frequentando estão me estimulando.*

*Ti., 22 anos: Acho que os lugares que frequento potencializam a leitura sim, minha casa, a de familiares que também leem, as bibliotecas, trabalho em uma livraria, estou sempre na universidade. Eu leio muito em casa, no sofá da sala, na minha cama, na mesa de jantar, no ônibus, quando tenho que esperar alguém em algum lugar, em consultórios médicos, cafés, rede na fazenda, etc.*

*M., 21 anos: Sim, sobretudo o local de trabalho (Media Lab/UFG)*

*F., 23 anos: Na igreja, na faculdade.*

Nas entrevistas os estudantes demonstraram interesse e sugestões de onde poderia haver mais acesso a leitura. As falas confirmam que o discurso da falta de interesse por leitura é falacioso como já bem pontuou Abreu (2007) em um artigo sobre a circulação de livros na Europa e América, ou seja, o problema não é a *falta* de interesse e sim a *falta* de acesso.

*K., 26 anos: Mas gostaria de ter mais espaços próprios para leitura nos hospitais que frequentamos, no HGG há uma pequena biblioteca, mas foi o único hospital que um lugar assim nos foi oferecido, mas é restrito a artigos e livros acadêmicos, e apenas profissionais e estagiários do hospital podem utilizá-la (grifo meu).*

*T., 25 anos: Eu gostaria que tivesse mais acesso a leitura nos bairros, poderia ser um centro de convivência daquela comunidade em um espaço arborizado.*

*B., 22 anos: hoje em dia parece muito óbvio eu dizer que precisaria de ter mais leitura nas escolas, porque hoje em dia as escolas não oferecem muitas opções de leitura, então o local que eu gostaria que tivesse mais leitura é justamente a escola.*

*C., 24 anos: eu acho que nossa cidade tem parques é interessantes mas, falta um projeto um pouco mais arrojado digamos assim. Tem um que é interessante que é assim “esqueci um livro, perdi um livro” tinha que ter uns 50 projetos assim desses que estimulassem mais as pessoas a ler, uma leitura no ponto de ônibus, mais bibliotecas mais livros. Eu fui uma vez em Floripa, e Porto Alegre e tinha um projeto assim de ônibus, umas coisas que falta aqui em Goiânia. Agente tem ambientes de leitura, agente tem ambientes de leitura, tem parques, tem bibliotecas, mas pelo porte que nos estamos acho que falta mais.*

*R., 26 anos: acho que seria muito importante Goiânia ter bibliotecas nas periferias da cidade. A população ter acesso a biblioteca e a informática ... tem em Curitiba os faróis da leitura, vários locais tem os faróis da leitura*

*F., 23 anos: Na educação básica, para que os alunos criassem o hábito da leitura.*

*Ta., 22 anos: Em locais mais pobres, onde as pessoas não tem condições de comprar um livro. Existem poucas bibliotecas para o número de pessoas na cidade.*

Perguntamos também se o estudante lê mais por obrigação ou por prazer ou por obrigação e por prazer na maioria das vezes. As respostas indicaram que a maioria 68,68%, leem por obrigação e por prazer ao mesmo tempo. Outros 23,49% dizem ler mais por prazer e 7,83% por obrigação.

A nossa reflexão a estas respostas indicam que as leituras universitárias podem ser prazerosas em algum momento como podem ser maçantes em outro. Revela também que apesar das leituras densas eles praticam outros tipos de leitura além das universitárias. São poucos os que leem somente por obrigação. Nesse sentido, percebe-se um interesse pela leitura aguçado pela prática da leitura obrigatória.

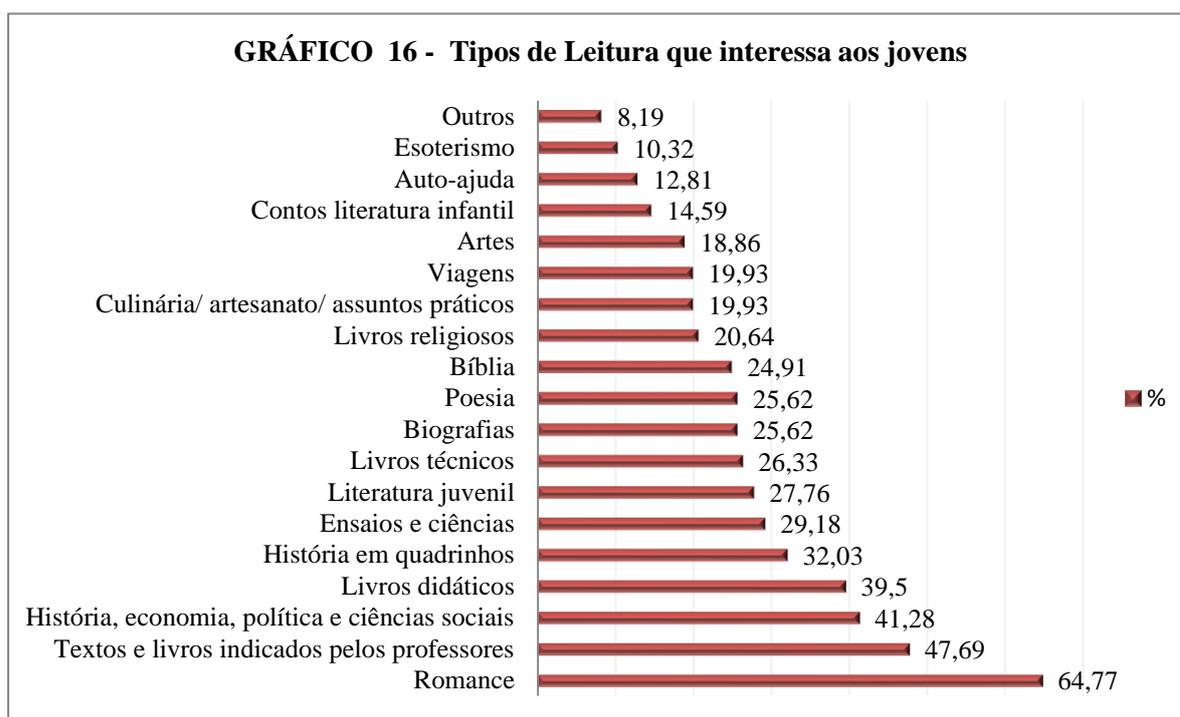
Propomos conhecer as leituras/temas de interesse dos estudantes (Gráfico 16) já que a maioria disse fazer outras leituras além das universitárias. As leituras mais agradáveis para os estudantes são: Romance 64,77%; materiais indicados pelos professores 47,69%; assuntos ligados a ciências humanas 41%.

Esse número coincide com o perfil da maioria dos estudantes os quais fazem parte da área de Ciências Humanas. O interesse por romance, pressupõe-se a partir das entrevistas, se deve ao fato de que a maioria dos respondentes é do sexo feminino e nas entrevistas foram elas as que mais citaram esse tipo de leitura. Como vimos na questão sobre a religiosidade dos estudantes, percebemos que a Bíblia e outros livros religiosos ganham destaque nas práticas de leitura.

Desde a Idade Média, o livro sagrado é o mais lido entre as pessoas e mesmo estando na universidade, não há perda do sentimento religioso. Quanto aos outros temas, a percentagem de interesse permaneceu equilibrada demonstrando que os estudantes se interessam por diversos assuntos. Esse interesse por diversos assuntos mostra o quão falacioso é o discurso da falta o que corrobora com o que diz Chartier (1998, p. 104):

Aqueles que são considerados não-leitores lêem, mas lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima. O problema não é tanto o de considerar como não –leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar.

A universidade, contribui ao acesso à leitura em sua plenitude conforme anuncia o autor ao facilitar o acesso e aguçando a curiosidade dos estudantes.

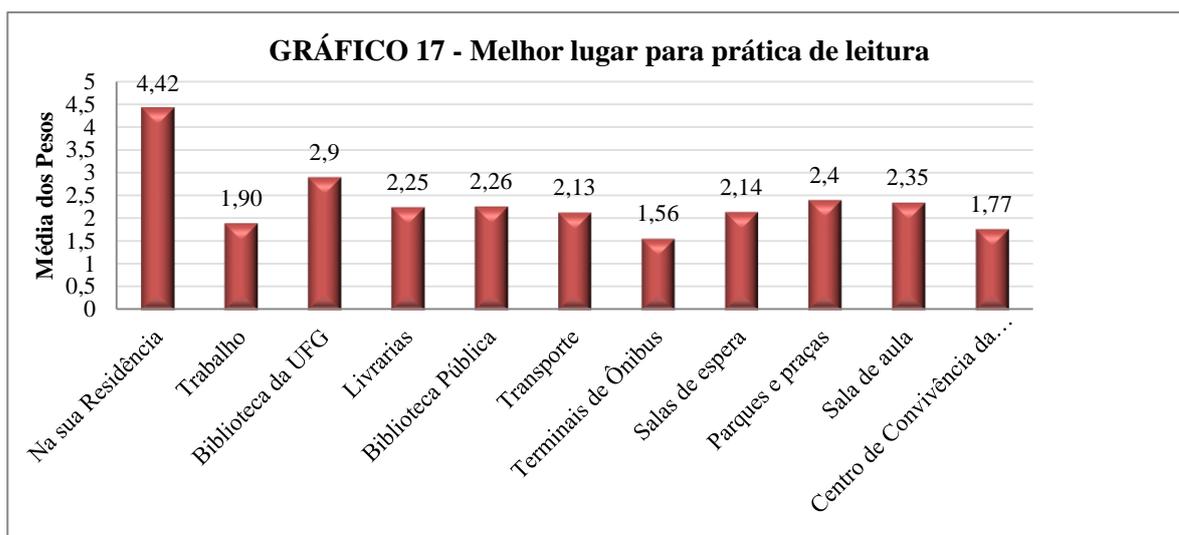


**Fonte: Dados da pesquisa 2014**

Dos espaços informais para prática de leitura (Gráfico 16), os estudantes elegeram a residência como o melhor lugar. Essas respostas condizem também com os resultados da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2011) a qual, também, apontam o lar como espaço preferido para as práticas de leitura.

Diante do conceito de lugar, já abordado anteriormente, o lar é o mais íntimo dos espaços. Lugar onde a leitura pode ser praticada sem censura e na maioria das vezes individualmente. ‘O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria (...)’. (TUAN, 1983, p.3). Outro lugar de destaque é a biblioteca. A biblioteca por ser um espaço formal de prática de leitura pode atrair pela sensação de sossego, calma e tranquilidade.

Nesse sentido, a biblioteca ganha destaque na preferência dos estudantes, mas poderia ter mais destaque se todos tivessem acesso e cultura de frequentar tais espaços (bibliotecas escolares e públicas) desde a infância. Veja que no gráfico 17 os estudantes utilizaram peso de 1 a 5 em cada item. Fora o lar e a biblioteca, os outros tiveram pesos próximos, indicando uma diversidade de lugares de interesse para prática de leitura.



Fonte: Organizado pela autora 2013

Nas entrevistas os estudantes citaram o lar e, também, outros lugares para as práticas de leitura. O lar é o lugar preferido, mas as circunstâncias e necessidades os levam a ler em diferentes espaços. Para alguns é preciso que esse lugar seja tranquilo e silencioso.

*M., 19 anos: Me sinto a vontade pra ler em qualquer lugar, desde que esteja com vontade. Sempre ando com livro na bolsa, costumo ler nos pontos de ônibus e dentro destes, na aula, em casa e em qualquer lugar em que eu esteja esperando.*

*B., 22 anos: Eu já li dentro do ônibus mas não me agradou muito não. Acabei lendo mas não é um local que me agrada. Eu leio também no meu estágio quando eu tenho tempo, porque é um local tranquilo hoje para ler. Leio também quando estou num lugar mais*

*reservado, se for um parque uma zona rural, mais afastado, se eu tiver com um material de leitura eu leio, sempre considerando o fator tranquilidade se tiver um pouco mais inquieto eu não consigo me concentrar. Então o fator principal para eu ler, independente de ser em casa ou não vai ser a tranquilidade.*

*K., 26 anos: Eu gosto de ler em vários lugares, em minha cama, antes de dormir é o meu lugar preferido, todavia, atrapalha o sono, pois sempre quero saber o que vem depois e depois... Leio nos consultórios médicos antes de consultas e entre elas, nos ônibus, no corredor da faculdade, na biblioteca da medicina.*

*C., 24 anos: dentro da biblioteca eu me sinto mais focado (...) e o ônibus também, agora eu to usando o transporte coletivo porque o carro tá estragado e tem uma coisa que eu gosto muito de fazer que é ler no trajeto, eu comprei no intercâmbio um livro eletrônico, tal de kindle que chama, ele coloca bateria uma vez por mês, a bateria não acaba, então, eu gosto de ler no trajeto, e quando eu paro para estudar na biblioteca é uma leitura acadêmica digamos assim e leitura de trânsito eu leio uma crônica, eu leio um pedaço de uma poesia e até coisas da internet, no celular tem umas páginas que eu sigo de poesia então que são divulgadas em um blog. Daqui até em casa dá para ler umas 5 ou 6, 7, 8 ou mais... são pequenos trechos que eu leio no trajeto*

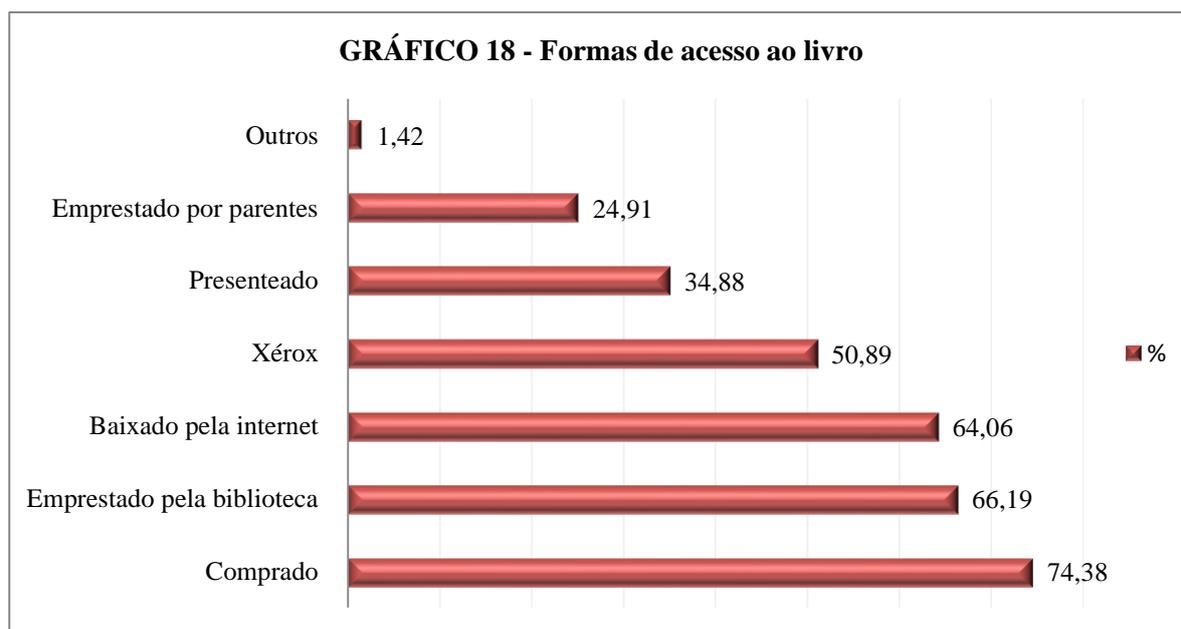
*R., 26 anos: Geralmente em casa, eu leio no computador eu baixo livro (livro é muito caro) baixo em pdf e leio no computador, leio no quarto na sala. A biblioteca é mais para estudar e casa para ler.*

*M., 21 anos: Em meu quarto, parques, áreas verdes da faculdade (Campus Samambaia) e por último em filas ou situações semelhantes.*

*P., 22 anos: Principalmente no meu quarto ou sala da minha casa.*

Sobre o acesso ao livro (Gráfico 18), 74,38% dizem ter acesso ao livro por meio da compra; 66,19% emprestado da biblioteca; 64,6% baixado da internet, 50,89% xerocado; 34,88% presenteado e somente 24,91% emprestado por parentes. É bem diverso o acesso ao livro. Entretanto, a posse do livro por meio da compra é um dos pontos mais altos dos estudantes, apesar do alto custo.

A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2011) também demonstra que a maioria tem acesso ao livro via compra. A disponibilidade por meio da biblioteca também é bastante citado tanto na pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2011) quanto em nossa tese. Há de se ressaltar o acesso ao livro em outros meios como baixado da internet e fotocopiado.



Fonte: Organizado pela autora 2013

Os espaços para prática de leitura são diversos: bibliotecas, praças, livrarias e a casa. Esta última, ganha destaque nas práticas de leitura. Todos responderam que o melhor lugar para a prática é a casa. O lar se configura como um lugar íntimo e individual. Mesmo com a sensação de rapidez do tempo e de diminuição do espaço por causa das transformações no que diz respeito à quantidade de informações e a globalização, ainda é necessário a prática de leitura silenciosa, solitária e reservada. Há, também, interesse por outros espaços informais como as praças e bosques. Por se tratarem de espaços calmos são ideais para as práticas de leitura.

Os transportes também são destaque nas práticas em espaços informais. Aqui a leitura é um passa tempo no trajeto ao trabalho, à universidade ou em viagens. A biblioteca ganha destaque por conta da possibilidade de se ter um espaço calmo e também espaço para prática de leitura em grupo.

O acesso ao livro é, na maioria dos casos, por meio da compra. Apesar de a biblioteca oferecer de forma gratuita, a posse do livro é algo que agrada a maioria e há de se ressaltar que o livro preferido ou indicado não tem para todo mundo na biblioteca.

A posse do livro traduz o sentido da leitura “sensorial” proposta por Martins (1997). Para ela a leitura sensorial se traduz na visão, tato, audição e olfato. A posse ao livro transmite essas sensações. Além disso, o livro não deixa de ter aquele aspecto de sagrado, de belo, de precioso que persiste desde a Idade Média.

Como temos afirmado continuamente, o ciberespaço é um importante elemento na análise das práticas de leitura da juventude, pois há trocas de informação e interações sociais nesse espaço. No próximo bloco analisamos as respostas que dizem respeito ao ciberespaço como um território de práticas de leitura.

### **7.2.2 A universidade e os espaços de práticas de leitura formais e informais**

Além do questionário, entrevistas e redações fizemos um trabalho de observação pelos espaços do campus II da UFG. Esse trabalho de observação teve como objetivo identificar lugares de leitura, leituras praticadas, tipos de leitura e suportes. Caminhamos pelos corredores, Centro de Convivência, bosque, pontos de ônibus, livrarias e pátios que ficam em frente às faculdades.

Nessa caminhada tiramos diversas fotos representando as leituras, os modos de leitura, os tipos de leitura e os suportes de leitura. Explorar esses lugares de leitura contribuiu para atestarmos o que os jovens estudantes disseram nas entrevistas, redações e questionários.

A primeira constatação que tivemos foi o uso do celular. Pelo *campus* afora, sempre deparamos com o uso desse aparelho. Pelo que vemos, o uso do celular não era para ligações e, sim, para envio de mensagens, leitura de e-mails, notícias, jogos etc. No ponto de ônibus, vários utilizavam o aparelho enquanto aguardavam a chegada do transporte.

O celular estava presente nos grupos, com os casais e individualmente. Entre uma conversa e outra, um dos sujeitos parava para ver uma “algo” no celular e dividia a atenção entre o grupo e a olhadinha no aparelho. Vimos pessoas digitando, navegando e ouvindo músicas.

Pelo observado, uma porção de textos podem ser acessados pelo celular e este é o item de acesso a leitura mais presente entre os jovens universitários. Nos corredores é comum encontrar algum jovem lendo no celular. Foi o caso de um estudante de Design Gráfico. Ele disse que costuma ler notícias e enviar mensagens pelo celular enquanto espera por algo.

No corredor da FIC – Faculdade de Informação e Comunicação encontramos uma estudante de jornalismo lendo um livro de autoajuda num leitor digital de livros Kobo. Ela disse preferir o livro impresso, porém gosta da praticidade do leitor digital. Geralmente lê no corredor para passar o tempo.

Nos pátios, os grupos se reuniam para estudos para provas e/ou trabalhos. Alguns alegaram se reunir no pátio por a biblioteca se encontrar em greve. Foi o caso de 6 estudantes do curso de agronomia os quais estudavam para uma prova de química analítica. Um deles

afirmara que gostava de ler no pátio por ser mais arejado. Mas outros, individualmente, aproveitavam o momento de intervalo de uma aula a outra ou de um período a outro para ler notícias, *e-mail* etc. no celular, *tablet* ou *notebook*.

Encontramos uma estudante de biologia que lia deitada no banco no bosque. Ela lia um livro literário sobre um menino com problemas genéticos e dizia gostar muito de ler naquele local, por estar perto da natureza.

Outros estudantes mencionaram ler em diversos locais e até mesmo no transporte público para aproveitar o tempo. Foi o caso de dois estudantes de comunicação social.

Muitos estudantes dizem que preferem ler na biblioteca e que só estavam fazendo leituras naqueles espaços informais devido à greve na universidade<sup>21</sup>. Já outros dizem gostar de ler no bosque, por exemplo, porque é mais agradável e menos barulhento. Ligam as leituras rápidas aos momentos de espera ou de intervalo.

Essa abordagem feita nos mostrou a presença de leitura a todo momento e a todos os locais do *campus*. Desde o ponto de ônibus aos corredores, bibliotecas, bosque, salas de aula e pátios. Resumimos esses lugares de práticas de leitura nos mosaicos fotográficos 1 e 2.

---

<sup>21</sup> No período em que realizamos essa abordagem pelo campus a biblioteca se encontrava em greve. Entretanto, pela conversa que tivemos com os estudantes, eles afirmaram que geralmente se faz leituras “mais leves” nos espaços informais e a leitura “mais pesada” é feita em casa ou na biblioteca. Essas informações condizem com que eles afirmaram no questionário aplicado.

**ILUSTRAÇÃO 10 – Mosaico: leitura nos espaços informais**

Fonte: Foto retirada pela autora, 2014

### ILUSTRAÇÃO 11 – Mosaico: leitura nos espaços informais



Fonte: Foto retirada pela autora, 2014

As leituras feitas na biblioteca são mais formais. Nela, a preferência é por a leitura de aprendizado feita em grupo ou individualmente. Na livraria, muitos vão em busca de novidades ou para passar tempo também e aproveitam para folhear, comprar e ler alguma coisa.

Enfim, há uma diversidade de leituras praticadas em variados lugares, de variados modos e variados formatos revelando o que a pesquisa mostrou nos questionários, entrevistas e redações, ou seja, a presença da leitura em diferentes níveis e diferentes finalidades. Mostrando que os estudantes não ficam presos somente a leituras universitárias e ampliando suas práticas a partir delas.

#### 7.2.3 O ciberespaço como território de práticas de leitura

A internet é uma realidade para a comunidade universitária. Seja professor ou estudante. Ela é utilizada para pesquisas, redes sociais, entretenimento e novas práticas de

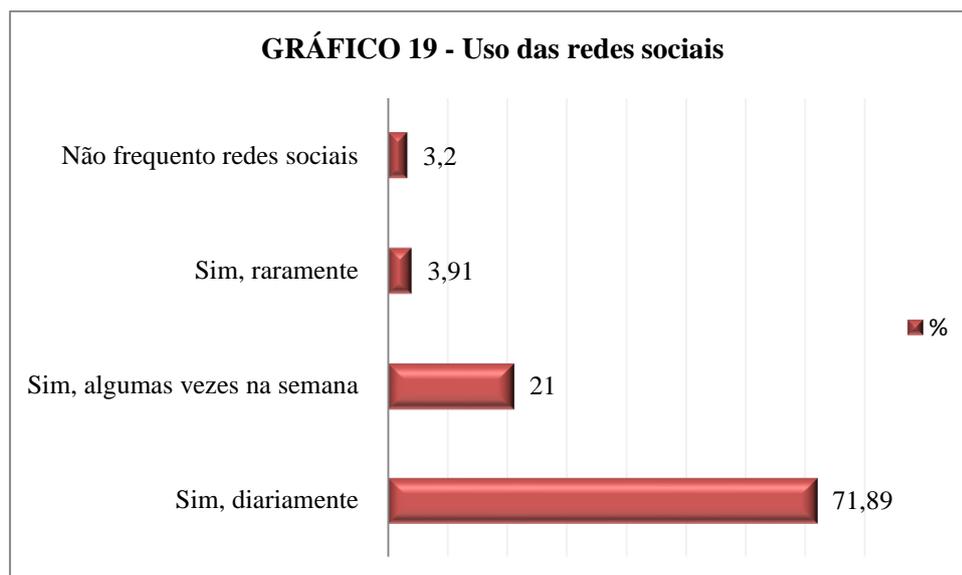
leitura. “O ciberespaço brasileiro é hoje um complexo territorial articulado de redes sociotecnológicas em conexão e em permanente expansão” (PIRES, 2010, p. 21). Tal fato quer dizer que mais e mais produtos, serviços, informação serão produzidos nesse ambiente.

Se considerarmos as reflexões de Chartier (2012) indicando que as práticas de leitura vão além do livro, podemos crer na potencialização das práticas de leitura a partir da internet. É o que mostra as respostas a seguir.

Quando perguntados se a com o Advento da internet leem mais, 74,73% disseram que sim e 25,27% não. Apesar de a maioria responder ler mais com o advento da internet, quase metade, 46,26% consideram as leituras da internet improdutivas contra 53,74% que a consideram produtiva.

A partir desses dados podemos fazer a mesma reflexão feita por Darton (1992). Para esse autor antes do século XVIII as leituras eram intensivas, pois a imprensa não estava totalmente disseminada e havia pouco para ser lido. Então, lia-se com mais intensidade e profundidade. Entretanto após essa data, quando a imprensa se tornou mais popular, passou-se para a leitura extensiva porque havia muito para ser lido (popularização da literatura, surgimento de jornais e revistas) e o tempo de leitura se tornou menor promovendo assim mais leituras, porém com menos intensidade. Com o advento da internet, as leituras são mais variadas e em maior quantidade o que não favorece a sensação de produtividade da leitura como pontua os estudantes pesquisados.

Sobre a frequência do uso da internet 90,39% consultam todos os dias da semana e quase 72% usam as redes sociais diariamente (Gráfico 19). Como se esperava, a internet é prática comum para todos os universitários bem como as redes sociais.

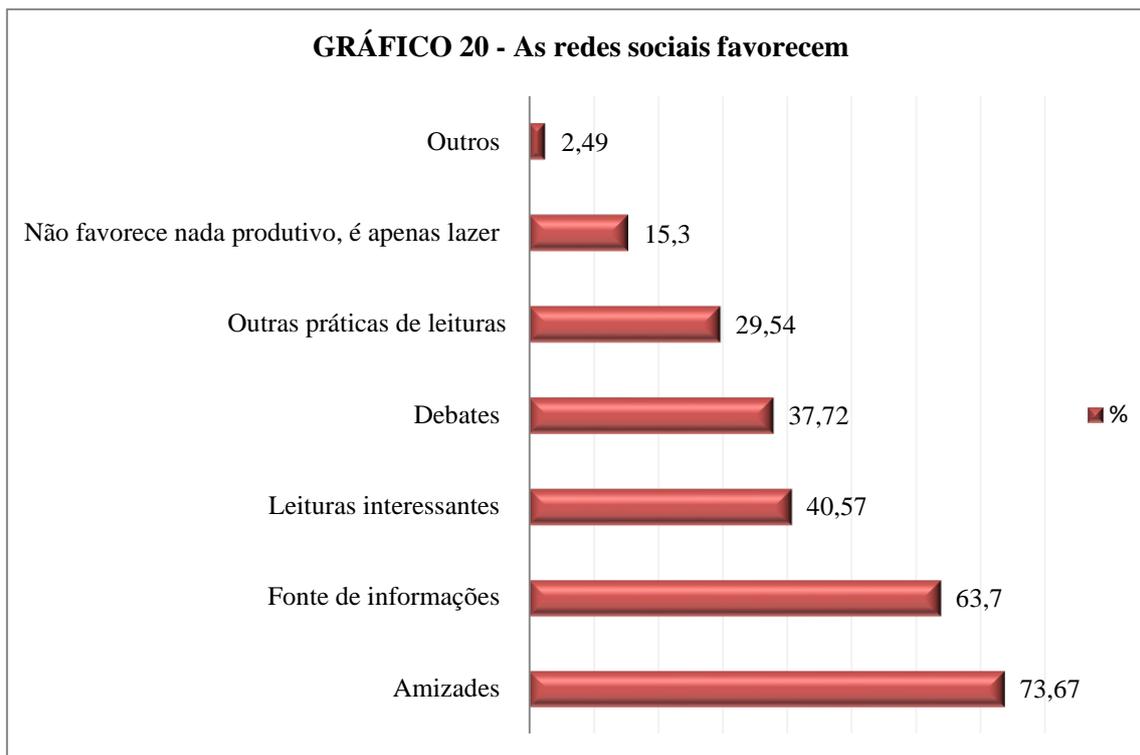


**Fonte: Dados da pesquisa, 2014**

Para os estudantes as redes sociais favorecem amizades 73,67%; fontes de informação 63,7%; leituras interessantes 40,57%; debates 37,72% e 29,54 % outras práticas de leitura. Percebemos que os estudantes tiram proveito da frequência às redes sociais, pois somente 15,3% disseram não ter nada produtivo (Gráfico 20).

Essa afinidade com as redes sociais confirma o que Levy (1999, p. 127) já postulou em seus estudos: “Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independente das proximidades geográficas e das filiações institucionais”.

As redes sociais são construídas por essas afinidades, pois, ao compartilhar ou ler algo compartilhado eles o fazem por um interesse pessoal e por um processo de identificação com o conteúdo.



Fonte: Organizado pela autora 2014

Apesar do interesse nas redes sociais e entender que há informações interessantes, grande parte dos estudantes durante as entrevistas, fizeram algumas críticas às redes e disseram que elas podem atrapalhar em alguns momentos<sup>22</sup>.

*K., 26 anos: Uso apenas facebook, e gosto de compartilhar imagens que envolvem reflexões quanto a preconceito, luta social, luta pelos direitos da mulher, e textos especialmente sobre sexualidade, bem, eu meio que me “especializei” nisso durante minha formação.*

*B., 22 anos: , creio que é um meio que te toma muito tempo, se você ficar acaba viciando, então no atual momento estou afastado, quem sabe quando eu estiver mais livre eu possa voltar. Eu até gosto de alguns recursos mais não sou muito fã não. [o que gosta mais de ler e compartilhar?] são dicas, gosto de acompanhar programas, oportunidades, notícias da área que eu gosto de atuar, basicamente assim.*

*R., 22 anos: Facebook. Que é um meio não só de entretenimento mas um meio que agente pode usar para estudo, inclusive eu faço parte de alguns grupos de estudo, algumas*

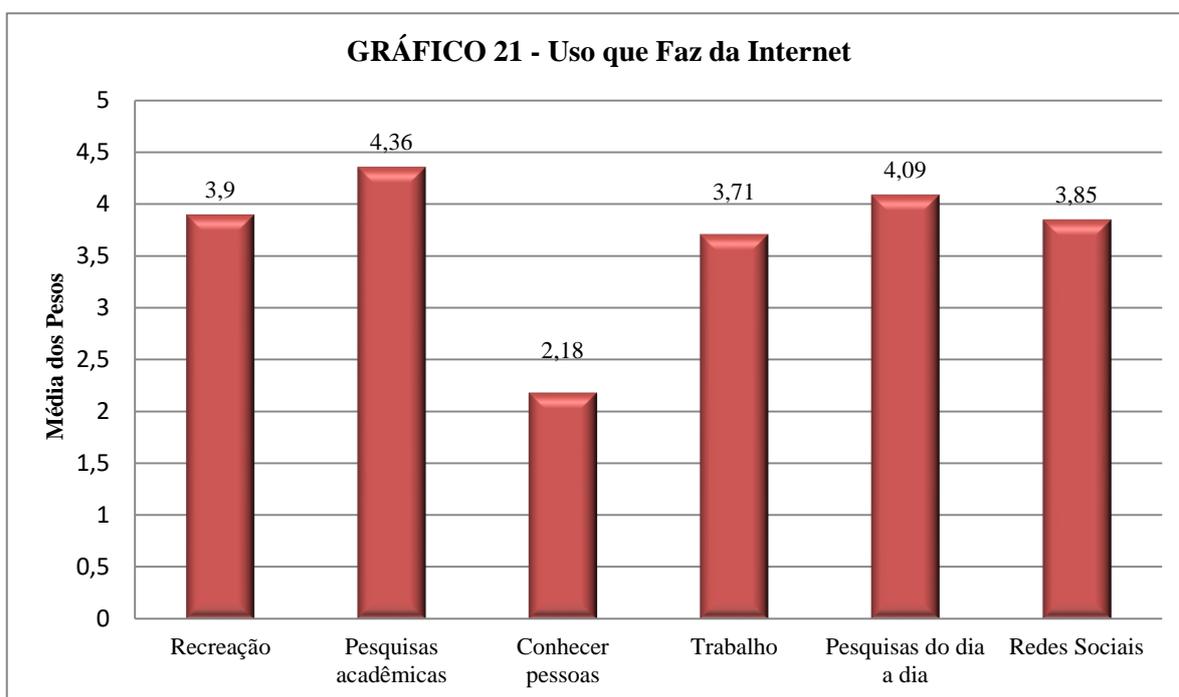
<sup>22</sup> Gilberto Dimenstein em texto publicado no Jornal *Folha de São Paulo* em 03 de Julho de 2011, escreve um artigo intitulado “Cérebro de pipoca”. Nesse texto, ele diz que alguns psicólogos têm chamado atenção aos males provocados pelo constante acesso à internet devido ao grande número de informações disponíveis e a necessidade de se executar várias tarefas ao mesmo tempo. Tal fato causaria dificuldades de concentração e de se lidar com outras atividades cotidianas como a leitura, por exemplo. Entretanto, não levamos em consideração tal informação dentro da tese primeiro, por se tratar de um texto jornalístico e por não ser foco deste trabalho mensurar se há malefícios quanto ao acesso à redes sociais e demais informações disponíveis na internet. O que nos interessa aqui é saber das possibilidades de leitura presente na *web*.

*coisas relacionadas com meu curso, e até mesmo que não seja do meu curso, mas tenha a ver...*

*C., 24 anos: Eu frequento muito as redes sociais assim, muito mesmo, assim eu tenho canal no youtube, um videologue, como se fosse um blog por meio de vídeos, então lá eu fiz um canal onde eu falei das experiências de intercâmbio, o que que eu tava sentindo, como é que era, então essa é uma rede social que eu uso muito durante o intercambio (...) rede eu gosto bastante, as vezes até eu fico pensando que eu poderia usar menos, chega a um nível que começa a atrapalhar, e eu me desconecto, fico um tempo sem, igual quando eu perdi o celular eu achei ótimo, 5 meses sem acessar durante o dia, só acessava no período da noite antes de dormir e tal.*

*R., 26 anos: Frequento pouco. Ultimamente só leio notícias de concurso, prova de residência, ver data... há 3 meses atrás tava frequentando mais, na época do atrito do governo com a medicina, da greve, eu participei do comitê de greve daqui do sindicato de Goiás, aí depois de perder, tava amargurado e resolvi sair para estudar... agora tem um tempo que não tô frequentando não.*

Quanto ao uso que se faz da internet (Gráfico 21), solicitamos aos estudantes estabelecer peso de 1 a 5 em cada item. Os estudantes mostraram respostas bem divididas entre pesquisas acadêmicas, pesquisas do dia a dia, recreação, redes sociais e trabalho. Conhecer pessoas não teve um peso significativo em relação aos outros itens.



**Fontes: Dados da pesquisa 2014**

A internet tem uma presença ativa para os estudantes, mas o maior uso que se faz dela está ligado a pesquisa e em seguida recreação. É um espaço já consagrado, pois a vida acadêmica está em volta dela por meio dos *e-mails*, redes sociais, ensino à distância. Os

professores fazem uso dela para se comunicar também com os estudantes. “Na economia do conhecimento, a educação tem papel de destaque quando se apropria do novo espaço do saber no ciberespaço, e quando consegue estimular, através de políticas públicas, novas formas informatização do processo mediação pedagógica” (PIRES, 2010, p. 29).

Como a adesão dos estudantes é significativa, os professores também precisam fazer a adesão a esse ciberespaço com suas diversas ferramentas. Na pesquisa realizada com os professores, como vamos ver, eles tem utilizado com frequência a Internet para suas pesquisas, preparo de aulas e usam as redes sociais para se comunicarem com os estudantes.

### 7.3 A UNIVERSIDADE: BASE PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL E PARA O PENSAMENTO CRÍTICO REFLEXIVO

O que significa as variadas práticas de leitura dos jovens estudantes universitários?

Como vimos, os estudantes universitários adquirem em sua trajetória universitária variadas práticas de leitura. Nas falas os estudantes dizem que as leituras praticadas levam a outras práticas e eles sempre querem saber mais e aprender mais com essas práticas. Freire (1983) fala da importância da ligação entre leitura e vivência de mundo. E a universidade é uma espécie de ampliação de visão de mundo e contribui para a significação e vislumbração de novas práticas.

Dada a importância entre a leitura de mundo e do texto, Dumont (2002) dirá: “para que esse encontro se efetive, não é necessário possuir somente competência técnica [a alfabetização] – indispensável, mas insuficiente. Torna-se ainda possível a capacidade de saber integrar esses dois universos” da leitura e o mundo do leitor.

A trajetória universitária é diferente da trajetória escolar. Há fontes de informação, pessoas, leituras bem diferentes daquelas praticadas durante o período escolar como podemos perceber nas falas dos estudantes abaixo:

*B., 22 anos: agente entra em contato com novos recursos de informação que no ensino médio não tinha conhecimento os livros os artigos anais de eventos as apresentações uma diversificação maior de formatos de suportes de informação que agente é introduzido assim na época da universidade, agente assim, no ensino médio era meio deficitário nessa questão de variedade.*

*K., 26 anos: Outra grande diferença em meus hábitos de leitura se refere a fontes de informação, só muito recentemente tive acesso a internet em casa, a faculdade oferecia computadores que serviram para a pesquisa de temas e realização de trabalhos, ofereceu*

*também livros e artigos acadêmicos que eu salvava em dispositivos para ler em casa, mesmo livros literários que não possuía condições de adquirir.*

*A., 21 anos: Creio que a universidade tenha me tornado mais preparada para ler alguns tipos de livro. Os científicos, por exemplos. Com certeza o meu curso me deu uma visão bem mais ampla e me tornou mais capaz de procurar informações que antes eu nem imaginava que me interessavam. Com isso, tive uma grande modificação na maneira de pensar no meu próprio futuro, de planejar os meus próximos passos. Exatamente por essa mudança, sinto um grande aumento na habilidade em buscar informações, e mais ainda, de trabalhar essas mesmas informações, usando-as a meu favor.*

*B., 26 anos: Depois de entrar para universidade passei a ler muitos artigos científicos além da minha área. Na facomb ajudei a fundar um grupo de estudo que me ajudou a sair dessa linha dura da biologia e me interessar pela ciências humanas também.*

*A., 25 anos: Antes da universidade eu não tinha hábito de ler, nem mesmo por necessidade. Isso mudou drasticamente no ano em que prestei vestibular, se eu não me engano, li 18 livros neste período, todos recomendados pelas universidades que eu tive interesse de ingressar.*

*A., 25 anos: (...) creio que meu estilo de leitura não mudou muito em comparação ao que era antes da universidade, basicamente busco por temas em uma mesma categoria. Obviamente evoluímos a cada passo, a cada leitura, a cada aprendizado que nos incorpora.*

Diante das falas apresentadas podemos pressupor a universidade como *lócus* da construção do letramento informacional dos estudantes. Para isso vamos analisar tal conceito e como as falas demonstram essa construção.

Segundo a AASL (2000) letramento informacional ou *Information Literacy* são um conjunto de habilidades individuais adquiridas pelo indivíduo que o torna competente para reconhecer suas necessidades de informação, localizar, avaliar e usar efetivamente essa informação adquirida. Esse uso efetivo se dá a partir do instante em que ele consegue transformar essa em novo conhecimento ou resolver alguma questão pessoal.

O letramento informacional é necessário principalmente nesse atual contexto de rápidas mudanças tecnológicas e de grande fluxo de informação (AASL, 2000). Com a globalização houve um crescimento significativo da quantidade de informações, principalmente com o advento da imprensa de Gutemberg. Mais ainda após a era da Internet, em que o fluxo de informação é maior ainda promovendo o que conhecemos como explosão informacional.

O termo letramento informacional (*information literacy*) nasce nos Estados Unidos e tinha como preocupação: na década de 1950 de formar cidadãos hábeis para a sociedade da informação, principalmente na biblioteca escolar (FIALHO, 2009; MELO e

ARAÚJO, 2007); meados de 1980 a abertura de mercado no final da guerra fria exigia cada vez mais informações que pudessem agregar valor aos produtos (MELO e ARAÚJO, 2007) e era preciso pessoas com competências mais específicas e complexas e não simplesmente qualificação (MIRANDA, 2004).

Com todas essas habilidades, as pessoas teriam elementos suficientes para buscar, localizar e avaliar as informações as quais poderiam contribuir para o desenvolvimento da sociedade a partir da criação de uma consciência cultural e política.

Dentro dessa perspectiva, o indivíduo competente em informação é aquele que (AASL, 2000): determina que tipo de informação é necessária; acessa a informação com efetividade e eficiência; avalia as informações e fontes criticamente; incorpora a informação ao seu conhecimento de base; utiliza a informação para realizar propósitos específicos e entende os aspectos econômicos, legais, sociais e éticos do uso da informação. Sujeitos competentes no uso das informações são mais aptos a tomar decisões.

Para Gasque, 2012, p. 18):

As decisões mais eficazes dependem da competência em buscar informações de pontos de vista diferenciados, organizá-las e apreende-las, considerando a experiência pessoal, para se chegar a uma conclusão, mesmo que provisória. A esse processo sistematizado e metódico de organizar a informação denominamos ‘pensamento reflexivo’.

As trajetórias dos estudantes os tornam reflexivos como já observamos anteriormente. De certa forma, eles melhoram sua capacidade de buscar, organizar e usar efetivamente essa informação, porém não podemos concluir se realmente há elementos suficientes para afirmar que eles são competentes no uso da informação, pois teríamos que fazer outra tese específica para analisar essa questão.

Porém, podemos afirmar é que eles adquirem novas habilidades e essas fazem parte do conjunto de habilidades daqueles sujeitos competentes no uso das informações como veremos nas falas a seguir:

*L., 32 anos: Na busca de informação eu posso dizer que sabia pouca coisa e hoje eu aprendi muito.*

*K., 26 anos: Outra grande diferença em meus hábitos de leitura se refere a fontes de informação, só muito recentemente tive acesso a internet em casa, a faculdade oferecia computadores que serviram para a pesquisa de temas e realização de trabalhos, ofereceu também livros e artigos acadêmicos que eu salvava em dispositivos para ler em casa, mesmo livros literários que não possuía condições de adquirir.*

*B., 22 anos: sou meio suspeito para falar porque o curso de biblioteconomia me capacita para buscar informação. Mas independente do curso, a faculdade ela me incentivou a pesquisar a procurar meus próprios recursos, independente de estar num curso que me forma para isso eu acho que a faculdade me capacitou a procurar informação*

*C., 24 anos: Eu sinto que consigo ler esses textos de forma mais aprofundada. Se eu leio sobre uma crise econômica, se eu leio sobre uma greve de ônibus eu consigo interpretar isso melhor com o aparato da universidade porque eu fui ler na essência isso, como são os movimentos sociais, como o sistema capitalista surge, como é que são os conflitos urbanos como eu estou aprendendo de forma detalhada aprofundada, digamos assim, no nível de graduação. Eu acho que minha leitura para os textos que eu já lia, passou a ser mais aprofundada. Isso que consigo ver de diferença*

*B., 26 anos: Minha habilidade em buscar informações melhorou muito, antes fazia pesquisas rasas no google (...) a universidade me deu a opção de outras bases de dados*

*P., 22 anos: tenho mais habilidades para buscar informações, sendo mais rápido e eficiente.*

*Ta., 22 anos: Atualmente me sinto apta a buscar informações, pois sei onde e como consegui-las.*

*C., 23 anos: Com certeza, depois da Universidade consigo buscar informações com muito mais precisão e rapidez, principalmente na internet.*

Um dos pontos discutidos do conceito de letramento informacional se diz respeito ao ganho cultural e social dos estudantes. Esse ganho contribui, como vimos, para o pensamento reflexivo e para o processo de subjetivação desses jovens.

Em suas trajetórias socioespaciais os jovens universitários se deparam com uma infinidade de signos, sujeitos, territórios e lugares os quais contribuem para o pensamento reflexivo provenientes dos processos de subjetivação. Durante essas trajetórias, sujeitos, lugares e pessoas oferecem oportunidades de leitura, discussão as quais interferem no modo de pensar dos estudantes.

A universidade é um território de oportunidades. Em uma instancia maior, ela proporciona aos estudantes uma infinidade de leituras as quais contribuem para uma nova construção do modo de pensar e agir dos estudantes. Há no espaço da universidade os lugares de encontro e confronto de ideias, pois além das leituras individuais os estudantes estão em constante debate com professores e outros colegas.

Esses debates geram elementos para o processo de reflexão. Para Gasque (2012, p. 58) “a reflexão pode ser entendida, no sentido lato, como esforço do pensamento particular e, no estrito, como concentração do pensamento sobre si mesmo como objeto dele próprio, constituindo-se em um sentido interior, mas intelectual e deliberado”.

Nas entrevistas feitas aos jovens estudantes universitários, o discurso apresentado por eles demonstra uma transformação pessoal nas suas vidas a partir das práticas de leitura realizadas por intermédio ou influência da universidade. Sendo assim, cabe analisar essas transformações para a construção de um novo modo de experienciar o mundo a partir do pensamento reflexivo desenvolvido ao longo do tempo.

Como um processo formado ao longo do tempo, o pensamento reflexivo está ligado às trajetórias dos estudantes na universidade a partir da sua interação com os outros e com as leituras.

O lugar e o território possibilitam o repensar. Assim, a universidade enquanto território de trocas e interações permitirá aos estudantes elaborar projetos o quais contribuem para suas reflexões. É o que mostra a fala da estudante abaixo:

*K., 26 anos : Durante meu segundo ano, concretizei junto a alguns colegas a fundação de um projeto de extensão em sexualidade humana. Durante todo o curso este foi o maior marco que diferenciou minhas leituras e vivências. **Me considero menos preconceituosa hoje e tento compreender mais o direito das outras pessoas.** Continuo lendo textos sobre educação, pois ao longo do curso, atuei junto ao Centro Acadêmico como representante estudantil e na construção de um novo currículo para meu curso. Me sinto mais engajada em atividades socioculturais hoje, quando comparada ao início da faculdade (grifo meu).*

*B., 26 anos: Pra mim é muito evidente que quando você agrega experiências no seu repertório, você tem uma gama maior de respostas, te deixa mais prudente para você não sair falando, respondendo qualquer coisa baseada em achismos. Você compreende melhor a si mesmo entendendo que você não sabe tudo.*

*F., 23 anos: As leituras trazem conhecimento. Cada leitura me mostrou muitas coisas diferentes, me fez mudar de opiniões... depende muito do que se lê.*

*M., 21 anos: Sim. Apreendi a reconhecer minhas limitações e possibilidades de crescimento enquanto me deparava com grandes pesquisadores que dispunham de vasto conhecimento e experiência. Ao mesmo tempo que desenvolveu a humildade e auto-segurança, intensificou as reflexões à cerca das pessoas com quem convivo ou cruzo pelas ruas, aumentando consequentemente a sensibilidade humana.*

*B., 26 anos: A convivência com pessoas diferentes também contribui muito para agente pensar diferente.*

*M., 21 anos: Não só pelo tipo de leitura mas pelo repertório. construído que cria motivação e interesse por livros científicos e por pesquisa.*

*P., 22 anos: Sim, mudaram e ainda mudam meu modo de pensar. Sinto-me mais informado sobre os mais diversificados tipos de assuntos, desenvolvi minha imaginação e reparei uma potencialização da memória.*

*Ta., 22 anos: Mudou meu vocabulário, me ajudou a definir minhas opiniões e pensamentos, expandindo meu conhecimento.*

*Ti., 22 anos: Na faculdade os textos de teoria, mas foi um semestre em especial de leituras, de onde eu tirava as idéias não apenas para escrever meus artigos, mas para minha vida. Leopoldo Zea que me fez ter uma identidade diferente com a América Latina, de pertencimento e orgulho.*

*J., 21 anos: A partir da faculdade agente amplia muito a visão de mundo de conhecimento de senso comum, agente sai de uma visão de escola e agente vai para um mundo maior, quando agente vem para universidade agente passa ter muito mais acesso a outras leituras, política por exemplo, sociedade. Passei a ler depois da faculdade muito site de informações sociais que fazem uma discussão da sociedade, discussões políticas.*

*N., 29 anos: Mudaram, agente tem outra visão, agente começa a pensar, a questionar e não aceitar tudo que é imposto*

*G., 25 anos: As leituras que tenho hoje depois da universidade são mais profundas o nível é maior (...) a universidade abre a mente da gente. Hoje eu entendo imperialismo, o colonialismo.*

Ao se considerar menos preconceituosa a partir do projeto fundado junto aos outros colegas, a estudante K., 26 anos passou a refletir sobre os seus conceitos ou preconceitos relacionados a sexualidade. Foi essa interação que permitiu a estudante a rever seu pensamento. Para Gasque (2012, p. 67) “o pensar constitui-se, então, de uma série de atividades físicas e mentais para descobrir o novo ou o que é conhecido sob outro prisma”.

Outros aspectos elencados da mudança/transformação da forma de pensar se dizem respeito a um aumento da capacidade de memória, melhora no vocabulário e o nível de compreensão de si e do mundo, contribuindo para o sujeito reflexivo (GASQUE, 2012).

Nas leituras feitas em Guatarri e Rolnik (1996), compreendemos o conceito de subjetividade ligado ao processo ou projeto reflexivo do ser. O pensamento e a reflexão estão em constante mutação e dependem do arquivo pessoal e histórico de cada um. Quando lemos, estudamos, nos comunicamos com os outros, nos relacionamos estamos envoltos a diversas ideias que podem, constantemente, estarem moldando nossos modos e pensamentos.

Assim ocorre com os jovens estudantes universitários. A sua trajetória universitária é carregada de relações com os outros e com a leitura e isso provoca o que entendemos por processos de subjetivação. Ao nosso ver, é partir dos processos de subjetivação que o indivíduo constrói seu pensamento reflexivo.

*T., 25 anos: Sinto sim que as leituras que faço depois da universidade mudaram meu modo de pensar, acho que estamos o tempo todo nos reformulando, acrescentando coisas a nossa identidade, mudando a nossa forma de pensar e até de agir.*

*C., 23 anos: Depois que eu entrei na universidade eu senti mudança em mim. Até porque tem clássicos na biologia que dizem que Deus é um delírio (...) nunca tive religião, mas depois que passei a ler esses livros fiquei cada vez mais cética*

*F., 22 anos: Mudou bastante, depois da universidade os modos de leitura e minha compreensão a busca pela informação mudou bastante. Meu modo de ser também mudou. Antes lia muita coisa relacionada a religião e hoje praticamente não leio.*

*J., 21 anos: Eu acredito que eu fui transformada não só pela leitura mas pelo contato que a universidade possibilita que ela nos leva a ter. As leituras que leio agora ajudam a pensar mais a educação, a sociedade e elas me transformaram nesse sentido de levar a pensar a sociedade. Hoje eu penso muito em que contexto social eu tô inserida (...) me vejo mais cidadã.*

*L., 22 anos: Acho que não houve uma mudança houve um encaixe eu consegui me encontrar em determinadas leituras e a partir daí construir uma identidade mais sólida, antes da faculdade de ciências sociais (...) não tinha nada estruturado, não era palpável, hoje as pessoas já me reconhecem como uma pessoa das Ciências Sociais, eu já consegui construir (...) não que houve uma mudança. Houve um reestruturação (...) houve uma reestruturação da minha identidade.*

Como se vê na fala dos estudantes acima, esses processos de subjetivação corroboram para a formação de sujeitos mais críticos e pensantes. Passam a refletir, inclusive, no seu papel enquanto cidadão. Outro estudante dirá o seguinte:

*B., 22 anos: Mudou basicamente a forma de pensar assim... que se tornou um pouco mais crítica né. Agente começou a ser inferido nesse contexto das leituras, passou a ter uma visão mais crítica eu creio que isso veio aumentar sim porque agente tem um contato com muitas visões de mundo com muitos autores que pensam de uma certa forma que acaba influenciando na leitura pessoal do leitor. Em relação ao ser assim, ao estilo acho que isso não influenciou muito não eu não me vejo assim tão modificado assim em relação a personalidade...*

O estudante acima frisa que mudou seu modo de pensar e se tornou mais crítico, porém tem dúvidas se sua personalidade sofreu influência. A nosso ver, esse pensamento crítico modifica sim sua personalidade, pois entendemos que a personalidade é criada a partir daquilo que pensamos como certo/errado ou bem/mal. Se passamos a refletir sobre as coisas de um outro modo, a personalidade muda, ou seja, se sou crítico deixo de viver uma personalidade mais passiva e passo a ser mais ativo e reflexivo na minha vida.

Se, antes, a pessoa ficava calada diante de um acontecimento por falta de conhecimento, a partir do momento que ela se torna mais crítica ou com um arquivo maior de conhecimento ela se sente apita a dar sua opinião.

Outras falas as quais representam um pensamento mais reflexivo são apresentadas abaixo:

*M., 19 anos: Sinto, me transformaram mais intelectualmente, abrindo os horizontes da área da ciência da informação. Com certeza, a universidade nos faz amadurecer, pelas*

*experiências que a academia te faz passar e pelas leituras. Hoje tenho mais conhecimento e autonomia sim, mais independência para buscar o que preciso.*

*R., 26 anos: Depois de estudar teoria do valor e estudar a história do SUS, história, legislação, mudou meu cunho político na verdade.... antes de entrar para a universidade era mais de esquerda, e hoje sou de direita.*

Essas reflexões e falas dos estudantes deixam claro a abertura ao novo. A partir das leituras e encontros promovidos a partir da universidade eles mudam sua forma de ler e interagir com o mundo. Para o estudante C., 24 anos, ele não lê um jornal da mesma forma que ele lia antes de entrar para a universidade. Agora ele lê com outros olhos, com mais criticidade. Outrossim, Giddens (2002, p. 37) diz que "a reflexividade da modernidade se estende ao núcleo do 'eu'. Posto de outra maneira, no contexto de uma ordem pós-tradicional, o "eu" se torna um *projeto reflexivo* [grifo do autor]".

O que apresentamos aqui, nesse tópico, foram elementos que condizem com os aspectos relacionados ao letramento informacional e do pensamento crítico reflexivo. É nítido o ganho relacionado a capacidade crítica.

Como proposta, pode-se fazer um estudo mais aprofundado para se saber se há realmente uma formação dos estudantes no processo de letramento informacional. Em parte, vimos que isso é possível, mas o conceito de letramento informacional é amplo e necessita de outros temas e conceitos a ele ligados para uma análise mais completa. Uma proposta seria, portanto, um estudo do comportamento informacional e o resultado desse comportamento no uso, acesso e transformação das informações.

#### 7.4 A JUVENTUDE DA UFG: TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS E PRÁTICAS DE LEITURA

As trajetórias socioespaciais e a universidade influenciam nas práticas de leitura dos estudantes universitários dos cursos de graduação da UFG. Como pontuados nessa tese, a partir dos resultados alcançados, essas trajetórias permeiam por diversos aspectos ligados a sua convivência familiar e a seu ingresso na universidade. Nessa perspectiva, mostraremos nesse tópico os pontos-chaves da construção da reflexão dessa pesquisa.

O conceito de leitura ou do que é leitura na atualidade é abrangente uma vez que há uma diversidade de mídias, textos, contextos e suportes disponíveis ao sujeito. Há de se considerar que o mundo das letras é expressivo. A leitura (do texto) está presente por todas as

partes, seja em gôndolas de supermercados, autoatendimentos e nos diversos suportes midiáticos.

Nesse debate, há uma tentativa de hierarquizar o que é ou não é leitura do ponto de vista da “qualidade” ou de profundidade do material lido ou a ser lido conforme interpretação feita nos estudos de Abreu (1999; 2001) e Dumont (2002). Nessa hierarquização há tanto críticas à literatura ou leitura de massa: romances ditos simplórios, gibis, revistas, textos de internet etc., ou acusação da não prática/gosto pela leitura por parte dos sujeitos.

Nessa perspectiva, argumentamos que de fato há de se considerar como válida todos os tipos de leitura por mais simplórias que sejam. Não se trata de defender aqui uma leitura relativista em prol de uma leitura ortodoxa, pois segundo Dumont (2000, p. 167) “acredita-se, [...], que qualquer leitura possui um potencial a acrescentar, a informar, e nunca a apaziguar o sujeito, a embrutecê-lo, a regredi-lo. Quanto mais ler, mais informações o sujeito possuirá para discernir o que lhe apresentem no futuro”.

Acreditamos que as práticas de leitura iniciam do simplório e tendem a se tornar mais profundas com a continuidade das práticas. Por suposto, o acesso e incentivo são necessários.

Os jovens estudantes universitários demonstram em suas falas a presença da leitura em suas vidas, principalmente, durante sua trajetória universitária. Apesar disso, o conceito de leitor para eles é incerto. Tais leituras são plurais, em muitos casos, fragmentadas e/ou superficiais, mas mesmo assim leituras.

Até chegar à universidade suas trajetórias são cercadas de desafios seja pelas questões financeiras, mobilidade via transporte público ou moradia. Se antes da entrada à universidade havia dificuldade de acesso, agora, há uma facilidade e uma competência maior por parte deles na escolha das fontes e na transformação daquilo que se leu em conhecimento e transformação e reflexão do “eu” e do pensamento crítico reflexivo.

A universidade enquanto território subjetivo e subjacente é responsável por tais transformações dos estudantes, agora egressos e profissionais. É na universidade que as práticas de leitura e de busca por outras leituras são potencializadas, tornando os estudantes mais próximos do letramento informacional.

A universidade promove, também, a busca por novos estudos e conhecimento de outros lugares e pessoas. Na universidade as diversas atividades científicas atraem públicos de várias cidades, estados e/ou países; o que permite uma troca recíproca de ideias e aprendizados. Esses encontros instigam a produção de novas pesquisas e interação com outras culturas.

O engajamento e interesse pelo estudo e pela leitura está ligado, em muitos casos, na relação dos estudantes com o seio familiar em que os pais, ou especificamente a mãe em maior grau, são os principais incentivadores, seja lendo livros ou aconselhando. E esse engajamento dos pais independe do seu grau de escolaridade ou renda.

Há um interesse por parte dos estudantes nos espaços tanto formais quanto informais de leitura. Os espaços formais seja a biblioteca, a universidade, está mais ligado à leitura de formação. Já os espaços informais, a residência, praças entre outros estão ligados à leitura de lazer. Mas, as práticas de leitura de lazer ou de formação podem acontecer de maneira inversa.

Seja uma leitura formal ou de lazer, o lar é o principal lugar das práticas. Lugar longe de condenações ou observações, em que é possível praticar qualquer tipo de leitura ou acessar outro suporte como a internet por exemplo. Lugar em que a leitura está longe dos preconceitos.

Há falta de opção de lugares de leitura na metrópole. Porém, ela potencializa o acesso por conta das livrarias e do acesso que se tem de redes de internet, onde pode-se efetuar compra de livros ou ler em ambiente virtual.

O ciberespaço é o suporte, a fonte e o “lugar” para diversas práticas de leitura. Não só a leitura é presente na rede. Há uma interação constante de pessoas que se conhecem, se conectam e trocam ideias e acessam outras culturas. O problema colocado por alguns é que por ser um ambiente de altos fluxos de informação, a leitura passa ser fragmentada e superficial.

Dessa feita, podemos afirmar que existem diferentes práticas de leitura e diversas formas de ler dos estudantes da UFG. Além disso, os múltiplos territórios contribuem para o estabelecimento de diferentes práticas e são potencializados pelo seu ingresso na universidade. Por fim, as variadas práticas de leitura se dão pela possibilidade de acesso e incentivo. Sendo assim, é preciso investir na construção de políticas públicas possibilitadoras do acesso e incentivo a leitura e deixar para trás a velha máxima do não gosto pela leitura.

## 7.5 POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA VOLTADAS PARA OS TERRITÓRIOS

Em nossos pressupostos afirmamos que a universidade enquanto território contribui para a formação de leitores. Esses pressupostos foram comprovados nos resultados dessa tese de doutorado. Ao comprovar esses dados podemos propor o investimento nos territórios públicos a fim de se formar leitores competentes.

Para tal, as políticas públicas devem ser direcionadas aos mais variados territórios públicos presentes em nossas cidades. Vimos que a proximidade dos estudantes com as bibliotecas contribuiu, sobremaneira, na sua formação enquanto leitor. E essa proximidade não era somente física, mas também, de abertura, de convite a fazer parte.

A pesquisa nos mostrou que todos os sujeitos são leitores em potencial desde que haja acesso ao texto escrito seja em que suporte for. Isso prova que a tal falta de leitura está mais ligada mais a falta do acesso do que da vontade de se ler. Mesmo aquele estudante que julga “não gostar de ler” sempre lê alguma coisa por necessidade e mesmo por gosto (ainda que não assuma esse gosto).

A universidade enquanto território de leitura amplia a capacidade, o acesso e o entendimento competente das informações disponibilizadas aos estudantes. Na universidade tem-se acesso a uma diversidade de informações, pessoas, textos e contextos os quais contribuem para o aprimoramento das capacidades cognitivas dos estudantes.

A cidade pode potencializar com mais intensidade as vontades e acesso a leitura. A leitura deve estar presente nas praças, nos terminais de ônibus, nos aeroportos, rodoviárias e tantos outros espaços públicos existentes.

Quanto à escola, propõe-se que as bibliotecas estejam presentes e cada vez mais abertas e atrativas aos estudantes. Nos resultados vimos que aqueles os quais tinham acesso à biblioteca escolar, passaram a ter uma relação mais próxima com a biblioteca da universidade. Dessa forma, cumprir com a Lei 12.244 (universalização da biblioteca escolar) é um ponto de partida para que os estudantes saiam da escola com maior capacidade leitora e de competência em pesquisa.

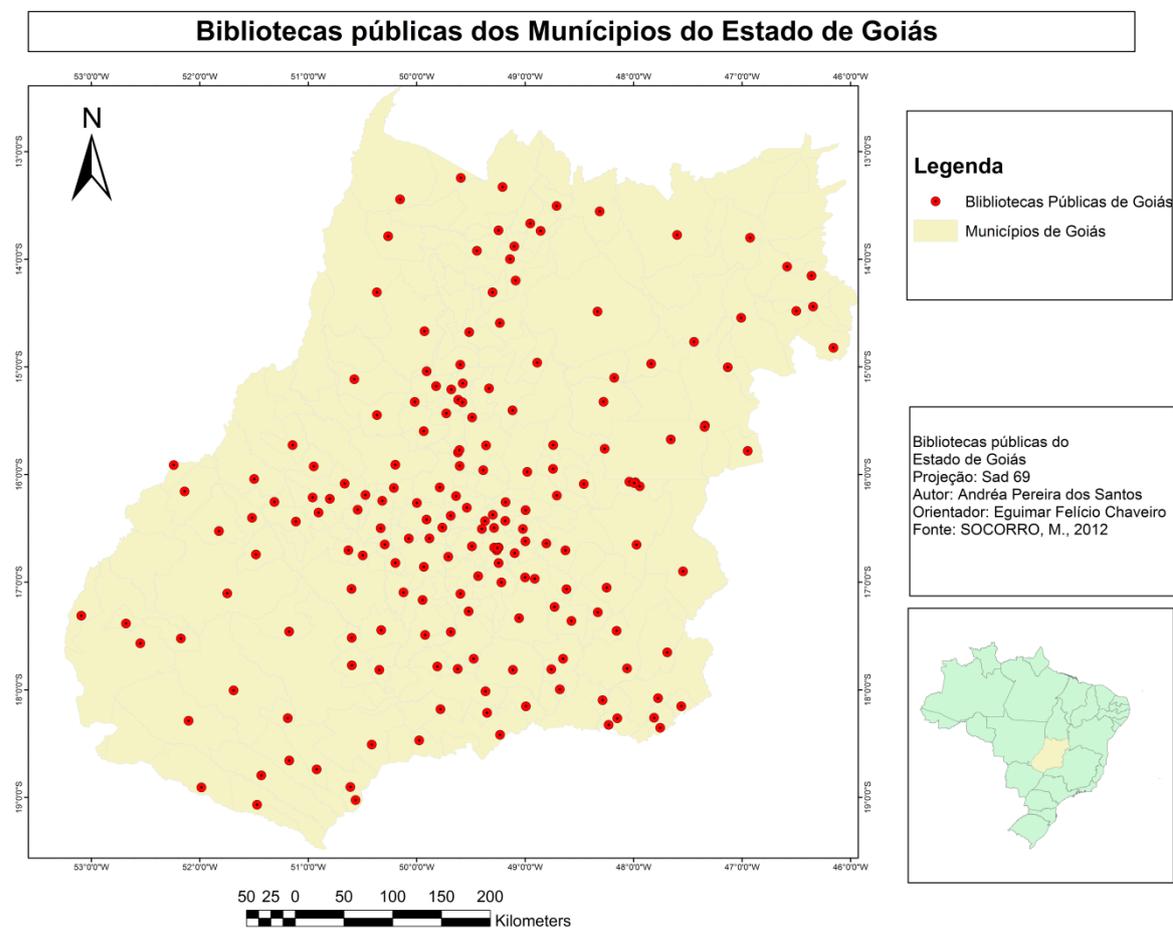
Por meio da biblioteca escolar, além de um maior acesso ao texto escrito é possível uma melhor mediação de acesso à diversidade de informações existentes hoje em dia. As informações necessitam ser filtradas, trabalhadas e reestruturadas para melhor aproveitamento.

As políticas públicas de acesso ao livro, leitura devem envidar esforços não no questionamento do gosto ou não da leitura ou na afirmativa ou negativa do ser leitor. Deve-se sim, focar nas diversas experiências de leitura das pessoas, nos lugares e territórios de passagem e permanência delas e nas trajetórias pessoais de cada um. Ao conhecer as trajetórias pessoais, sua história de vida, é possível saber mais sobre seus costumes, sua cultura e seu modo de ver e vivenciar o mundo.

Goiás possui um total de 234 bibliotecas públicas estaduais e municipais (ANEXO 1) distribuídas nos seus 246 municípios (Mapa 7). Considerando uma população

com mais de 6 milhões de habitantes, a média é de quase 26 mil pessoas por biblioteca. Para agravar mais a situação, Goiânia tem 3 bibliotecas públicas: uma Estadual e duas Municipais. Sua população é de mais de um milhão de pessoas ou 432 mil pessoas por biblioteca! Na França, segundo o Conselho Federal de Biblioteconomia, há uma biblioteca para cada 2500 pessoas. Esses números comprovam a ausência de tais espaços na fala dos estudantes pesquisados.

**MAPA 7 – Bibliotecas públicas dos municípios do Estado de Goiás**



Observamos no mapa que o número de bibliotecas decaí nos municípios pertencentes às extremidades do Estado. Nota-se que há municípios que nem sequer tem biblioteca pública. Quanto à localização das bibliotecas nos municípios a maioria fica no centro da cidade o que não quer dizer melhor acesso a população a qual mora as margens das cidades, longe dos centros.

Os parques foram lembrados como locais agradáveis para as práticas de leitura. Goiânia é lembrada pela quantidade de parques que a cidade possui. Na tabela 11 indicamos a quantidade de parques por região.

**Tabela 11 – Parques e bosques de Goiânia por região**

<b>Região</b>	<b>Quantidade</b>
<b>Região Central</b>	4 unidades
<b>Região Norte</b>	20 unidades
<b>Região Leste</b>	19 unidades
<b>Região Sudeste</b>	18 unidades
<b>Região Sul</b>	6 unidades
<b>Região Macambira/Cascavel</b>	2 unidades
<b>Região Sudoeste</b>	33 unidades
<b>Região Oeste</b>	26 unidades
<b>Região Mendanha</b>	19 unidades
<b>Região Noroeste</b>	25 unidades
<b>Região Vale do Meia Ponte</b>	16 unidades
<b>Região Campinas</b>	3 unidades

Fonte: <http://www.goiania.go.gov.br/shtml/amma/parquesebosques.shtml#>. Acesso: Junho de 2014

Cada uma desses parques poderia ser um ponto de acesso ao texto. Alguns desses parques já possuem acesso a rede sem fio de internet, porém propõe-se espaços, equipamentos e suportes para as práticas de leitura.

A geografia nos mostrou que a leitura ou as práticas de leitura estão presentes em algum “território” seja ele um ponto físico geométrico ou em um espaço virtual. Dessa forma, as políticas de incentivo à leitura devem, antes de tudo, fazer um estudo do espaço. Ver as relações entre os territórios e espaços de pertencimento e criar ambientes propícios e convidativos às práticas de leitura. Da mesma forma, a divulgação e estímulo a diversos equipamentos culturais podem estar presentes para uma mudança cultural.

## CONCLUSÃO

Nos pressupostos teóricos chamamos a universidade de território de leituras. Os conceitos de território dados por autores como Raffestin (1993), Claval (1999) e outros dizem que um espaço se configura como território a partir do momento em que há relações de poder, soberania ou controle.

Haesbaert (2004, 2007, 2012) dirá que é um espaço sociocultural onde há uma apropriação subjetiva do indivíduo. Vimos que o espaço da universidade se torna território de leitura onde, a partir das relações estabelecidas, surgem práticas de leitura diferentes das que os jovens estudantes tinham anteriormente.

Para realização dessa pesquisa partimos, primeiramente, da análise da ocupação e modernização do Cerrado e o surgimento de instituições culturais e educacionais em Goiânia. Nessa perspectiva, analisamos o processo de modernização do território e ocupação do Cerrado goiano entre as décadas de 1930 e 1970 e discorremos sobre a transformação da cidade de Goiânia em uma capital culta e moderna bem como surgimento das instituições culturais durante esse período.

Vimos que o processo de ocupação e modernização do Cerrado goiano não passou somente por uma revolução técnica, mas por um conjunto de ações de cunho cultural daqueles que tentavam construir um Estado forte.

O processo de ocupação e modernização do território e ocupação do Cerrado não significou simplesmente um avanço econômico. Percebemos que o discurso da elite daquela época, pregava que a capital do Estado tinha uma preocupação com relação à cultura e por esse motivo, investiu em instituições que fossem palco de manifestações culturais à altura da elite local daquela época.

Mais essa preocupação com a cultura se constitui, igualmente, em um discurso que pretendia promover o Estado e conquistar tanto imigrantes quanto investidores. Por isso era importante focar em cultura. Um Estado que se importava com a cultura seria melhor visto pelas elites de outros Estados, pois demonstrava ser um local onde haveria opções de lazer e entretenimento para uma elite educada nos moldes europeus. Essa imagem poderia atrair investidores para o desenvolvimento do Estado.

Entretanto, antes mesmo do nascimento de Goiânia e Batismo Cultural, já existiam no Estado instituições culturais como, por exemplo, no final do século XIX o Gabinete Literário Goiano. Tal fato demonstra uma preocupação com a cultura anterior ao

processo de modernização. Lembrando que a ênfase e a preocupação com a cultura se torna mais intensa durante o processo de modernização.

Assim, mostramos o seguinte processo: a modernização do território e ocupação do Cerrado a partir das redes técnicas; junto nasce o discurso da elite sobre a importância da cultura para sociedade e o surgimento de importantes instituições culturais.

E essas instituições foram o berço para o avanço da cultura educacional, pois a partir daí surgem as principais instituições de ensino de Goiás: a Escola Técnica (hoje Instituto Federal de Goiás) e a Universidade Federal de Goiás. Essa análise contribuiu para que entendêssemos melhor o discurso das práticas de leitura dos jovens universitários, uma vez que, ainda há o discurso da ausência de instituições promotoras de cultura e leitura.

Quando analisamos a questão das práticas de leitura, juventude e metrópole e recorreremos também à pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil (2011)”. A partir da análise dessa pesquisa conseguimos fortalecer alguns pressupostos, principalmente o de que as práticas de leitura estão ligadas a uma dinâmica socioespacial da metrópole, podendo essa dinâmica interferir nessas práticas de forma negativa ou positiva.

As entrevistas, os questionários e as redações feitas aos estudantes demonstram que suas práticas de leitura sofrem influências socioespaciais da universidade e também da capital Goiânia. Ressalta-se que a diferença entre as práticas de leitura anteriores à universidade não se tratam apenas de conteúdos universitário ou não. Os estudantes universitários são instigados à curiosidade, à necessidade de busca por informações e a construção de novos conhecimentos o que não ocorre quando apenas são estudantes secundaristas.

Os resultados dos questionários e entrevistas mostram que os estudantes não são presos somente as leituras universitárias ou aquelas leituras passadas pelos professores, ou seja, eles estão sempre em busca de outras leituras. Mas essas outras leituras, como percebemos nas falas deles, são instigadas pelas relações socioespaciais estabelecidas na universidade. Seja em conversa com outros estudantes, com os professores, com palestrantes, na biblioteca, na livraria, na sala de aula.

As entrevistas mostram os estudantes bem amadurecidos e seguros com o aprendizado tido durante a universidade. Todos afirmam que a universidade acrescentou muito nos seus conhecimentos e/ou nos seus modos de pensar. Se dizem críticos com relação às leituras praticadas.

Podemos afirmar que as trajetórias socioespaciais dos estudantes universitários influenciam nas suas práticas de leitura em todos os sentidos, tornando-os críticos, curiosos e seguros consigo mesmo.

Ao descrevermos as trajetórias socioespaciais da juventude, antes e durante sua vida universitária, percebemos que estar na universidade é sinônimo de vitória e ascensão social. A maioria mostrou muitas dificuldades socioeconômicas as quais dificultaram a sua permanência na universidade.

No entanto são otimistas quanto a sua formação e ao futuro profissional. Uma das dificuldades elencadas em relação à permanência na universidade foi quanto a mobilidade via transporte público. Segundo eles a universidade é longe do local de moradia e isso dificulta, pois o transporte público não é bom.

Ao identificar os territórios de leitura do jovem universitário e o processo de construção do pensamento reflexivo a partir dessas práticas de leitura, percebemos que a universidade é o território maior dessas práticas. Porém cada estudante constrói o seu “lugar” para a leitura. É em casa que se sentem melhor para ler as leituras instigadas pelo espaço universitário.

No entanto, citam outros ambientes: o próprio campus universitário, a biblioteca, durante o trajeto via transporte público e nas salas de aula. Pressupomos, que essas leituras praticadas contribuem para a formação, construção e reconstrução das suas identidades, pois os leva e os instiga a novas reflexões e eleva o processo de subjetivação.

Ao verificar se as práticas de leitura realizadas sobre a influência do espaço universitário contribuem para o letramento informacional dos estudantes, pressupomos que esse processo se aproxima do processo de construção, reconstrução e reflexão das identidades.

Uma vez que, as habilidades adquiridas pelo letramento informacional contribuem para o processo reflexivo o qual está intimamente ligado aos processos de subjetivação. Mesmo assim, não podemos afirmar se há uma formação por completo da competência informacional e da construção ou reconstrução de identidades, pois precisaríamos de um estudo mais aprofundado para essa averiguação. Entretanto a presença de algumas habilidades próprias do letramento informacional foram percebidas e demonstradas nos seus comportamentos.

Na análise sobre ciberespaço como fonte de leitura da juventude universitária identificamos que esse espaço faz parte dos lugares de pertencimento do jovem universitário perante a leitura. Os estudantes fazem uso diário das redes sociais e pesquisas escolares, porém muitos se sentem incomodados em alguns momentos por sentirem que a internet pode

atrapalhar em alguns momentos justamente pela profusão de informações constantes nela. Entretanto, são variadas as práticas de leitura praticadas nesse ambiente.

Enfim, essa tese nos mostrou existir diferentes práticas de leitura, porém elas não são unas. Elas dependem da trajetória socioespacial dos sujeitos e também da sua experiência de vida e pertencimento a determinado lugar. Dessa feita, algumas entrevistas e até questionários mostram que estar próximo a um espaço de leitura potencializa suas práticas.

Os múltiplos territórios contribuem para o estabelecimento de diferentes práticas de leitura podendo facilitar ou dificultar o acesso. Tal fato porque a leitura depende do acesso ao texto independente do formato ou suporte. E se nesses múltiplos territórios o texto estiver presente, pode sim potencializar suas práticas.

As práticas de leitura da juventude, realizadas na sua trajetória universitária, contribuem para o aprimoramento do pensamento crítico reflexivo. E Essas práticas e a apropriação subjetiva dos significados dependem do ambiente socioespacial que ele convive.

Por fim, a universidade é um território favorecedor de diferentes práticas de leitura, pois os jovens são instigados a buscar novas leituras para vencer os desafios teóricos propostos por essa instituição.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 37-72.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. N. 06, maio/jun./jul., 1997. p. 25-36
- ABREU, Márcia. Diferenças e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Belo Horizonte, MG: Ceale, 2001, p.139-157.
- ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado das letras, 1999.
- ABREU, Márcia. Circulação de livros entre a Europa e América. **Polifonia**, Cuiabá, v. 14, p. 161-174, 2007.
- AGUIAR, Waldiney Gomes de. Alfabetização cartográfica no curso de geografia das Faculdades Integradas de Naviraí/MS – FINAV. **Boletim de Geografia**, v. 19, n. 02, p. 246-333, 2001.
- ALMEIDA, Luciana Cristina de; NOGUEIRA, Ruth E. Iniciando a alfabetização cartográfica. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, v. 06, n. 07, 117-125, jul., 2009.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. **Identidade, território e territorialidades**. 13-24 de ago de 2012. Notas de Aula.
- AMERICAN ASSOCIACION SCHOOL LIBRARIANS (AASL). **Information literacy competency starndarts for higher education**. Chicago: ALS, 2000.
- AMERICAN ASSOCIATION of SCHOOL LIBRARIANS; ASSOCIATION for EDUCATIONAL COMMUNICATIONS AND TECHNOLOGY. **Information Literacy Standards for Student Learning**. Chicago: American Library Association, 1998. Disponível em:  
<[http://www.ala.org/ala/aasl/aaslproftools/informationpower/InformationLiteracyStandards\\_final.pdf](http://www.ala.org/ala/aasl/aaslproftools/informationpower/InformationLiteracyStandards_final.pdf)>. Acesso em: 5 maio 2007.
- ANDRADE, Manoel Correia de. A questão do território. In: \_\_\_\_\_. **A questão do território no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2004, cap. 1, p. 19-28.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 12. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERTH, Rogério (ORG). **Identidades e territórios : questões e olhares contemporâneas**. Rio de Janeiro: Acess, 2007.

ARCHELA, Rosely Sampaio; THÉRY, Hervé. Orientação metodológica para construção de mapas temáticos. **Revista franco-brasileira de geografia**. v. 03, n. 03, 2008.

ARROYO, Mônica. Fluidez e porosidade do território brasileiro no contexto da integração continental. In: SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **Continente em chamás: globalização e território na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 209-242.

AURORA NETA, Maria. **O jovem (não) gosta de ler um estudo sobre a relação entre juventude e leitura**. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2008.

BADIE, Bertrand. **La fin des territoires**. Paris: Fayard, 1995.

BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. Livros e leituras do Gabinete Literário Goiano na sociedade oitocentista de Goiás. **Educativa**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 85-97, jan./jun., 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). **Geografia Cultural: um século(3)**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BRAGANÇA, Aníbal. As políticas públicas para o livro e a leitura no Brasil: o Instituto Nacional do Livro (1937-1967). **Matrizes**, v. 02, n. 02, p. 221-246, Jan/jul. 2009.

BRETAS, Genesco Ferreira. **História da Instrução Pública em Goiás**. Goiânia: CEGRAF / UFG, 2001.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 26, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CARLOS, A.F.A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 2007.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: Senac, 2000.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: \_\_\_\_\_. **O poder da identidade**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Cap. 1. p. 21 – 92.

CASTILHO, Denis. Os sentidos da modernização. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 30, n. 02, p. 125-140, jul./dez., 2010.

CASTILHO, Denis; ARRAIS, Tadeu Alencar. Eletrificação e modernização do território em Goiás-Brasil. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL GLOBALIZACION, INNOVACIÓN Y CONSTRUCCIÓN DE REDES TÉCNICAS E URBANAS EN AMÉRICA E EUROPA, 1890-1930: BRAZILIAN TRACTION, BARCELONA TRACTION Y OTROS

CONGLOMERADOS FINANCIEROS Y TÉCNICOS, 2012. **Anais...** Barcelona: Universidade de Barcelona, 2012.

CASTRO, Iná Elias de. Instituições e território: possibilidades e limites ao exercício da cidadania. **Geosul**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p 7-28, jul./dez. 2003

\_\_\_\_\_. Solidariedade territorial e representação: novas questões para o pacto federativo nacional. **Revista Território**, v. 01, n. 02, p. 33-42, 1997.

CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Locus: Revista de História**, Juiz de fora, v. 17, n. 02, p.145-159, 2011.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Sousa Porto. A cultura juvenil como fenômeno urbano. In: \_\_\_\_\_. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editora UNESP, 2008. Cap. 2, p. 37-52.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Aprender sobre a cidade: a geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares. **Revista Geográfica de América Central**, número especial, 2011, p. 1-18.

CAVENAGHI, Airton José. Uma leitura cartográfica da história: a formação territorial da província de São Paulo durante o século XIX. **Proj. História**, São Paulo, v. 26, 285-303, jun. 2003.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: I artes de fazer**. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED, 2001b

\_\_\_\_\_. Hábito de ler está além dos livros, diz um dos maiores especialistas em leitura do mundo. Entrevista. [24 de junho de 2012]. São Paulo: **Agência Brasil**. Entrevista concedida à Agência Brasil. Disponível em < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-06-24/habito-de-ler-esta-alem-dos-livros-diz-um-dos-maiores-especialistas-em-leitura-do-mundo>>. Acesso em: julho de 2013.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. 2. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001a.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria: a questão étnico racial na obra e trajetória socioespacial de Milton Santos**. 2010. 161f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos Socioambientais, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2001.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2007.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. Cartografia de um pensamento de Cerrado. In: PELÁ, Márcia; CASTILHO, Denis (Orgs.). **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia: Vieira, 2010. P. 15-33.

CHAVEIRO, E. F; CALAÇA, M; REZENDE, M. C. S. **A Dinâmica Demográfica de Goiás**. Goiânia: Ellos, 2009

CHAVEIRO, Eguimar Felício; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. Práticas espaciais na metrópole contemporânea: norma e vida em contraponto. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; TEIXEIRA, Karla Anniely; ARRAIS, Tadeu Alencar (Orgs.). **Metrópole: teoria e pesquisa sobre a dinâmica metropolitana**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012. p. 73-84.

CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. **Geographia**, v.01, n. 02, p. 7-26, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Espaço e Cultura**. Nupec, Rio de Janeiro, Ano I, Vol. 1, 1995.

\_\_\_\_\_. O espaço metropolitano e sua dinâmica. **Anu. Inst. Geocienc.**[online]. 1994, vol.17, pp. 24-29. ISSN 0101-9759.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

DEMO, Pedro. **Metodologia de pesquisa em Ciências Sociais**. 2 ed. São Paulo, Atlas: 1989.)

DUMONT, Lígia Maria Moreira. A opção pela literatura de massa: simples lazer, ou alienação? **Investigacion Bibliotecológica**, v. 04, n. 28, p. 166-177, jan./jun., 2000.

\_\_\_\_\_. Contexto, leitura e subjetividade. **Transinformação**, v. 13, n. 01, p. 43-47, jan./junh. 2001.

\_\_\_\_\_. Lazer, leitura de romance e imaginário. **Perspect. Cienc. Info.**, Belo Horizonte, v. 05, n. 01, p. 117-123, jan./jun., 2000.

\_\_\_\_\_. Os múltiplos aspectos e interfaces da leitura. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 03, n. 06, dez., 2002.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ESTEVAM, Luís. Os anos trinta e a edificação de Goiânia. In: \_\_\_\_\_. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás**. Goiânia: Ed. Do Autor, 1998. p. 107-153..

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FIALHO, Daniela Marzola. Uma leitura sensível da cidade: a cartografia urbana. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Colóquios, 2007.

FIALHO, Janaína Ferreira. **A cultura informacional e a formação do jovem pesquisador brasileiro**. 2009. 209f. [tese]. Doutorado em Ciência da Informação – Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

FLEURY, Rosarita. **Sombras em marcha**. Goiânia: Ed. Líder, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. Leitura de imagens para o entendimento do espaço geográfico. **Visão Global**, Joaçaba, Edição Especial, p. 141-154, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 3.ed. São Paulo: Autores Associados, 1983.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GASQUE, Kelley Cristine. **Letramento informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/87596264/Letramento-Informacional-pesquisa-reflexao-e-aprendizagem>>. Acesso em: 26 novembro 2013.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Subjetividade e história. In: \_\_\_\_\_. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996. Cap. 2, p. 25-126.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. 2. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. P. 107-113.

HAESBERT, Rogério. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. Disponível em: < <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/download/74/72>>. Acesso em 27 de julho de 2012.

\_\_\_\_\_. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial. In: ARAÚJO, Guilherme Bandeira de; HAESBAERT, Rogério (Org.). **Identidade e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, p. 33-56, 2007. Disponível em: < <http://tercud2.ulusofona.pt/projectos/ProjIdenterra/Docs/23GeoForum.pdf>>. Acesso em 22 de novembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

\_\_\_\_\_. Território e multiterritorialidade: um debate. **Geographia**, v. 09, n. 17, p. 19-46, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 104 p.

HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Território**, v. 4, n.7, p. 67-78, 1999.

\_\_\_\_\_. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, v. 9, n. 3, p. 77-85, jul./dez., 1997.

JOUTARD, Philippe. **Esas voces que nos llegan del pasado**. Fondo de Cultura Económica, S. de C. V., Mexico, 1983.

KATUTA, Ângela Massumi. Uso de mapas = alfabetização cartográfica e/ou leitura cartográfica. **Nuances**, v. 3, p. 41-46, set. 1997.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **A Formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LASTÓRIA, Andrea Coelho; FERNANDES, Silvia Aparecida de Sousa. A geografia e a linguagem cartográfica: de nada adianta saber ler um mapa se não se sabe aonde quer chegar. **Ensino Em Re-Vista**, v. 19, n. 02, 323-334, jul./dez., 2012.

LEME, Heládio José de Campos. A espacialidade do desenvolvimento: as cidades na Região Centro-Oeste. In: GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antônio Carlos Filgueira. **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**. São Paulo: UNESP, ANPUR, 2003. Cap. 30, p. 622-634.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção TRANS).

LIBÂNEO, J. B. **Jovens em tempos de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LIMA, Sélvia Carneiro de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. O Cerrado goiano sob múltiplas dimensões: um território perpassado por conflitos. **Espaço em Revista**, v. 12, n. 02, jul/dez. , 2010, p. 66-83.

LYONS, Martiyn. A história da leitura de Gutenberg a Bill Gates. In: \_\_\_\_\_. **A palavra impressa: histórias da leitura o século XIX**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, José Eduardo Ribeiro. A cidade reinventada: práticas de gentrificação e consumo cultural em Goiânia. In: MARINHO, Thais Alves (Org.) et al. **Goiás e a (Pós) modernidade: dimensões e reflexões**. Goiânia: UCG, 2009. Cap. 4, p. 287-309.

MACHADO, José Roberto; DIAS, Fernanda Ferreira Passos. Alfabetização cartográfica no ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental: importância e desafios. **Acta Geográfica**, Boa Vista, v. 17, n. 14, p. 153-173, jan./abr., 2013.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ensaio & Teoria).

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARQUES, Edmilson. A história do rádio em Goiás (1942-1950). In: SEMINÁRIO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – UFG/UCG, 1, 2008, Goiânia, **Anais ...** Goiânia, 2001.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30 n. 2 p. 289-300, maio/ago. 2004.

MARTINS, Maria Helena Pires. **O que é Leitura**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2001.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio A. **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papius, 2000. Cap. 8, p. 187-185.

MEIHY, Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. Loyola, São Paulo, 1996.

MELO, Ana Virgínia Chaves de; ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Competência informacional e gestão do conhecimento: uma relação necessária no contexto da sociedade da informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 185-201, maio/ago. 200A.

MELO, Orlinda Carrijo. **A invenção da cidade: leitura e leitores**. Goiânia: Ed. Da UFG, 2007B.

MELO, Rosângela Assis Feliciano de. **Jovens leitores de meios populares: histórias e trajetórias de leitura**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFMG, UFMG, 2007C.

MELLO, Márcia Metran. **Moderno e modernismo**: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia. 1996. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 1996.

MENDONÇA, Belkiss S. Carneiro. **A música em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 1981.

MIZIARA, Fausto. Expansão de fronteiras e ocupação do espaço no Cerrado: o caso de Goiás. In: GUIMARÃES, Lorena Dall'Ara; SILVA, Maria Aparecida Daniel da; ANACLETO, Teresa Cristina (org.). **Natureza viva Cerrado**: caracterização e conservação. Goiânia: Ed. UCG, 2006. Cap. 7, p. 171-196.

MOTTA, Márcia (Org.). **Dicionário da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Notas sobre formação territorial e políticas ambientais no Brasil. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 04, n. 07, p. 43-50, jul./dez., 1999.

\_\_\_\_\_. **Território e história do Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, Ruy. As categorias espaciais da constituição geográfica das sociedades. In: \_\_\_\_\_. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007. p. 82-103

MUÑOZ, Francesc. El tiempo del territorio, los territorios del tiempo. In: NOGUÉ, Joan; ROMERO, Joan. **Las otras geografías**. Valencia (Espanha): Tirant lo Blanch, 2006. Cap. 10, p. 235-254.

OLIVEIRA, Ana Keyla Pereira de; WANKLER, Fábio Luiz. Alfabetização cartográfica na escola: uma leitura feita através dos mapas. **Revista Acta Geográfica**, v. 02, n. 04, p. 55-65, jul./dez., 2008.

ORTIZ, Renato. Um outro território. In: BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (Org). **Globalização e regionalização das comunicações**. São Paulo: Educ, 1999, p. 51-72.

\_\_\_\_\_. **Mundialização da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAULA, Flávia Maria de Assis. **Jovens migrantes na metrópole de Goiânia**: práticas espaciais, (re)territorializações e redes de sociabilidade. Goiânia: UFG, 2013. 203f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, 2013.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**. Publicação do Departamento de Serviço Social / Centro de Estudos Sociais, Universidade Estadual de Londrina. V. 1, n. 1 (Jul/Dez, 1998). Londrina, 1998.

PEIXOTO, Renato Amado. A Carta Niemeyer de 1846 e as condições de leitura dos produtos cartográficos. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 299-318, jan./dez. 2004.

PELÁ, Márcia Cristina Hizim. Mapa cultural de Goiás. **Atelié Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 3, p. 162-168, mai., 2008.

PEREIRA, Eliane M. C. Manso. O Estado Novo e a Marcha para o Oeste. **História Revista**, v. 2, n. 1, p. 113-129, jan./jun., 1997.

PIRES, Hindenburgo Francisco. Redes sociais colaborativas e geografia em rede: as novas formas de apropriação do conhecimento social do século XXI. **Terra Livre**, São Paulo, ano 26, V. 1, n. 34, jan./jun., 2010, p. 17-36.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RATZEL, Friedric. Geografia do homem (antropogeografia). In: RATZEL, Friedrich; MORAES, Antonio Carlos Robert; FERNANDES, Florestan. **Ratzel: geografia**. São Paulo: Ática, 1990.

RETRATOS da leitura no Brasil. São Paulo: Instituto Pró-Livro; IBOPE Inteligência, 2011. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48>>. Acesso em setembro de 2012.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROBERTI, Daniel Luis. Letramento, eurocentrismo e processos de leitura envolvidos na linguagem cartográfica. **Geografia em Questão**, v. 06, n. 01, p. 116-133, 2013.

ROLNIK, Suely. Toxômanos de identidade: subjetividade em tempos de globalização. In: LINS, Daniel(org). **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Papirus, Campinas, SP, 1997.

SACK, Robert David. **Human territoriality: its theory and history**. New York: Cambridge University Press, 1986.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressões Populares, 2007. (Coleção Geografia em Movimento).

\_\_\_\_\_. Proposições para estudos territoriais. **Geografia**, v. 08, n. 15, p. 71-85, 2006.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (ORGs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular; Unesp. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009.

SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. de. **Cerrado: ambiente e Flora**. Planaltina: Embrapa, 1998.

SANTOS, Andréa Pereira dos Santos. **Comunidades gays do ORKUT: encontros, confrontos e (re)construção de identidades**. 2009. 150f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2009.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Juliana de Jesus. Ensino de geografia nos anos iniciais: leitura de mundo através de conceitos e mapas. **Poiésis Pedagógica**, v. 5/6, p. 95-112, jan./dez., 2007/2008.

SANTOS, Juliana de Jesus; ROSA, Odelfa. Educação ambiental e alfabetização cartográfica: contribuições de uma experiência vivida. **OP SIS**, Catalão, v. 09, n. 13, p. 251-269, jul./dez., 2009.

SANTOS, Maura Maria dos. **Relações de estudantes de letras com a leitura literária**: entre leituras profissionais e comuns. Tese (Tese de doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 384.

\_\_\_\_\_. O lugar e o cotidiano. In: \_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Usp, 2002.

\_\_\_\_\_. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1994, p. 15-20.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização**: do pensamento único a consciência univesal. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. Cap. 06, p. 141 – 174.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). **Território**: globalização e fragmentação. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SILVA, Mônica Martins da. **A escrita do folclore em Goiás**: uma história de intelectuais e instituições (1940-1980). 2008. 279 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia de Pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: laboratório de ensino a distância da Universidade Federal de São Carlos, 2001.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995. 117 p. (Questões da nossa época, v. 45).

SOUZA, Marcelo Lopes de. Algumas notas sobre desenvolvimento do espaço para o desenvolvimento social. **Revista Território**, v. 02, n. 03, jul./dez., 1997.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SPOSITO, Eliseu.; SAQUET, M.; RIBAS, A. **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens . Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2005.

SPOSITO, M. P.; CORROCHANO, M. C. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. **Tempo Social**, v. 17, n. 02, p. 141-172, 2005.

STEINBERGER, Marília. O Significado da Região Centro-Oeste na espacialidade do desenvolvimento brasileiro: uma análise geopolítica. In: GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antônio Carlos Filgueira. **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**. São Paulo: UNESP, ANPUR, 2003. Cap. 29, p. 610-620.

TAKEUT, Norma Missae. **Juventude, culturas adolescentes e exclusão social**. [2002]. Disponível: [http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu\\_anais/anais/conferencias/cbeu.pdf](http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu_anais/anais/conferencias/cbeu.pdf). Acesso em, julho de 2014

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina**. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Múltiplas trajetórias juvenis: territórios e rede de sociabilidade**. São Paulo: Paco Editorial, 2013.

VAZ, Maria Diva Araújo Coelho. Percorrendo a história do Centro. In: PAULO, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza. **A cidade e seus lugares**. Goiânia: E. V., 2007. P. 53-77.

## APENDICE A – QUESTIONÁRIO ESTUDANTES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
 INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIOAMBIENTAIS  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
 DOUTORADO



### Informações para o(a) participante voluntário(a):

Você está convidado (a) a responder este questionário anônimo que faz parte da coleta de dados da pesquisa “Juventude universitária e a leitura: dos territórios locais ao ciberespaço”, sob a responsabilidade da doutoranda e docente desta Universidade ANDRÉA PEREIRA DOS SANTOS e seu orientador Prof. Dr. EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO. O objetivo dessa pesquisa é realizar uma análise sobre a influência da dinâmica socioespacial da cidade de Goiânia e regiões metropolitanas nas práticas de leitura da juventude universitária nos territórios locais e no ciberespaço.

### Uma observação sobre privacidade

O questionário é anônimo. O registro salvo de suas respostas não contém nenhuma informação de identificação a seu respeito, salvo se alguma pergunta do questionário a tenha pedido expressamente. Se você respondeu a um questionário que utilizava código de identificação para lhe permitir acessar, pode ter certeza que esse código não foi guardado com as respostas. O código de identificação é gerenciado num banco de dados separado e será atualizado apenas para indicar se você completou ou não a pesquisa. Não é possível relacionar os códigos de identificação com as respostas do questionário

### Questionário

1. Idade
2. Curso:
3. Período
4. Sexo ( ) Masculino ( ) Feminino
5. Renda familiar <b>por pessoa</b>  ( ) Até um salário mínimo ( ) De um a dois salários mínimos ( ) De dois a cinco salários ( ) De cinco a oito salários
6. Quanto tempo você gasta com o trabalho/estágio?  ( ) Em média de 4 a 6 horas diárias ( ) Em média de 7 a 9 horas diárias ( ) Em média de 10 ou mais horas diárias ( ) Não trabalho ou faço estágio

( ) Outros
7. Antes de entrar para a universidade residia  ( ) Capital ( ) Interior
8. Zona ( ) urbana ( ) rural
9. Atualmente reside  ( ) Capital ( ) Interior
10. Zona ( ) Urbana ( ) Rural
11. Já havia visitado a universidade antes do vestibular?  ( ) Sim ( ) Não
12. Conhece o campo de atuação do curso escolhido  ( ) Sim ( ) Não
13. Orientação religiosa  ( ) Católica ( ) Evangélica ( ) Agnóstico ( ) Espírita ( ) Adventista ( ) Testemunha de Geová ( ) Afro-brasileira ( umbanda, candoblé, etc) ( ) Não tem religião ( ) Ateu ( ) Outra religião (qual?) _____
14. O que gosta de fazer em seu tempo livre. <b>Dê nota de 1 à 10 a cada um dos itens.</b> Considere 10 para aquilo que mais gosta de fazer.  <input type="checkbox"/> Assistir televisão <input type="checkbox"/> Escutar música e/ou rádio <input type="checkbox"/> Descansar <input type="checkbox"/> Ler (livros, jornais, revistas, textos da internet) <input type="checkbox"/> Reunir com família e amigos <input type="checkbox"/> Assistir vídeos na internet <input type="checkbox"/> Assistir filmes <input type="checkbox"/> Assistir documentários <input type="checkbox"/> Navegar na internet <input type="checkbox"/> Praticar esportes <input type="checkbox"/> Fazer compras <input type="checkbox"/> Passear em parques e praças <input type="checkbox"/> Acessar redes sociais da internet (facebook, twiter, orkut etc.) <input type="checkbox"/> Escrever <input type="checkbox"/> Jogar videogame <input type="checkbox"/> Desenhar/pintar <input type="checkbox"/> Ir ao cinema <input type="checkbox"/> Fazer artesanato/trabalhos manuais

[ ] Outros _____
<p>15. Você se considera leitor</p> <p>( ) sim ( ) não</p> <p>16. Gosta de ler</p> <p>( ) sim ( ) não</p>
<p>17. Considera fácil o acesso à leitura?</p> <p>( ) sim ( ) não</p>
<p>18. Que tipo de leitura você pratica</p> <p>( ) Só o que os professores passam na universidade</p> <p>( ) leitura da universidade e outras leituras do meu interesse</p> <p>( ) só leio o que me interessa</p> <p>( ) Outros</p>
<p>19. Leituras que gosta (pode marcar mais de uma opção)</p> <p>( ) Bíblia</p> <p>( ) Livros didáticos</p> <p>( ) Romance</p> <p>( ) Livros religiosos</p> <p>( ) Contos literatura infantil</p> <p>( ) Poesia</p> <p>( ) História em quadrinhos</p> <p>( ) Auto-ajuda</p> <p>( ) Literatura juvenil</p> <p>( ) Biografias</p> <p>( ) História, economia, política e ciências sociais</p> <p>( ) Livros técnicos</p> <p>( ) Culinária/ artesanato/ assuntos práticos</p> <p>( ) Artes</p> <p>( ) Viagens</p> <p>( ) Ensaios e ciências</p> <p>( ) Esoterismo</p> <p>( ) Textos e livros indicados pelos professores</p> <p>( ) Outros _____</p>
<p>20. Sentimentos/sensações com a sua prática de leitura. Nota de 1 a 5 para cada item:</p> <p>( ) Sono</p> <p>( ) Prazer</p> <p>( ) Angústia</p> <p>( ) Alegria</p> <p>( ) Tristeza</p> <p>( ) Entusiasmo</p> <p>( ) Dor de cabeça</p> <p>( ) Outros _____</p>
<p>21. Em que lugar você se sente melhor para ler? Nota de 1 a 5 para cada item:</p> <p>( ) Na sua residência</p> <p>( ) Trabalho</p>

<input type="checkbox"/> Biblioteca <input type="checkbox"/> Livrarias <input type="checkbox"/> Transporte (ônibus, aviões, carro etc.) <input type="checkbox"/> Terminais de ônibus <input type="checkbox"/> Consultórios, salões de beleza, barbearia etc. <input type="checkbox"/> parques e praças <input type="checkbox"/> outros _____
<p>22. A cidade de Goiânia favorece suas práticas de leitura?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Comente sua escolha:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
<p>23. Rede de ensino que estudou</p> <p><input type="checkbox"/> Rede particular ensino fundamental <input type="checkbox"/> Rede particular ensino fundamental e médio  <input type="checkbox"/> rede particular ensino médio</p> <p><input type="checkbox"/> rede pública ensino fundamental <input type="checkbox"/> rede pública ensino fundamental e médio <input type="checkbox"/> rede pública ensino médio</p> <p><input type="checkbox"/> rede conveniada ensino fundamental <input type="checkbox"/> rede conveniada ensino fundamental e médio <input type="checkbox"/> rede conveniada ensino médio</p>
<p>24. A escola que frequentava tinha biblioteca</p> <p><input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</p>
<p>25. Durante o período escolar pegava livros emprestados na biblioteca</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>26. Você lê mais</p> <p><input type="checkbox"/> Por prazer <input type="checkbox"/> Por obrigação</p>
<p>27. Com o advento da internet você</p> <p><input type="checkbox"/> Lê mais <input type="checkbox"/> Lê menos</p>
<p>28. Ler na internet é mais:</p> <p><input type="checkbox"/> Produtivo - suficiente <input type="checkbox"/> Improdutivo - insuficiente</p>
<p>29. Com que frequência consulta a internet</p> <p><input type="checkbox"/> Todos os dias  <input type="checkbox"/> Algumas vezes na semana  <input type="checkbox"/> Uma vez por semana</p>

<input type="checkbox"/> Raramente
<p>30. Frequenta redes sociais</p> <input type="checkbox"/> Sim, diariamente <input type="checkbox"/> Sim, algumas vezes na semana <input type="checkbox"/> Sim, raramente <input type="checkbox"/> Não frequento redes sociais
<p>31. As redes sociais favorecem (pode marcar mais de uma opção)</p> <input type="checkbox"/> Amizades <input type="checkbox"/> Leituras interessantes <input type="checkbox"/> Fonte de informações <input type="checkbox"/> Outras práticas de leituras <input type="checkbox"/> Debates <input type="checkbox"/> Não favorece nada produtivo, é apenas lazer <input type="checkbox"/> Outros
<p>32. Uso que faz da internet (pode marcar mais de uma opção)</p> <input type="checkbox"/> Recreação <input type="checkbox"/> Pesquisas <input type="checkbox"/> Conhecer pessoas <input type="checkbox"/> Trabalho <input type="checkbox"/> pesquisas do dia a dia (saúde, cultura, educação, compras) <input type="checkbox"/> Outros _____
<p>33. Acesso ao livro (pode marcar mais de uma opção)</p> <input type="checkbox"/> Comprado <input type="checkbox"/> Emprestado por parentes <input type="checkbox"/> Emprestado pela biblioteca <input type="checkbox"/> Presenteado <input type="checkbox"/> Baixado pela internet <input type="checkbox"/> Xérox <input type="checkbox"/> Outros _____
<p><b>34. Você tem interesse em ser voluntário de uma entrevista ou de redigir uma redação? Nessa entrevista ou redação, será privilegiada sua história de vida antes e durante a universidade considerando suas práticas de leitura e suas trajetórias espaciais. *</b></p> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
<p><b>35. Se desejar fazer a redação ou ser entrevistado, deixe seu email para que seja enviado o roteiro:</b></p> <p>Desejo fazer a redação. Email:  Desejo ser entrevistado. Email:</p>

## APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA/REDAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIOAMBIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
DOUTORADO



### Informações para o(a) participante voluntário(a):

Você está convidado(a) a responder esta entrevista anônima que faz parte da coleta de dados da pesquisa “Juventude universitária e a leitura: dos territórios locais ao ciberespaço”, sob a responsabilidade da doutoranda e docente desta Universidade ANDRÉA PEREIRA DOS SANTOS e seu orientador Prof. Dr. EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO. O objetivo dessa pesquisa é realizar uma análise sobre a influência da dinâmica socioespacial da cidade de Goiânia e regiões metropolitanas nas práticas de leitura da juventude universitária nos territórios locais e no ciberespaço.

<b>Entrevista presencial</b>
1. Conte um pouco sobre sua história de vida (fale sobre as coisas que são/foram importantes para você)
2. Onde você mora?
3. Já morou na zona rural? Qual é sua cidade/ estado de residência antes e depois da universidade?
4. Já morou no interior?
5. Sua família costuma ler?
6. O que você lia antes de entrar para universidade?
7. O que passou a ler depois da entrar para universidade?
8. Frequenta a biblioteca?
9. Antes de entrar na universidade já frequentava bibliotecas?
10. Onde você se sente a vontade para ler?
11. Você acha que suas leituras atuais são diferentes das leituras que tinha antes de entrar para a universidade?
12. Frequenta redes sociais da internet? O que você gosta de ler/compartilhar?
13. Que tipos de leitura gosta de fazer?
14. Sente se as leituras que faz ou já fez (depois da universidade) mudaram seu modo de pensar, sua identidade? Se sim o que mudou? Você sente que tem mais habilidade em buscar informações?
15. Viver na cidade de Goiânia potencializa a vontade de ler?
16. Em que locais você sente mais a presença da leitura?
17. Em que locais você gostaria que tivesse mais acesso a leitura?
18. Em quais lugares você costuma ler?
19. Quem mais te influenciou a prática de leitura?
20. Você se considera leitor?
21. O que você considera como leitura?
22. Os lugares que você frequenta potencializam suas práticas de leitura?
23. Você tinha ou tem acesso a biblioteca pública em sua cidade?
24. Você tinha acesso a internet antes da sua entrada na universidade?

Se quiser pode falar mais sobre: Trabalho, moradia e lazer, representação da cidade de Goiânia